CEIFADOR



NEAL SHUSTERMAN

DESROTINA

Table of Contents

[O Meu Maior Desejo](#)

[Ceifador](#)

[Ficha Técnica](#)

[Dedicatória](#)

[Do diário de colheita da I. C. Curie](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

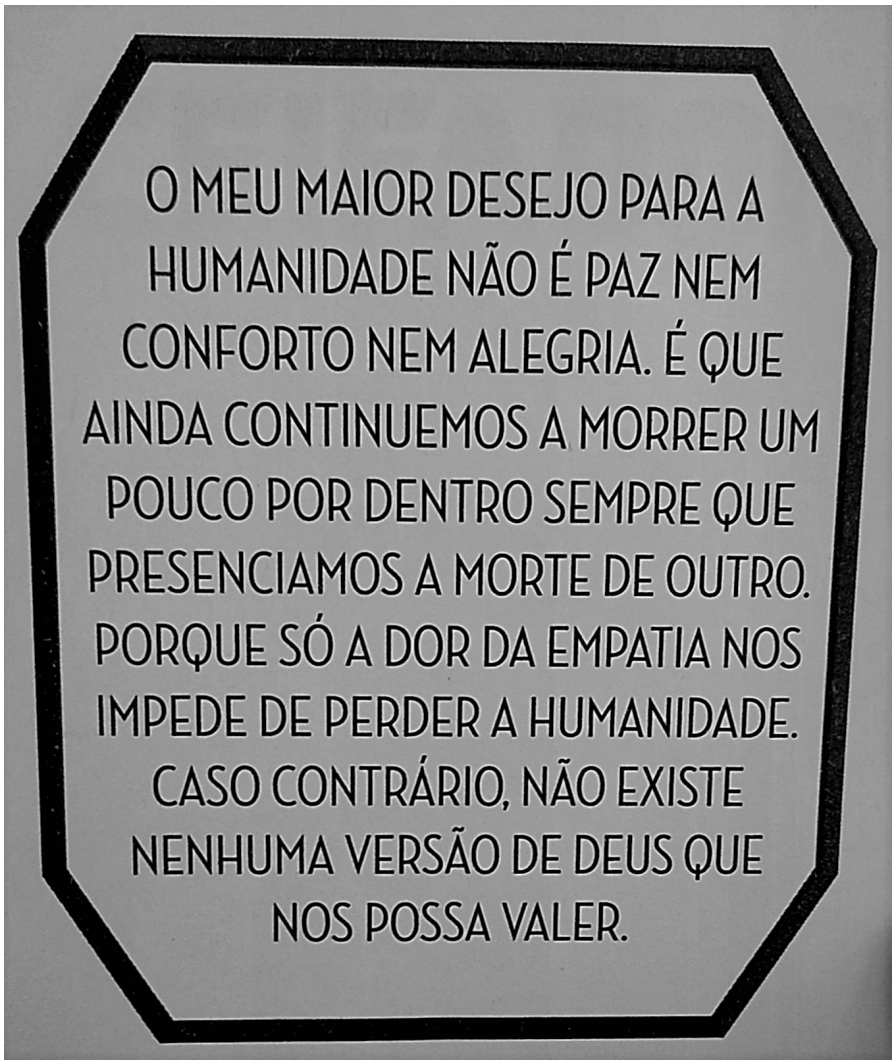
[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
Agradecimentos


O MEU MAIOR DESEJO PARA A HUMANIDADE NÃO É PAZ NEM CONFORTO NEM ALEGRIA. É QUE AINDA CONTINUEMOS A MORRER UM POUCO POR DENTRO SEMPRE QUE PRESENCIAMOS A MORTE DE OUTRO. PORQUE SÓ A DOR DA EMPATIA NOS IMPEDE DE PERDER A HUMANIDADE. CASO CONTRÁRIO, NÃO EXISTE NENHUMA VERSÃO DE DEUS QUE NOS POSSA VALER.

NEAL SHUSTERMAN

CEIFADOR

ARCO DE UM CEIFADOR
LIVRO 1

TRADUÇÃO DE
FRANCISCO SILVA PEREIRA

DESTINO

DESROTINA

TÍTULO ORIGINAL: *Scythe*
Portuguese language copyright © 2022 by Desrotina Editora

Original English language copyright © 2016 by Neal Shusterman
Published by arrangement with Simon & Schuster Books For Young Readers, an Imprint of Simon & Schuster Children's Publishing Division
All rights reserved. No part of this book may be reproduced or transmitted in any form or by any means, electronic or mechanical, including photocopying, recording or by any information storage and retrieval system, without permission in writing from the Publisher.

© Desrotina Editora

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

TÍTULO: *Ceifador*
AUTORIA: Neal Shusterman

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: Kevin Tong
DESIGN DE CAPA: Chloë Foglia

ISBN: 978-989-8860-30-9
1.ª EDIÇÃO: dezembro de 2022
IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Eigal — Indústria Gráfica S.A.
DEPÓSITO LEGAL: 506667/22

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.

Desrotina Editora é uma chancela

infinito particular
Criatividade à medida

info@particular.pt | www.particular.pt

Para Olga (Ludovika) Nedtvedt,
amiga e admiradora distante

Por lei, temos de manter um registo dos inocentes que matamos. E é assim que eu vejo — todos são inocentes. Até os culpados. Todos somos culpados de alguma coisa e todos continuamos a guardar alguma memória da nossa inocência infantil, não importa quantas camadas de vida a envolvam. A Humanidade é inocente; a Humanidade é culpada, e ambos os estados são indiscutivelmente verdadeiros.

Por lei, temos de manter um registo.

Começa no primeiro dia do noviciado, embora o termo oficial não seja «matar». Não é social nem moralmente correto chamar-lhe tal coisa. É sempre, e sempre foi, «colher», um verbo que remonta a tempos passados, quando os camponeses separavam o trigo do joio e os pobres apanhavam o que ficava para trás. Foi a primeira forma de caridade. O trabalho dos ceifadores é o mesmo. Assim que as crianças têm idade suficiente, dizemos-lhes que prestamos um serviço crucial à sociedade. O nosso trabalho é o que mais se aproxima de uma missão sagrada no mundo moderno.

Talvez seja por isso que a lei nos obriga a manter um registo, um diário público em que se encontra registado por que motivo nós, seres humanos, fazemos o que fazemos por aqueles que nunca hão de morrer e por aqueles que ainda não nasceram. Somos ensinados a escrever não apenas os nossos atos, mas também os nossos sentimentos, porque é preciso que se saiba que os temos: remorso, arrependimento, uma tristeza impossível de suportar. Porque, se não sentíssemos essas coisas, que tipo de monstros seríamos?

— Do diário de colheita da I. C. Curie

1

E o Sol não escureceu

O ceifador chegou ao fim da tarde de um dia frio de novembro. Citra estava sentada à mesa da sala de jantar, a quebrar a cabeça com um problema de álgebra particularmente difícil, a usar variáveis, incapaz de determinar nem o *x* nem o *y*, quando uma nova e muito mais perniciosa variável entrou na equação da sua vida.

Era frequente o apartamento dos Terranova receber visitas, pelo que, quando a campainha tocou, ninguém teve um mau presságio: o Sol não escureceu nem foi prevista a chegada da morte à sua porta. Talvez o Universo devesse dignar-se de fornecer tais avisos, mas, no funcionamento do mundo, os ceifadores tinham tão pouco de sobrenatural como os cobradores de impostos: apareciam, faziam o seu trabalho desagradável e iam-se embora.

Foi a mãe dela quem abriu. Citra não viu o visitante, uma vez que a princípio estava escondido pela porta. O que ela viu foi a sua mãe subitamente imóvel, como se o sangue se lhe tivesse solidificado nas veias. Como se, caso a empurrassem, ela caísse no chão e se quebrasse em mil pedaços.

— Posso entrar, Senhora Terranova?

O tom de voz do visitante traiu-o: ressonante e inevitável, como o badalar monótono de um sino de ferro, confiante de que o seu toque é capaz de alcançar todos os que o devem ouvir. Antes sequer de o ver, Citra soube que era um ceifador. *Meu Deus! Um ceifador veio a nossa casa!*

— Sim, sim, claro, entre. — A mulher deu um passo para o lado para o deixar entrar... como se fosse ela a visita e não o contrário.

O recém-chegado cruzou a soleira; os seus sapatos flexíveis, que quase pareciam chinelos de casa, não faziam barulho no parquê. A túnica de várias camadas era de linho macio cor de marfim e, apesar de ser tão longa que varria o chão, nem uma única mancha era visível. Citra sabia que os ceifadores podiam escolher a cor dos seus trajes; todas menos o preto, que era considerado inadequado para o seu trabalho. O preto era a ausência de luz e os ceifadores eram o oposto: luminosos e iluminados, eram considerados os melhores da Humanidade... motivo pelo qual eram escolhidos para aquele trabalho.

Alguns usavam cores mais vivas; outros, mais discretas. Eram como as requintadas túnicas adejantes dos anjos do Renascimento, ao mesmo tempo pesadas e mais leves do que o ar. Graças ao estilo único das vestes dos ceifadores, independentemente do seu tecido e cor, não era difícil identificá-los em público, pelo que também era fácil evitá-los, se fosse isso o pretendido. Também havia pessoas que se sentiam atraídas por eles.

A cor da túnica muitas vezes dizia muito sobre a personalidade do ceifador. A túnica de marfim deste em particular era agradável à vista e suficientemente distante do branco puro para que a sua luminosidade não incomodasse a vista. No entanto, nada disso alterava quem ele era nem o que era.

O homem tirou o capuz, revelando um cabelo grisalho e impecavelmente cortado, um rosto pesaroso com as faces coradas pelo frio que se fazia sentir, e olhos escuros que quase pareciam armas. Citra levantou-se. Não por respeito, mas por medo. Pelo choque. Estava a tentar não hiperventilar. Estava a tentar impedir que os joelhos cedessem, uma vez que estavam a denunciá-la e não paravam de tremer; pôs os músculos tensos e forçou as pernas a manterem-se hirtas. Qualquer que fosse o objetivo do ceifador, não havia de a ver ir-se abaixo.

— Pode fechar a porta — disse ele à mãe de Citra.

Embora a rapariga pudesse ver quanto aquilo lhe custava, a mãe assim fez: um ceifador na entrada ainda podia dar meia-volta se a porta estivesse aberta; mas, se estivesse fechada, ele estaria mesmo dentro de sua casa.

O homem olhou em redor e viu Citra imediatamente. Sorriu-lhe.

— Olá, Citra — disse.

O facto de ele saber o seu nome deixou-a tão gelada como a mãe ficara perante aquela visita inesperada.

— Não sejas mal-educada — disse-lhe ela, demasiado depressa. — Cumprimenta o nosso visitante.

— Bom dia, Ilustre.

— Olá — disse o irmão mais novo dela, Ben, que tinha acabado de aparecer à porta do seu quarto ao ouvir o tom profundo da voz do ceifador. Ben mal foi capaz de piar aquela única palavra antes de olhar para Citra e depois para a mãe, pensando a mesma coisa que todos pensavam: *Quem é que ele veio buscar? Serei eu? Ou serei eu a lamentar a perda?*

— Senti um cheiro muito apetitoso no corredor — continuou o ceifador enquanto inalava aquele aroma. — Agora, vejo que tinha razão ao pensar que

vinha daqui.

— Acabei de fazer *ziti*, Ilustre. Nada de especial. — Até então, Citra nunca imaginara que a mãe pudesse ser tão tímida.

— Muito bem, porque não preciso de nada especial — disse-lhe ele. Em seguida, sentou-se no sofá no qual esperou pacientemente pelo jantar.

Seria demais esperar que o homem estivesse ali para comer e nada mais? Afinal, os ceifadores tinham de comer nalgum sítio. Habitualmente, os restaurantes não lhes cobravam, mas isso não queria dizer que uma refeição caseira não fosse mais atraente. Corria o boato de que alguns obrigavam as suas vítimas a preparar-lhes uma refeição antes de as colherem. Era isso que estava a acontecer ali?

Quaisquer que fossem as suas intenções, ele guardou-as para si, pelo que não tinham outra hipótese a não ser dar-lhe o que queria. Citra perguntou a si mesma se ele poderia poupar uma vida se a comida estivesse do seu agrado. Não admirava que as pessoas não se poupassem a esforços para lhes agradar: perante a sombra do medo, a esperança é o maior incentivo deste mundo.

A mãe de Citra voltou com algo para beber, como ele pedira, e foi-se embora, empenhada em garantir que o jantar daquela noite seria o melhor que alguma vez tinha servido. Cozinhar não era a sua especialidade. O normal era chegar do trabalho e apenas ter tempo para preparar qualquer coisa rápida para todos. Todavia, era possível que naquela noite a vida de todos dependesse dos seus questionáveis dotes culinários. E o pai? Chegaria a casa a tempo ou aconteceria uma colheita na sua família durante a sua ausência?

Por mais apavorada que estivesse, Citra não queria deixar o ceifador sozinho com os seus pensamentos, pelo que decidiu ficar com ele na sala. Ben, cujo fascínio pelo homem era tão evidente quanto o medo, sentou-se ao lado dela.

O homem apresentou-se, finalmente, como o Ilustre Ceifador Faraday.

— Ah... bem... uma vez fiz um trabalho para a escola sobre Faraday — comentou Ben, a voz falhando-lhe apenas uma vez. — Escolheu o nome de um cientista impecável.

O Ceifador Faraday sorriu.

— Gosto de pensar que escolhi um *Patrono Histórico* adequado. À semelhança de muitos cientistas, Michael Faraday não foi devidamente apreciado em vida, mas acontece que o nosso mundo não seria o que é sem ele.

— Acho que o tenho na minha coleção de cartas de ceifadores continuou Ben. — Tenho quase todos os da MesoMérica... só que parece mais novo na fotografia.

O homem aparentava ter, talvez, uns sessenta anos e, apesar do cabelo grisalho, a pera que lhe rematava o queixo ainda estava salpicada de preto. Era invulgar uma pessoa deixar-se chegar àquela idade antes de se reconfigurar para uma idade mais jovem. Citra perguntou a si mesma quantos anos ele realmente teria. Desde quando lhe caberia terminar vidas?

— O seu aspeto reflete a sua idade real ou está no limite do espetro temporal por escolha? — perguntou ela.

— Citra! — exclamou a mãe, quase deixando cair o tabuleiro que acabara de tirar do forno. — Que pergunta vem a ser essa?

— Gosto de perguntas diretas — disse o ceifador —, demonstram um espírito sincero, como tal, vou dar-te uma resposta também ela sincera: reconheço que já reiniciei o contador quatro vezes. A minha idade natural é de cerca de cento e oitenta anos, embora já me tenha esquecido do numero exato. Nos últimos tempos, optei por este aspeto venerável porque descobri que aqueles que colho encontram maior conforto nele. Então, riu-se. — Tomam-me por alguém sábio.

— É por isso que está aqui? — deixou escapar Ben. — Para colher um de nós?

Faraday brindou-o com um sorriso indecifrável.

— Estou aqui para jantar.

***

O pai de Citra chegou quando o jantar estava prestes a ser servido. A mãe, aparentemente, pusera-o a par da situação e ele estava emocionalmente muito mais preparado do que os restantes. Assim que entrou, foi direito ao Ceifador Faraday para lhe apertar a mão, mostrando-se muito mais jovial e afável do que devia estar a sentir-se.

O jantar foi estranho; quase tudo aconteceu em silêncio, pontuado por alguns comentários de Faraday. «Têm uma linda casa.» «Muito saborosa, esta limonada!» «Estou capaz de dizer que estes são os melhores *ziti* de toda a MesoMérica!». Embora não tenha feito nada mais do que elogiá-los, a coluna vertebral de todos sofria um sismo quando ouviam aquela voz.

— Nunca o vi nas redondezas — disse finalmente o pai de Citra.

— Imagino que não. Não sou uma figura pública, como outros ceifadores preferem ser. Alguns gostam de holofotes, mas, para fazer o trabalho bem feito, é necessário um certo nível de anonimato.

— Para fazer o trabalho bem feito? — repetiu Citra; crispada só de pensar naquilo. — Existe uma maneira correta de colher?

— Bem, existem certamente maneiras erradas — respondeu ele sem acrescentar mais nada, limitando-se a continuar a comer os seus *ziti*. Quando a refeição se aproximava do fim, pediu:

— Falem-me de vocês.

Não era uma pergunta nem um pedido; só podia ser interpretado como uma ordem. Citra nem sabia dizer se faria parte da sua dança da morte ou se ele estaria realmente interessado. Sabia os nomes de todos antes de entrar no apartamento, pelo que o mais provável era que já soubesse tudo o que lhe poderiam ter para dizer. Então, para quê perguntar?

— Eu trabalho em investigação histórica — respondeu o pai.

— Sou engenheira de síntese alimentar — disse a mãe.

O ceifador alçou as sobrancelhas.

— Não obstante, preparou esta refeição de raiz.

— Tudo a partir de ingredientes sintetizados — respondeu ela depois de pousar o garfo.

— Sim, mas se já podemos sintetizar tudo o que quisermos, para que é que continuamos a precisar de engenheiros de síntese alimentar?

Citra quase podia ver o sangue a esvair-se do rosto da mãe. Foi o pai quem partiu em defesa da existência da sua mulher:

— Há sempre coisas que podem ser melhoradas.

— Sim... e o trabalho do pai também é importante! — acrescentou Ben.

— O quê? Investigação histórica? — O ceifador acenou com o garfo como se descartasse aquela ideia. — O passado nunca muda... E, pelo que vejo, o futuro também não.

Apesar da perplexidade e preocupação dos seus pais e do seu irmão perante tal comentário, Citra entendeu o que ele quis dizer: o crescimento da civilização havia chegado ao fim. Todos o sabiam. No que respeitava à raça humana, não

havia mais nada para aprender, nada para descobrir sobre a nossa existência. O que queria dizer que não havia nenhuma pessoa mais importante do que outra. Na realidade, no grande esquema das coisas, todos eram igualmente inúteis. Era isso que ele estava a dizer, e Citra ficou furiosa porque, de certa forma, sabia que tinha razão.

A rapariga era conhecida pelo seu feitio, o qual muitas vezes se fazia ver antes da razão, apenas se indo embora depois de o estrago estar feito. Aquela noite não seria exceção.

— Porque é que está a fazer isto? Se está aqui para colher um de nós, faça-o de uma vez e pare de nos torturar!

A mãe arquejou e o pai empurrou a cadeira para trás como se estivesse pronto para se levantar e obrigá-la a sair da sala.

— Citra, o que estás a fazer? — A voz da mãe começou a tremer. — Tens de mostrar respeito!

— Não! Ele está aqui e vai fazê-lo; então, que o faça de uma vez. De certeza que já se decidiu; ouvi dizer que os ceifadores se decidem sempre antes de entrar numa casa, não é assim?

Faraday não pareceu incomodado com aquela explosão.

— Alguns sim, outros não — respondeu ele suavemente. — Cada um de nós tem a sua maneira de fazer as coisas.

Ben já estava a chorar. O pai passou um braço à volta dele, mas o pequeno estava inconsolável.

— Sim, os ceifadores têm de colher — acrescentou Faraday —, embora também tenhamos de comer, dormir e ter conversas simples.

Citra levantou-lhe o prato vazio.

— Bem, já acabou de comer, portanto, pode ir-se embora.

Então, o pai aproximou-se do visitante e caiu de joelhos. O pai dela estava mesmo ajoelhado diante daquele homem!

— Por favor, Ilustre, perdoe-a. Assumo total responsabilidade pelo seu comportamento.

O ceifador levantou-se.

— Não são necessárias desculpas. É refrescante encontrar alguém disposto a desafiar-nos. Não imagina como o meu trabalho se pode tornar entediante, os

comportamentos obsequiosos, a bajulação, o desfile interminável de aduladores... Uma bofetada na cara enrijece. Lembra-me de que sou humano.

Então, foi até à cozinha e pegou na faca maior e mais afiada que encontrou. Começou a brandi-la de um lado para o outro, a sentir como ela cortava o ar.

Os gemidos de Ben intensificaram-se, assim como a força com que o pai o segurava. O ceifador aproximou-se da mãe. Citra estava pronta para se pôr à frente dela e bloquear a lâmina, mas, em vez de a usar, o homem estendeu a outra mão.

— Beije o meu anel.

Ninguém estava à espera daquilo, muito menos Citra.

A mulher ficou a olhar para ele enquanto abanava a cabeça, incapaz de acreditar.

— Está... está a conceder-me imunidade?

— Pela sua bondade e pela refeição que me serviu, concedo-lhe um ano de imunidade à colheita. Nenhum ceifador lhe poderá tocar.

Mas ela hesitou.

— Prefiro que a dê aos meus filhos.

O ceifador manteve a mão estendida. Era um diamante do tamanho do nó do dedo, com um núcleo escuro. O mesmo anel usado por todos os seus congéneres.

— Ofereço-a a si, não a eles.

— Mas...

— Jenny, aceita de uma vez! — insistiu o marido.

E foi o que ela fez: ajoelhou-se, beijou o anel e o ADN dela foi transmitido à base de dados de imunidade da Ceifa. Em menos de um segundo, o mundo sabia que Jenny Terranova estava a salvo da colheita nos doze meses seguintes. O homem olhou para o anel, que agora emitia um ligeiro brilho vermelho para indicar que a pessoa diante dele estava imune à colheita. Ele sorriu, satisfeito.

E, finalmente, disse-lhes a verdade:

— Estou aqui para colher a vossa vizinha, Bridget Chadwell — informou o Ceifador Faraday —, mas ela ainda não estava em casa e eu estava com fome.

Tocou ao de leve na cabeça de Ben, como se lhe desse uma espécie de

bênção. Pareceu acalmá-lo. Então, foi até à porta, ainda com a faca na mão, não deixando dúvidas quanto ao método que ia usar na vizinha. Antes de sair, porém, virou-se para Citra.

— Consegues ver através das fachadas do mundo, Citra Terranova. Darias uma boa ceifadora.

— Nunca havia de querer ser tal coisa — retorquiu ela, recuando.

— Esse é o primeiro requisito — disse ele.

E saiu para lhes ir matar a vizinha.

***

Não falaram sobre aquilo naquela noite. Ninguém tocava no assunto da colheita, como se a simples referência pudesse provocar o seu advento. Não se ouviu nenhum som no apartamento ao lado, nada de gritos nem gemidos de suplica... Ou talvez a televisão dos Terranova estivesse demasiado alta para que os ouvissem. Foi a primeira coisa que o pai de Citra fez quando o ceifador se foi embora: acender o televisor com o som no máximo para abafar a colheita que aconteceria do outro lado da parede. Mesmo assim, não foi necessário, pois, fosse como fosse que a tivesse feito, o ceifador executou-a em silêncio. Citra deu por si num esforço para ouvir alguma coisa, qualquer coisa. Tanto Ben como ela descobriram ser possuidores de uma curiosidade mórbida que, em segredo, os envergonhou a ambos.

Uma hora depois, o Ilustre Ceifador Faraday estava de volta. Foi Citra quem abriu a porta. A túnica cor de marfim não tinha um único vestígio de sangue. Talvez o ceifador tivesse uma sobresselente consigo. Talvez tivesse usado a máquina de lavar da vizinha depois da colheita. A faca também estava limpa e ele entregou-a à rapariga.

— Não a queremos — disse-lhe ela, sentindo-se bastante segura de que podia falar em nome dos pais. — Nunca mais a voltaremos a usar.

— Mas *têm* de a usar — insistiu ele. — Servirá para vos lembrar.

— Lembrar de quê?

— De que o ceifador nada mais é do que o instrumento da morte, uma vez que são as *tuas* mãos que me usam. As tuas, as dos teus pais e as de todos os outros habitantes deste mundo. — Então, pousou-lhe delicadamente a faca nas mãos. — Somos todos cúmplices. Tens de partilhar a responsabilidade.

Talvez ele tivesse razão, mas, assim que se foi embora, Citra fez questão de

deitar a faca no lixo.

2

0,303 %

Tyger Salazar atirara-se da janela de um trigésimo nono andar e deixara uma terrível confusão na praça de mármore mais abaixo. Os seus próprios pais ficaram tão zangados com ele que não o foram ver. No entanto, Rowan foi. Rowan Damisch era esse tipo de amigo.

Sentou-se ao lado da cama de Tyger no centro de reanimação e esperou que ele despertasse da cura acelerada. Não se importou de o fazer. O centro era um lugar calmo e tranquilo, uma agradável variante ao desgoverno que remava em sua casa, a qual ultimamente se enchera com mais parentes do que qualquer ser humano poderia suportar. Primos, primos em segundo grau, irmãos, meios-irmãos... E agora, ainda por cima, a sua avó estava de regresso depois de reiniciar o contador pela terceira vez, com um novo marido e um bebé a caminho.

— Vais ter mais uma tia, Rowan — anunciara ela. — Não é maravilhoso?

Tudo aquilo irritara bastante a mãe dele... porque, desta feita, a avó tinha-se reconfigurado para os vinte e cinco anos, o que a deixava dez anos mais nova do que a filha. Agora, a mãe de Rowan sentia-se pressionada a reiniciar também ela o contador, quanto mais não fosse para não lhe ficar atrás. O avô era mais sensato: partira numa viagem pela EuroScandia, onde se entretinha a seduzir as senhoras sem que a sua idade descesse abaixo de uns respeitáveis trinta e oito anos.

Aos dezasseis anos, Rowan decidira que havia de saber o que eram cabelos grisalhos antes de reiniciar o contador pela primeira vez; e mesmo assim não optaria por uma reconfiguração tão exagerada que se tornasse confrangedora. Algumas pessoas retrocediam até aos vinte e um, que era o máximo possível com terapia genética. Todavia, corriam rumores de que estavam a ser investigadas formas de conseguir uma reconfiguração até à adolescência, o que o rapaz achava ridículo: quem é que no seu juízo perfeito gostaria de ser adolescente mais do que uma vez?

Quando se virou para olhar para o amigo, os olhos de Tyger estavam abertos e a observá-lo.

— Olá.

— Quanto tempo? — perguntou ele.

— Quatro dias.

O rapaz deu um triunfante soco no ar.

— Boa! Um novo recorde! — Examinou as mãos, como se estivesse a avaliar os estragos. Obviamente, não restara nenhum. Apenas se despertava de uma cura acelerada quando já não havia mais nada para curar. — Achas que foi por me atirar de um andar tão alto ou foi porque a praça era de mármore?

— Provavelmente, por causa do mármore — respondeu Rowan. Quando se atinge o limite de velocidade, não importa qual a altura em que estavas quando saltaste.

— Parti-o? Vão ter de substituir o mármore?

— Não sei, Tyger. Tem dó... já chega.

Tyger recostou-se no travesseiro, muito satisfeito consigo.

— Foi o melhor estatelanço de sempre!

Rowan descobriu que tinha paciência para esperar que o amigo acordasse, mas nenhuma para o aturar agora que recobrara a consciência.

— Mas porque é que fazes isso sequer? Quer dizer, não passa de um desperdício de tempo.

— Gosto da sensação enquanto estou a cair — respondeu Tyger, encolhendo os ombros. — Além disso, tenho de relembrar os meus pais da existência da alface.

Aquilo fez Rowan rir-se. Fora ele o autor da expressão «puto-alface» para os descrever. Ambos tinham nascido ensanduichados algures no meio de famílias enormes e não eram nem de perto os preferidos dos respetivos pais. «Tenho alguns irmãos que são a carne da sanduíche, algumas irmãs que são o queijo e o tomate, então, acho que devo ser a alface.» A ideia tinha pegado e Rowan fundara na escola um clube chamado Os Cabeças de Iceberg, o qual agora se podia gabar de ter quase uma dúzia de membros... embora Tyger muitas vezes o provocasse, ameaçando-o com uma cisão e posterior revolta da alface romana.

Tyger começara a estatelar-se alguns meses antes. Rowan experimentara uma vez e achara tudo aquilo uma monumental maçada. Apenas conseguira atrasar-se em tudo o que tinha de fazer para a escola e os pais haviam-lhe

imposto toda a espécie de castigos... que depois se esqueceram de aplicar — uma das vantagens de ser a alface da família. Mesmo assim, a emoção da queda não justificava os custos. O seu amigo, por outro lado, ficara agarrado ao estatelanço.

— Tens de ver se encontras outro passatempo, meu — disse-lhe Rowan. — Eu sei que a primeira reanimação é gratuita, mas as outras devem estar a custar uma fortuna aos teus pais.

— Sim... e, para variar, têm de gastar o seu dinheirinho comigo.

— Não preferias antes que te comprassem um carro?

— A reanimação é obrigatória. Um carro é opcional. Se não se virem forçados a gastar, eles não o gastam.

Não havia como contra-argumentar. Ele também não tinha carro e duvidava de que os pais alguma vez lhe comprassem um. Como lhe haviam explicado, os publicarros eram limpos, eficientes e dispensavam um condutor. Para quê gastar bom dinheiro numa coisa da qual ele não precisava? Entretanto, esbanjavam com tudo menos com ele.

— Não passamos de fibra alimentar — disse Tyger. — Se não causarmos algum desconforto intestinal de vez em quando, ninguém dá pela nossa presença.

***

Na manhã seguinte, Rowan deu por si cara a cara com um ceifador. A presença de um deles no bairro não era inédita; era inevitável dar com um de vez em quando... embora não costumassem aparecer num liceu.

O encontro foi culpa dele. A pontualidade não era o seu forte, muito menos agora que tinha de levar os irmãos e meios-irmãos menores à respetiva escola antes de se meter num publicarro e ir à pressa para a sua. Tinha acabado de chegar e ia a caminho do guiché da assiduidade quando o ceifador dobrou a esquina, as suas imaculadas vestes de marfim a adejar atrás dele.

Certa vez, durante um passeio com a família, Rowan afastara-se por sua conta e dera com um puma. O aperto que sentia agora no peito, bem como a fraqueza nas partes baixas, tinham sido exatamente os mesmos. Lutar ou fugir, impunha a biologia. Mas Rowan não fizera uma nem outra. Com o puma, fora contra o seu instinto e calmamente levantara os braços (como lera algures) para parecer maior. Tinha resultado: o animal largara a fugir e poupara-lhe uma ida ao centro de reanimação local.

Naquele momento, com a súbita perspetiva de um ceifador diante dele, sentiu uma bizarra vontade de fazer o mesmo, como se levantar as mãos acima

da cabeça pudesse assustar o outro. A ideia fê-lo rir alto sem querer. Só que rir de um ceifador não é a coisa mais aconselhável do mundo.

— Podes dizer-me como é que vou para a secretaria? — perguntou o homem.

Rowan considerou a hipótese de lhe explicar o caminho e arrancar na direção oposta, mas decidiu que era cobardia a mais.

— Também vou para lá. Pode vir comigo.

O homem sempre havia de apreciar a ajuda, e agradar a um ceifador não fazia mal a ninguém.

O rapaz foi à frente. Havia outros rapazes e raparigas no corredor, estudantes que, como ele, estavam atrasados para uma aula ou tinham de fazer algum recado. Todos ficaram boquiabertos e tentaram desparecer paredes adentro enquanto o viam passar com o ceifador. De alguma forma, passar por ali com um ceifador tornava-se menos assustador quando havia outros que sentiam o medo no seu lugar... e Rowan não podia negar que até era excitante abrir caminho para aquele homem, desfrutar do respeito que ele impunha. Só quando chegaram à secretaria é que lhe caiu a ficha: o ceifador ia colher um dos seus colegas.

Todos os presentes na secretaria se levantaram assim que viram o homem da túnica, o qual não perdeu tempo:

— Por favor, o Kohl Whitlock que venha a esta sala imediatamente.

— Kohl Whitlock? — repetiu a secretária.

O ceifador não repetiu, pois sabia que a mulher o tinha ouvido... ela simplesmente não queria acreditar.

— Sim, Ilustre, vou já tratar disso.

Rowan conhecia Kohl. Raios, toda a gente conhecia Kohl Whitlock. Embora apenas estivesse no décimo segundo ano, já chegara a *quarterback* da equipa e ia levá-los a um campeonato da liga pela primeira vez na história daquele liceu.

A voz da secretária tremia incontrolavelmente ao chamar o aluno pelo sistema interno. Só dizer o nome dele fê-la tossir, acabando por se engasgar.

E o ceifador esperou pacientemente pela chegada de Kohl.

A última coisa que Rowan queria era contrariar um ceifador. Devia simplesmente ter-se esgueirado até ao guiché da assiduidade, entregado a justificação e ido para a aula. Todavia, como acontecera com o puma, sentiu-se

forçado a manter-se firme. Foi um momento que lhe havia de mudar a vida.

— Vai colher o nosso *quarterback* sensação, espero que tenha noção disso.

A atitude do ceifador, tão cordial apenas um momento antes, passou a tumular.

— Não vejo em que é que isso te possa dizer respeito.

— O senhor está na minha escola. Penso que isso faz que me diga respeito.

Então, o seu instinto de sobrevivência entrou em ação e ele foi direito ao guiché (fora do campo de visão do ceifador) e entregou o bilhete falsificado que justificava o seu atraso enquanto murmurava baixinho *Estúpido, estúpido, estúpido.* Era uma sorte não ter nascido numa altura em que a morte era algo natural, porque muito provavelmente não teria chegado à maioridade.

Ao virar-se para sair da secretaria, viu que um homem levava um desconsolado Kohl Whitlock para o gabinete do diretor. Este último saiu voluntariamente do seu próprio gabinete e olhou para os outros funcionários em busca de uma qualquer explicação, mas apenas deu com olhares chorosos e cabeças a abanar.

Ninguém pareceu notar que Rowan ainda ali estava. Quem é que queria saber da alface quando a carne estava prestes a ser devorada?

Esgueirou-se por trás do diretor, que o descobriu mesmo a tempo de lhe pousar a mão no ombro.

— Não vais querer entrar ali, rapaz.

Ele tinha razão, Rowan não queria entrar, mas mesmo assim avançou e fechou a porta atrás de si.

Diante da bem organizada secretária do diretor havia duas cadeiras. O ceifador estava sentado numa e Kohl na outra, curvado e em prantos. O homem fulminou Rowan com os olhos. *O puma,* pensou ele, só que aquele tinha a prerrogativa de pôr fim a uma vida humana.

— Os pais não estão aqui — disse Rowan. — Ele devia ter alguém a acompanhá-lo.

— Vocês são parentes?

— Isso importa?

Então, Kohl levantou a cabeça.

— Por favor, deixe o Ronald ficar — implorou.

— O meu nome é Rowan.

A expressão horrorizada de Kohl acentuou-se ainda mais, como se aquele erro de alguma forma selasse o seu destino.

— Eu sabia! A sério! Juro!

Não obstante o seu tamanho e bravata, não passava de um miúdo com medo. Ficariam todos reduzidos a isso quando viam o fim chegar? Rowan pensou que apenas um ceifador poderia saber a resposta.

— Nesse caso, pega numa cadeira — disse o homem em vez de o obrigar a sair. — Fica à vontade.

Enquanto contornava a secretária para puxar a cadeira do diretor, Rowan perguntou a si mesmo se o outro estaria a ser irónico, sarcástico ou se nem sequer sabia que ficar à vontade era impossível na sua presença.

— Não me pode fazer isto — implorou Kohl. — Os meus pais vão morrer! Vão simplesmente morrer!

— Não, não vão corrigiu o ceifador. — Hão de seguir em frente.

— Não pode ao menos dar-lhe alguns minutos para se preparar? — perguntou Rowan.

— Estás a dizer-me como devo fazer o meu trabalho?

— Só peço um pouco de misericórdia!

O homem lançou-lhe mais um daqueles olhares, embora desta feita fosse um pouco diferente: não estava apenas a tentar intimidá-lo, estava a extrair qualquer coisa. A estudar algo que detetara em Rowan.

— Já faço isto há muitos anos — disse ele. — Sei por experiência própria que uma colheita rápida e indolor é a maior misericórdia que posso demonstrar.

— Então, ao menos dê-lhe uma razão! Diga-lhe porque é que tem de ser ele!

— É aleatório, Rowan! — exclamou Kohl. — Toda a gente sabe isso! É ao calhas!

Mas havia algo nos olhos do ceifador que indicava o contrário, pelo que Rowan insistiu:

— Há mais qualquer coisa, não há?

O homem suspirou. Não tinha de dizer nada; afinal, era um ceifador e

estava acima da lei em todos os sentidos. Não devia explicações a ninguém, mas, mesmo assim, decidiu apresentar uma:

— Se retirarmos o envelhecimento da equação, as estatísticas da Era da Mortalidade indicam que sete por cento das mortes estão relacionados com acidentes de trânsito. Destes, trinta e um por cento resultam do consumo de álcool, e, desses trinta e um por cento, catorze por cento são adolescentes. — Atirou a Rowan a pequena calculadora que estava na secretária. — Faz as contas se quiseres.

Rowan não se apressou a digitar os números, ciente de que cada segundo perdido era mais um segundo de vida para Kohl.

— 0,303 % — disse ele por fim.

— O que quer dizer que aproximadamente três em cada mil almas que eu colho correspondem a esse perfil. Uma em cada trezentas e trinta e três. Aqui o teu amigo tem um carro novo e o seu historial diz-nos que é frequente beber em excesso. Assim sendo, entre os adolescentes que se encaixam no perfil, fiz uma escolha aleatória.

Kohl escondeu a cabeça nas mãos, chorando ainda mais do que antes.

— Não passo de um IDIOTA! — exclamou enquanto fechava os olhos com as palmas das mãos, como se tentasse empurrá-los pela cabeça adentro.

— Agora, diz-me lá: achas que esta explicação facilitou a colheita ou fê-lo sofrer ainda mais? — perguntou muito calmamente o ceifador.

Rowan encolheu-se um pouco na cadeira.

— Já chega, está na hora — anunciou o homem.

Então, retirou de um dos bolsos da túnica uma espécie de pequena raquete que lhe cabia na palma da mão. A parte de trás era de tecido e a frente era metálica.

— Kohl, escolhi para ti um choque elétrico que te provocará uma paragem cardíaca. A morte será rápida, indolor e muito menos brutal do que o acidente que terias sofrido na Era da Mortalidade.

De repente, Kohl estendeu a mão para agarrar com força na de Rowan. O rapaz permitiu. Ele não era seu parente, nem sequer seu amigo até àquele momento... mas como era o ditado? *Todos somos irmãos na morte.* Rowan deu por si a pensar se, nesse caso, num mundo sem morte todos seriam estranhos. Apertou a mão de Kohl com mais força — uma promessa silenciosa de que não

o ia largar.

— Alguma coisa que queiras que eu transmita ao outros? — perguntou.

— Um milhão delas, mas não consigo pensar em nenhuma agora.

Rowan decidiu que havia de inventar as últimas palavras que ele teria querido partilhar com os seus entes queridos. E seriam belas palavras. Palavras reconfortantes. Havia de descobrir uma maneira de dar sentido a algo que não o tinha.

— Receio que tenhas de lhe largar a mão para o procedimento.

— Não — foi a resposta de Rowan.

— O choque também pode parar o teu coração.

— E então? Eles depois reanimam-me. — Em seguida, decidiu acrescentar: — A não ser que tenha decidido colher-me também.

Tinha noção de que acabara de desafiar o homem a matá-lo; todavia, apesar do risco, estava contente por tê-lo feito.

— Muito bem. — Sem esperar mais um segundo, o ceifador encostou a raquete ao peito de Kohl.

Rowan viu tudo branco, e depois negro. O seu corpo todo entrou em convulsões e ele voou para trás e bateu na parede. Podia ter sido indolor para Kohl, mas não para ele. Aquilo doía. Doía mais do que qualquer outra coisa — uma dor maior do que uma pessoa devia poder sentir —, mas então os microscópicos nanorrobôs analgésicos que lhe circulavam no sangue libertaram os seus opiáceos. Quando fizeram efeito, a dor diminuiu, e, ao recuperar a visão, pôde ver Kohl inerte na cadeira e o ceifador que estendia a mão para lhe fechar os olhos, agora cegos. A colheita terminara. Kohl Whitlock estava morto.

O ceifador ofereceu uma mão a Rowan, mas o rapaz recusou-a, levantando-se do chão por sua conta.

— Obrigado por me deixar ficar — disse, embora não sentisse nem um pouco de gratidão.

Os olhos do ceifador demoraram-se nele um pouco mais do que seria de esperar.

— Mantiveste-te firme por um rapaz que mal conhecias. Serviste-lhe de consolo antes de morrer e suportaste a dor da descarga. Estiveste presente, foste testemunha, embora ninguém to tivesse pedido.

— Fiz o que qualquer um teria feito — disse Rowan, encolhendo os ombros.

— Mais alguém se ofereceu? — perguntou-lhe o ceifador. — O diretor? O pessoal da secretaria? Algum da dúzia de alunos com quem nos cruzámos no corredor?

— Não... — teve ele de admitir. — Seja como for, que diferença é que isso faz? Ele não está menos morto por isso. E o senhor sabe o que se diz a respeito das boas intenções.

O homem assentiu e olhou para o grande anel que tinha no dedo.

— Imagino que agora me vás pedir imunidade.

Rowan abanou a cabeça.

— Não quero nada de si.

— Seja. — O ceifador virou-se para se ir embora, mas hesitou antes de abrir a porta. — É bom que saibas que ninguém além de mim te há de dirigir uma palavra amável pelo que fizeste aqui hoje. Não obstante, é bom que tenhas presente que não é só o inferno que está cheio de boas intenções. Há muitos outros lugares.

***

A bofetada foi tão intensa como o choque elétrico... mais ainda, até, visto que Rowan não estava à espera. Surgiu imediatamente antes do almoço, quando ele estava diante do seu cacifo, e atingiu-o com tanta força que o atirou para trás, fazendo a fiada de cacifos ressoar como um tambor de aço.

— Estavas lá e não fizeste nada para o impedir! — gritou Marah Pavlik com olhos arregalados, algures entre a mágoa e a indignação. Parecia pronta para lhe enfiar as unhas compridas pelo nariz acima e arrancar-lhe os miolos. — Limitaste-te a deixá-lo morrer!

Marah e Kohl namoravam há mais de um ano. Tal como ele, era uma finalista muito popular e, como tal, evitava o mais possível qualquer interação com o lixo do décimo primeiro ano, como ele. Todavia, as circunstâncias eram especiais.

— Não foi nada assim — teve ele tempo de dizer antes que ela atacasse de novo.

Desta feita, conseguiu desviar-lhe a mão e Marah partiu uma unha, embora não parecesse importar-se. Pelo menos, a colheita de Kohl havia-lhe dado

alguma noção da importância das coisas.

— Foi *exatamente* assim! Entraste no gabinete para o ver morrer!

Outros tinham começado a ajuntar-se, atraídos, como quase sempre acontece, pelo cheiro a conflito. Rowan olhou em volta em busca de um rosto simpático, alguém que pudesse ficar do seu lado, mas a única coisa que encontrou nas caras dos seus colegas foi um desprezo coletivo. Marah estava a falar e a esbofeteá-lo em nome de todos.

Ele não estava à espera daquilo. Não que quisesse palmadinhas nas costas por ter ido em socorro de Kohl nos seus últimos momentos, mas também não estava à espera de uma acusação tão impensável. — O quê!? Mas tu estás doida? — gritou ele... não só para ela, mas para todos. Não é possível impedir que um ceifador faça a sua colheita!

— Quero lá saber! — retorquiu ela. — Podias ter feito alguma coisa, mas apenas te limitaste a assistir!

— Mas eu fiz alguma coisa! Eu... eu segurei-lhe na mão.

Ela voltou a empurrá-lo contra o cacifo, com mais força do que ele teria pensado possível.

— Estás a mentir! Ele *nunca* te teria dado a mão. Nunca lhe passaria pela cabeça tocar-te fosse onde fosse! — Em seguida, acrescentou: — *Eu* é que lhe devia ter segurado na mão!

À volta deles, os outros faziam cara feia e sussurravam coisas que nitidamente queriam que ele ouvisse.

— Vi-o passar com o ceifador como se fossem grandes amigos.

— Eles chegaram juntos esta manhã.

— Ouvi dizer que foi ele quem deu o nome do Kohl ao ceifador.

— A mim, disseram-me que ele até ajudou.

Rowan foi direito à criaturinha odiosa que acabara de fazer a última acusação... Ralphy qualquer coisa.

— E quem foi que te disse? Não estava mais ninguém no gabinete, seu idiota!

Mas não fazia diferença. Os boatos não seguiam outra lógica que não a sua.

— Mas será que vocês não entendem? Eu não ajudei o ceifador, ajudei o *Kohl!* — insistiu.

— Pois, ajudaste-o a ir desta pra melhor — disse alguém, e todos resmonearam a sua concordância.

Não valia a pena, ele tinha sido julgado e condenado; quanto mais negasse, mais convencidos ficariam da sua culpa. Não precisavam do seu ato de coragem, mas sim de um bode expiatório, alguém a quem odiar. Não podiam descarregar a sua raiva no ceifador, mas Rowan Damisch era o candidato perfeito.

— Aposto que recebeu imunidade por ajudar comentou um rapaz... um rapaz que sempre fora seu amigo.

— Não recebi coisa nenhuma!

— Ainda bem — disse Marah com o maior desprezo. Nesse caso, só espero que o próximo ceifador te venha buscar a ti.

Ele sabia que ela estava a falar a serio, que não era no calor do momento, mas algo definitivo, e que, se o próximo ceifador realmente fosse colhê-lo, aquela rapariga havia de ficar contente ao saber da sua morte. Era uma ideia sombria que lhe dava que pensar: agora, havia pessoas neste mundo que o queriam morto. Uma coisa era passar despercebido e outra, bem diferente, era passar a ser o destinatário de toda a hostilidade de um liceu inteiro.

Só então se lembrou do aviso do ceifador: ninguém lhe havia de dirigir uma única palavra amável pelo que tinha feito por Kohl. O homem não se enganara — e ele odiou-o por isso, tal como os outros o odiavam a ele.

3

A força do destino

Citra recebeu o convite no princípio de janeiro. Chegou por correio, e essa foi a primeira indicação de que se tratava de algo fora do normal. Havia apenas três tipos de comunicações que chegavam pelo correio: encomendas, assuntos oficiais e cartas dos mais excêntricos (os únicos que ainda as escreviam). Aparentemente, a carta em questão pertencia à terceira variedade.

— Vá, abre — pediu Ben, mais entusiasmado com o envelope do que a irmã.

Tinha sido escrito à mão, o que o tornava ainda mais invulgar. Era verdade que Caligrafia ainda existia como disciplina opcional, mas, além de si própria, ela conhecia poucas pessoas que a tivessem escolhido. Rasgou o envelope, tirou um cartão com a mesma cor casca de ovo do envelope e leu-o para si mesma antes de repetir em voz alta:

— «Solicita-se o prazer da sua companhia na Grande Opera Cívica, dia 9 de janeiro pelas sete da tarde».

Não havia assinatura nem remetente. O que havia, contudo, era um único bilhete no interior do envelope.

— A ópera? — disse Ben. — Que seca.

Citra não poderia estar mais de acordo.

— Poderá ser alguma atividade escolar? — sugeriu a mãe.

A rapariga abanou a cabeça.

— Se fosse, dizia — acrescentou.

A mulher pegou no convite e no envelope para o examinar.

— Bem, seja o que for, parece interessante.

— O mais provável é que seja um idiota qualquer a convidar-me para um encontro porque tem medo de o fazer diretamente.

— E estás a pensar ir?

Mãe... um rapaz que me convida para a ópera ou está a gozar ou com alucinações.

— Ou a tentar impressionar-te.

Citra resmungou e abandonou a sala, irritada com a sua própria curiosidade.

— Eu não vou! — gritou ela já no seu quarto, embora soubesse perfeitamente que ia.

***

A Grande Ópera Cívica era um dos diversos lugares onde iam aqueles que queriam ser vistos. Em qualquer espetáculo apresentado, apenas metade dos presentes estava ali pela ópera em si. O resto fazia-o para tomar parte no grande melodrama do alpinismo social e do progresso profissional. Até Citra, que não frequentava nenhum daqueles ambientes, sabia qual era a ideia.

Levou o vestido que tinha comprado para o baile de boas-vindas do ano anterior, quando estava convencida de que Hunter Morrison a ia convidar. Hunter acabara por convidar Zachary Swain, o que já todos pareciam esperar menos ela. Os dois ainda eram um casal, e, desde então, Citra não tinha encontrado outro uso para o vestido.

Quando o vestiu, ficou muito mais satisfeita do que pensava poder ficar. As adolescentes mudam num ano, mas agora aquele vestido, que no ano anterior não passara de uma projeção dos seus desejos, assentava-lhe na perfeição.

Ela tinha feito uma lista mental dos possíveis candidatos a admirador secreto. Reduzira-os a cinco e, desses cinco, apenas gostaria de passar um serão sozinha com dois. Seria capaz de suportar os outros três só pela novidade da coisa. Afinal, podia ter piada passar uma noite a fingir que era pretensiosa.

O pai insistiu em levá-la à ópera.

— Liga quando quiseres que eu te venha buscar.

— Eu apanho um publicarro de volta.

— Liga-me de qualquer maneira — insistiu ele.

Disse-lhe pela décima vez que estava linda e então Citra saiu do carro e o pai arrancou para dar lugar as limusinas e *Bentleys* que aguardavam na fila para deixar passageiros. A rapariga respirou fundo e subiu os degraus de mármore, sentindo-se tão desajeitada e deslocada como Cinderela no baile.

Ao entrar, não a encaminharam para a plateia nem para as escadas de acesso ao balcão. Em vez disso, o arrumador olhou para o bilhete, olhou para Citra, e olhou de novo para o bilhete antes de chamar um segundo arrumador para a acompanhar pessoalmente.

— O que vem a ser isto tudo? — quis ela saber.

A primeira coisa que lhe ocorreu foi que o bilhete era falso e que a iam conduzir à saída. Afinal, talvez tivesse sido mesmo uma piada e ela já estava a rever mentalmente a lista de suspeitos.

Todavia, o segundo arrumador respondeu:

— É prática da casa um acompanhamento pessoal quando se trata de um lugar nos camarotes.

Lugares nos camarotes. Citra lembrava-se de que eram os mais exclusivos. Costumavam ser reservados para espetadores considerados demasiado importantes para se misturarem com as massas. As pessoas normais não tinham como pagá-los e, mesmo que tivessem, o acesso estava-lhes vedado. Enquanto seguia o homem pelas escadas estreitas dos camarotes da esquerda, começou a ficar assustada. Não conhecia ninguém que tivesse tanto dinheiro. E se tivesse sido convidada por engano? Ou se realmente houvesse uma pessoa importante à espera dela? Não conseguia sequer imaginar quais poderiam ser as suas intenções...

— Cá estamos! — anunciou o arrumador enquanto afastava a cortina do camarote, no qual já se encontrava sentado um rapaz da idade dela.

Tinha cabelo escuro e sardas pouco pronunciadas. Levantou-se quando a viu e Citra reparou que as calças do fato revelavam uma excessiva extensão das meias.

— Olá.

— Olá.

O arrumador deixou-os sozinhos.

— Deixei-te o lugar mais perto do palco — disse o rapaz.

— Obrigada.

Citra sentou-se enquanto tentava descobrir quem era o seu companheiro e por que razão a teria convidado. Não lhe parecia familiar. Ela devia saber quem era? Não queria dar a entender que não fazia ideia.

— Obrigado — disse ele então, sem mais nem menos.

— Obrigado porquê?

Ele mostrou-lhe um convite exatamente igual ao seu.

— Não sou grande apreciador de ópera, mas, bem, sempre é melhor do que estar em casa sem fazer nada. Então... bem... eu devia saber quem és?

Citra riu-se com gosto. Ela não tinha um admirador secreto; aparentemente, ambos tinham uma misteriosa casamenteira, algo que logo lançou Citra numa outra lista mental, no topo da qual estavam os seus pais. Talvez fosse o filho de algum dos amigos deles, embora aquele tipo de subterfúgio fosse bastante trapalhão, até para eles.

— O que é que tem assim tanta piada? — perguntou o rapaz, ao que ela lhe mostrou o seu convite igual.

Ele não se riu, antes parecendo ficar um pouco inquieto, embora não lhe dissesse porquê.

O rapaz apresentou-se então como Rowan e trocaram um aperto de mão no momento em que as luzes se apagaram, o pano subiu e a música explodiu demasiado enérgica e sonora para lhes permitir manter uma conversa. A ópera era *La Forza del Destino* de Verdi, embora claramente não tivesse sido o destino que os juntara, mas sim uma intervenção bem deliberada.

A música era linda e opulenta, até se tornar excessiva para os ouvidos de Citra. E a história, embora fácil de acompanhar sem saber italiano, pouco dizia a qualquer um deles. Afinal, era uma obra da Era da Mortalidade. Guerra, vingança e homicídio (os temas em volta dos quais a narrativa se desenvolvia) estavam tão distantes da realidade moderna que poucos eram capazes de sentir alguma espécie de identificação. A catarse só podia ser possível por intermédio do tema do amor e, tendo em conta que eles não passavam de desconhecidos presos num camarote, a situação tinha mais de desconfortável do que de catártica.

— Então, quem é que achas que nos terá convidado? — perguntou Citra assim que as luzes se acenderam para o intervalo do primeiro ato.

Rowan estava tão à toa quanto ela, pelo que começaram a partilhar informação que talvez os pudesse ajudar a elaborar uma teoria. Além do facto de ambos terem dezasseis anos, não havia muito mais em comum. Ela era da cidade; ele dos subúrbios. Ela tinha uma família pequena; a dele era numerosa. E as profissões dos pais não podiam ser mais diferentes.

— Qual é o teu índice genético? — perguntou ele então; era uma pergunta bastante pessoal, mas talvez relevante.

— 22-37-12-14-15.

— Trinta e sete por cento de ascendência africana — comentou ele com um sorriso. — Olha que sorte! É bastante elevado.

— Obrigada.

Ele disse-lhe então que o seu era 33-13-12-22-20. Citra pensou em perguntar-lhe se sabia qual era o subíndice do seu «outro» componente, já que vinte por cento era bastante elevado, mas a pergunta poderia deixá-lo confrangido se não conhecesse a resposta.

— Temos ambos doze por cento de ascendência pan-asiática — referiu ele. — Poderá ter alguma coisa que ver com isso? — Mas era um tiro no escuro; não passava de uma coincidência.

Então, já quase no fim do intervalo, a resposta deu-se a conhecer no camarote, atrás deles:

— Gosto de ver que estão a fazer por se conhecer.

Embora se tivessem passado alguns meses desde o encontro de ambos, Citra reconheceu-o imediatamente: o Ilustre Ceifador Faraday não era uma figura que se esquecia facilmente.

— O senhor? — perguntou Rowan com tanta dureza que a rapariga percebeu de imediato que, também ele, tinha um historial com o ceifador.

— Eu teria chegado mais cedo, mas tive... outros assuntos para tratar. — Não se deteve no tema, o que a deixou satisfeita. Todavia, a presença dele não augurava nada de bom.

— Convidou-nos para nos colher.

Não era uma pergunta, mas uma constatação, porque ela estava convencida disso... até que Rowan observou:

— Não me parece que seja esse o motivo.

O Ceifador Faraday não parecia interessado em pôr-lhes um fim à vida. Em vez disso, puxou uma cadeira vazia e sentou-se ao lado deles.

— A diretora do teatro ofereceu-me este camarote. As pessoas acham sempre que dar presentes aos ceifadores poderá impedir que sejam colhidas. Eu não tinha a mínima intenção de a colher, mas agora ela acredita que a oferta teve alguma influência.

— As pessoas acreditam no que querem acreditar — disse Rowan com uma autoridade que deixava claro que estava a falar por experiência própria.

Faraday apontou para o palco.

— Esta noite, assistimos ao espetáculo da loucura e da tragédia humana.

Amanhã, vamos vivê-lo.

O pano subiu para o início do segundo ato antes que ele pudesse esclarecer o significado das suas palavras.

***

Há já dois meses que Rowan era o pária do liceu, um proscrito de primeira ordem. Embora aquele género de coisas costumasse seguir o seu curso natural e perder importância com o tempo, não foi esse o caso da colheita de Kohl Whidock. Cada jogo em que ele não participava constituía uma boa dose de sal na ferida comum e, uma vez que todos os jogos terminaram em derrotas, a dor apenas duplicou. Rowan nunca tinha sido particularmente popular nem alvo de chacota, mas agora dava por si encurralado e regularmente espancado. Fora posto de parte e até os seus amigos o evitavam. Tyger não era exceção.

— Culpado por associação, meu — dissera-lhe ele. — Sinto a tua dor, mas não a quero viver.

— É uma situação infeliz — disse o diretor a Rowan quando o rapaz se apresentou no gabinete da enfermeira, aproveitando a hora do almoço para esperar que os hematomas mais recentes se compusessem um pouco. — Talvez devesses pensar em mudar de liceu.

Então, um dia, Rowan cedeu à pressão. Subiu para uma das mesas do refeitório e disse a todos as mentiras que eles queriam ouvir:

— Aquele ceifador era meu tio — proclamou. — Eu *disse-lhe* que colhesse o Kohl Whitlock.

Claro que acreditaram em tudo. Alguns começaram a vaiá-lo e a atirar-lhe comida, até que ele acrescentou:

— Quero que saibam que o meu tio vai voltar... e que me pediu para escolher quem vai ser o próximo na colheita.

De repente, a comida deixou de voar, os olhares de ódio sumiram e as tareias deixaram de acontecer como por magia. O que preencheu aquele vazio foi... bem, outro vazio. Ninguém o queria olhar nos olhos, nem mesmo os professores, alguns dos quais começaram a dar-lhe notas altíssimas, quando o desempenho dele era, na melhor das hipóteses, bom. Começou a sentir-se um fantasma na sua própria vida, alguém que existia num ângulo morto do mundo.

Em casa, as coisas continuaram como de costume. O padrasto não se metia de todo na vida dele e a mãe estava preocupada com demasiadas outras coisas para prestar grande atenção aos problemas do filho. Sabiam o que tinha

acontecido no liceu e o que ainda estava a acontecer, mas faziam o que os pais egoístas costumam fazer — fingir que qualquer coisa que não podem resolver não é realmente um problema.

— Quero que me transfiram para outra escola — anunciou ele à mãe, aceitando por fim o conselho do diretor, ao que recebeu uma resposta dolorosamente neutra:

— O que te parecer melhor.

Rowan estava praticamente convencido de que, se lhe dissesse que queria abandonar a sociedade civilizada e juntar-se a um culto tonista, tudo o que havia de ouvir seria: «O que te parecer melhor.»

Como tal, quando recebeu o convite para a ópera, nem sequer teve curiosidade de saber quem poderia ser o remetente; fosse o que fosse, aquilo era uma salvação — pelo menos por uma noite.

A rapariga que conheceu no camarote era simpática. Bonita, confiante... do género que já devia ter namorado, mesmo que não o dissesse. Então, o ceifador apareceu e o mundo de Rowan voltou a ser um lugar escuro. Aquele homem era o único responsável pelo seu infortúnio. Se lhe fosse possível escapar impune, tê-lo-ia empurrado por cima do parapeito do camarote, mas os ataques a ceifadores não eram tolerados. O castigo era a colheita de toda a família do transgressor. Era uma consequência que garantia a segurança dos reverenciados arautos da morte.

Quando a ópera chegou ao fim, Faraday deu um cartão a cada um e algumas instruções bastante claras:

— Vão encontrar-se comigo neste endereço amanhã de manhã, às nove em ponto.

— O que é que dizemos aos nossos pais a respeito da noite de hoje?

— quis saber Citra. Aparentemente, tinha pais que se importavam com essas coisas.

— Dizei-lhes o que bem vos apetecer. Não tem importância, desde que estejais lá amanhã de manhã.

O endereço revelou-se como o Museu de Arte Mundial, o melhor da cidade. Só abria às dez, mas, assim que o segurança viu um ceifador subir as escadas da entrada principal, abriu as portas e permitiu que os três passassem sem que sequer lho pedissem.

— Mais vantagens do oficio — explicou Faraday.

Percorreram as galerias dos mestres antigos num silêncio absoluto, interrompido apenas pelo som dos seus passos e pelos comentários ocasionais do ceifador: «Vejam como El Greco usa o contraste para evocar uma ânsia emocional.» «Reparem na fluidez do movimento neste Rafael... a forma como traz uma intensidade à história visual que nos conta.» «Ah, Seurat! Um pontilhismo profético um século antes do aparecimento do píxel!»

Rowan foi o primeiro a fazer a pergunta que se impunha:

— O que é que tudo isto tem que ver connosco?

O Ceifador Faraday suspirou, um pouco irritado, embora provavelmente já estivesse à espera daquela pergunta.

— Estou a oferecer-vos algumas lições que não haveis de receber na escola.

— Então, arrancou-nos da nossa vida para uma aula de arte, assim ao acaso? — perguntou por sua vez Citra. — Não será um desperdício do seu precioso tempo?

O ceifador riu-se, e Rowan deu por si a pensar que gostava de ter sido ele a fazê-lo rir.

— O que é que aprendestes até agora? — perguntou-lhes Faraday. Nenhum deles tinha uma resposta, pelo que ele lhes fez outra pergunta:

— Como é que achais que a nossa conversa teria sido se vos tivesse levado às galerias da pós-mortalidade em vez destas, mais antigas?

Rowan arriscou uma resposta:

— Provavelmente, estaríamos a comentar quanto a arte pós-mortal é mais agradável à vista. Mais fácil e... tranquila.

— Que tal desinspirada? — sugeriu o ceifador.

— É uma questão de opinião — retorquiu Citra.

— Talvez. Mas agora que sabem o que procurar nesta arte dos que morrem, quero que tentem senti-lo. — E conduziu-os à galeria seguinte.

Embora Rowan tivesse a certeza de que não ia sentir nada, enganou-se.

A sala seguinte era uma grande galeria ocupada por telas desde o chão até ao teto. Ele não reconheceu os artistas, mas isso não tinha importância. Era notória uma coerência nas obras, como se tivessem sido pintadas pela mesma alma, ainda que não pela mesma mão. Algumas telas tinham um tema religioso,

outras eram retratos e outras simplesmente capturavam a luz indescritível da vida quotidiana com uma vitalidade ausente na arte pós-mortal. Saudade e júbilo, angústia e alegria... estava tudo ali, por vezes coabitando na mesma tela. De certa forma, era perturbador, mas também cativante.

— Podemos ficar aqui mais um pouco? — perguntou Rowan, fazendo o ceifador sorrir.

— Claro que sim.

O museu já abrira quando terminaram. Os outros visitantes faziam por evitá-los, o que recordou ao rapaz a forma como o tratavam no liceu. Citra continuava a parecer não fazer ideia do motivo que levara o Ceifador Faraday a convocá-los, mas Rowan começava a ter as suas suspeitas.

Depois do museu, o ceifador levou-os a um restaurante barato, onde a empregada os sentou imediatamente, entregando-lhes as ementas e dando-lhes prioridade sem prestar atenção aos outros clientes. Vantagens do ofício. Rowan reparou que mais ninguém entrou depois de eles se sentarem: o mais provável era que o restaurante estivesse vazio quando se fossem embora.

— Se pretende que lhe forneçamos informações sobre as pessoas que conhecemos — começou Citra quando a sua comida chegou —, não estou interessada.

— Sou capaz de obter as minhas informações — retorquiu Faraday. — Não preciso de dois miúdos para isso.

— Para isso, não, mas precisa de nós, não precisa? — perguntou-lhe Rowan.

O homem não respondeu, antes começando a falar sobre a população mundial e a tarefa dos ceifadores em todo o planeta, se não para a manter equilibrada, então, para a reduzir a uma proporção razoável.

— Tendo em conta a taxa de crescimento populacional e a capacidade do Cúmulo-Nimbo para sustentar a Humanidade, é essencial que se proceda à colheita de um certo número de pessoas por ano — explicou. — Para que isso aconteça, vamos precisar de mais ceifadores. Retirou então de um dos muitos bolsos ocultos na sua túnica um anel idêntico ao que usava na mão. O objeto captou a luz, refletindo-a e refratando-a, mas sem permitir que a mesma penetrasse no seu coração sombrio.

— Os ceifadores reúnem-se três vezes por ano numa grande assembleia à qual se dá o nome de conclave. Nele, discutimos assuntos relacionados com a

colheita, bem como se é ou não necessária a existência de mais ceifadores na nossa região.

Citra pareceu encolher-se na cadeira. Finalmente, tinha percebido. Embora já suspeitasse, a visão do anel também deixou Rowan um pouco intimidado.

— As gemas presentes nos anéis foram feitas pelos ceifadores originais naqueles primeiros tempos da pós-mortalidade — explicou Faraday —, quando a sociedade considerava que a morte não natural tinha de substituir a morte natural. Foram criadas muito mais gemas do que as necessárias naquela altura, uma vez que os fundadores da Ceifa foram suficientemente sensatos para prever uma tal necessidade. Quando um novo ceifador se torna necessário, uma gema é encastoada num anel de ouro que é entregue ao candidato escolhido. — Começou a girar o anel entre os dedos, estudando-o, espalhando luz refratada cujos raios pareciam dançar no restaurante. Depois, olhou-os nos olhos: primeiro Citra, depois Rowan. — Acabei de voltar do Conclave Invernal, no qual recebi este anel com o fim de aceitar um noviço.

Citra recuou no assento.

— Pode ser o Rowan. Não estou interessada.

O rapaz virou-se para ela, desejando ter falado primeiro.

— O que te leva a pensar que eu estou?

— Eu escolhi-vos a *ambos!* — exclamou Faraday, levantando a voz.

— Vão ambos aprender o ofício. Todavia, apenas um receberá o anel no fim. O outro pode voltar para casa, para a sua antiga vida.

— Por que motivo havíamos de competir por algo que nenhum de nós quer? — perguntou Citra.

— Aí está o paradoxo deste ofício — foi a resposta do ceifador. — Quem quer este trabalho não o deve ter... e aqueles que mais objetariam a matar são os únicos que o devem fazer.

Guardou o anel. Rowan respirou fundo, sem sequer ter dado conta de que estivera a suster o fôlego.

— Ambos revelais uma impecável integridade — disse-lhes Faraday — e acredito que esses mesmos elevados padrões vos levarão a aceitar o meu noviciado... não porque eu vos obrigue a fazê-lo, mas por vossa própria escolha.

Então, foi-se embora sem pagar a conta, porque ninguém cobrava nem nunca havia de cobrar a conta a um ceifador.

***

Que descaramento! Pensar que os podia impressionar com aqueles ares de cultura e depois atraí-los para o seu planozinho doentio. É que nem pensar, fosse em que circunstância fosse, Citra nunca havia de deitar a sua vida pela janela ao tornar-se alguém que punha um fim à dos outros.

Quando os seus pais chegaram a casa naquela noite, contou-lhes o que acontecera. O pai abraçou-a e ela chorou-lhe nos braços por ter recebido aquela proposta tão terrível. Então, a mãe fez-lhe uma pergunta que a apanhou desprevenida:

— Vais aceitar?

O facto de ela sequer lhe ter perguntado aquilo surpreendeu-a mais do que ver o anel que lhe fora mostrado naquela manhã.

— O quê?

— Eu sei que é uma escolha difícil — interveio o pai. — Podes contar com o nosso apoio, seja qual for a tua decisão.

Olhou para eles como se nunca os tivesse visto antes. Gomo era possível que os seus próprios pais a conhecessem tão mal que pudessem pensar que alguma vez poderia vir a ser noviça de um ceifador? Nem sequer sabia o que lhes dizer.

— Querem... querem que eu o faça? — Deu por si apavorada com a possível resposta.

— Nós queremos o que tu quiseres, querida — respondeu-lhe a mãe.

— Mas tenta ver as coisas segundo esta perspetiva: um ceifador não tem falta de nada neste mundo. Todas as tuas necessidades e desejos serão satisfeitos e nunca terás de recear a colheita.

Então, Citra teve uma ideia.

— *Vocês* também não teriam de se preocupar com a colheita... A família de um ceifador é imune à colheita enquanto o ceifador estiver vivo.

O pai abanou a cabeça.

— Não se trata da *nossa* imunidade.

E Citra percebeu que ele não estava a mentir.

— Não se trata da vossa... mas sim da do Ben...

Eles não tinham resposta para aquilo. A lembrança da inesperada intrusão do

Ceifador Faraday em sua casa ainda era um espetro sombrio que os perseguia. Na altura, não sabiam o que o havia levado lá: podia muito bem ser para colher Citra ou Ben. Todavia, se Citra se tomasse uma ceifadora, nunca mais teriam de recear outro visitante inesperado.

— Querem que eu passe a minha vida a matar pessoas?

A mãe desviou o olhar.

— Por favor, Citra, não é matar, é *colher.* É importante. É necessária É claro que ninguém gosta, mas todos concordam que tem de acontecer e que alguém tem de o fazer. Porque não tu?

Citra foi-se deitar cedo naquela noite, antes do jantar, porque o seu apetite fora uma das vítimas do dia. Os pais apareceram várias vezes à sua porta, mas pediu-lhes que se fossem embora.

Ela nunca tivera certezas quanto à direção que a sua vida poderia tomar. Pensava que havia de ir para a faculdade, licenciar-se em qualquer coisa que lhe fosse agradável, depois acomodar-se com um emprego confortável, conhecer um homem confortável e ter uma vida confortável, agradável e banal. Não que ela ansiasse por tal existência, mas era o que se esperava. Não só dela, mas de todos. Uma vez que, na realidade, não havia nada a que aspirar, a vida tornara-se uma questão de manutenção. Manutenção eterna.

Ser-lhe-ia alguma vez possível encontrar um propósito mais elevado na colheita de vidas humanas? A resposta continuava a ser um sonoro não.

Não obstante, se fosse esse o caso, porque é que estava com tanta dificuldade em adormecer?

***

Para Rowan, a decisão não era tão difícil. Sim, abominava a ideia de ser um ceifador (deixava-o nauseado), mas o que o deixava ainda mais agoniado era pensar que praticamente qualquer outra pessoa que ele conhecia tivesse de o fazer. Não se considerava moralmente superior a ninguém, mas a sua empatia encontrava-se mais desenvolvida. Importava-se com os outros, por vezes até mais do que consigo. Fora isso que o fizera estar presente na colheita de Kohl. Era o que o levava a procurar Tyger sempre que ele resolvia estatelar-se.

E Rowan já sabia o que significava ser um ceifador, estar isolado e separado do resto do mundo, porque era isso mesmo que ele estava a viver naquele momento. Mas seria capaz de o suportar para sempre? Talvez não tivesse de ser assim. Os ceifadores reuniam-se, certo? Realizavam conclaves três vezes por

ano, logo, deviam ter amigos. Era o clube mais elitista do mundo. Não, ele não queria fazer parte disso, mas tinha sido convocado. Seria um fardo, mas também a honra máxima.

Não contou à família naquele dia porque não queria que influenciassem a sua decisão. Imunidade para todos eles? Claro que haviam de querer que aceitasse. Por mais que o amassem, amavam-no apenas como mais um entre um grande número de outros. Se o seu sacrifício pudesse salvar os restantes, estaria a prestar um grande serviço ao bem comum da sua família.

No fim, foi a arte que o fez decidir. Naquela noite, as telas assombraram os seus sonhos. Gomo teria sido a vida na Era da Mortalidade? Cheia de paixões, tanto boas como nocivas. O medo que criava lugar para a fé. O desespero que dava sentido à alegria. Até se dizia que, naqueles tempos, os invernos eram mais frios e os verões mais quentes.

Viver entre a perspetiva de um céu eterno e desconhecido e uma Terra escura e envolvente devia ter sido glorioso — de que outra forma poderia ter surgido uma expressão tão magnífica? Já ninguém criava nada de valor... mas se, ao colher, ele conseguisse trazer de volta um pouco do que antes havia sido, talvez valesse a pena.

Seria ele capaz de matar outro ser humano? E não apenas um, mas muitos, dia após dia, ano após ano, até chegar a vez de alcançar a sua própria eternidade? O Ceifador Faraday pensava que sim.

Na manhã seguinte, antes de sair para a escola, disse à mãe que um ceifador o convidara para ser seu noviço e que ia desistir do liceu para aceitar a proposta.

O que te parecer melhor — foi a resposta que teve.

4

Licença de noviço

Esqueçam o que pensam saber sobre os ceifadores. Deixem para trás qualquer ideia preconcebida. A vossa educação começa hoje.

Citra não conseguia acreditar que ia mesmo em frente com aquilo. Que parte secreta e autodestrutiva da sua pessoa lhe teria imposto a sua vontade? O que a levara a aceitar o noviciado? Agora, não havia como voltar atrás. No dia anterior (o terceiro do novo ano), o Ceifador Faraday estivera no seu apartamento para conceder um ano de imunidade ao pai e ao irmão dela. Acrescentara vários meses à da mãe para que todas elas expirassem ao mesmo tempo. É claro que, se Citra fosse definitivamente escolhida para ceifadora, a imunidade dos três tornar-se-ia permanente.

Os pais tinham lágrimas nos olhos quando ela partiu. Citra deu por si a pensar se seriam de tristeza, de alegria ou de alívio; talvez uma combinação dos três.

— Sabemos que hás de fazer coisas maravilhosas neste mundo — dissera-lhe o pai, e ela perguntara a si mesma o que havia de tão maravilhoso em decidir a morte dos outros.

Não sejam arrogantes a ponto de achar que têm uma licença para colher. A licença é minha e apenas minha. Se tanto, vocês têm... por assim dizer... uma licença de aprendizagem. Todavia, exigirei que pelo menos um dos dois esteja presente em todas as minhas colheitas, e, se eu pedir que me ajudem, terão de o fazer.

Citra largou a escola sem mais delongas e despediu-se das amigas com confrangedoras conversas individuais.

«Não é como se eu me tivesse ido embora para sempre, só não vou estar nas aulas.» Mas quem é que ela estava a tentar enganar? Aceitar aquele noviciado colocava-a do outro lado de uma parede intransponível. Era ao mesmo tempo desmoralizante e encorajador saber que a vida continuaria sem ela, e ocorreu-lhe que ser uma ceifadora era como tornar-se um morto-vivo: continuava neste mundo, mas à parte. Apenas uma testemunha das idas e vindas dos outros.

Estamos acima da lei; mas isso não significa que a desafiamos. A nossa

posição exige-nos um nível de moralidade acima daquele que ditam as regras. Temos de fazer por ser incorruptíveis e avaliar diariamente os nossos motivos.

Embora não usasse um anel, Citra recebeu uma braçadeira que a identificava como noviça de um ceifador. Rowan também tinha uma — faixas de um verde brilhante com o duplo símbolo da Ceifa: a lâmina curva de uma foice de camponês acima de um olho aberto. Esse símbolo tornar-se-ia depois uma tatuagem no braço do noviço escolhido, ainda que ninguém a visse, uma vez que os ceifadores nunca se apresentavam em público sem as suas vestes.

Citra teve de dizer a si mesma que havia uma saída. Ela podia falhar. Podia ser uma péssima noviça. Podia sabotar-se de tal forma que o Ilustre Ceifador Faraday não teria outra hipótese a não ser escolher Rowan, e ela voltaria para a sua família no fim do ano. O problema era que Citra não sabia como fazer as coisas pela metade: custaria muito mais fracassar do que vencer.

Não vou tolerar quaisquer avanços românticos entre os dois; como tal, tirem já essa ideia da cabeça.

Citra olhara para Rowan depois das palavras do ceifador e ele encolhera os ombros.

— Não será um problema — dissera ele, o que a deixara irritada.

Pelo menos, podia ter fingido uma ligeira desilusão.

— Sim — concordara ela —, nunca havia de acontecer, com ou sem essa regra.

Ele limitara-se a sorrir, o que a deixara ainda mais irritada.

Vão estudar História, os grandes filósofos, as ciências. Hão de entender a natureza da vida e o que significa ser humano antes de receberem a ordem permanente para a tirar. Também se tornarão especialistas na arte de matar em todas as suas formas.

Tal como Citra, Rowan não se sentia à vontade com a sua decisão, mas não o ia deixar transparecer, muito menos na presença dela. Apesar da sua atitude indiferente, a verdade era que se sentia atraído pela rapariga. Mas, mesmo antes de o ceifador proibir tais ideias, ele já sabia que não poderiam acabar bem. Afinal, eles eram adversários.

Tal como Citra, Rowan ficara ao lado do Ceifador Faraday enquanto aquele estendia o seu anel a todos os membros da família, oferecendo-lhes um ano de imunidade. Aos seus irmãos, às suas irmãs, aos seus meios-irmãos, à sua avó e ao marido dela, que era tão perfeito que Rowan desconfiava que fosse um robô.

Todos eles se ajoelharam respeitosamente à vez e beijaram o anel, o qual transmitiu o ADN à base de dados mundial de imunidade, situada na nuvem específica da Ceifa e independente do Cúmulo-Nimbo.

As regras ditavam que todos os membros da família de um noviço recebiam imunidade por um ano, e havia dezanove pessoas na sobrelotada casa de Rowan. A mãe dele tinha sentimentos contraditórios, visto que agora ninguém havia de querer sair daquela casa, pelo menos durante um ano, para ter a certeza de que a imunidade se tornava permanente quando Rowan recebesse o seu anel de ceifador—*se* o recebesse.

A única questão surgira quando o anel vibrara, emitindo um discreto alarme e recusando-se a conceder imunidade ao novo marido da avó, que, afinal, era mesmo um robô.

Viverão como eu: modestamente, subsistindo graças à boa vontade dos outros. Não levarão mais do que precisam e não desperdiçarão nada. As pessoas hão de tentar comprar a vossa amizade. Hão de cobrir-vos de presentes. Não aceiteis nada, exceto o imprescindível às vossas necessidades humanas.

Faraday levara-os para sua casa para começarem a sua nova vida. Era um pequeno bangaló numa zona decadente da cidade que Rowan nem sabia que existia. «Gente a brincar aos pobrezinhos», dissera-lhes o ceifador, porque a verdadeira pobreza já não existia. A austeridade era uma opção; havia sempre aqueles que recusavam a abundância do mundo pós-mortal.

A casa de Faraday era espartana: decoração escassa e móveis banais. O quarto de Rowan tinha espaço apenas para uma cama e uma pequena cómoda. O de Citra pelo menos tinha uma janela, ainda que desse para uma parede de tijolo.

Não tolerarei passatempos infantis nem enfadonhas comunicações com amigos. O compromisso com esta vida significa deixar para trás a vossa antiga existência em tudo o que for possível. Quando dentro de um ano eu escolher um dos dois, o outro poderá regressar à sua vida anterior sem grandes dificuldades. Todavia, por enquanto, considerai essa vida uma parte do vosso passado.

Uma vez instalados, não lhes deu tempo para refletirem sobre as suas circunstâncias. Assim que Rowan acabou de desfazer as malas, o ceifador anunciou que estava de partida para o mercado.

— Para colher? — perguntou o rapaz, a ideia deixando-o um pouco mais do que agoniado.

— Não, para comprar comida para vocês os dois — respondeu Faraday. —

A menos que prefiram comer as minhas sobras.

Citra brindou o companheiro com um sorrisinho malicioso, como se ela própria não tivesse receado o mesmo.

Gostava muito mais de ti antes de te conhecer — Rowan deixou escapar.

— Ainda não me conheces — referiu ela, o que era verdade. Em seguida, suspirou e, pela primeira vez desde a noite na ópera, ofereceu-lhe algo mais do que o seu nariz empinado: — Somos obrigados a viver juntos e a competir por algo que nenhum dos dois quer. Eu sei que não é culpa tua, mas isso não nos deixa propriamente numa situação muito cordial.

— Eu sei — admitiu ele. Afinal, a tensão entre ambos não era um exclusivo dela. — Mas isso não quer dizer que não possamos contar um com o outro.

Citra não respondeu; ele também não esperava que o fizesse. Não era mais do que uma semente que ele queria plantar. Durante os dois meses anteriores tinha descoberto que já não podia contar com ninguém. Talvez nunca tivesse podido. Os amigos haviam-se afastado. Na sua própria família, ele não passava de uma nota de rodapé. A única pessoa que agora partilhava a sua situação era Citra. Se não conseguissem encontrar uma maneira de confiar um no outro, então que mais tinham eles além de uma licença de noviço?

5

«Mas eu só tenho noventa e seis anos...»

Embora uma ida ao mercado devesse ser uma ocorrência banal e corriqueira, Citra descobriu que comprar comida com um ceifador acarretava a sua própria dose de loucura.

Assim que os portões do mercado se abriram e os três passaram, o medo que os rodeava era suficiente para a deixar com os braços cobertos de pele de galinha. Nada tão óbvio como arquejos ou gritos, já que as pessoas estavam acostumadas à passagem dos ceifadores pela sua vida diária. Era um medo silencioso, mas que se entranhava em tudo e em todos, como se eles acidentalmente tivessem acabado de entrar no palco de um teatro e arruinado o espetáculo.

Citra reparou que, de um modo geral, havia três tipos de pessoas:

1) Os Negadores: aqueles que seguiam com a sua vida e fingiam que o ceifador não estava ali. Não era apenas uma questão de o ignorar, mas sim de negar a sua presença de forma ativa e deliberada. Lembravam a Citra as crianças muito pequenas que, ao brincar às escondidas, limitavam-se a tapar os olhos, convencidas de que, se não podiam ver ninguém, ninguém as podia ver a elas.

2) Os Escapistas: os que fugiam, mas tentavam não deixar transparecer que o faziam. De repente, lembravam-se de que se tinham esquecido de comprar ovos, ou começavam à procura de uma criança que na realidade não existia. Um comprador abandonou o seu carrinho enquanto murmurava que devia ter deixado a carteira em casa, apesar da óbvia protuberância no bolso de trás das calças. Saiu à pressa e não voltou.

3) Os Queridos: aqueles que faziam de tudo para interagir com o ceifador e oferecer-lhe qualquer coisa, com a (não muito) secreta esperança de que ele lhes pudesse conceder imunidade ou, pelo menos, colher a pessoa à sua direita e não a eles. «Aceite, Ilustre, fique com o meu melão, que é maior. Faço questão.» Aquelas pessoas teriam noção de que, com tal comportamento servil, apenas deixavam o ceifador com mais vontade de as colher? Não que Citra pretendesse aplicar a pena de morte por tal coisa, mas entre escolher um inocente espetador e

alguém que estava a ser repulsivamente bajulador com os seus produtos, ela teria escolhido aquele que lhes oferecia os melões.

Um dos compradores não se encaixava em nenhum dos três perfis, uma mulher que parecia genuinamente contente ao vê-lo.

— Bom dia, Ceifador Faraday — cumprimentou-o ela quando se cruzaram perto do balcão da charcutaria; olhando depois para Citra e Rowan, curiosa. — São os seus sobrinhos?

— Nem de longe — respondeu ele com uma pitada de desdém por parentes que Citra não tinha nenhum interesse em conhecer. — São meus noviços.

A mulher arregalou um pouco os olhos.

— Não me diga! — disse isto de tal maneira que não ficou claro se lhe parecia uma boa ou má ideia. — Têm alguma inclinação para o ofício?

— Nem um pouco.

Ela assentiu.

— Ah, acho que é melhor assim. Sabe o que se diz: «Que não se empunhe a lâmina com ligeireza».

O ceifador sorriu.

— Espero poder apresentar-lhes o seu *strudel* um dia destes.

— É que nem eu esperava outra coisa — disse ela enquanto cumprimentava os dois com um aceno de cabeça.

Depois de ela se ir embora, o Ceifador Faraday explicou-lhes que era uma velha amiga.

— Cozinha para mim de vez em quando... e trabalha no escritório do médico legista. Com o meu trabalho, dá sempre jeito ter um amigo por lá.

— E o senhor dá-lhe imunidade? — quis saber Citra.

Rowan pensou que o ceifador podia ficar indignado, mas ele limitou-se a responder:

— A Ceifa não gosta que tenhamos favoritos; todavia, descobri que lhe posso conceder imunidade a cada dois anos sem chamar a atenção.

— E se outro ceifador a colher num dos anos em que ela não está imune?

— Nesse caso, irei ao seu funeral com genuíno pesar.

Enquanto faziam as compras, Citra escolheu alguns petiscos que mereceram um olhar desconfiado do ceifador.

— Serão mesmo necessários?

— Existe alguma coisa que seja mesmo necessária? — retorquiu ela. Rowan achou graça à forma como ela fazia frente ao ceifador... mas resultou: ele deixou-a ficar com as batatas fritas.

Ele fez por ser mais prático e escolher alimentos básicos, como ovos, farinha e diferentes proteínas com os respetivos acompanhamentos.

— Não tragas os tenrinhos de frangoide — disse-lhe Citra ao ver o que ele estava a escolher. — Vai por mim, a minha mãe é engenheiro de síntese alimentar. Essas coisas não são galinha a sério: são criadas numa placa de Petri.

Rowan ergueu outro saco de proteína congelada.

— Então e isto?

— Bife do mar? Claro, se gostas de plâncton prensado com a forma de bifes.

— Bem, talvez devesses escolher as tuas refeições ao invés de te dedicares aos doces e salgadinhos.

— És sempre assim tão chato?

— Ele não nos disse que temos de viver como ele? Não me parece que gelado com sabor a massa de biscoito faça parte do seu estilo de vida.

Ela deitou-lhe um olhar de desprezo; não obstante, trocou o gelado por outro de baunilha.

Enquanto continuavam nas compras, Citra foi a primeira a reparar que dois adolescentes de ar suspeito pareciam estar a segui-los na loja a alguma distância, fingindo que estavam apenas a fazer compras. Eram provavelmente indesejáveis, pessoas que apreciavam atividades no limite da ilegalidade. Por vezes, os indesejáveis chegavam a infringir a lei com pequenos delitos, embora a maioria acabasse por perder o interesse, uma vez que o Cúmulo-Nimbo sempre os apanhava, o que dava direito a uma reprimenda dos agentes da paz. Os transgressores mais problemáticos recebiam uma injeção de nanorrobôs elétricos, apenas com potência suficiente para os dissuadir de continuar a troçar da lei. E se isso não resultasse, passavam a ter um agente da paz exclusivo, 24 horas por dia. Citra tinha um tio nessa situação: dizia que era o seu anjo da guarda e acabara por se casar com ela.

Ela puxou a manga de Rowan para lhe chamar a atenção para os

indesejáveis, mas sem que o Ceifador Faraday desse por isso.

— Porque é que achas que estão a seguir-nos?

— Talvez pensem que vai haver uma colheita e queiram assistir — sugeriu Rowan. Parecia uma teoria plausível. Afinal, tinham outras intenções.

Enquanto esperavam na fila para pagar, um deles agarrou na mão do ceifador e beijou-lhe o anel antes que ele o pudesse impedir. O anel começou a emitir uma luz vermelha, indicando assim a imunidade do rapaz.

— Ah! — exclamou o indesejável, muito satisfeito com o seu triunfo estratégico. — Tenho imunidade por um ano... e você não a pode desfazer! Conheço as regras!

Faraday nem pestanejou.

— Sim, que bom para ti — disse ele. — Tens trezentos e sessenta e cinco dias de imunidade. — E, olhando-o nos olhos, acrescentou: — Hei de fazer-te uma visita quando chegar o dia trezentos e sessenta e seis.

De repente, a expressão presunçosa do adolescente desapareceu, como se todos os músculos que lhe sustentavam a cara tivessem falhado. Gaguejou um pouco e o amigo puxou-o. Correram para fora da loja o mais depressa possível.

— Bem jogado — disse um homem na fila, que então se ofereceu para pagar as compras do ceifador... o que era inútil, visto que os ceifadores nunca pagavam o que levavam.

— Vai mesmo procurá-lo daqui a um ano? — quis saber Rowan.

Faraday tirou uma embalagem de pastilhas para o hálito da prateleira.

Não vou perder o meu tempo com ele. Além disso, já lhe dei o devido castigo: vai passar o ano inteiro a pensar na sua colheita. Uma lição para vocês: para que a ameaça de um ceifador seja eficaz, ele nem sempre tem de a cumprir.

Alguns minutos depois, enquanto carregavam as compras num publicarro, Faraday olhou para o outro lado do estacionamento.

— Ali — disse ele —, estão a ver aquela mulher? A que acabou de deixar cair a mala?

— Sim — respondeu Rowan.

Faraday pegou no telemóvel, apontou-lhe a câmara e, num instante, começaram a aparecer informações sobre ela no ecrã. Noventa e seis anos de vida natural, embora fisicamente tivesse trinta e quatro. Mãe de nove filhos.

Técnica de gestão de dados numa pequena empresa de transportes.

— Ela vai trabalhar quando acabar de arrumar as compras — explicou ele. — Esta tarde, vamos ao seu local de trabalho para a colher.

Citra soltou um suspiro audível. Não foi bem um arquejo, mas quase. Rowan concentrou-se para que a respiração não lhe traísse as emoções, como havia acontecido com a sua parceira.

— Porquê? — perguntou ele. — Porquê ela?

O ceifador lançou-lhe um olhar frio.

— E porque não?

— O senhor tinha uma razão para colher o Kohl Whitlock...

— Quem? — perguntou Citra.

— Um rapaz que eu conhecia na escola. Foi assim que conheci aqui o nosso ilustre ceifador.

Faraday suspirou.

— As mortes em parques de estacionamento constituíam 1,25 % do total de mortes acidentais durante os últimos dias da Era da Mortalidade. Ontem à noite, decidi que ia escolher o alvo de hoje num estacionamento.

— Então, todo este tempo que estivemos a fazer compras, já sabia que ia acabar assim? — perguntou Rowan.

— Tenho pena de si — comentou Citra. — Até quando vai comprar comida, a morte está escondida, à espreita atrás do leite.

— Ela nunca se esconde — disse-lhes o ceifador com um cansaço quase impossível de descrever. — Ela não dorme. Não hão de demorar muito a perceber isso.

No entanto, não era algo que nenhum dos dois tivesse pressa em perceber.

***

Naquela tarde, tal como o ceifador lhes tinha dito, foram à empresa de transportes onde a mulher trabalhava e presenciaram... tal como Rowan presenciara a colheita de Kohl. Só que desta vez tratava-se de um pouco mais do que uma simples observação.

— Escolhi um comprimido letal para si — explicou Faraday à mulher trémula e incapaz de proferir uma palavra que fosse. Em seguida, levou a mão a um bolso da túnica e tirou de lá um pequeno comprimido num frasquinho de

vidro. — Só será ativado quando o trincar, pelo que poderá escolher o momento. Não tem de o engolir, apenas trincar. A morte será instantânea e indolor.

Ela abanou a cabeça como se fosse um daqueles bonecos de mola.

— Posso...? Posso ligar aos meus filhos?

O Ceifador Faraday abanou a cabeça.

— Não, lamento. Mas podemos transmitir-lhes a sua mensagem.

— Que mal faria deixá-la despedir-se? — perguntou Citra.

Faraday ergueu a mão para a calar e entregou uma caneta e papel à mulher.

— Escreva tudo o que tem para dizer numa carta. Prometo que a entregaremos.

Ficaram à espera junto à porta do gabinete da mulher. O Ceifador Faraday parecia ter uma paciência infinita.

— E se ela abrir a janela e decidir estatelar-se? — perguntou Rowan.

— Nesse caso, a sua vida terminará conforme o previsto. Seria uma escolha mais desagradável, mas o resultado é o mesmo.

A mulher não optou por saltar. Em vez disso, abriu-lhes a porta e entregou educadamente o envelope ao ceifador e sentou-se à sua secretária.

— Estou preparada.

Então, Faraday fez algo inesperado: virou-se para Rowan e entregou-lhe o frasco.

— Por favor, coloca o comprimido na boca da Senhora Becker.

— Quem... eu?

O ceifador não respondeu, limitou-se a estender-lhe o frasco, à espera de que Rowan pegasse nele. O rapaz sabia que, oficialmente, não estaria a fazer a colheita, sendo antes um intermediário... mas só a ideia o fez estremecer. Engoliu em seco e sentiu um gosto amargo, como se o comprimido estivesse na sua própria boca. Recusou-se a aceitar o frasco.

Faraday deu-lhe mais um momento e, depois, virou-se para Citra.

— Tu, então.

Citra limitou-se a abanar a cabeça.

O ceifador sorriu.

— Muito bem — disse-lhes. — Era um teste. Não teria gostado se qualquer um dos dois se mostrasse desejoso de levar alguém à morte.

Ao ouvir a palavra «morte», a mulher soltou um suspiro trémulo.

Faraday abriu o frasco e retirou cuidadosamente o comprimido. Era triangular e tinha um revestimento verde-escuro. Quem teria pensado que a morte poderia chegar num tamanho tão pequeno?

— Mas... mas eu só tenho noventa e seis anos — disse a mulher.

— Nós sabemos — disse-lhe ele. — Agora, por favor... abra a boca. Lembre-se, não é para engolir; tem de o trincar.

Ela abriu a boca como lhe era pedido e o ceifador depositou-lhe o comprimido na língua. A mulher fechou a boca, mas não o trincou imediatamente. Olhou para os três, um a um: primeiro Rowan, depois Citra, e por fim o Ceifador Faraday. Então, ouviu-se um leve ranger e ela ficou inerte. Assim tão simples, mas nada simples de todo.

Os olhos de Citra estavam húmidos. Ela apertou os lábios. Por mais que Rowan tentasse controlar as emoções, a respiração saía-lhe irregular e estava a sentir-se tonto.

O ceifador virou-se então para Citra.

— Verifica-lhe a pulsação, por favor.

— Quem, eu?

Ele foi paciente. Não repetiu o pedido. Aquele homem nunca pedia a mesma coisa duas vezes. Ao ver que ela ainda hesitava, acabou por dizer:

— Desta vez, não é um teste. Quero mesmo que me confirmes que ela não tem pulsação.

Citra levou a mão ao pescoço da mulher.

— No outro lado — explicou-lhe o ceifador.

Ela pressionou os dedos contra a artéria carótida, logo abaixo da orelha.

— Nenhuma pulsação.

Satisfeito, o Ceifador Faraday levantou-se.

— Então, é isto? — perguntou Citra.

— Estavas à espera de quê? — perguntou-lhe por sua vez Rowan.

— Um coro de anjos?

Ela deitou-lhe um olhar algo desconsolado.

— O que eu queria dizer... é que é tão... banal.

Rowan percebia o que ela queria dizer. Tinha passado pela descarga de eletricidade que tirara a vida ao seu colega. Fora horrível, mas, de algum modo, aquilo era pior.

— Então e agora? Deixamo-la aqui, assim?

— É sempre melhor não nos demorarmos — respondeu Faraday enquanto dava alguns toques no ecrã do seu telemóvel. — Já notifiquei o gabinete do médico legista para que venham buscar o corpo da Senhora Becker. — Então, pegou na carta que a mulher escrevera e guardou-a num dos muitos bolsos da sua túnica. — Vocês os dois vão entregar a carta à família no funeral.

— Espere lá — disse Citra. — Nós vamos ao *funeral* dela?

— Pareceu-me ouvi-lo dizer que era melhor não nos demorarmos — acrescentou Rowan.

— Uma coisa é demorarmo-nos e outra é apresentarmos as nossas condolências. Compareço aos funerais de todas as pessoas que colho.

— Isso é uma regra dos ceifadores? — perguntou o rapaz, que nunca fora a um funeral.

— Não, esta regra é minha. Chama-se «um mínimo de decência».

Então, foram-se embora, Rowan e Citra fazendo por evitar os olhares dos colegas de trabalho da morta. Ambos sabiam que aquele fora o seu primeiro rito iniciático. O momento em que o seu noviciado tinha verdadeiramente começado.

6

Uma elegia de ceifadores

O voo chegou a horas. Como habitual. Embora as condições meteorológicas não pudessem ser controladas por completo, era fácil desviar o mau tempo dos aeroportos e rotas de voo. A maioria das companhias aéreas gabava-se de uma pontualidade de 99,9 %.

O avião estava cheio, ainda que, com o *design* luxuoso dos lugares das viagens aéreas modernas, o voo nem parecesse esgotado. Voar tornara-se tão confortável como estar sentado na sala de estar da sua própria casa, com o bónus adicional de entretenimento ao vivo. Quartetos de cordas e estilistas vocais cruzavam os céus com uma cabina cheia de passageiros satisfeitos. Era uma experiência muito mais civilizada do que na Era da Mortalidade. Agora, era uma forma excecionalmente agradável de alguém chegar ao seu destino. Todavia, naquele dia, os passageiros do voo 922 da BigSky Air estavam a caminho de um destino diferente daquele que haviam planeado.

O empresário estava muito confortável no lugar 15C, um lugar de corredor. Pedia sempre aquele, não por superstição, mas por hábito. Quando não conseguia o 15C, ficava rabugento e irritado com o passageiro que o tinha. A empresa que ele dirigia, a qual estava a desenvolver uma tecnologia de hibernação, havia de conseguir que, um dia, a viagem mais longa parecesse passar numa questão de minutos, mas por enquanto contentava-se com a BigSky Air, desde que lhe dessem o lugar 15C.

As pessoas ainda estavam a chegar e a instalar-se. Ele observava os passageiros no corredor com moderado interesse, mas apenas para se certificar de que não lhe batiam no ombro com as suas malas e bagagem de cabina.

— Está, de partida ou de volta? — perguntou a mulher que tinha ao seu lado, no 15A. Não havia 15B; o conceito do lugar B, no qual um passageiro tinha de se sentar entre outros dois, fora eliminado juntamente com outras coisas desagradáveis, como as doenças e o Governo.

— De partida — respondeu ele. — E a senhora?

— De volta — disse-lhe ela com um profundo suspiro de alívio.

Faltando cinco minutos para a descolagem, uma agitação na dianteira

despertou-lhe a atenção: um ceifador entrara no avião e estava a falar com uma assistente de bordo. Quando um ceifador queria viajar, podia escolher o lugar que bem entendesse e desalojar um dos passageiros, forçando-o a sentar-se noutro lugar ou até mesmo a apanhar outro voo se não houvesse lugares disponíveis. Mais perturbadoras, todavia, eram as histórias de ceifadores que colhiam os ocupantes dos lugares que escolhiam.

O empresário só esperava que aquele ceifador não pretendesse viajar no 15C.

A túnica do recém-chegado era invulgar: de cor azul-real e pontuada por gemas cintilantes que aparentavam ser diamantes. Bastante ostensivo para um ceifador. O empresário não sabia o que pensar daquilo. Ainda que o homem parecesse ter trinta e muitos anos, a verdade era que isso não queria dizer nada. Já ninguém parecia ter a sua idade real, pelo que ele podia ter entre trinta e muitos e duzentos e trinta e mais uns quantos. O cabelo era escuro e bem penteado. O olhar era penetrante. O empresário tentou não cruzar olhos com ele quando o recém-chegado examinou o corredor da cabina.

Então, mais três ceifadores surgiram atrás do primeiro. Eram mais novos, talvez no princípio da casa dos vinte. As respetivas túnicas, cada uma de cor diferente e intensa, também estavam decoradas com gemas. Havia uma mulher de cabelo escuro e túnica verde-maçã coberta de esmeraldas, um homem de laranja semeado de rubis, e um outro de amarelo com citrinos dourados.

Qual era o substantivo coletivo para um grupo de ceifadores? Uma «elegia», não era? Que estranho, existir uma palavra para algo tão raro. Por experiência, ele sabia que os ceifadores eram solitários, nunca viajando juntos. Uma assistente de bordo cumprimentou a elegia e, assim que passaram por ela, deu meia-volta, abandonou o avião e largou a correr pista fora.

Está a fugir, pensou o empresário, mas tratou de descartar tal ideia. Não podia ser isso. O mais provável era que apenas estivesse a correr para ir informar o agente do portão de embarque a respeito dos passageiros adicionais. Não podia ser um ataque de pânico — os assistentes de bordo eram treinados para não se deixarem afetar. Mas então a assistente de bordo que ficara fechou a porta, e a expressão daquela cara não augurava nada de bom.

Os passageiros começaram a falar entre si. A murmurar. Ouviam-se alguns risos nervosos.

Então, o ceifador-chefe dirigiu-se aos passageiros:

— A vossa atenção, por favor — pediu ele com um sorriso enervante. — Lamento informar-vos de que todo este voo foi selecionado para colheita.

O empresário ouviu, mas o seu cérebro disse-lhe que não era possível que tivesse ouvido bem. Ou talvez aquilo fosse humor de ceifador, se é que tal coisa existia. *Todo este voo foi selecionado para colheita.* Não era possível. Não podia ser permitido, pois não?

Passados alguns momentos, os passageiros começaram a assimilar o que o ceifador lhes acabara de dizer. Foi então que começaram os arquejos, os gemidos, os ais e, finalmente, os soluços incontroláveis. A infelicidade não teria sido maior se tivessem perdido um motor durante o voo, como acontecia com os aviões nos dias da mortalidade, quando a tecnologia falhava de vez em quando.

O empresário aprendia depressa e era muito bom em decisões rápidas em situações de crise. Sabia o que tinha de fazer. Talvez outros estivessem a pensar o mesmo, mas ele foi o primeiro a passar à ação: abandonou o seu lugar e largou pelo corredor em direção à traseira do avião. Embora outros logo lhe seguissem o exemplo, foi o primeiro a chegar à saída. Estudou rapidamente o seu funcionamento, puxou a alavanca vermelha e abriu a porta ao encontro de uma bela manhã ensolarada.

Um salto daquela altura para a pista podia partir-lhe algum osso ou torcer um tornozelo, mas os nanorrobôs curativos presentes no seu sangue rapidamente libertariam os opiáceos necessários para aliviar a dor. Ele havia de conseguir escapar apesar dos ferimentos. No entanto, antes que pudesse saltar, ouviu o ceifador-chefe dizer:

— Sugiro que todos voltem para os seus lugares se dais valor à vida dos vossos entes queridos.

O procedimento padrão era que os ceifadores colhessem a família dos que resistiam ou fugiam à colheita. A colheita de parentes próximos exercia um poderoso efeito dissuasor. Por outro lado, tratava-se de um avião cheio de pessoas; se ele saltasse e corresse, como e que o haviam de identificar?

— Temos o manifesto do avião — acrescentou o ceifador como se lhe tivesse lido os pensamentos. — Sabemos os nomes de todos a bordo, incluindo o da assistente de bordo que revelou uma cobardia imprópria da sua posição e fugiu. A sua família inteira vai pagar o preço, juntamente com ela.

O homem caiu de joelhos e escondeu o rosto nas mãos. Um outro atrás dele empurrou-o para o lado e saltou sem se importar com as consequências. Assim que chegou ao chão, desatou a correr, mais preocupado com o que estava a

acontecer naquele momento do que com o que podia acontecer depois. Talvez não tivesse parentes com que se preocupar ou talvez preferisse que eles o acompanhassem na viagem rumo ao esquecimento. A questão é que o empresário não conseguia suportar a ideia de a sua mulher e filhos serem colhidos por sua causa.

A colheita é necessária, recordou a si mesmo. Toda a gente sabia, toda a gente aceitara que era uma necessidade crucial. Quem era ele para a contestar? Só lhe parecia terrível agora porque era ele quem estava sob a fria mira da morte.

O ceifador-chefe levantou um braço e apontou para ele. As unhas pareciam só um pouco compridas demais.

— Você — disse ele —, o corajoso. Venha cá.

Outros passageiros que estavam no corredor afastaram-se e o empresário deu por si a avançar, embora nem sentisse que as pernas se deslocavam. Era como se o homem da túnica azul estivesse a puxá-lo com um fio invisível. A sua simples presença impunha-se naturalmente.

— Devíamos colhê-lo primeiro — observou o ceifador loiro de ar abrutalhado, o da túnica cor de laranja berrante, brandindo o que parecia ser um lança-chamas. — Colhê-lo primeiro para dar o exemplo.

Mas o ceifador-chefe abanou a cabeça.

— A primeira coisa que temos de fazer é guardar essa coisa, não vamos brincar com fogo num avião. Em segundo lugar, dar o exemplo pressupõe que alguém sobreviva para aprender com ele. Não faz sentido quando não resta ninguém a quem o exemplo sirva de lição.

O de laranja baixou a arma e também os olhos, aceitando o responso. Os outros dois continuaram em silêncio.

— Foi tão rápido a levantar-se do seu lugar — disse o ceifador-chefe ao empresário. — Parece-me óbvio que é o alfa deste avião e, como tal, vou permitir-lhe que escolha a ordem pela qual esta boa gente será colhida. Poderá ser o último se assim o entender, mas antes terá de escolher a ordem dos restantes.

— Mas... eu...

— Vamos lá, nada de hesitações. Pareceu-me bem decidido quando correu para a traseira do avião. Aplique essa formidável vontade agora.

Tornava-se claro que o ceifador estava a divertir-se, embora não devesse —

uma vez que este era um dos preceitos básicos da Ceifa. Uma parte aleatória do cérebro do empresário pensou: *Eu devia apresentar queixa.* Algo que, percebeu, seria muito difícil de fazer se estivesse morto.

Olhou para as pessoas apavoradas à sua volta... agora, estavam com pavor dele, que também passara a ser o inimigo.

— Estamos à espera — disse a mulher de verde, impaciente por começar.

— Como? — perguntou ele, tentando controlar a respiração, ganhar tempo. — Como é que nos vão colher?

O ceifador-chefe afastou uma prega da túnica para revelar toda uma coleção de armas impecavelmente escondidas: facas de vários comprimentos, pistolas e outros objetos que o homem nem reconheceu.

— O nosso método será ao sabor da nossa inspiração, salvo dispositivos incendiários, é claro. Agora, por favor, comece a escolher pessoas para que possamos começar.

A ceifadora apertou com mais firmeza o cabo de um machete e puxou o cabelo escuro para trás com a mão livre. Teria ele imaginado, ou ela acabara de lamber os beiços? O que vinha aí não era uma colheita, mas um banho de sangue, e o empresário percebeu que não queria, de todo, fazer parte daquilo. Sim, o seu destino estava selado, nada podia mudar esse facto, o que queria dizer que não tinha de participar no jogo retorcido do ceifador. De repente, conseguiu sublimar o seu medo e elevar-se a um ponto do qual foi capaz de enfrentar os olhos escuros daquele homem, que eram do mesmo tom intenso de azul que a sua túnica.

— Não — disse o empresário. — Não vou escolher e não vos darei o prazer de me verem penar. — Em seguida, virou-se para os outros passageiros: — Aconselho todos os presentes a porem termo à vossa vida antes que estes ceifadores vos ponham as mãos em cima. Eles têm demasiado prazer em matar. Não merecem o ofício que têm nem a honra de nos colher.

O ceifador-chefe olhou para ele, furioso, mas apenas por um momento. Então, virou-se para os seus três congéneres:

— Comecem! — ordenou.

Os outros sacaram das armas e deram início à medonha colheita.

— Eu sou o vosso ponto culminante — anunciou o chefe em voz alta aos moribundos. — Eu sou a palavra que encerra a plenitude das vossas vidas. Agradeçam. Adeus.

O ceifador sacou da sua lâmina, mas o empresário estava preparado. Assim que a arma apareceu, lançou-se sobre ela... um último gesto, um ato deliberado que fez da morte uma escolha sua, não do ceifador. E assim negou, se não o seu método, pelo menos a sua loucura.

7

A arte de matar

— Durante o vosso ano comigo — disse o Ceifador Faraday a Rowan e Citra —, ides aprender a forma correta de manejar diferentes armas brancas, tornar-vos-eis atiradores com mais de uma dúzia de tipos de armas de fogo, adquirireis conhecimentos básicos de toxicologia e recebereis formação nas artes marciais mais mortíferas. Não vos tomareis especialistas em nenhuma destas coisas, já que tal requer muitos anos de trabalho, mas contareis com aptidões elementares que podereis desenvolver.

— Aptidões que não servirão para nada àquele que o senhor não escolher — referiu Citra.

— Nada do que aprendemos é inútil — contrapôs ele.

Embora a casa do ceifador fosse simples e sem grandes adornos, contava com uma divisão impressionante: a sala de armas. Fora em tempos a garagem da casa, mas agora encontrava-se revestida com o extenso arsenal de Faraday. Uma das paredes estava coberta de armas brancas; outra, com armas de fogo. Uma terceira parede parecia a estante de um farmacêutico, enquanto na quarta se encontravam objetos mais antigos: arcos elaboradamente esculpidos, uma aljava com flechas com ponta de obsidiana, bestas tão potentes que se tornavam assustadoras... e até uma clava, embora fosse difícil para ambos imaginar o Ceifador Faraday a matar alguém com uma. A quarta parede assemelhava-se mais a um museu, pensaram eles, mas o facto de não terem a certeza era perturbador.

O regime diário era severo. Rowan e Citra treinavam com armas brancas e varas contra o ceifador, que revelava uma força e agilidade incríveis para a sua idade aparente. Aprendiam a atirar num campo de tiro especial para ceifadores e noviços, onde armas cujo uso era vedado ao público não só eram permitidas, como encorajadas. Aprendiam os movimentos básicos do Bokator da Viúva Negra, uma versão letal da antiga arte marcial cambojana desenvolvida especificamente para a Ceifa. Deixava-os exaustos, embora nunca tivessem sido tão fortes.

No entanto, o treino físico era apenas metade da instrução. No centro da sala de armas havia uma velha mesa de carvalho, sem dúvida uma relíquia da

Era da Mortalidade. Era ali que o Ceifador Faraday passava várias horas por dia a ensinar-lhes o ofício do ceifador.

Estudavam acuidade mental, história e química dos venenos, além de escreverem todos os dias nos seus diários de noviços. Havia mais para aprender sobre a morte do que qualquer um deles tinha imaginado.

— História, Química, Redação... Isto é como o liceu — resmungou Rowan para Citra, visto que não se atreveria a protestar junto do Ceifador Faraday.

E havia também a questão da colheita.

— Cada ceifador deve cumprir uma quota de duzentas e sessenta colheitas por ano — disse-lhes ele —, o que dá uma média de cinco por semana.

— Então, temos os fins de semana de folga — gracejou Rowan para tentar aligeirar um pouco a conversa.

No entanto, Faraday não achou graça porque, para ele, na colheita não havia nada que devesse ser encarado de ânimo leve.

— Nos dias em que não faço nenhuma colheita vou a funerais e faço a minha pesquisa para colheitas futuras. Os ceifadores... ou devo antes dizer, os *bons* ceifadores... não costumam ter dias de folga.

Eles nunca haviam considerado a hipótese de que nem todos os ceifadores eram bons. A ideia geral era que eles observavam os mais exigentes padrões éticos e morais, que eram sábios no seu ofício e justos nas suas escolhas. Mesmo aqueles que buscavam a fama pareciam merecê-la. A noção de que alguns não seriam tão honrados como Faraday não fazia sentido para nenhum dos seus noviços.

***

O choque da colheita nunca abandonava Citra. Embora, desde o primeiro dia, Faraday nunca lhes tivesse pedido que fossem a mão que colhia uma vida, serem seus cúmplices já era bastante difícil. Cada um daqueles fins prematuros vinha envolto na própria mortalha do medo, como um pesadelo recorrente que nunca perdia a sua intensidade. A rapariga pensara que acabaria por ficar entorpecida, que se acostumaria ao trabalho, mas não era assim.

— Isso quer dizer que fiz a escolha certa — disse-lhe o Ceifador Faraday. — Se não chorares até adormeceres de vez em quando, então, não tens a compaixão necessária para ser um ceifador.

Ela duvidava de que Rowan fosse chorar até dormir. Era o tipo de rapaz que

guardava as emoções para si mesmo, pelo que ela não o conseguia decifrar. Era opaco e isso incomodava-a. Ou talvez fosse tão transparente que ela conseguia ver através dele. Não tinha a certeza.

Depressa descobriram que o seu mentor era muito criativo nos seus métodos de colheita. Nunca repetia exatamente o mesmo.

— Mas há ceifadores que seguem rituais específicos e colhem sempre com recurso ao mesmo método, não é? — perguntou-lhe Citra.

— Sim, mas cada um deve encontrar o seu próprio caminho. O seu código de conduta. Prefiro ver cada pessoa que colho como um indivíduo que merece um fim único, só seu.

Descreveu-lhes então os sete métodos básicos da arte de matar:

— Os mais comuns são lâminas, balas e força bruta. Os três que se seguem são a asfixia, o veneno e indução catastrófica, como a eletrocussão ou o fogo, embora o fogo me pareça uma forma horrível de colher, pelo que nunca a usaria. O último método é a força desarmada, e é por isso que vos treinamos no Bokator.

Explicou-lhes que ser ceifador significava ser bem versado em todos os métodos. Citra percebeu que ser «bem versado» significava que teria de participar em diferentes tipos de colheita. Iria ele obrigá-la a premir o gatilho? A usar uma faca? A matar alguém à paulada? Queria acreditar que não seria capaz de o fazer, queria desesperadamente acreditar que não tinha fibra de ceifador. Era a primeira vez na sua vida em que aspirava ao fracasso.

***

Rowan tinha sentimentos mistos a respeito desta questão. Descobriu que os imperativos morais e a ética elevada de Faraday lhe davam a ele um propósito... mas apenas na presença do ceifador. Quando ficava entregue aos seus pensamentos, duvidava de tudo. Ficara-lhe gravada na mente a cara daquela mulher, assustada, mas obediente, quando abrira a boca para que a envenenassem. A sua expressão no momento antes de morder o comprimido. *Sou cúmplice do crime mais antigo do mundo,* dizia ele a si mesmo nos momentos de maior solidão. *E isto só pode piorar.*

Embora os diários dos ceifadores fossem do domínio público, os noviços ainda tinham o luxo da privacidade. Faraday havia-lhes dado dois volumes separados com capas de couro claro e ásperas folhas de pergaminho. Para Rowan, pareciam relíquias da Idade Média. Não ficaria espantado se também

lhes tivessem dado uma pluma a condizer para escreverem. Por sorte, foi-lhes permitido usar utensílios normais.

— Tradicionalmente, o diário de um ceifador é feito de pergaminho de pele de cordeiro e couro de cabrito.

— Suponho que com *cabrito* se esteja a referir ao animal propriamente dito e não a um qualquer desses imbecis que andam por aí sem fazer nada — comentou Rowan.

Isto arrancou finalmente uma risada ao ceifador. Citra pareceu ficar irritada por ele ter conseguido fazer Faraday rir, como se isso o deixasse um ponto à frente. Rowan sabia que por mais que ela detestasse a ideia de se tornar uma ceifadora, havia de fazer tudo ao seu alcance para conseguir a liderança porque era essa a sua maneira de ser. A competição estava-lhe no sangue; era mais forte do que ela.

Ele era muito melhor na escolha das suas batalhas. Podia competir quando era necessário, mas raramente insistia em ser o primeiro só porque sim. Perguntava a si mesmo se isso lhe daria alguma vantagem sobre Citra. Perguntava a si mesmo se queria essa vantagem.

Não teria escolhido ser um ceifador como modo de vida. Ainda não havia escolhido nada para a sua vida, pelo que não tinha ideia do que fazer com o seu futuro eterno. Todavia, agora que estava a receber os ensinamentos de um ceifador, começava a ter a sensação de que talvez tivesse o que era preciso para ser um deles. Se o Ceifador Faraday o escolhera como moralmente à altura daquele ofício, talvez fosse verdade.

Quanto ao diário, o rapaz detestava-o. Por pertencer a uma família em que ninguém estava particularmente interessado em saber o que ele pensava, habituara-se a guardar as suas ideias para si mesmo.

— Não entendo porque é que fazes disto um bicho de sete cabeças — disse Citra certa noite, enquanto escreviam nos respetivos diários depois do jantar. — És o único que o vai ler.

— Então, para quê escrevê-lo? — disparou ele, irritado.

Citra suspirou como se estivesse a falar com uma criança.

— Serve para te preparares para quando tiveres de escrever um diário oficial. Quem receber o anel terá a obrigação legal, conforme ordenado pelo sexto mandamento, de escrever nele todos os dias da sua vida.

— E tenho a certeza de que ninguém o há de ler — acrescentou Rowan.

— Mas as pessoas *podem* lê-lo. O Arquivo dos Ceifadores está aberto a todos.

— Sim, como o Cúmulo-Nimbo. As pessoas podem ler o que quiserem, mas ninguém o faz. Só sabem entreter-se com jogos e a ver hologramas de gatos.

Citra encolheu os ombros.

— Mais uma razão para não te preocupares com a escrita do teu diário. Se vai ficar perdido entre milhões de páginas, podes escrever a tua lista de compras e o que comeste ao pequeno-almoço. Ninguém se vai importar.

Mas Rowan importava-se. Se ia passar alguma coisa para o papel, se ia fazer o que um ceifador faz, ou bem que o fazia como devia ser ou não o fazia de todo. E por enquanto, enquanto olhava para a página que continuava dolorosamente em branco, estava mais inclinado para a opção «não o fazer de todo».

Pôs-se a ver a sua parceira, que escrevia completamente absorta no seu diário. De onde estava sentado, não conseguia ler as palavras, embora pudesse ver que ela tinha uma caligrafia impecável. Fazia sentido que tivesse escolhido aquela disciplina no liceu: caligrafia era uma daquelas que os alunos escolhiam só para se sentirem superiores, como o latim. Rowan calculava que teria de aprender a escrever em minúsculas se alguma vez chegasse a ceifador, mas agora tinha de se contentar com as suas maiúsculas deselegantes e desleixadas.

Se ambos estivessem na mesma escola, ter-se-iam dado bem?, pensou. O mais provável era que nem sequer se conhecessem. Ela era do tipo de rapariga que participa, enquanto Rowan era do tipo que evita. Os respetivos círculos tinham tanta probabilidade de se intersetar como Júpiter e Marte no céu noturno. Agora, não obstante, haviam sido forçados a convergir. Não eram propriamente amigos, uma vez que não lhes fora dada essa oportunidade antes de acabarem juntos no noviciado. Eram companheiros, eram adversários... e Rowan começava a ter cada vez mais dificuldade em analisar o que sentia por ela. A única coisa que sabia era que gostava de a ver escrever.

***

O Ceifador Faraday era muito rigoroso na sua política de corte de laços familiares.

— Não é uma boa ideia manter o contacto com a vossa família durante o noviciado.

Para Citra era difícil. Sentia falta dos pais e, acima de tudo, do seu irmão Ben, o que a surpreendeu, visto que em casa nunca tivera muita paciência para

ele.

Rowan não parecia ter problemas em ver-se separado dos parentes.

— De qualquer forma, preferem ter a sua imunidade do que a mim por perto — disse ele a Citra.

— Coitadinho do menino. Estás à espera de que tenha pena de ti?

— De todo. Inveja, talvez. É mais fácil para mim deixar tudo para trás.

Apesar disso, Faraday abriu uma exceção à sua regra: passado um mês de noviciado, permitiu que Citra fosse ao casamento da tia.

Embora os outros usassem vestidos de festa e *smokings*, o ceifador não a deixou vestir-se para a ocasião. «Não vás tu achar que fazes parte desse mundo.» E resultou. Com roupas de sair à rua no meio de tanta pompa sentiu-se ainda mais à parte... e a braçadeira de noviça tornava tudo pior. Talvez por isso mesmo Faraday lhe tivesse dado permissão para estar presente: para deixar bem clara a distinção entre o que Citra tinha sido e o que era agora.

— Então, como é? — perguntou-lhe a sua prima Amanda. — A colheita e assim. É, tipo, muito nojento?

— Não temos permissão paira falar sobre o assunto — respondeu-lhe Citra, o que não era verdade, mas ela não tinha nenhum interesse em falar das colheitas como se fossem mexericos de liceu.

Não obstante, devia ter alimentado e não cortado pela raiz aquela conversa, porque Amanda era uma das poucas pessoas que falavam com ela. Apesar dos muitos olhares de esguelha e dos convidados que falavam *sobre* ela quando achavam que não estava a ouvir, quase toda a gente a evitava como se fosse portadora de alguma doença da era mortal. Talvez, se já estivesse com o seu anel, se atrevessem a assediá-la com promessas de favores na esperança de receber imunidade; todavia, aparentemente, enquanto noviça, tudo o que ela tinha para oferecer era arrepios.

O irmão mostrava-se distante, e até conversar com a mãe era desconfortável. Ela só lhe sabia fazer perguntas como: «Estás a alimentar-te bem?» ou «Tens dormido o suficiente?»

— Tanto quanto percebi, há um rapaz a viver lá em casa — comentou o pai.

— Ele tem o seu próprio quarto e não está nem um pouco interessado em mim — respondeu ela. Por alguma razão, sentiu-se algo embaraçada por ter de admitir tal coisa.

Citra ficou sentada durante toda a cerimónia e depois desculpou-se por sair antes da receção e tratou de apanhar um publicarro para casa do Ceifador Faraday, incapaz de suportar mais um minuto que fosse daquela fantochada.

— Voltaste cedo — comentou Faraday ao vê-la chegar.

E, embora fizesse por parecer surpreendido, tinha posto a mesa para o jantar a contar com ela.

8

Uma questão de gosto

— Hoje, vou colher sozinho — anunciou-lhes o Ceifador Faraday num dia de fevereiro, o segundo mês do noviciado. — Enquanto estiver fora, tenho uma tarefa para cada um. — Levou a rapariga até à sala de armas e disse: — Tu, Citra, vais polir todas as minhas armas brancas.

Ela tinha estado naquela sala quase todos os dias para receber a lição correspondente a cada arma, mas estar ali sozinha, sem outra companhia que não a daqueles instrumentos de morte, era completamente diferente.

O ceifador dirigiu-se à parede das armas brancas, onde se podia encontrar tudo desde espadas a navalhas de ponta e mola.

— Algumas não têm nada mais do que uma camada de pó; outras estão oxidadas. Serás tu a decidir quais os cuidados de que cada uma precisa.

Citra observou a forma como os olhos do homem passavam de uma lâmina para a outra, demorando-se apenas o tempo suficiente para, talvez, recordar uma lembrança.

— Já usou todas?

— Só metade, sensivelmente... E mesmo assim, apenas para uma colheita. — Estendeu a mão e retirou um florete da quarta parede, aquela onde estavam as armas com um aspeto mais antigo. Era um florete como os que os três Mosqueteiros poderiam ter usado. — Quando eu era jovem, era muito mais dado ao drama. Fui colher um homem que se considerava um bom esgrimista e, como tal, desafiei-o para um duelo.

— E ganhou?

— Não, perdi. Duas vezes. Na primeira, ele trespassou-me o pescoço e na segunda rasgou-me a artéria femoral; era muito bom. Quando acordava no centro de reanimação, desafiava-o de novo. Aquelas vitórias rendiam-lhe algum tempo, mas ele tinha sido escolhido para a colheita e eu não ia desistir. Alguns ceifadores mudam de ideias. Todavia, isso dá origem a concessões e favorece os mais convincentes. Sou firme nas minhas decisões.

»Já no quarto desafio, perfurei-lhe o coração com a ponta do meu florete. Antes de soltar o seu último suspiro, agradeceu-me por lhe permitir que

morresse a lutar. Em todos os meus anos como ceifador, foi a única vez que me agradeceram pelo que faço.

Suspirou e devolveu o florete àquele que Citra percebeu ser um lugar de honra.

— Se tem estas armas todas, porque é que pegou na *nossa* faca no dia em que foi colher a minha vizinha? — perguntou ela, incapaz de se conter.

— Para avaliar a tua reação — respondeu ele com um sorriso.

— Deitei-a fora.

— Foi o que desconfiei. Quanto a estas, vais poli-las. — E deixou-a por sua conta na sala de armas.

Depois de ele sair, Citra examinou as armas. Embora não se considerasse particularmente mórbida, deu por si a querer saber quais as que haviam sido usadas e como. Parecia-lhe que uma arma nobre merecia que a sua história fosse contada; se não a Rowan e a ela, então, a quem?

Retirou uma cimitarra da parede. Era uma coisa pesada, capaz de decapitar fosse quem fosse com um único golpe. Tê-la-ia Faraday usado para isso mesmo? De certa forma, fazia o estilo dele: rápida, indolor, eficiente. Enquanto a brandia desajeitadamente de um lado para o outro, perguntou a si mesma se teria a força necessária para decapitar alguém.

Meu Deus, em que é que me estou a tornar?

Pousou a arma na mesa, pegou no pano e esfregou-a com o polidor; quando terminou, passou à arma seguinte, e depois à seguinte, tentando não ver o seu reflexo em cada uma das lâminas reluzentes.

***

A tarefa de Rowan não era tão visceral, embora fosse ainda mais perturbadora.

— Hoje, vais preparar o terreno para a minha próxima colheita — explicou-lhe o ceifador antes de lhe entregar uma lista com os parâmetros que o «eleito» do dia seguinte devia cumprir. — Todas as informações de que precisas estão no Cúmulo-Nimbo, se tiveres engenho suficiente para as encontrar. — Então, partiu para ir tratar da colheita do dia.

Rowan quase caiu na asneira de entregar a lista de parâmetros ao Cúmulo-Nimbo e solicitar um eleito... até que se lembrou de que pedir-lhe ajuda era expressamente proibido aos ceifadores. Eles tinham acesso total à enorme

quantidade de informações armazenadas na nuvem, mas não podiam aceder à sua mente algorítmica «consciente». Faraday falara-lhes de um ceifador que tinha tentado. O próprio Cúmulo-Nimbo tinha-o denunciado ao Suma Lâmina e o homem fora «severamente punido».

— Como é que os ceifadores são punidos? — perguntara Rowan.

— Um júri de ceifadores executou-o doze vezes consecutivas, reanimando-o após cada uma delas. Depois da décima segunda, sujeitaram-no a um estágio de um ano.

Rowan imaginou que um júri de ceifadores havia de inventar métodos de punição muito criativos. Suspeitava de que morrer doze vezes às mãos deles devia ser bem pior do que estatelar-se.

Começou a inserir parâmetros de pesquisa. Foi-lhe solicitado que não limitasse a sua busca apenas à cidade, mas a toda a MesoMérica, que se estendia por cerca de mil e quinhentos quilómetros ao longo do centro do continente. Em seguida, restringiu a busca a cidades com uma população abaixo de dez mil pessoas e que se situasse nas margens de um rio. Depois, às casas ou apartamentos que estivessem num raio de trinta metros da margem. Em seguida, procurou pessoas com vinte anos ou mais que vivessem nesses endereços.

Obteve um resultado de quarenta mil pessoas.

Tinha feito aquilo em cinco minutos. Os requisitos seguintes não seriam tão fáceis de determinar.

O eleito tem de ser um bom nadador.

Descarregou uma lista de todas as faculdades e universidades em cada cidade fluvial e cruzou-a com todas as pessoas que tivessem pertencido a uma equipa de natação nos vinte anos anteriores ou que se tivessem inscrito num triado. Cerca de oitocentas pessoas.

O eleito tem de gostar de cães.

Usando o código de acesso do Ceifador Faraday, encontrou as listas de assinantes de todas as publicações e de todos os blogues de temática canina. Entrou em bases de dados de lojas de animais para obter uma lista dos clientes que compravam regularmente comida para cão nos anos anteriores. O número ficou assim reduzido a cento e doze.

O eleito tem de contar com um ato heroico no seu historial, tendo esse ato sido realizado numa capacidade não profissional.

Rowan procedeu ao meticuloso trabalho de busca de palavras como «herói», «coragem» e «resgate» para cada um dos cento e doze nomes. Pensava que teria sorte se encontrasse um único que fosse. Para sua surpresa, descobriu que quatro deles haviam feito algo de heroico nalguma ocasião das suas vidas.

Clicou em cada nome e examinou as quatro fotografias. Arrependeu-

-se imediatamente; assim que aqueles nomes adquiriram um rosto, tornaram-se pessoas e deixaram de ser parâmetros.

Um homem de cara redonda com um sorriso encantador.

Uma mulher que podia ter sido a mãe de qualquer um.

Um sujeito com o cabelo desgrenhado.

Um homem que parecia não se barbear há três dias.

Quatro pessoas. E Rowan estava prestes a decidir qual delas ia morrer no dia seguinte.

Percebeu de imediato que estava inclinado para o homem mal barbeado, o que revelava um preconceito da sua parte. Ninguém devia ser discriminado por não se ter barbeado para uma fotografia. E ele estava a descartar a mulher só porque era uma mulher?

Muito bem, então o sujeito do sorriso. Estaria a ir para o extremo oposto ao escolher aquele que lhe parecia mais agradável à vista?

Decidiu saber mais sobre eles e usou o código de acesso do ceifador para obter mais informações pessoais do que lhe devia ser permitido. Afinal, era uma vida que estava em jogo: ele não devia usar todos os meios ao seu dispor para que a decisão fosse justa?

Um deles tinha entrado num prédio em chamas quando era jovem para salvar um membro da sua família, mas outro tinha três filhos pequenos. Outro era voluntário num abrigo de animais, e o irmão de outro fora colhido apenas dois anos antes...

Ele acreditava que cada um daqueles pormenores o poderia ajudar, mas, quanto mais ficava a saber sobre eles, mais difícil se tornava tomar uma decisão. Continuou a vasculhar a vida deles, sentindo-se cada vez mais desesperado, até que a porta da rua se abriu e o Ceifador Faraday entrou. Já estava escuro lá fora. Quando é que se tinha feito noite?

O ceifador parecia cansado e tinha as vestes salpicadas de sangue.

— A colheita de hoje foi... mais problemática do que o esperado — disse

ele.

— Todas as armas estão polidas na perfeição! — exclamou Citra ao sair da sala de armas naquele preciso momento.

Faraday assentiu em aprovação. Em seguida, virou-se para Rowan, que ainda estava sentado ao computador.

— E quem é que vamos colher amanhã?

— Eu... bem... reduzi a lista a quatro possibilidades.

— E?

— Todos os quatro se encaixam no perfil.

— E? — repetiu o ceifador.

— Bem, este acabou de se casar, e este acabou de comprar casa...

— Escolhe um.

— ... e este recebeu um prémio humanitário no ano passado...

— ESCOLHE UM!! — berrou o ceifador com uma ferocidade que Rowan desconhecia nele.

Até as paredes pareceram recuar ao ouvir aquela voz. O rapaz acreditava que ia ouvir uma reprimenda, como quando Faraday lhe pedira para dar o comprimido de cianeto à mulher, mas não, desta vez foi diferente. O ceifador olhou para Citra, que continuava à porta da sala de armas, paralisada como a testemunha de um acidente. Rowan ia mesmo ter de tomar aquela terrível decisão sozinho.

Olhou para o ecrã, fez um esgar e apontou para o homem do cabelo desgrenhado.

— Este — disse ele. — Colha-o.

Fechou os olhos; acabara de condenar um homem à morte porque não soubera pentear o cabelo num determinado dia.

Então, sentiu Faraday pousar uma mão firme no seu ombro. Embora acreditasse que o sermão estava para breve, o ceifador limitou-se a dizer:

— Bom trabalho.

Rowan abriu os olhos.

— Obrigado, Ilustre Ceifador.

— Se não fosse a coisa mais difícil que alguma vez fizeste, eu ficaria preocupado.

— Passa a ser mais fácil?

— Espero bem que não.

***

Na tarde seguinte, Bradford Ziller voltou do trabalho e deu com um ceifador sentado na sua sala de estar. O visitante levantou-se quando o viu entrar. O instinto de Bradford disse-lhe para dar meia-volta e fugir, mas, antes que o pudesse fazer, um rapaz com uma braçadeira verde, que entretanto se mantivera à parte, fechou a porta.

Com um receio crescente, o homem ficou à espera de que o ceifador falasse, embora este se limitasse a fazer sinal ao rapaz, que aclarou a voz e anunciou:

— Senhor Ziller, foi selecionado para a colheita.

— Diz-lhe o resto, Rowan — pediu o ceifador pacientemente.

— Devo acrescentar que... fui *eu* que o escolhi para a colheita. Bradford olhou para os dois, de repente muito aliviado, porque era óbvio que só podia ser algum tipo de brincadeira.

— *Okay*, quem é que vocês são? De quem foi a ideia?

Então, o ceifador levantou a mão e mostrou-lhe o anel, e a boa disposição de Bradford foi-se de novo abaixo como a segunda descida numa montanha-russa. Aquilo não era nenhuma partida; era real.

— O rapaz é um dos meus noviços — explicou o ceifador.

— Sinto muito — disse o rapaz. — Não é nada de pessoal, é apenas uma questão de cumprir os requisitos de um determinado perfil. Na Era da Mortalidade, muita gente morria ao tentar salvar alguém. Muitas dessas pessoas atiravam-se a um rio numa inundação para salvar os seus animais de estimação. Na sua maioria eram bons nadadores, mas isso não faz diferença numa inundação.

Os cães!, pensou Bradford. *Isso mesmo, os cães!*

— Não me podem fazer mal! Se o fizerem, os meus cães fazem-vos em pedaços.

Todavia... onde é que eles estavam?

Naquele momento, uma rapariga saiu do quarto dele usava uma braçadeira igual à do rapaz.

— Sedei os três — explicou ela. — Não lhes há de acontecer nada, mas também não nos vão incomodar.

Ela tinha sangue no braço. Não dos cães, mas dela. Bem feito!

— Não é nada de pessoal — insistiu o rapaz. — Lamento.

— Basta um pedido de desculpa — disse-lhe o ceifador. — Especialmente se for sincero.

Bradford soltou uma gargalhada, apesar de saber que aquilo era real. Por alguma razão, achava aquilo divertido. Quando os joelhos lhe falharam, sentou-se no sofá, e o riso transformou-se em infelicidade. Como é que aquilo podia ser justo?

Então, o rapaz ajoelhou-se diante dele e, quando Bradford olhou para cima, deu com os olhos dele; pareciam os olhos de uma alma muito mais velha.

— Ouça-me, Senhor Ziller. Eu sei que salvou a sua irmã de um incêndio quando tinha a minha idade. Sei quanto lutou para salvar *o* seu casamento. E sei que acha que a sua filha não gosta de si, mas não é verdade.

O homem olhou para ele, incrédulo.

— Como é que sabe isso tudo?

O rapaz apertou os lábios.

— Cabe-nos saber. A sua colheita não vai alterar nada disso. Você

teve uma boa vida, e o Ceifador Faraday está aqui para a concluir por si. Bradford pediu que o deixassem fazer um telefonema, implorou que lhe dessem só mais um dia, mas é claro que ambos os pedidos lhe foram negados. Embora lhe dissessem que podia escrever um bilhete, não conseguia encontrar as palavras.

— Entendo o que está a sentir — disse-lhe o rapaz.

— Como é que o vão fazer? — perguntou finalmente o homem.

— Optei por um afogamento tradicional — respondeu-lhe o ceifador. — Vamos levá-lo para o rio. Vou submergi-lo até que a vida o abandone.

Bradford fechou os olhos com força.

— Ouvi dizer que o afogamento não é agradável.

— Posso dar-lhe um pouco do que dei aos cães? — perguntou a rapariga. — Deixá-lo grogue para que já esteja inconsciente quando chegar a altura?

O ceifador pensou no assunto e assentiu.

— Se quiser — disse ele ao homem —, podemos poupar-lhe esse sofrimento.

Todavia, Bradford abanou a cabeça; percebera que queria cada segundo que lhe restava.

— Não, quero estar desperto.

Se o afogamento ia ser a sua última experiência, queria senti-la plenamente. Podia sentir o coração a bater mais depressa, o corpo a tremer com a descarga de adrenalina. Estava com medo, mas o medo significava que ele ainda estava vivo.

— Vamos lá, então — disse gentilmente o ceifador. — Vamos todos até ao rio.

***

Citra estava fascinada com o comportamento de Rowan. Embora no começo estivesse um pouco trémulo quando falara com o homem, depois assumira o comando, controlando o medo do eleito e transmitindo-lhe paz. Ela só esperava que, quando fosse a sua vez de escolher, fosse capaz de manter a compostura tão bem como ele. A única coisa que tinha feito naquele dia fora administrar tranquilizante a uns cães. Sim, tinha levado uma dentada no processo, mas isso não era nada. Tentou convencer Faraday a levar os animais para um abrigo, mas em vão. Mas ele deixou-a ligar para um abrigo para que os fossem buscar, e ao legista para que fosse buscar o homem. O ceifador ofereceu-se para a levar a um hospital para uma cura acelerada da dentada no braço; ela recusou. Os seus próprios nanorrobôs já teriam terminado a cura no dia seguinte e, além disso, algo a levava a não se livrar daquele desconforto. Devia-o ao morto, sofrer um pouco por ele.

— Foi impressionante — disse ela a Rowan durante a longa viagem de regresso a casa.

— Sim, até eu vomitar junto ao rio.

— Mas isso foi só depois da colheita — referiu ela. — Deste àquele homem a força de que precisava para enfrentar a morte.

— É capaz — disse ele, encolhendo os ombros.

Citra achou ao mesmo tempo irritante e cativante o quanto ele podia ser modesto.

9

Esme

Esme comeu bastante mais piza do que devia. A mãe dizia-lhe que a piza havia de ser a sua morte. Ela nunca teria imaginado que poderia ser verdade.

O ataque dos ceifadores chegou menos de um minuto depois de ela receber uma fatia a escaldar, acabada de sair do forno. O dia de aulas tinha finalmente acabado e ela estava exausta depois das provações diárias do último ano. O almoço tinha sido uma porcaria. A salada de atum que a mãe lhe havia preparado estava morna e um pouco fermentada quando chegara a hora de a comer. Nada de particularmente apetitoso. Para dizer a verdade, a comida que a mãe lhe punha na mochila nunca se destacava quanto ao seu sabor. Ela estava a tentar que Esme tivesse uma alimentação mais saudável porque tinha um ligeiro problema de excesso de peso, e, embora fosse possível programar os nanorrobôs para lhe acelerarem o metabolismo, a mãe nem queria ouvir falar no assunto. Segundo ela, estaria a tratar o sintoma e não o problema.

— Não podes resolver tudo com um jeitinho nos teus nanorrobôs — dizia ela. — Tens de aprender a controlar-te.

Bem, ela podia aprender a controlar-se no dia seguinte. Agora, queria piza.

A sua pizaria favorita, a Luigi’s, ficava na praça da restauração do Fulcrum City Galleria, o centro comercial por onde passava a caminho de casa. Mais ou menos. Quando os ceifadores chegaram, ela estava a examinar o queijo para tentar decidir como lhe dar a primeira dentada sem queimar o céu da boca. Estava de costas, pelo que a princípio não os viu. Mas ouviu-os... ou pelo menos um deles.

— Boa tarde, boa gente — começou ele. — As vossas vidas estão prestes a mudar por completo.

Esme virou-se para os ver. Eram quatro. Usavam túnicas de cores garridas que cintilavam. Não se assemelhavam a ninguém que já tivesse visto. Além do mais, ela nunca conhecera um ceifador. Estava fascinada. Até que três deles sacaram de armas que reluziam ainda mais do que as túnicas encastoadas, e o quarto empunhou um lança-chamas.

— Selecionámos esta praça de restauração para ser colhida — anunciou o

líder; e então deram início à sua terrível missão.

Esme sabia o que tinha de fazer. Esquecendo a piza, esgueirou-se para debaixo da mesa e começou a rastejar. Mas não foi a única. Aparentemente, todos tinham feito o mesmo e estavam a rastejar pelo chão, o que não pareceu incomodar os ceifadores. Ela podia ver-lhes os pés no meio da multidão espalhada pelo chão. O facto de as suas vítimas estarem de quatro não os atrasou nem um pouco.

Foi então que Esme começou a entrar em pânico. Tinha ouvido histórias de ceifadores que faziam colheitas em massa, mas até então sempre pensara que eram histórias sem fundamento.

Podia ver diante de si as vestes do ceifador de amarelo; deu meia-volta... e deu com a ceifadora de verde a aproximar-se pelo outro lado. Esgueirou-se por um espaço entre as mesas e pelo meio de dois vasos com palmeiras que o ceifador de laranja entretanto incendiara, mas, quando saiu pelo outro lado dos grandes vasos, deu por si sem abrigo.

Estava agora na área dos franchisados. O homem que lhe servira a piza jazia inerte sobre o balcão, morto. Havia um espaço entre uma lata de lixo e a parede. Ela não era magra, pelo que se concentrou nos pensamentos mais magros que tinha e fez por se espremer o melhor que pôde. Embora não fosse grande coisa como esconderijo, se ela saísse, ficaria mesmo na linha de fogo. Tinha visto duas pessoas a tentar atravessar a passarela e ambas haviam acabado abatidas pelas flechas de aço de uma besta. Não se atrevia a mexer-se; como tal, escondeu a cara com as mãos. Deixou-se ficar assim, a soluçar e a ouvir os barulhos terríveis que a rodeavam, até que se fez silêncio. Continuando a recusar-se a abrir os olhos, ouviu um homem dizer:

— Ah, olá.

Esme abriu os olhos e viu o ceifador-chefe, o de azul, parado mesmo ao seu lado.

— Por favor... — implorou ela. — Por favor, não me leve na colheita. O homem ofereceu-lhe a mão.

— A colheita acabou — explicou. — Só sobraste tu. Agora, dá-me a mão.

Com medo de recusar, ela estendeu a mão e pousou-a na dele antes de abandonar o esconderijo.

— Eu estava à tua procura, Esme.

Ela engasgou-se de espanto ao ouvi-lo dizer o seu nome. Porque é que um

ceifador havia de estar à procura dela?

Os outros três reuniram-se à volta dele. Nenhum lhe apontou a arma.

— Agora, vens connosco — disse o de azul.

— Mas... mas a minha mãe...

— A tua mãe sabe. Concedi-lhe imunidade.

— A sério?

— Sim, a sério.

Então, a única ceifadora do grupo, que estava vestida de verde-esmeralda, entregou-lhe um prato.

— Acho que esta piza é tua.

Esme aceitou. Agora, já estava fria o suficiente para a conseguir comer.

— Obrigada.

— Vem connosco — insistiu o ceifador de azul — e eu prometo-te que, de hoje em diante, a tua vida será tudo o que sempre sonhaste.

Assim sendo, ela partiu com os quatro ceifadores, grata por estar viva e a tentar não pensar nas muitas pessoas à sua volta que já não estavam. Não era de todo assim que imaginara que havia de ser o resto do seu dia, mas quem era ela para se opor a algo que soava tão claramente como o seu destino?

10

Respostas proibidas

— Meu, é o que te estou a dizer, o pessoal não fala de outra coisa. Toda a gente pensa que te vais tornar um ceifador para te vingares do liceu!

Era um dia ameno de março, uma das poucas tardes de folga que Faraday dera a Rowan, e ele fora visitar o seu amigo Tyger, que não se tinha estatelado nem uma vez nos três meses anteriores. Naquele momento, estavam a fazer uns cestos num parque a poucos quarteirões da casa de Rowan... que ele não tinha licença para visitar; de qualquer forma, era improvável que a tivesse visitado se pudesse.

Passou a bola a Tyger.

— *Não* aceitei o noviciado por isso.

— *Eu* sei e *tu* sabes, mas as pessoas acreditam no que querem. — Ele sorriu. — De repente, tenho mais miúdas do que nunca porque sou teu amigo. Elas acham que posso dar-lhes acesso ao teu anel. A imunidade fala mais alto.

Quase o fez rir, pensar em Tyger como seu intermediário. Podia perfeitamente imaginar o amigo a aproveitar a situação ao máximo, talvez até a cobrar pelos seus serviços.

Rowan roubou-lhe a bola e tentou encestar. Não jogava desde que se mudara para casa do ceifador, mas descobriu que o braço estava em forma, embora não a pontaria. Estava mais forte do que nunca... e tinha uma resistência inesgotável, tudo graças ao treino em Bokator.

— Então, quando conseguires o anel, *vais* dar-me imunidade, certo? Tyger tentou um cesto e falhou. De propósito, sem dúvida: estava a deixá-lo ganhar.

— Em primeiro lugar, não sei se ele me vai escolher para ficar com o anel. E em segundo, não te posso conceder imunidade.

— O quê? — perguntou o amigo. Parecia genuinamente espantado. — Porque não?

— Porque isso seria favoritismo.

— E não é para isso que servem os amigos?

Alguns rapazes apareceram no campo e perguntaram se podiam jogar com

eles, mas, assim que repararam na braçadeira de Rowan, mudaram de ideias.

— Não há problema — disse o mais velho. — Podem ficar com o campo todo.

Era irritante.

— Não, podemos todos jogar...

— Nã... Nós vamos pra outro lugar.

— Eu disse que podemos jogar todos! — insistiu Rowan, e viu tanto medo nos olhos do outro que se sentiu envergonhado por pressioná-lo.

— Sim, sim, claro — respondeu o rapaz. Então, virou-se para os outros: — Não ouviram? Toca a jogar!

Entraram em campo com energia, e com a mesma energia jogaram para perder, tal como Tyger. Ia ser sempre assim? A presença dele era tão intimidante que nem os seus próprios amigos se haviam de atrever a desafiá-lo? Agora, Citra era a única que o fazia.

Perdeu rapidamente o interesse pelo jogo e foi-se embora com Tyger, a quem tudo aquilo parecia muito divertido.

— Meu, já não és a alface, és a mortífera beladona. Agora, és um vegetal letal!

Ele tinha razão: se Rowan tivesse mandado aqueles outros rapazes porem-se de gatas e lamberem o chão, era o que eles teriam feito. Era uma sensação inebriante e horrível, e ele não queria pensar nisso.

Não sabia por que motivo fez o que fez em seguida. Talvez por causa da frustração causada pelo seu isolamento... ou talvez só quisesse introduzir uma pequena parte da sua antiga vida na que tinha agora.

— Queres ir comigo ver a casa do ceifador?

— Ele não se vai importar? — perguntou-lhe Tyger, hesitante.

— Não está cá. Foi colher noutra cidade hoje. Só vai chegar tarde.

Ele sabia que o Ceifador Faraday havia de rebentar uma veia se descobrisse que Rowan tinha levado alguém a sua casa, embora isso fizesse a ideia parecer-lhe ainda mais atraente. Tinha sido tão bonzinho, tão obediente; já era tempo de fazer alguma coisa que *ele* quisesse fazer.

Quando chegaram, a casa estava vazia. Citra, a quem Faraday também dera a tarde de folga, tinha saído. Rowan queria apresentá-la a Tyger, mas pensou: *E se*

eles gostarem um do outro? E se o Tyger a seduzir? Ele saía-se sempre bem com as raparigas. Até tinha convencido uma a estatelar-se com ele apenas para poder dizer: «As miúdas andam caidinhas por mim, literalmente.»

«Vai ser como no *Romeu e Julieta*», dissera-lhe ele. «Só que nós podemos voltar.»

Escusado será dizer que os pais da rapariga tinham ficado furiosos e, depois da reanimação, proibiram-na de voltar a vê-lo.

Ele ignorara a questão: «O que queres que te diga? A vida dela é uma história contada por idiotas». Rowan limitara-se a ver naquilo uma péssima citação de Shakespeare, além de ser de muito mau gosto.

A ideia de Citra ficar caída por Tyger (mesmo que apenas em sentido figurado) deixava-o só um pouco nauseado.

— Então, é isto? — perguntou-lhe o amigo enquanto examinava o local. — Não passa duma casa.

— Estavas à espera de quê? Um covil subterrâneo secreto?

— Por acaso, sim. Ou qualquer coisa do género. Enfim, olha para estes móveis... Não acredito que ele te obriga a viver neste buraco do inferno.

— Não é assim tão mau. Anda, vou mostrar-te uma cena fixe. Levou-o então à sala de armas e, como esperado, Tyger ficou bastante impressionado.

— Isto é tão o máximo! Nunca vi tantas facas juntas... e aquilo são pistolas? Só as tinha visto em fotos! — Tirou uma da parede e começou a espreitar pelo canhão.

— Não faças isso!

— Não te passes... eu gosto de me estatelar, não de rebentar com os miolos.

Mesmo assim, Rowan tirou-lhe a arma, e, no tempo que demorou a devolvê-la ao seu lugar, Tyger já tinha agarrado num machete e entretinha-se a cortar o ar com ele.

— Achas que o posso levar?

— Claro que não!

— Vá lá, ele tem tantos, nem vai dar pela falta...

Rowan sabia que Tyger era a definição de uma «má ideia» em corpo de gente. Em parte, era por isso que gostava de ser amigo dele. Só que agora ele era um risco, e dos grandes. Agarrou-o pelo braço, assentou-lhe uma patada atrás do

joelho para lhe dobrar a perna e atirou-o ao chão, tudo isto num único lance de Bokator. Em seguida, segurou-lhe o braço num ângulo forçado, apenas o suficiente para que lhe doesse um pouco.

— Mas que porra? — sibilou Tyger.

— Larga o machete. Já!

O rapaz obedeceu... e então ouviram a porta da rua abrir-se.

Rowan largou-o.

— Não faças barulho — ordenou em seguida num sussurro perentório. Espreitou pela porta, mas não conseguiu ver quem tinha entrado.

— Fica aqui — disse ele antes de sair e dar com Citra, que estava a fechar a porta.

Ela devia ter ido correr, porque usava roupa desportiva que revelava muito mais do que Rowan precisava naquele momento. Roubava-lhe demasiado sangue do cérebro, pelo que fez por se concentrar na braçadeira de noviça para se lembrar de que quaisquer reações hormonais eram estritamente proibidas.

Citra ergueu os olhos e cumprimentou-o essencialmente por obrigação:

— Olá, Rowan.

— Olá.

— Passa-se alguma coisa?

— Não.

— Porque é que estás aí especado?

— Onde é que eu havia de estar especado?

Ela revirou os olhos, entrou na casa de banho e fechou a porta.

Rowan esgueirou-se silenciosamente para a sala de armas.

— Quem é? — quis saber Tyger. — É a rapariga, qual é mesmo o nome dela? Quero conhecer a tua concorrência. Talvez *ela* me queira dar imunidade. Ou outra coisa.

— Não. É o Ceifador Faraday, e colhe-te no mesmo instante se te encontrar aqui.

De repente, a bravata de Tyger evaporou-se.

— Ah, merda! O que vamos fazer?

— Tem lá calma. Ele está a tomar um duche. Se não fizeres barulho, posso tirar-te daqui.

Saíram para o corredor. Não havia dúvida, o som do chuveiro ouvia-se perfeitamente atrás da porta fechada da casa de banho.

— Está a livrar-se do sangue?

— Sim. Havia imenso.

E com isto Rowan conduziu o amigo até à porta da rua, onde praticamente o empurrou para fora.

***

Depois de quase três meses como noviça, Citra não podia negar que queria que o Ceifador Faraday a escolhesse para receber o anel. Por mais que resistisse, por mais que dissesse a si mesma que aquilo não era vida para ela, compreendia agora a sua importância e sabia que podia ser uma excelente ceifadora. Sempre quisera viver a sua vida com um propósito, fazer a diferença. Como ceifadora, seria possível. Sim, teria sangue nas mãos, mas o sangue também pode ser purificador.

Era sem dúvida encarado como tal no Bokator.

Ela tinha descoberto que o Bokator da Viúva Negra era a atividade fisicamente mais exigente que alguma vez tinha praticado. O seu mestre era o Ceifador Yingxing, que não usava outras armas além das suas próprias mãos e pés para a colheita. Tinha feito um voto de silêncio. Parecia que todos os ceifadores haviam renunciado a alguma parte de si mesmos (não porque tivessem de o fazer, mas por opção) como forma de pagar pelas vidas que tiravam.

— Do que é que desistias? — Rowan perguntara certa vez a Citra. A pergunta tinha-a deixado desconfortável.

— Se me tornar uma ceifadora, vou desistir da minha vida, não vou? Acho que já é o bastante.

— Também vais desistir de constituir uma família — recordara-lhe ele.

Ela limitara-se a assentir, não querendo falar sobre o assunto. A ideia de constituir família era tão remota que a hipótese de não o poder fazer lhe parecia igualmente remota. Era difícil sentir qualquer coisa a respeito de um assunto no qual só queria ter de pensar muitos anos depois. Além disso, não conseguia pensar nessas coisas durante o Bokator. A mente tinha de estar limpa.

Citra nunca havia praticado artes marciais. Sempre fora mais pelos desportos que não requeriam contacto: atletismo, natação, ténis... qualquer um onde houvesse uma linha ou uma rede clara entre ela e o seu adversário. O Bokator era a antítese dessa noção. Combate olhos nos olhos, corpo a corpo. Até a comunicação na aula era totalmente física, já que o instrutor mudo lhes corrigia as posições como se fossem figuras de ação. Tudo era mente e corpo, sem a flagrante mediação das palavras.

Havia oito alunos na classe deles, e, embora o próprio mestre fosse ceifador, Citra e Rowan eram os únicos noviços. Os outros eram ceifadores iniciantes, ainda nos primeiros anos do seu ofício. Havia apenas outra rapariga, que nem tentara amizade alguma com Citra. As mulheres não recebiam tratamento especial e esperava-se delas que estivessem ao mesmo nível que os homens.

Os combates de Bokator eram muito rigorosos. Cada um deles começava de forma bastante simples: num ritual em que davam a volta ao círculo como se se pavoneassem, os dois adversários desafiavam-se numa espécie de dança agressiva. Então, o assunto tornava-se sério, e brutal. Era permitida toda a espécie de golpes de pés e de mãos.

Naquele dia, tivera de lutar contra Rowan. Os movimentos dele eram mais elegantes, mas ela tinha a vantagem da velocidade. Ele era mais forte, mas também mais alto, o que não era um ponto positivo. Como o seu centro de gravidade era mais baixo, Citra tinha mais estabilidade. Tudo somado, estavam equiparados.

Ela girou e assentou-lhe o pé com tal força no peito que quase o derrubou.

— Boa manobra — comentou o rapaz.

Yingxing apertou os lábios para lhes lembrar que não havia lugar para conversas durante a luta.

Ela foi direito a Rowan pela esquerda, só que ele reagiu tão depressa que ela nem percebeu de onde tinha vindo aquela mão. Era como se de repente ele tivesse três. Citra perdeu o equilíbrio, mas apenas por um instante. Sentiu o calor no lado do corpo, onde tinha levado a pancada. *Vou ficar com um hematoma,* pensou ela, sorrindo. *Ele vai pagá-las!*

Simulou um novo ataque pela esquerda, mas foi-se a ele pela direita, usando todo o peso do corpo. Derrubou-o e prendeu-o no chão... mas foi como se a gravidade se tivesse invertido e, de repente, ela percebeu que Rowan virara o jogo ao contrário. Agora, estava ele por cima, segurando-a contra o chão.

Embora o pudesse virar de novo (tinha apoio suficiente), Citra não o fez. Naquela posição, era como se o coração dele lhe estivesse a bater dentro do peito... e ela descobriu que queria saborear aquela sensação um pouco mais. Queria senti-lo mais do que queria vencer o combate.

O que a deixou furiosa. O suficiente para se livrar dele e impor algum espaço entre ambos. Não havia nenhuma linha, nenhuma rede, nada que os mantivesse separados a não ser o muro da sua própria vontade. Todavia, era um muro que não parava de perder tijolos.

O Ceifador Yingxing fez sinal para indicar o fim do combate. Citra e Rowan curvaram-se numa ligeira vénia diante um do outro e retomaram os seus lugares em lados opostos do círculo enquanto outros dois avançavam para lutar. A rapariga assistiu ao combate com atenção redobrada, decidida a não olhar para Rowan nem uma única vez.

11

Indiscrições

Citra e Rowan nem sempre estavam juntos nas colheitas. Por vezes, o Ceifador Faraday levava apenas um dos dois. A pior colheita que Citra presenciou ocorreu no início de maio, apenas uma semana antes do Conclave Vernal, o primeiro de três conclaves aos quais ambos assistiriam durante o noviciado.

A sua presa era um homem que tinha acabado de reiniciar o contador e reposto a idade nos vinte e quatro. Ele estava em casa a jantar com a mulher e os dois filhos, que pareciam ter sensivelmente a mesma idade de Citra. Quando Faraday anunciou por quem estavam ali, a família começou a chorar e o homem esgueirou-se para um quarto.

O ceifador tinha escolhido uma pacífica sangria, mas não foi isso que aconteceu. Quando ele e Citra entraram no quarto, esperava-os uma emboscada. O homem estava em plena forma física e, com a arrogância do seu novo rejuvenescimento, recusou a colheita e confrontou o ceifador, partindo-lhe o maxilar com um valente soco. Citra foi em auxílio do seu mentor com algumas das suas manobras de Bokator que Yingxing entretanto lhe ensinara... e depressa ficou a saber que aplicar uma arte marcial na vida real era muito diferente de praticá-la num dojo. O homem enxotou-a e avançou para Faraday, que ainda estava a tentar recuperar do golpe que sofrera.

Citra saltou e agarrou-se a ele de novo, renunciando a tudo o mais que não fosse tentar arrancar-lhe os olhos e puxar-lhe os cabelos. Distraiu-o o suficiente para o ceifador sacar de um facão de caça que escondera na túnica e, então, cortar-lhe a garganta. O homem estava a tentar respirar enquanto as mãos se agarravam ao pescoço numa tentativa vã de travar o fluxo de sangue.

E o Ceifador Faraday, com uma mão no maxilar (que já estava a inchar), perguntou-lhe não com malícia, mas com uma grande tristeza:

— Tem noção das consequências do que acabou de fazer?

O homem não lhe conseguiu responder. Caiu no chão a tremer, ofegante. Citra acreditava que, depois de uma ferida como aquela, a morte seria instantânea; aparentemente, não era o caso. Ela nunca tinha visto tanto sangue.

— Fica aqui — disse-lhe o ceifador. — Trata-o com gentileza e deixa que sejas a última coisa que ele vê.

Então, saiu do quarto. Citra sabia o que ele ia fazer. A lei era muito clara no que respeitava às consequências de fugir ou resistir à colheita. Não podia fechar os olhos porque tinha instruções no sentido contrário, mas desejou que pudesse haver uma maneira de tapar os ouvidos, porque sabia o que estava prestes a acontecer na sala de estar.

Começou com as súplicas da mulher pela vida dos seus filhos, os quais não paravam de soluçar, desesperados.

— Não implore! — ouviu ela o ceifador exclamar abruptamente. — Mostre aos seus filhos mais coragem do que aquela que o seu marido demonstrou.

Citra manteve o olhar fixo no moribundo até que, finalmente, a vida se extinguiu dos seus olhos. Então, preparou-se para o que estava para vir antes de ir ter com o Ceifador Faraday.

Os dois filhos estavam no sofá e os seus soluços haviam-se reduzido a gemidos chorosos. A mulher encontrava-se de joelhos, sussurrando-lhes, consolando-os.

— Já terminou? — perguntou Faraday com impaciência.

Finalmente, a mulher levantou-se. Tinha lágrimas nos olhos, embora já não houvesse nenhum vestígio de súplica neles.

— Faça o que tem de fazer — disse ela.

— Muito bem. Aplaudo a sua força. Ora, acontece que o seu marido não resistiu à colheita. — Levou a mão ao rosto inchado. — Todavia, eu e a minha noviça tivemos um desentendimento do qual resultaram estes ferimentos.

A mulher limitava-se a olhar para ele com a boca ligeiramente aberta. Assim como Citra. O ceifador virou-se para a rapariga com um olhar ameaçador:

— A minha noviça receberá uma severa punição por me ter feito frente. — Faraday voltou-se então para a mulher. — Ajoelhe-se, por favor.

Em vez de se ajoelhar, a mulher praticamente desabou.

Faraday estendeu-lhe o anel.

— Como é costume, você e os seus filhos receberão imunidade à colheita durante um ano, deste preciso momento em diante. Façam o favor de me beijar o anel.

A mulher beijou-o repetidas vezes.

***

O ceifador pouco ou nada disse depois de partirem. Apanharam um autocarro porque, sempre que possível, Faraday evitava usar os publicarros. Considerava-os uma extravagância.

Quando se apearam na respetiva paragem, Citra atreveu-se a falar: — Vou ser castigada por lhe ter partido o maxilar?

Ela sabia que no dia seguinte Faraday estaria curado, mas a cura dos nanorrobôs não era imediata. O ceifador ainda estava com um aspeto medonho.

— Não vais falar com ninguém sobre isto — disse-lhe ele severamente. — Nem sequer o vais comentar no teu diário, estamos entendidos?

Ninguém nunca há de ficar a saber da indiscrição daquele homem.

— Sim, Ilustre.

Queria dizer-lhe quanto o admirava pelo que acabara de fazer, por ter preferido a compaixão à obrigação. Em cada colheita havia uma lição a aprender, e a daquele dia era uma que ela tão cedo não esqueceria. A santidade da lei... e a sabedoria para saber quando a quebrar.

***

Por mais que tentasse ser uma noviça exemplar, Citra não era imune às indiscrições. Uma das suas tarefas noturnas consistia em levar um copo de leite momo a Faraday antes de ele dormir.

— Como na minha infância, o leite morno suaviza as arestas do dia — explicara-lhe o ceifador. — No entanto, decidi prescindir do biscoito que antes o acompanhava.

Para ela, a ideia de um ceifador se consolar com leite e biscoitos antes de dormir raiava o absurdo, embora imaginasse que até um agente da morte tinha direito aos seus prazeres culpados.

Todavia, depois de uma colheita difícil, era bastante frequente dar-se o caso de o ceifador acabar por adormecer antes de ela entrar no quarto à hora combinada para lhe levar o leite. Nessas ocasiões, ela mesma o bebia ou dava-o a Rowan, porque o Ceifador Faraday deixara bem claro que naquela casa nada se desperdiçava.

Na noite daquela colheita medonha, Citra deixou-se ficar mais um pouco no

quarto.

— Ceifador Faraday — disse ela baixinho. Depois, chamou-o de novo. Não teve resposta. Pela respiração, sabia que ele estava a dormir.

Havia um objeto na mesa de cabeceira. Para dizer a verdade, estava lá todas as noites.

O anel.

Captava a luz oblíqua que vinha do corredor. Não obstante a escuridão, o anel brilhava.

Ela bebeu o leite de um gole e pousou o copo na mesa de cabeceira; assim, o ceifador havia de ver pela manhã que o tinha tomado e que não fora desperdiçado. Então, ela ajoelhou-se, com os olhos fixos no anel. Perguntou a si mesma qual seria o motivo pelo qual Faraday não dormia com ele, mas receava que perguntar pudesse ser intrusivo.

Quando recebesse o seu (se o recebesse), ainda conservaria o solene mistério que agora lhe transmitia, ou passaria a ser algo banal? Alguma vez ela havia de o encarar como uma coisa certa, um dado adquirido?

Estendeu o braço, mas encolheu-o quase de imediato. Então, voltou a estendê-lo e, com cuidado, pegou no anel. Virou-o entre os dedos para ver como refletia a luz. A pedra era grande, do tamanho de uma bolota. Constava que era um diamante, mas havia uma escuridão no seu centro que o diferenciava de um mero anel da referida pedra. Havia algo no núcleo daquela joia, mas ninguém sabia o que era. Talvez nem mesmo os ceifadores soubessem, pensou ela. O centro não era exatamente negro; era antes uma profunda descoloração que variava consoante a luz, como às vezes acontece com os olhos das pessoas.

Então, ao olhar para o ceifador, deu conta de que os seus olhos estavam abertos, a observá-la.

Ficou paralisada, ciente de que fora apanhada em flagrante, de que não podia alterar esse facto se devolvesse o anel ao seu lugar.

— Não o queres experimentar?

— Não. Peço desculpa, não lhe devia ter tocado.

— Não devias, mas tocaste.

Citra deu por si a pensar se ele teria estado sempre acordado.

— Vamos lá — disse ele. — Experimenta-o. Faço questão. Ela hesitou, mas

fez o que lhe era dito porque, não obstante a sua resposta, sim, queria experimentá-lo.

Parecia-lhe quente no dedo. Fora feito para o ceifador, pelo que lhe ficava grande a ela. Também pesava mais do que imaginara.

— Não tem receio de que lho possam roubar? — perguntou.

— Para dizer a verdade, não. Qualquer um que seja suficientemente tolo para roubar o anel de um ceifador rapidamente se vê removido deste mundo, pelo que deixa de ser um problema.

O anel estava a ficar notoriamente mais frio.

— Todavia, não deixa de ser uma peça cobiçada, não achas? — perguntou-lhe Faraday.

De repente, Citra percebeu que o anel não estava apenas frio; parecia gelado. Numa questão de segundos, o metal ficou branco, como se estivesse coberto de geada, e ela sentiu uma dor tão intensa no dedo que gritou e o arrancou do dedo. A joia foi cair no extremo do quarto.

Não era só o dedo anelar que estava gravemente gelado, eram também aqueles com os quais ela tinha tirado o anel. Citra reprimiu um gemido. Podia sentir agora o calor da morfina que os nanorrobôs curativos haviam entretanto libertado no seu corpo. Estava a ficar tonta, mas obrigou-se a manter-se alerta.

— É uma medida de segurança que eu mesmo instalei — explicou o ceifador. — Um *microchip* congelante nas configurações. Deixa-me ver. — Acendeu o candeeiro da mesa de cabeceira e pegou na mão dela para a examinar. A carne no nó do dedo estava azul-pálida e rígida em virtude do congelamento. — Na Era da Mortalidade, podias ter perdido o dedo, mas acredito que os teus nanorrobôs já estão a reparar os danos. — Largou-lhe a mão.— Amanhã de manhã já estás boa. Talvez para a próxima penses duas vezes antes de tocar em algo que não te pertence. — Foi buscar o anel, pousou-o na mesa de cabeceira e entregou o copo vazio a Citra. — De agora em diante, é o Rowan quem me vem trazer o leite — anunciou.

Citra sentia-se mais rasa do que um chinelo.

— Lamento tê-lo desiludido, Ilustre. Tem toda a razão, não mereço trazer-lhe o leite.

Ele alçou uma sobrancelha.

— Não percebeste nada. Isto não é um castigo. A curiosidade é humana; eu

simplesmente permiti que fizesses isto de uma vez para o tirares da cabeça. E devo dizer que demoraste bastante. — Brindou-a com um sorrisinho cúmplice. — Vamos ver quanto tempo o Rowan demora até deitar a mão ao anel.

12

Não há espaço para mediocridade

— A Ceifa é o único corpo autónomo do mundo — explicou o Ceifador Faraday. — O Cúmulo-Nimbo governa o resto da Humanidade, mas não a Ceifa. É por isso que realizamos conclaves três vezes por ano para resolver disputas, rever as nossas políticas e lamentar a perda das vidas que tomámos.

Faltavam menos de sete dias para o Conclave Vernal, que decorreria durante a primeira semana de maio. Rowan e Citra haviam estudado o suficiente sobre a estrutura da Ceifa para saber que todas as vinte e cinco regiões do mundo realizavam os seus conclaves no mesmo dia e que naquela altura havia trezentos e vinte e um ceifadores na região deles, que abrangia o coração do continente norte-Mericano.

— O Conclave MesoMericano é muito importante — continuou Faraday — porque geralmente define as tendências para grande parte do mundo. Existe até uma expressão: «Aonde quer que a MesoMérica for, o resto do planeta vai atrás.» Os ceifadores Grão-Carrascos do Conclave Global estão sempre de olho em nós.

O ceifador explicou-lhes que seriam examinados em cada um desses conclaves:

— Desconheço a natureza do vosso primeiro teste, razão pela qual deveis estar o mais bem preparados que vos for possível em todos os aspetos da vossa formação.

Rowan descobriu que tinha um milhão de perguntas sobre o conclave, mas guardou-as para si, antes deixando que fosse Citra a fazê-las, especialmente porque as perguntas irritavam o Ceifador Faraday, que nunca lhes respondia.

— Hão de descobrir o que têm de saber quando lá chegarem — disse-lhes o ceifador. — Por agora, devem dedicar toda a vossa atenção ao treino e aos estudos.

Rowan nunca fora um aluno excecional, mas por opção — ser muito bom ou muito mau chamava a atenção. Por mais que detestasse ser a alface, era a sua zona de conforto.

— Se te aplicasses, não tenho dúvidas de que estarias entre os primeiros da

turma — dissera-lhe o professor de Ciências depois de ele ter a nota mais alta no exame intermédio do ano anterior.

Ele só fizera aquilo para verificar se era capaz. Agora que sabia, não via grande necessidade de o repetir. Fizera-o por muitas razões, uma das principais sendo a sua própria ignorância a respeito dos ceifadores naqueles tempos anteriores ao noviciado. Pensava que, se fosse um aluno excecional, tornar-se-ia um alvo. Alegadamente, um amigo de um amigo tinha sido colhido aos onze anos porque era o mais inteligente do quinto ano. Não era mais do que um mito urbano, mas Rowan acreditava nele o suficiente para fazer de tudo para não se destacar. Dava por si a pensar se os outros também fariam o mesmo por receio de serem colhidos.

Ele não estava acostumado a ser tão estudioso. Era cansativo e havia muito mais do que Química, História Pós-Mortal e escrever um diário. Também tinham Metalurgia Aplicada às Armas, Filosofia da Mortalidade, Psicologia da Imortalidade, e Literatura da Ceifa, desde poesia à sabedoria que podia ser encontrada nos diários dos ceifadores famosos. E, claro, as estatísticas matemáticas às quais o Ceifador Faraday tanto recorria.

Não havia espaço para mediocridade, muito menos agora com o conclave a menos de uma semana.

Não obstante, Rowan sentiu-se forçado a levantar uma questão sobre o acontecimento:

— Somos desqualificados se não passarmos no teste?

O ceifador demorou o seu tempo antes de responder:

— Não, mas *haverá* uma consequência — embora não lhes explicasse qual poderia ser, pelo que o rapaz concluiu que não saber era mais assustador do que saber.

Poucos dias antes do início do conclave, ele e Citra decidiram ficar acordados até tarde a estudar na sala de armas. Rowan deu por si a passar pelas brasas, mas acordou num sobressalto quando Citra fechou um livro com excessiva energia.

— Detesto isto! — declarou a rapariga. — Cerberina, acónito, cicuta, polónio... os venenos já começam a misturar-se todos na minha cabeça.

Tenho a certeza de que a mistura mataria qualquer um mais depressa disse-lhe Rowan com um sorrisinho maldoso.

Ela cruzou os braços.

— E *tu*, já sabes os venenos todos?

— Só temos de saber quarenta quando chegar a altura do conclave — referiu ele.

— E tu já os sabes?

— Hei de saber.

— Qual é a fórmula molecular da tetrodotoxina?

Ele teria preferido ignorá-la, mas não conseguia resistir a um desafio. Talvez a natureza competitiva de Citra começasse a contagiá-lo.

— $C_{11}H_{17}N_3O_6$.

— Errado! — exclamou ela, apontando-lhe um dedo. — É O_8, não O_6. Falhaste!

Ele não se ia deixar apanhar porque sabia que a rapariga só estava a tentar enervá-lo para não ser a única.

— Imagino que sim — disse Rowan, e tentou voltar aos estudos.

— Não te incomoda nem um pouco?

Ele respirou fundo e fechou o livro. Quando Faraday começara a ensiná-los, Rowan achava que usar livros a sério, à moda antiga, era muito pouco motivador. Com o tempo, chegara à conclusão de que havia algo muito gratificante no virar das páginas e que (como Citra já havia descoberto) fechar um livro com força tinha o seu quê de catártico.

— Claro que me incomoda. Mas vou dizer-te como é que vejo isto: sabemos que eles não nos vão desqualificar e que não nos podem colher; melhor ainda, temos mais duas oportunidades para compensar qualquer asneira antes que um de nós seja escolhido. Quaisquer que sejam as consequências se falharmos a primeira ronda de testes, se tal acontecer com algum de nós, havemos de resolver a questão.

Citra afundou-se na cadeira.

— Eu nunca falho — disse ela, mas não pareceu muito convencida.

Estava a fazer um beicinho cujo efeito era deixar Rowan com uma terrível vontade de sorrir, embora não o fizesse porque sabia que só a deixaria furiosa. Na realidade, ele até gostava de a ver danada; todavia, tinham demasiado

trabalho pela frente para perder tempo com distrações emocionais.

Pôs de parte o livro de Toxicologia e agarrou no de Identificação de Armas. Eles tinham de ser capazes de reconhecer trinta diferentes, além de dominar o respetivo uso e conhecer a sua história ao pormenor. Rowan estava mais preocupado com isso do que com os venenos. Arriscou-se a olhar para Citra, que deu por isso, pelo que ele teve de fazer um esforço para não voltar a olhar.

— Eu havia de sentir a tua falta — largou ela, de repente.

— O que queres dizer com isso? — perguntou ele, levantando a cabeça; mas Citra desviou o olhar.

— Quero dizer que, se a desqualificação fizesse parte das regras, eu havia de sentir a tua falta.

Passou-lhe pela cabeça pegar na mão dela, que estava pousada na mesa. Mas a mesa era grande e a mão estava demasiado longe para que o resultado não fosse disparatadamente embaraçoso. Mesmo que estivessem mais perto um do outro, teria sido uma loucura.

— Mas as regras não são assim, o que quer dizer que, aconteça o que acontecer, vais ter de me aturar durante mais oito meses — disse-lhe ele.

Ela deixou escapar um sorriso.

— Sim. De certeza que já hei de estar fartinha de ti até lá.

Foi a primeira vez que Rowan admitiu que Citra talvez não o detestasse tanto quanto ele pensava.

13

O Conclave Vernal

Fulcrum City era uma metrópole pós-mortal situada praticamente no centro da MesoMérica. Ali, à beira do rio, discreta entre os elevados pináculos de uma elegante vida urbana, situava-se uma venerável estrutura de pedra, impressionante pela sua solidez, embora não pela sua altura. As colunas e arcos de mármore sustentavam uma grande cúpula de bronze. Era uma obstinada homenagem à Grécia Antiga e ao Império Romano, os alicerces da civilização. Ainda lhe chamavam o Edifício do Capitólio porque em tempos aquela havia sido a capital do estado, quando ainda existiam Estados, nos dias anteriores à obsolescência do governo. Agora, tinha a honra de albergar os escritórios administrativos da Ceifa MesoMericana, bem como o respetivo conclave que ali se realizava três vezes por ano.

***

No dia do Conclave Vernal estava a chover.

De um modo geral, Citra não se importava com a chuva, mas não lhe estava a fazer bem nenhum aquela combinação de um dia cinzento com um dia de pura tensão. Por outro lado, um dia de sol teria parecido uma zombaria. Não podia existir um bom dia para alguém ser apresentado a uma intimidante elegia de ceifadores.

Fulcrum City situava-se a apenas uma hora de hipercomboio, mas, como seria de esperar, o Ceifador Faraday considerava aquele meio de transporte uma extravagância desnecessária.

— Além disso, gosto de contemplar a paisagem e não de viajar num túnel sem janelas. Sou um ser humano, não uma toupeira.

Num comboio convencional a viagem demorava seis horas, e a verdade é que Citra apreciou as vistas ao longo do caminho, embora tivesse passado a maior parte do tempo a estudar.

A cidade ficava na margem do rio Mississippi. Ela lembrava-se de que antes havia um gigantesco arco de prata na margem, que algo chamado «terrorismo» tinha destruído na Era da Mortalidade. Ela teria estudado mais sobre o assunto se não estivesse tão concentrada nos seus venenos e nas suas armas.

Chegaram na noite anterior ao conclave e instalaram-se num hotel no centro da cidade. A manhã chegou depressa demais.

Quando Citra, Rowan e o Ceifador Faraday saíram do hotel àquela hora terrível, seis e meia da manhã, as pessoas na rua começaram a aproximar-se para lhes oferecer os seus guarda-chuvas; preferiam molhar-se a ver um ceifador e os seus noviços desprotegidos à chuva.

— Eles sabem que optou por dois noviços em vez de um? — perguntou Citra.

— É claro que sabem — disse Rowan —, porque é que não haviam de saber?

No entanto, o silêncio de Faraday foi um nítido sinal de alarme para Citra.

— Consultou a Suma Lâmina, não consultou, Ilustre Ceifador Faraday?

— Descobri que, quando se trata da Ceifa, é melhor pedir perdão do que permissão — foi a resposta que ele lhes deu.

Citra lançou a Rowan um olhar de eu-bem-te-disse e ele inclinou o guarda-chuva para não ter de a ver.

— Não há de ser um problema — assegurou-lhes Faraday, embora não lhes parecesse muito convencido.

A rapariga voltou a olhar para o seu companheiro, que já não estava protegido pelo guarda-chuva.

— Será que sou a única preocupada com isto?

Rowan encolheu os ombros.

— Temos imunidade até ao Conclave Invernal e não pode ser revogada, toda a gente sabe isso. Qual é a pior coisa que nos poderiam fazer?

***

Alguns ceifadores iam chegando ao Capitólio a pé, como eles; outros, em publicarros; outros, em carros particulares, e vários em limusinas.

Em ambos os lados da ampla escadaria de mármore que dava acesso ao edifício haviam sido instalados cordões para manter afastados os mirones, além de agentes da paz e membros da Guarda da Lâmina, que era a força de segurança de elite da Ceifa. Os ceifadores que iam chegando estavam protegidos do público que tanto os adorava, embora não houvesse ninguém que protegesse o público deles.

— Detesto esta «passadeira vermelha» — disse Faraday, referindo-se à

subida dos degraus de acesso ao conclave. — Ainda é pior quando não está a chover. A multidão chega a atingir doze filas de profundidade atrás das cordas.

Naquele dia, seria talvez metade. Nem passara pela cabeça de Citra que as pessoas haviam de querer ir assistir à chegada dos ceifadores ao conclave, embora, obviamente, todos os eventos com celebridades atraíssem espetadores; como tal, porque não uma reunião de ceifadores? Alguns dos observados cumprimentavam a multidão quase por obrigação, enquanto outros interagiam com as pessoas, beijando bebés e distribuindo imunidades aleatórias. Citra e Rowan seguiram o exemplo de Faraday, que se limitava a ignorar os presentes por completo.

Havia dezenas de ceifadores no vestíbulo de entrada. Entretinham-se a retirar as capas de chuva e túnicas de todas as cores e texturas iam-se tornando visíveis. Era um arco-íris que evocava tudo menos a morte, e Citra sabia que era precisamente essa a intenção: os ceifadores queriam ser vistos como as muitas facetas da luz, não das trevas.

Passando um grande arco, entrava-se numa câmara ainda maior sob uma abóbada central, uma rotunda na qual centenas de ceifadores se cumprimentavam e conversavam descontraidamente em redor de um elaborado pequeno-almoço servido no centro. Citra perguntou a si mesma quais poderiam ser os temas da conversa. As ferramentas da colheita? O tempo? A fricção das túnicas contra a pele? Estar na presença de um único ceifador já era intimidante — estar cercada por centenas deles era o suficiente para qualquer um se ir abaixo.

O Ceifador Faraday inclinou-se e dirigiu-se aos seus noviços num sussurro:

— Estão a ver aquele? — Apontou para um homem careca com uma grande barba. — É o Ceifador Arquimedes, um dos mais antigos ainda vivo. Há de dizer-vos que estava presente no Ano do Condor, quando a Ceifa foi inicialmente formada, mas é mentira. Não é assim *tão* antigo! E ali... — Apontou para uma mulher com longos cabelos prateados e túnica cor de lavanda. — Aquela é a Ceifadora Curie.

— A Grande Dama da Morte? — murmurou Citra quase sem fôlego.

— Assim o dizem.

— É verdade que ela ceifou o último presidente, antes de o Cúmulo-Nimbo assumir o controlo?

— E o respetivo gabinete, sim. — Faraday olhou para ela, talvez um pouco

melancólico, na opinião de Citra. — Naquela altura, os seus atos foram considerados bastante controversos.

A mulher apanhou-os a olhar para ela e virou-se na sua direção. Citra ficou gelada quando os penetrantes olhos cinzentos da ceifadora se fixaram nela. Curie sorriu então aos três, assentiu e regressou à sua conversa.

Havia um grupo de outros quatro ou cinco ceifadores perto da entrada da câmara da assembleia, cujas portas ainda estavam fechadas. Usavam túnicas de cores brilhantes e cravejadas de pedras preciosas. O centro da sua atenção era um homem de túnica azul-real encastoada, aparentemente, com diamantes. Disse qualquer coisa e os outros riram-se tanto que só podia ser bajulação.

— Quem é aquele? — quis saber Citra. A expressão de Faraday azedou imediatamente.

— Aquele — respondeu, sem sequer tentar esconder o seu desagrado — é o Ceifador Goddard, e é melhor evitar-lhe a companhia.

— Goddard... não é o mestre das colheitas em massa? — interveio então Rowan.

— Onde foi que ouviste isso? — Faraday parecia um pouco preocupado.

— Tenho um amigo que é obcecado por esses assuntos e ouve umas coisas — respondeu o rapaz com um encolher de ombros.

Citra arquejou ao perceber que já tinha ouvido falar de Goddard, não por causa do nome, mas pelos seus atos. Ou, mais precisamente apenas ouvira rumores, porque nunca havia nenhum relatório oficial. Mas, tal como Rowan dissera, ouviam-se coisas.

— É aquele que colheu um avião inteiro?

— Porque é que queres saber? — perguntou Faraday depois de a brindar com um olhar frio e acusatório. — É algo que te impressione?

— Não, antes pelo contrário — respondeu ela, abanando a cabeça, embora não pudesse deixar de se sentir um pouco deslumbrada com a forma como a túnica de Goddard refletia a luz. Acontecia o mesmo com todos; era certamente essa a intenção.

Não obstante, aquela não era a túnica mais ostensiva naquele espaço. Entre a multidão movimentava-se um ceifador numa esplêndida túnica dourada. O homem era tão grande que a dita túnica quase parecia uma tenda.

— Quem é o gordo? — perguntou Citra.

— Parece importante — comentou Rowan.

— Com efeito — respondeu Faraday. — O gordo, como lhe chamaste, é o Suma Lâmina, o homem mais poderoso da Ceifa MesoMericana. Preside ao nosso conclave.

O Suma Lâmina movimentava-se entre os presentes como um grande planeta gasoso que distorcia o espaço em seu redor. Poderia ter ajustado os seus nanorrobôs para eliminar pelo menos uma parte do seu volume, mas era nítido que optara por não o fazer. Essa escolha era uma afirmação óbvia e todo aquele tamanho fazia dele uma figura imponente. Quando viu Faraday, pediu licença aos seus interlocutores e foi ter com eles.

— Ilustre Ceifador Faraday, é sempre um prazer vê-lo. — Usou ambas as mãos para apertar a de Faraday no que pretendia ser uma saudação cordial, embora resultasse artificial e forçada.

— Citra, Rowan, apresento-vos o Suma Lâmina Xenócrates — disse o ceifador antes de se voltar de novo para o homem corpulento. — Estes são os meus novos noviços.

Xenócrates demorou um momento a avaliá-los.

— Um duplo noviciado — observou ele jovialmente. — Acho que e uma novidade. A maioria dos ceifadores já tem problemas de sobra só com um.

— O melhor contará com a minha bênção para receber o anel.

— E o outro — acrescentou o Suma Lâmina — ficará profundamente desiludido, não duvido. — Afastou-se para ir cumprimentar outros ceifadores que tinham acabado de escapar à chuva.

— Estás a ver? — comentou Rowan. — E tu tão preocupada.

Mas, para Citra, não havia nada que se assemelhasse a um resquício de sinceridade naquele homem.

***

Rowan *estava* nervoso, embora não o quisesse admitir. Sabia que, se o dissesse, deixaria Citra ainda mais preocupada, o que por sua vez o preocuparia ainda mais. Como tal, engoliu o medo e as dúvidas, e manteve os ouvidos e os olhos bem abertos para ir registando tudo o que estava a acontecer à sua volta. Havia outros noviços. Ouviu dois comentarem que aquele era o «grande dia»: um rapaz e uma rapariga, ambos mais velhos do que ele, com cerca de dezoito ou dezanove anos, iam receber os seus anéis e tornar-se ceifadores iniciantes. A

rapariga queixava-se do facto de terem de esperar que uma comissão aprovasse as suas colheitas durante os primeiros quatro anos.

— Cada uma delas — reclamava ela. — Como se fôssemos bebés.

— Pelo menos o noviciado não dura quatro anos — comentou Rowan, tentando entrar na conversa. Ambos o olharam com uma certa aversão. — Quer dizer, para obter um diploma universitário são precisos quatro anos, certo? — Ele sabia que só estava a enterrar-se cada vez mais, mas já tinha começado e não podia ficar por ali. — Pelo menos, não é preciso tanto tempo para conseguir uma licença de colheita.

— Quem raio és tu? — perguntou-lhe a rapariga.

— Não lhe dês importância, não passa dum *espata*.

— Dum quê? — Rowan já tinha sido chamado muitas coisas, mas nunca aquilo.

Ambos o brindaram com um sorriso presunçoso.

— Mas tu não sabes nada? — perguntou a rapariga. — «Espata», de espátula. É o que chamam aos noviços, porque não servem para nada a não ser virar os hambúrgueres do vosso ceifador.

Rowan riu-se com gosto, o que só serviu para os irritar ainda mais.

Citra aproximara-se entretanto.

— Então, se nós somos espátulas, o que é que vocês são? Tesouras de ponta redonda? Ou não passam de um par de ferramentas?

O rapaz parecia prestes a atacá-la.

— Quem é o teu ceifador? Devia ficar a saber desta falta de respeito.

— Sou eu — respondeu Faraday, pousando a mão no ombro de Citra. — E tu não mereces o respeito de ninguém enquanto não receberes o teu anel.

O rapaz pareceu perder uma boa mão-travessa de altura.

— Ilustre Ceifador Faraday! Peço desculpa, eu não sabia. — A rapariga deu um passo para trás, como se quisesse distanciar-se dele.

— Desejo-vos boa sorte para hoje — acrescentou o ceifador num gesto magnânimo que nenhum deles merecia.

— Obrigada — respondeu a rapariga —, mas, se me permite dizer, a sorte não tem nada que ver com a questão. Ambos treinámos muito e os nossos

ceifadores ensinaram-nos bem.

— É bem verdade — admitiu Faraday. Os dois afastaram-se com um baixar de cabeça tão respeitoso que praticamente raiava uma vénia.

Quando já só estavam os três, Faraday virou-se para Rowan e Citra:

— A rapariga vai receber o anel hoje, mas ele será rejeitado.

— Como é que sabe? — perguntou-lhe Rowan.

— Tenho amigos na comissão de atribuição. O rapaz é inteligente, mas perde a calma com demasiada facilidade. É uma falha fatal que não pode ser tolerada.

Por mais que o achasse irritante, Rowan não pôde deixar de sentir um pouco de pena do rapaz.

— O que acontece aos rejeitados?

— São devolvidos às suas famílias para retomarem as suas vidas onde as deixaram.

— Mas a vida nunca mais pode ser a mesma depois de um ano de treino para ceifador.

— É verdade, embora nada de mau possa resultar de uma maior compreensão do que significa ser um ceifador.

Ainda que assentisse em resposta, Rowan pensou que, para alguém tão sábio, aquela afirmação parecia muito ingénua. A formação dos ceifadores era um processo que deixava marcas; eram marcas intencionais, mas não deixavam de o ser.

A rotunda ia-se enchendo cada vez mais, e as paredes, o pavimento e a cúpula de bronze faziam as vozes ecoar numa cacofonia. Rowan tentou ouvir mais conversas individuais, mas perdiam-se no burburinho. Faraday tinha-lhes dito que as grandes portas de bronze que davam para a assembleia abriam às sete horas da manhã em ponto e que os ceifadores sairiam de lá assim que batessem as sete da tarde. Doze horas para resolver toda e qualquer questão. Tudo o que ficasse por decidir teria de esperar quatro meses, até ao conclave seguinte.

— Nós primeiros tempos — explicou ele quando as portas se abriram para deixar a multidão entrar —, um conclave durava três dias. Mas eles descobriram que após o primeiro dia a reunião degenerava em pouco mais do que poses e discussões: Continuamos a ter uma grande dose do mesmo, claro, só que abreviada. Beneficia-nos a todos avançar rapidamente na agenda.

A câmara era um enorme hemiciclo com uma grande plataforma de madeira

à frente, onde se sentava o Suma Lâmina, e duas cadeiras um pouco mais baixas, uma de cada lado, para o Secretário do Conclave, responsável pelas atas, e para o Parlamentar, que interpretava as regras e procedimentos se e quando surgiam dúvidas. O Ceifador Faraday havia-lhes explicado o suficiente sobre a estrutura de poder da Ceifa para que Rowan soubesse tudo aquilo.

O primeiro ponto do dia, uma vez sentados todos os presentes, foi o Timbre dos Nomes. Um a um, sem nenhuma ordem em particular, os ceifadores dirigiam-se à frente da sala para recitar os nomes de diversas pessoas que tinham colhido durante os quatro meses anteriores.

— Não podemos recitá-los todos — dissera-lhes Faraday — Com mais de trezentos ceifadores, haviam de ser mais de vinte e seis mil nomes. Devemos escolher dez. Aqueles que melhor recordamos, aqueles que morreram com mais bravura, aqueles cujas vidas mais se distinguiram.

Depois de pronunciado cada nome, uma solene e grave sineta de ferro soava. Rowan gostou que Faraday incluísse o nome de Kohl Whitlock.

O Timbre dos Nomes não tardou a entediar Citra. Mesmo reduzindo o número de cada para dez, a recitação durou quase duas horas. Era muito nobre os ceifadores decidirem homenagear os colhidos, mas, se contavam com apenas doze horas para resolver três meses de trabalho, ela não via sentido naquilo.

Não havia uma agenda escrita, pelo que nem ela nem Rowan tinham como saber o que estava para vir, e o Ceifador Faraday apenas lhes explicava as coisas conforme iam acontecendo.

— Quando é o nosso teste? Vão levar-nos para outro lugar para o fazer? — quis ela saber, mas Faraday mandou-a calar.

Após o Timbre dos Nomes, o ponto seguinte era uma lavagem cerimonial das mãos. Todos os ceifadores se levantaram e fizeram fila diante de duas bacias, uma de cada lado da plataforma. Mais uma vez, Citra achou um desperdício.

— Tanto ritual... É como se estivéssemos nos cultos tonistas — comentou ela quando Faraday voltou para o seu lugar com as mãos ainda molhadas.

O homem debruçou-se sobre ela.

— Não deixes que nenhum dos outros ceifadores te oiça dizer isso — sussurrou ele.

— Sente-se mais limpo depois de enfiar as mãos numa água por onde já

passaram outras cem?

Faraday suspirou.

— Oferece-nos algum conforto. Une-nos como uma comunidade. Não menosprezes as nossas tradições; um dia poderão ser as tuas.

— Ou não — provocou-a Rowan.

Citra mudou desconfortavelmente de posição na cadeira e resmungou:

— É só que me parece uma perda de tempo.

Faraday devia saber que a sua verdadeira razão de queixa era não saber quando iriam ser apresentados ao conclave e levados para fazer o teste. Citra não era rapariga para aguentar muito tempo sem saber o que se ia passar. Talvez fosse por isso que Faraday fazia questão de que assim fosse. Estava constantemente a provocá-los nos seus pontos fracos.

Em seguida, foram designados alguns ceifadores que haviam demonstrado preconceito nas suas colheitas. Aquilo interessou um pouco a Citra, uma vez que lhe permitia uma melhor compreensão de como tudo funcionava nos bastidores.

Uma ceifadora tinha colhido muito poucas pessoas abastadas. Depois de uma reprimenda, foi-lhe destinado que apenas poderia colher entre os ricos desde aquele momento até ao conclave seguinte.

Outro ceifador tinha problemas com os índices raciais: um excesso de hispânicos e poucos africanos.

— É um resultado das características demográficas do meu local de residência — implorou ele. — As pessoas têm uma maior percentagem de hispânico nos seus índices pessoais.

Mas o Suma Lâmina Xenócrates não se deixou convencer.

— Nesse caso, terá de alargar o alcance da sua rede — disse-lhe ele.

— Colha noutra região.

Foi-lhe dito que teria de equilibrar os seus índices se não quisesse enfrentar uma punição, que consistiria em ter de sujeitar as suas futuras colheitas à aprovação prévia da comissão de seleção. Ver-se privado da sua liberdade de escolha na colheita era uma humilhação que nenhum ceifador desejava.

Dezasseis ceifadores foram repreendidos. Dez foram dispensados com uma advertência e os outros seis foram punidos. A situação mais estranha foi a de um ceifador que era demasiado bonito para o seu próprio bem. Teve direito a uma

advertência pela colheita de demasiadas pessoas pouco atraentes.

— Mas que ideia! — gritou um dos outros ceifadores. — Imaginem como seria o mundo se apenas colhêssemos os feios!

Um dito que mereceu a gargalhada geral da assembleia.

O ceifador tentou defender-se citando o velho ditado: «A beleza está nos olhos de quem a contempla», mas o Suma Lâmina não foi na conversa. Aparentemente, era a terceira transgressão da mesma natureza, pelo que o puseram em condicional permanente. Xenócrates declarou que ele poderia continuar a viver como um ceifador, mas não voltaria a colher «antes do próximo ano de um réptil».

— Isto é uma loucura comentou Citra apenas suficientemente alto para que Rowan e Faraday ouvissem. — Ninguém sabe que animais vão dar o nome aos próximos anos. Quer dizer, o último ano de um réptil foi o Ano da Osga, e isso foi antes de eu nascer.

— Precisamente! — exclamou Faraday só com uma pitada de regozijo culpado. — O que quer dizer que a punição pode terminar já para o ano ou nunca. Agora, ele há de passar o seu tempo todo a pressionar o departamento dos Calendários para que escolham um ano da lagartixa, do monstro de Gila ou de outro réptil qualquer que ainda não tenha sido usado.

Antes de encerrarem a secção dedicada às medidas disciplinares, outro ceifador foi chamado. Todavia, não se tratava de uma questão de preconceito.

— Tenho diante de mim uma missiva anónima — anunciou o Suma Lâmina — na qual o Ilustre Ceifador Goddard é acusado de atividades ilícitas.

A sala foi percorrida por um forte burburinho. Citra viu o Ceifador Goddard sussurrar para o seu círculo íntimo de confrades antes de se levantar.

— De que espécie de atividades ilícitas sou acusado?

— De crueldade desnecessária nas suas colheitas.

— E atrevem-se a acusar-me anonimamente! — exclamou ele. — Não posso acreditar que um confrade demonstrasse tamanha cobardia. Exijo que o acusador ou acusadora se revele.

Mais murmúrios na sala. Ninguém se levantou, ninguém assumiu a responsabilidade.

— Muito bem, recuso-me a responder a um acusador invisível — concluiu Goddard.

Citra esperava que o Suma Lâmina insistisse. Afinal, uma acusação de outro ceifador devia ser levada a sério...

— Bem — disse Xenócrates, pousando o papel —, se não houver mais nada, passaremos ao intervalo do meio da manhã.

E os ceifadores, os imponentes portadores da morte na Terra, começaram a sair em fila para a rotunda em busca do seu café com dónutes.

Uma vez na rotunda, Faraday aproximou-se mais dos seus noviços e disse:

— Não havia nenhum acusador anónimo — confidenciou. — Estou convencido de que foi o próprio Ceifador Goddard que se acusou.

— Por que razão é que ele havia de fazer tal coisa? — perguntou-lhe Citra.

— Para trocar as voltas aos seus inimigos. É o truque mais velho do mundo: se alguém o acusasse agora, todos haviam de pensar que era ele o cobarde anónimo. Assim, mais ninguém lhe fará frente neste conclave.

***

Rowan deu por si menos interessado nas encenações que ocorriam no interior da sala da assembleia do que nas coisas que aconteciam fora da mesma. Já estava a começar a entender o funcionamento da Ceifa, a forma como tudo realmente se passava. O que na realidade era mais importante não acontecia atrás daquelas portas de bronze, mas sim na rotunda e nas sombrias alcovas do edifício — as quais abundavam, muito provavelmente com esse preciso intuito.

As conversas matinais não tinham sido mais do que conversa de circunstância, mas agora, com o passar do dia, Rowan podia ver vários ceifadores reunidos durante o intervalo e formando pequenos grupos nos quais acordos paralelos eram traçados, alianças eram asseguradas e objetivos eram promovidos em segredo.

Ouviu um círculo que se preparava para propor a proibição de detonadores controlados à distância como método de colheita, não por questões éticas, mas porque o grupo de pressão das armas de fogo oferecera uma significativa contribuição a um determinado ceifador. Outra capelinha estava a tentar encaminhar um dos ceifadores mais novos para um cargo na comissão de seleção, para que ele pudesse influenciar as opções de colheita quando precisassem de as alterar.

A política do poder podia ser uma coisa do passado no resto do planeta, mas ainda estava bem viva e presente no seio da Ceifa.

O Ceifador Faraday não se juntou a nenhum dos conspiradores; mantinha-se sozinho e acima das politiquices mesquinhas, como talvez K metade dos ceifadores ali presentes.

Estamos a par das intrigas dos conspiradores — explicou ele enquanto se entretinha com um dónute recheado com geleia. — Eles só levam a melhor quando nós assim o entendemos.

Rowan fez questão de observar Goddard. Eram muitos os ceifadores que o procuravam para lhe falar. Outros cortavam-lhe na casaca em voz baixa. A sua comitiva de ceifadores iniciantes era um bando de exemplares multiculturais, no antigo sentido deste termo. Embora já ninguém possuísse uma etnogenética intacta, no círculo interno de Goddard eram visíveis traços que pendiam mais para uma etnia ou para outra: a rapariga de verde parecia ligeiramente pan-asiática, o homem de amarelo revelava pendores africanos, o de laranja não podia ser mais caucasoide e o próprio Goddard tendia ligeiramente para o hispânico. Tratava-se nitidamente de um ceifador que procurava a maior visibilidade possível: até a sua pomposa postura e exibição de equilíbrio étnico tinha como único objetivo fazer-se ver.

Embora Goddard nunca se voltasse para olhar, Rowan teve a nítida sensação de que sabia que ele estava a observá-lo.

***

Durante o resto da manhã, foram apresentadas propostas na sala da assembleia, sendo em seguida acaloradamente discutidas. Tal como o Ceifador Faraday havia dito, os conspiradores apenas levavam a sua avante quando o grosso da Ceifa, com princípios mais elevados, o permitia. A proibição dos detonadores remotos foi aprovada, e não graças a subornos dos lobistas das armas de fogo: ficou assim decidido porque mandar gente pelo ar em pedaços foi considerado vulgar, cruel e indigno da Ceifa. E foi rejeitado o jovem ceifador que se candidatara à comissão de seleção porque ninguém na referida comissão devia estar no bolso de ninguém.

— Um dia, gostava de fazer parte de uma comissão de ceifadores — disse Rowan.

Citra lançou-lhe um olhar estranho.

— Porque é que estás a falar como o Faraday?

— Quando em Roma... — E encolheu os ombros.

— Não estamos em Roma — recordou-lhe ela por sua vez. — Se

estivéssemos, teríamos um lugar bem mais fixe para o conclave.

Os restaurantes locais disputavam a oportunidade de servir o conclave, pelo que o almoço consistiu num bufe servido na rotunda e foi ainda mais luxuoso do que o do pequeno-almoço — e Faraday encheu bem o prato, o que não parecia nada dele.

— Não lhe levem a mal — disse-lhes a Ceifadora Curie num tom com tanto de melífluo como de incisivo. — Para aqueles de nós que levam a sério os nossos votos de austeridade, o conclave é a única ocasião em que nos permitimos o luxo de desfrutar de comida e bebida de qualidade. Lembra-nos de que somos humanos.

Rapariga de ideias fixas, Citra aproveitou a oportunidade para obter informações.

— Quando é que os noviços vão ser examinados?

Curie ofereceu-lhe um sorriso superior e puxou para trás o seu cabelo sedoso e prateado.

Aqueles que esperam receber o seu anel hoje foram examinados ontem à noite. Quanto aos outros, já não vai demorar muito — respondeu a mulher.

A frustração de Citra arrancou uma risadinha a Rowan, o que lhe mereceu um olhar furioso da sua parceira.

— Tu vê mas é se te calas e comes — disparou ela, e Rowan teve todo o gosto em fazer-lhe a vontade.

***

Por mais que Citra estivesse concentrada no teste iminente, começou a pensar no que iriam perder do conclave quando os noviços fossem levados para ser examinados. À semelhança de Rowan, encarava aquele encontro como uma oportunidade educacional ímpar. Poucas pessoas além dos ceifadores e dos seus novatos haviam testemunhado o processo, e mesmo essas poucas pessoas pouco mais tinham do que um relance — como a série de comerciais que apareceram depois do almoço, apenas com dez minutos cada para expor as virtudes do veneno ou da arma que estavam a tentar vender à Ceifa e, ainda mais importante, ao Mestre d’Armas, a quem cabia a decisão final no que respeitava às compras da Ceifa. Todos eles soavam como aquelas criaturas medonhas dos hologramanúncios: «Ela corta em cubos e fatias! Mas esperem, há mais!»

Um dos ditos comerciais estava a vender um veneno digital que

transformava os nanorrobôs da corrente sanguínea de uma pessoa em estuporzinhos famintos que devoravam a vítima por dentro em menos de um minuto. Teve mesmo o desplante de usar a palavra «vítima», o que logo virou os ceifadores contra ele. O Mestre d'Armas dispensou-o sem mais demora.

A comercial de maior sucesso oferecia um produto que dava pelo nome de Toque de Quietude, algo que mais parecia um produto de higiene feminina do que um dispositivo letal. A mulher que o vendia exibia um pequeno comprimido, mas não para o eleito — destinava-se ao ceifador.

— Se o tomardes com água, os vossos dedos começarão a segregar um veneno transdérmico numa questão de segundos. Com ele, podereis colher, instantaneamente e sem dor alguma, qualquer pessoa na qual toqueis durante a hora seguinte.

O Mestre d'Armas ficou tão impressionado que subiu ao palco para tomar um dos ditos comprimidos e, então, como demonstração suprema, tratou de colher a comercial. Ela conseguiu vender cinquenta frascos do produto à Ceifa, ainda que postumamente.

O resto da tarde consistiu em mais debates, discussões e votações sobre políticas. Faraday decidiu fazer-se ouvir apenas uma vez: quando chegou a altura de formar uma comissão de imunidade.

— Parece-me óbvio que a concessão de imunidade deve ser supervisionada, do mesmo modo que a comissão de seleção supervisiona as colheitas.

Rowan e Citra ficaram satisfeitos ao ver que a opinião dele tinha muito peso. Vários ceifadores que originalmente haviam votado contra a formação da dita comissão mudaram o seu voto. Antes da contagem final, porém, o Suma Lâmina Xenócrates anunciou que se esgotara o tempo destinado aos assuntos legislativos.

Este tema será o primeiro da nossa agenda no próximo conclave — concluiu.

Vários ceifadores aplaudiram, mas muitos outros se levantaram e expressaram o seu profundo desagrado perante tal adiamento. Faraday não; respirou fundo e limitou-se a comentar:

— Interessante...

Isto poderia ter despertado um alerta nas mentes de Rowan e Citra, não tivesse o Suma Lâmina anunciado logo em seguida que o próximo ponto do dia eram os noviços.

A rapariga deu por si com vontade de agarrar na mão de Rowan e apertá-la até a deixar exangue, mas conteve-se.

Ele, por outro lado, seguiu o exemplo do seu mentor: respirou fundo e tentou relaxar para se livrar da ansiedade. Tinha estudado tudo o que lhe fora possível, aprendera tudo o que conseguira aprender. Ia dar o seu melhor. Se falhasse, teria oportunidades mais do que suficientes para se redimir.

— Boa sorte — desejou ele a Citra.

— Igualmente. Que o Ceifador Faraday se orgulhe de nós!

Rowan sorriu e pensou que Faraday também o faria, mas não, o ceifador limitou-se a manter o seu olhar fixo em Xenócrates.

Primeiro foram chamados os candidatos à Ceifa. Havia quatro que já haviam terminado o seu noviciado. Uma vez que os respetivos exames tinham decorrido na noite anterior, a única coisa que restava era a ordenação. Ou não, dependendo do caso. Constava que havia um quinto candidato que falhara no teste final e que nem tinha sido convidado para o conclave.

Foram apresentados três anéis, cada um deles depositado numa almofada de veludo vermelho. Os quatro candidatos entreolharam-se, agora cientes de que, apesar de terem passado no exame final, um deles não seria ordenado, sendo antes enviado de volta para casa, coberto de vergonha.

Faraday virou-se para o ceifador ao seu lado:

— Apenas um ceifador se colheu a si próprio desde o último conclave — disse ele. — Todavia, hoje vão ser confirmados três... O crescimento demográfico foi assim tão drástico em três meses que precisamos de mais dois ceifadores?

O Ceifador Mandela, que presidia à comissão que atribuía os anéis, chamou um por um os três noviços escolhidos. Quando se ajoelharam diante dele, disse algo sobre cada um e depois deu-lhes os anéis, que eles então colocaram nos dedos, levantando as mãos para os mostrar ao conclave, o qual, por sua vez, respondeu com os aplausos que se impunham. Em seguida, anunciaram o respetivo Patrono Histórico, o luminar da História cujo nome iam adotar. O conclave aplaudiu após cada anúncio, acolhendo assim os Ceifadores Goodall, Schrödinger e Colbert na Ceifa MesoMericana.

Quando os três deixaram o palco, o rapaz do temperamento explosivo ainda lá estava, tal como Faraday lhes havia dito mais cedo. Ficou sozinho depois de os aplausos esmorecerem.

— Ransom Paladini — começou então o Ceifador Mandela —, decidimos não te ordenar ceifador. Desejamos-te o melhor aonde quer que a vida te leve. Podes ir.

O jovem manteve-se imóvel durante alguns segundos, como se pensasse que podia ser uma piada... ou talvez um último teste. Então, apertou os lábios, corou e desceu pelo corredor central. Em seguida, empurrou as pesadas portas de bronze, cujas dobradiças se queixaram à sua passagem.

— Isto é horrível — admitiu Citra. — Pelo menos, podiam aplaudido por ter tentado.

— Não há honra para os que não souberam mostrar-se à altura — disse Faraday.

— Um de nós vai sair assim — comentou Rowan.

Se fosse ele, decidiu, havia de levar o seu tempo a descer aquele corredor. Havia de olhar nos olhos e cumprimentar todos os ceifadores que pudesse ao sair. Se desse por si expulso, deixaria o seu último conclave com dignidade.

— Os restantes noviços podem agora aproximar-se — anunciou Xenócrates.

Rowan e Citra levantaram-se, prontos para enfrentar o que quer que a Ceifa lhes tivesse preparado.

14

Uma pequena condição

Rowan pisou Citra no trajeto até ao corredor, ao que ela resmungou qualquer coisa, embora se abstivesse de uma saída espirituosa.

Isto porque estava demasiado ocupada a rever mentalmente armas e venenos. A falta de jeito de Rowan era a menor das suas preocupações.

Acreditava que seriam levados para outra sala algures no edifício (um local tranquilo para fazer o exame), mas os noviços que já haviam participado num conclave estavam a descer o corredor central em direção ao espaço aberto diante da plataforma. Perfilaram-se sem aparente ordem específica, de frente para a assembleia como se fossem um coro, pelo que Citra se juntou à fila ao lado de Rowan.

— O que é isto? — perguntou-lhe ela num sussurro.

— Não tenho a certeza — sussurrou ele de volta.

Eram oito ao todo. Alguns tinham expressões duras, controlavam as emoções, enquanto outros tentavam não revelar o seu terror. Citra não sábia muito bem que imagem estaria a projetar e deu por si irritada ao ver que Rowan parecia tão calmo como se estivesse à espera do autocarro.

— A Ilustre Ceifadora Curie será a examinadora de hoje — anunciou Xenócrates.

O silêncio instalou-se na câmara quando a Ceifadora Curie, a Grande Dama da Morte, se chegou à frente. Percorreu por duas vezes a fileira de noviços para os avaliar.

— Cada um de vocês — anunciou em seguida — terá de responder a uma pergunta. Apenas terá uma oportunidade para apresentar uma resposta aceitável.

Uma pergunta? Que espécie de exame consistia numa única pergunta? Como é que podiam testar o conhecimento de quem quer que fosse assim? O coração de Citra estava a bater com tanta força que o imaginou a explodir-lhe no peito. Depois, havia de acordar num centro de reanimação no dia seguinte. Alvo da chacota de toda a Ceifa.

A Ceifadora Curie começou pela extremidade esquerda da linha, o que

significava que Citra seria a quarta.

— Jacory Zimmerman — disse ela ao rapaz magricela na ponta. — Uma mulher lança-se sobre a tua lâmina como sacrifício para evitar que lhe colhas o filho, e ela morre. O que é que fazes?

O rapaz hesitou apenas um momento e então respondeu:

— Ela violou o terceiro mandamento ao resistir à colheita. Como tal, tenho a obrigação de colher o resto da família.

Curie ficou em silêncio por um momento.

— A resposta não é aceitável!

— Mas... mas... — gaguejou Jacory — da resistiu! A regra diz que...

— A regra refere uma pessoa que resiste à *sua própria* colheita. Se fosse ela a eleita, o terceiro mandamento certamente teria de ser aplicado. No caso de alguma vez não termos a certeza, somos forçados a errar pelo lado da compaixão. Neste caso, o correto seria proceder à colheita do filho e garantir a transferência da mulher para um centro de reanimação, sendo-lhe depois concedido um ano de imunidade, assim como ao resto da sua família. — Com um gesto, indicou a assembleia. — Podes ir. O teu mentor decidirá qual a punição a aplicar.

Citra engoliu em seco. Não era punição suficiente saber que falhara estrondosamente? Que espécie de sanções prepararam os ceifadores para os seus discípulos caídos em desgraça?

Curie passou para uma rapariga de aparência robusta cujas maçãs do rosto salientes se destacavam num rosto que parecia capaz de resistir a um furacão.

— Claudette Catalino, cometeste um erro com o teu veneno...

— Isso nunca poderia acontecer — contrapôs a rapariga.

— Não me interrompas.

— Mas a sua premissa é falsa, Ilustre Ceifadora Curie. Conheço tão bem os meus venenos que nunca poderia cometer um erro. Nunca.

— Bem — disse Curie com uma ironia impassível —, o teu mentor deve estar muito orgulhoso de poder contar com o primeiro aluno perfeito na história da Humanidade.

Isto arrancou umas quantas gargalhadas dos presentes.

— Muito bem, então — continuou a examinadora —, digamos que alguém,

irritado com a tua arrogância, sabotou o teu veneno. O teu eleito, um homem que não ofereceu resistência, começa a ter convulsões e parece que o seu fim vai ser lento e, muito provavelmente, com muito mais dor do que aquela que os seus nanorrobôs podem suprimir. O que é que fazes?

— Pego na pistola que trago sempre comigo para emergências e ponho-lhe fim ao sofrimento com um único tiro no lugar certo — respondeu Claudette sem hesitar. — Mas antes ordenaria aos membros da sua família que abandonassem a sala, para lhes poupar o trauma de presenciarem uma colheita balística.

A Ceifadora Curie alçou as sobrancelhas enquanto considerava a resposta.

— Aceitável — concluiu. — E pensar na família é um bom pormenor, até para uma situação hipotética. — Então, sorriu. — Estou dececionada por não ter conseguido demonstrar a tua imperfeição.

Seguiu-se um rapaz que mantinha os olhos fixos num ponto algures na parede do fundo, com o claro propósito de tentar encontrar o seu lugar *zen.*

— Noah Zbarsky.

— Sim, Ilustre — respondeu ele com voz trémula.

Citra deu por si a pensar como Curie reagiria àquilo. Que pergunta poderia ela fazer a alguém que se mostrava tão assustado?

— Dá-me o nome de cinco espécies que geram neurotoxinas suficientemente potentes para garantir a sua eficácia na ponta de um dardo.

O rapaz, que estava a suster a respiração, soltou-a com um alívio bem sonoro.

— Bem, *Phyllobaies aurotaenia*, evidentemente, a famosa rã venenosa. O polvo-de-anéis-azuis, o *Conus marmoreus* ou cone-de-mármore, a serpente taipan-do-interior e... hum... o escorpião-amarelo.

— Excelente — felicitou-o Curie. — Podes acrescentar mais?

— Sim — respondeu-lhe Noah —, mas a Ilustre Ceifadora disse que só faria uma pergunta.

— E se eu te dissesse que mudei de ideias e quero seis em vez de cinco?

Noah respirou fundo, mas desta feita não susteve a respiração.

— Nesse caso, eu responderia com todo o respeito que a Ilustre Ceifadora não estava a ser fiel à sua palavra e que um ceifador tem o dever de a manter.

A Ceifadora Curie sorriu.

— Resposta aceitável! Muito bem!

E passou então a Citra.

— Citra Terranova.

A rapariga já tinha percebido que ela sabia os nomes de todos, mas, mesmo assim, ouvi-la pronunciar o seu foi um choque.

— Sim, Ilustre Ceifadora Curie.

A mulher aproximou-se dela e fitou-a bem no fundo dos olhos.

— Qual foi a pior coisa que já fizeste?

Citra estava pronta para praticamente qualquer outra pergunta.

Para tudo menos aquilo.

— Peço desculpa?

— É uma pergunta simples, minha querida: qual foi a pior coisa que já fizeste?

Citra cerrou os dentes. Sentiu a boca secar. Ela sabia a resposta.

Nem tinha de pensar duas vezes.

— Posso ter um momento?

— O tempo de que precisares.

— Já fez tantas coisas horríveis que tem dificuldade em escolher uma — gracejou um dos ceifadores presentes.

Gargalhada geral. Naquele momento, ela odiou-os a todos. Manteve o contacto visual com Curie. Com aqueles olhos cinzentos que tudo viam. Sabia que não podia evitar a pergunta.

— Quando eu tinha oito anos — começou —, passei uma rasteira a uma rapariga para que ela caísse duma escada. Ela partiu o pescoço e teve de passar três dias num centro de reanimação. Nunca lhe disse que tinha sido eu. Foi a pior coisa que já fiz.

A Ceifadora Curie assentiu e sorriu compassivamente.

— Estás a mentir, minha querida — disse ela então. Voltou-se para a assembleia e abanou a cabeça, talvez com alguma pena. — A resposta não é aceitável. — Virou-se então para ela. — Podes ir. O Ceifador Faraday decidirá a tua punição.

A rapariga não discutiu, nem sequer insistiu que a sua história era verdadeira. Porque não era. Não fazia ideia de como Curie descobrira. Citra voltou para o seu lugar, incapaz de olhar para Faraday; ele também não lhe disse nada.

Então, Curie passou a Rowan, que parecia tão presunçoso que Citra só teve vontade de lhe bater.

— Rowan Damisch, o que receias? Qual é o teu maior medo? Rowan não hesitou na sua resposta. Encolheu os ombros e disse: — Não receio nada.

Citra achou que não devia ter ouvido bem. Ele tinha mesmo dito que não receava nada? Teria perdido o juízo?

— Talvez precises de mais um momento antes de responder — sugeriu Curie, mas Rowan abanou a cabeça.

— Não preciso de mais tempo. A minha resposta é esta. Não a vou alterar.

Silêncio absoluto na sala. Citra deu conta de que, sem dar por isso, estava a abanar a cabeça... e então percebeu que ele estava a fazer aquilo por ela, para que ela não tivesse de sofrer sozinha o castigo que a esperava, para que ela não sentisse que ficara atrás dele. Embora ainda lhe quisesse bater, agora era por um motivo completamente diferente.

— Ou seja — disse a Ceifadora Curie —, hoje, temos um noviço perfeito e um noviço destemido. — Soltou um suspiro. — Ainda assim, receio bem que todos tenhamos medo de alguma coisa, pelo que a tua resposta é, como tenho a certeza de que já sabes, inaceitável.

Ficou à espera, talvez pensando que Rowan pudesse reagir, o que ele não fez. Limitou-se a esperar que ela dissesse:

— Podes ir. O Ceifador Faraday escolherá a tua punição.

O rapaz voltou para o seu lugar ao lado de Citra com toda a tranquilidade deste mundo.

— És um idiota! — sussurrou ela.

Ele brindou-a com o mesmo encolher de ombros com que presenteara Curie.

— Parece que sim.

— Achas que não sei porque é que fizeste isso?

— Talvez o tenha feito para me fazer parecer melhor no próximo conclave. Talvez, se eu tivesse dado uma resposta muito boa hoje, a próxima fosse mais

difícil.

Citra sabia que era uma lógica falsa e defeituosa. Rowan não pensava assim. Foi então que Faraday falou, num tom calmo e controlado, embora com um intensidade que era arrepiante:

— Não devias ter feito aquilo.

— Aceitarei a punição que considerar mais adequada — respondeu-lhe Rowan.

— Não é a minha punição que está aqui em questão — disparou o ceifador.

Entretanto, Curie já tinha interrogado mais alguns noviços. Um fora enviado para o seu lugar, os outros dois ficaram.

— Talvez a Ceifadora Curie veja que se tratou de um gesto nobre — sugeriu o rapaz.

— Sim, ela e todos os outros — disse Faraday. — Os motivos podem ser transformados em armas com uma facilidade incrível.

— O que prova que és um idiota — disse então Citra ao rapaz, que se limitou a sorrir como um.

Ela acreditava que tivera a última palavra sobre o assunto e que o mesmo não voltaria à baila senão quando chegassem a casa, onde, sem dúvida, Faraday havia de descobrir um castigo irritante, embora justo, à altura do crime. Mas estava enganada.

Depois de traumatizar os novatos, os ceifadores começaram a dispersar-se. Havia agora um murmúrio constante enquanto discutiam os seus planos para o jantar, já que eram quase sete horas. As questões restantes pouco interessavam fosse a quem fosse: a manutenção do edifício, ou se o ceifadores deviam ou não divulgar sempre que reiniciavam o contador para que não fosse tão surpreendente quando parecessem trinta anos mais novos no conclave seguinte.

Foi quando tudo estava a terminar que um ceifador se levantou e interpelou Xenócrates em voz alta. Era a mulher que vestia a túnica verde bordada com esmeraldas, um dos membros da capelinha de Goddard.

— Peço desculpa, Excelência — começou ela, embora fosse claro que se dirigia a toda a assembleia e não apenas ao Suma Lâmina. — Dou por mim preocupada com este novo grupo de noviços. Especificamente, com os escolhidos pelo Ceifador Faraday.

Tanto Citra como Rowan levantaram a cabeça. Faraday não. Parecia

paralisado, de cabeça baixa, quase como se estivesse a meditar. Ou talvez a preparar-se para o que estava para vir.

— Tanto quanto sei, um ceifador nunca tomou dois noviços para que disputassem o anel — continuou ela.

Xenócrates olhou para o Parlamentar, que tinha jurisdição em tais assuntos.

— Não existe nenhuma lei contra isso, Ceifadora Rand — disse o Parlamentar.

— Sim — admitiu ela —, mas a competição claramente acabou e passou a ser camaradagem. Como é que havemos de saber quem é o melhor candidato se eles continuarem a ajudar-se?

— Tomámos devida nota da sua reclamação — respondeu Xenócrates, mas a ceifadora Rand ainda não tinha acabado.

— Proponho que, para garantir que a competição seja *real*, lhe acrescentemos uma pequena condição.

O Ceifador Faraday levantou-se como se tivesse sido empurrado da cadeira.

— Protesto! — gritou ele. — Este conclave não pode estipular a forma como devo treinar os meus noviços! É meu exclusivo direito ensiná-los, treiná-los e discipliná-los como bem entender!

Rand ergueu as mãos num gesto de pretensa magnanimidade. — Apenas pretendo que a sua decisão final seja justa e honesta.

— Acha porventura que pode seduzir este conclave com as suas bugigangas e a sua vaidade? Não somos assim tão básicos que nos deixemos deslumbrar com coisinhas cintilantes.

—Qual é a sua proposta, Ceifadora Rand? — perguntou Xenócrates.

— Protesto! — gritou Faraday.

— Não pode protestar contra algo que ela ainda não disse!

Faraday mordeu a língua e ficou à espera.

Citra limitava-se a observar, quase como se não fosse nada com ela, como se aquilo fosse um jogo de ténis e se jogasse agora o ponto decisivo. Mas ela não era uma mera observadora, pois não? Era a bola. Tal como Rowan.

— Eu proponho — declarou a Ceifadora Rand com a destreza de um escorpião-amarelo — que, quando o vencedor for confirmado, a primeira ordem do dia seja que o dito vencedor proceda à colheita do perdedor.

Arquejos e expressões indignadas podiam ser ouvidos em toda a sala. E também (Citra não queria acreditar) algumas risadas e demonstrações de concordância. Ela queria pensar que a mulher de verde não podia estar a falar a sério, que aquilo era só mais uma parte do teste.

Faraday estava tão fora de si que não disse nada a princípio. Nem era capaz de encontrar as palavras certas para protestar. Finalmente, deu largas à sua fúria, como uma força da Natureza, uma onda a rebentar contra a praia:

— Isto vai contra tudo o que somos! Contra tudo o que fazemos!

Colher é o nosso ofício, mas tanto você como o Ceifador Goddard, e todos os seus discípulos... só pensam em transformar isto num desporto de sangue!

— Disparate — disse Rand. — Faz todo o sentido. A ameaça da colheita garantirá que o melhor dos dois vença.

Então, para horror de Citra, Xenócrates, em vez de rejeitar tudo aquilo como ridículo, voltou-se para o Parlamentar e perguntou-lhe:

— Existe alguma regra contra?

O Parlamentar ponderou a questão.

— Uma vez que não existem precedentes para um duplo noviciado — respondeu ele —, também não existem regras quanto à sua regulamentação. A proposta enquadra-se nas nossas diretrizes.

— Diretrizes? — gritou Faraday. — Diretrizes? A nossa única diretriz deve ser a fibra moral da Ceifa! O simples facto de considerar esta possibilidade é uma barbaridade!

— Oh, por favor — disse Xenócrates com um exagerado movimento de mão. — Poupe-nos o melodrama, Faraday. Em última análise, esta é uma consequência direta da sua decisão de aceitar dois noviços, quando um teria sido o suficiente.

Naquele momento, o relógio começou a bater as sete.

— Eu exijo um debate completo e uma votação! — pediu Faraday, mas já haviam soado três toques e Xenócrates ignorou-o.

— Como é minha prerrogativa na qualidade de Suma Lâmina, passo a estipular que, no caso de Rowan Damisch e Citra Terranova, aquele que derrotar o outro terá de o colher aquando da entrega do respetivo anel.

Fez então descer o seu martelo com força, encerrando assim o conclave e selando o destino dos dois noviços.

15

O espaço entre

A noite estava sombria e a chuva que escorria pelas janelas do comboio distorcia as luzes distantes, até não restar nenhuma. Rowan sabia que estavam algures no campo, embora numa escuridão daquelas pudessem muito bem encontrar-se nessa imensidão desprovida de ar que é o espaço.

— Eu recuso-me — disse Citra finalmente, quebrando o silêncio que os envolvera desde que haviam deixado o conclave. — Eles não me podem obrigar a fazê-lo.

Faraday não disse uma palavra, nem sequer olhou para ela, pelo que Rowan decidiu responder:

— Podem, sim.

Por fim, Faraday olhou para eles.

— O Rowan tem razão. Eles hão de encontrar o botão que te faça dançar e tu vais dançar, por mais abominável que a melodia te pareça.

Citra assentou um pontapé no banco vazio à sua frente.

— Como é que eles podem ser tão horríveis? E porque é que nos odeiam tanto?

— Não são todos — respondeu Rowan — e não acho que isto seja diretamente por causa de nós...

Ficara claro que Faraday era um ceifador respeitado e, embora não tivesse confrontado Goddard diretamente naquele dia, o que ele pensava daquele homem ficara bem patente. Goddard devia encará-lo como uma ameaça; atacar Rowan e Citra fora um tiro de advertência.

— E se *ambos* falharmos? — sugeriu Citra. — Se formos os dois péssimos noviços, eles não podem escolher nenhum de nós.

— Mas não hão de deixar de o fazer—respondeu Faraday com uma autoridade e uma perentoriedade que não deixavam mandem para dúvidas. — Por mais lamentável que seja o vosso desempenho, eles vão escolher um dos dois, nem que seja só pelo espetáculo. — Franziu a testa num carranca, enojado. — E para abrir um precedente.

—Tenho a certeza de que Goddard tem amiguinhos suficientes para se certificar de que isso acontece — disse Rowan. — Além disso, acho que tem o Suma Lâmina do lado dele.

— Com efeito — confirmou o ceifador com um suspiro exausto. — Nunca se viram tantas engrenagens ocultas no seio da Ceifa.

O rapaz fechou os olhos e desejou poder fazer o mesmo com a sua mente. Esconder-se dos seus pensamentos. *Dentro de oito meses, a Citra vai-me matar,* pensou. *Ou mato-a eu a ela.* E chamar-lhe uma colheita não alterava em nada o que aquilo realmente era. Ele gostava de Citra, mas gostava o suficiente para desistir da sua vida e deixá-la vencer? Ela de certeza não iria desistir para o deixar ganhar o anel.

Quando abriu os olhos, viu que a rapariga estava a olhar para ele e não deixou de o fazer.

— Rowan — começou Citra —, aconteça o que acontecer, quero que saibas...

— Não — interrompeu ele. — É que nem comeces.

E o resto da viagem passou-se em silêncio.

***

Citra, que não tinha um sono muito pesado, ficou acordada a noite toda depois de chegarem a casa. Imagens dos ceifadores que haviam visto no conclave surgiam-lhe mesmo na menor sugestão de sonho, puxando-a de novo para uma vigília indesejada. Os sensatos, os intriguistas, os compassivos, e aqueles que, aparentemente, não se importavam com nada. Uma tarefa tão delicada como a poda da raça humana não podia depender das peculiaridades do caráter de cada um. Os ceifadores deviam estar acima da mesquinhez, tal como estavam acima da lei. No caso de Faraday, era mais do que óbvio. Sim, se ela viesse a ser uma ceifadora, havia de seguir-lhe o exemplo. E se não, também não faria diferença porque havia de estar morta.

Talvez houvesse alguma sabedoria distorcida na decisão de forçar um deles a colher o outro. Quem ganhasse começaria a sua vida como um ceifador atolado num pesar absoluto e nunca esqueceria o preço daquele anel.

A manhã chegou sem grande ostentação. Era apenas um dia banal, como qualquer outro. A chuva tinha passado e o sol espreitava por trás de nuvens velozes. Era a vez de Rowan preparar o pequeno-almoço: ovos e batatas assadas.

Ele nunca as assava o tempo suficiente. Citra chamava-lhes batatas passadas. Faraday nunca se queixava quando a comida que eles preparavam era de pouca qualidade; comia o que lhe serviam e não tolerava reclamações de nenhum dos dois. O castigo por prepararem algo tão pouco comestível era terem de o comer.

Citra comeu, embora não estivesse com fome, embora o mundo tivesse saltado do seu eixo. O pequeno-almoço continuava a ser o pequeno-almoço. Como é que as coisas se atreviam a continuar normais?

Quando Faraday quebrou o silêncio, foi como se um tijolo tivesse entrado pela janela.

— Hoje, vou sair sozinho. Vocês os dois vão dedicar-se aos estudos.

— Sim, Ceifador Faraday — disse Citra, e Rowan irritou-a num eco desfasado meio segundo.

— Para vocês, nada mudou.

A rapariga olhou para os seus cereais. Foi Rowan quem se atreveu a dizer o óbvio:

— Tudo mudou, Ilustre.

Então, Faraday disse algo enigmático que só depois lhes havia de dar que pensar:

— Talvez tudo volte a mudar.

E saiu.

***

O espaço entre Rowan e Citra transformara-se rapidamente num campo de minas. Era uma perigosa terra de ninguém que prometia nada mais do que infortúnio. Já não era fácil viver ali quando Faraday estava presente, mas a sua ausência deixou-os sem ninguém como intermediário no espaço que os separava.

Rowan ficou no seu quarto para estudar, em vez de o fazer na sala de armas, na qual se teria sentido muito mal sem a presença de Citra ao seu lado. Mesmo assim, deixou a porta entreaberta na vã esperança de que ela pudesse fechar aquela distância que, mais do que nunca, se impusera entre eles. Ouviu-a sair, provavelmente para ir correr, e ela passou bastante tempo fora. A sua maneira de enfrentar o sombrio desconforto da nova situação passava por se distanciar da dita, e de um modo ainda mais radical do que Rowan.

Quando voltou, ele depressa ficou ciente de que não haveria paz entre os dois, nem no interior dele, se não fosse ele a dar o primeiro passo naquele campo

minado.

Deixou-se ficar diante da porta do quarto de Citra durante um bom minuto antes de ganhar coragem para bater.

«O que é que queres?», perguntou ela com a voz abafada pela porta.

— Posso entrar?

«Não está trancada.»

Rowan girou o puxador e abriu-a lentamente. Citra estava no centro do quarto com uma faca de caça, a praticar contra o vazio, como se lutasse com fantasmas.

— Boa técnica — comentou Rowan, antes de acrescentar: — caso estejas a pensar em enfrentar uma matilha de lobos raivosos.

— Habilidade é habilidade, quer a uses quer não — respondeu ela ao mesmo tempo que embainhava a lâmina, atirava-a para a mesa e assentava as mãos nas ancas. — Então, o que é que queres?

— Só te queria pedir desculpa por te ter feito calar. No comboio, quero eu dizer.

— Eu só estava a dizer baboseiras — disse ela, e encolheu de ombros. — Fizeste bem em cortar-me as vazas.

O momento estava a começar a ficar estranho, pelo que Rowan foi direto ao assunto:

— Devíamos falar sobre isto?

Citra deu meia-volta e foi sentar-se na cama, pegando num livro de anatomia e abrindo-o como se fosse estudar. Nem tinha percebido que estava a segurá-lo às avessas.

— O que há para falar? Ou sou eu que te mato ou és tu que me matas. Seja qual for a hipótese, não quero pensar nisso enquanto puder não o fazer. — Passou os olhos pelo livro, virou-o para cima e desistiu daquela palhaçada. Fechou-o e atirou-o para o chão. — Só quero ficar sozinha, pode ser?

Apesar daquelas palavras, Rowan sentou-se na beira da cama. E como ela não lhe pediu que saísse, aproximou-se um pouco. Citra estava de olho nele, mas não disse nada.

Ele queria tocar-lhe, talvez acariciar-lhe o rosto, mas pensar naquilo lembrou-lhe a vendedora que acabara colhida por um mero toque. Que veneno

tão perverso. Queria beijá-la, não podia continuar a negá-lo. Há já várias semanas que controlava aquela vontade porque sabia que o ceifador não admitiria tal coisa. Todavia, Faraday não estava, e a tempestade na qual ambos se haviam visto envolvidos varrera todas as cartas da mesa.

Então, para sua surpresa, foi Citra quem subitamente avançou e o beijou, apanhando-o completamente desprevenido.

— Pronto, já está feito — disse ela. — Agora, já não temos de pensar nisso e podes ir-te embora.

— E se eu não quiser?

Citra hesitou, o suficiente para deixar claro que ficar era uma nítida possibilidade.

— Agora a sério, que bem é que isso nos podia trazer? — acabou ela por dizer. — A qualquer um de nós? — Afastou-se dele ainda na cama e puxou os joelhos contra o peito. — Não estou apaixonada por ti, Rowan. E quero que continue assim.

Ele levantou-se e só quando já alcançara a segurança da porta é que se virou.

— Está tudo bem, Citra — afirmou. — Também não estou apaixonado por ti.

16

O rapaz da piscina

Um ceifador estava à porta da mansão do executivo. Na realidade, estavam quatro, embora os outros três tivessem ficado mais atrás para ceder a liderança ao azul.

O executivo estava com medo (apavorado, para dizer verdade), mas não tinha chegado ao seu patamar de sucesso por andar com as emoções à vista de qualquer um. Tinha uma mente arguta e era um perito na chamada cara de póquer. Não se ia deixar intimidar só porque tinha a morte à porta, por mais que a túnica da mesma estivesse cravejada de diamantes.

— Admira-me que tenham chegado à minha porta sem que os meus guardas me tivessem alertado — observou ele com toda a calma do mundo.

— Eles até o poderiam ter feito, mas acontece que os colhemos — retorquiu um dos outros ceifadores, uma mulher de verde com feições pan-asiáticas.

O homem não permitiu que aquela informação o intimidasse.

— Ah, então vocês vão ter de me dar as informações pessoais deles, para eu poder avisar as respetivas famílias.

— Não propriamente — respondeu o ceifador-chefe. — Podemos entrar?

E como o executivo sabia que não tinha o direito de recusar, desviou-

-se para os deixar passar.

O ceifador coberto de diamantes e o seu arco-íris de lacaios avançaram enquanto iam olhando em redor, atentos à opulência discreta da mansão.

— Sou o Ilustre Ceifador Goddard. Estes são os meus parceiros iniciantes, os Ceifadores Volta, Chomsky e Rand.

— Belas túnicas — comentou o executivo, ainda capaz de controlar o seu medo.

— Obrigado — disse Goddard. — Vejo que é um homem de bom gosto. Os meus parabéns ao decorador.

— À minha mulher, portanto — esclareceu ele, e por dentro fez um esgar por ter inadvertidamente chamado a atenção dos carrascos para ela.

O Ceifador Volta (o de amarelo com traços africanos) passeou-se pela imponente entrada, espreitando pelas arcadas que se abriam para as outras áreas da Mansão.

— Excelente *feng shui* — comentou. — O fluxo da energia é muito importante numa casa tão grande.

— Imagino que haja uma piscina de bom tamanho — disse o da túnica cor de chamas, encastoada com rubis. O Ceifador Chomsky. Era loiro, pálido e com um ar abrutalhado.

O executivo deu por si a pensar se eles estariam a gostar de prolongar a situação. Quanto mais ele lhes desse conversa, mais poder lhes dava também, pelo que tratou de pôr um fim à tagarelice para que não tivessem tempo de o ver ir-se abaixo.

— Posso perguntar a que se deve a vossa visita?

O Ceifador Goddard olhou para ele, mas ignorou a pergunta. Fez sinal aos seus subordinados e dois dos três saíram. O de amarelo subiu pelas escadas em espiral enquanto a mulher de verde partia para explorar o resto do piso térreo. O pálido de cor de laranja deixou-se ficar por perto. Era o mais corpulento e talvez o guarda-costas do líder... como se houvesse alguém tão estúpido que atacasse um ceifador.

O executivo perguntou a si mesmo onde estariam os seus filhos naquela altura. No jardim das traseiras com a ama? No piso de cima? Não tinha a certeza e não lhe agradava mesmo nada ter aqueles ceifadores a passear-se pela sua casa sem que os pudesse ver.

— Um momento! — exclamou ele então. — Quaisquer que sejam as vossas intenções, de certeza que podemos chegar a um acordo. Sabeis quem eu sou, certo?

O Ceifador Goddard entreteve-se a examinar uma obra de arte exposta na entrada em vez de olhar para ele.

— Alguém com dinheiro suficiente para possuir um Cézanne.

Seria possível que ele não soubesse? Que a presença deles ali não fosse planeada, mas sim aleatória? Os ceifadores deviam escolher os seus alvos aleatoriamente, mas não tanto, certo? Descobriu que a barragem que continha o seu medo estava a começar a fender-se.

— Por favor — insistiu o executivo. — Sou Maxim Easley... tem a certeza

de que este nome não lhe diz nada?

O ceifador olhou para ele sem o mínimo indício de o reconhecer.

Quem reagiu foi o da túnica cor de fogo.

— O tipo que está à frente da Regenesis?

Goddard finalmente reagiu.

— Ah, sim... a sua empresa é a segunda no mercado da reinicialização.

— Em breve será a primeira — gabou-se Easley sem pensar — Quando lançarmos a nossa tecnologia que permite a regressão celular abaixo dos vinte e um anos.

— Tenho amigos que usaram os seus serviços. Quanto a mim, ainda não reiniciei o contador.

— Pode ser o primeiro a usar oficialmente o nosso novo processo. Goddard riu-se e virou-se para o seu parceiro.

— Consegues imaginar-me como um adolescente?

— Nem pensar.

Quanto mais eles se divertiam, mais horrorizado Easley ia ficando. Não fazia sentido continuar a esconder o seu desespero.

— Deve haver alguma coisa que queirais... algo de valor que eu vos possa oferecer...

E, finalmente, Goddard pousou as cartas na mesa.

— Quero a sua propriedade.

Easley resistiu ao impulso de perguntar: «Importa-se de repetir?» A resposta do outro fora tudo menos ambígua. Era uma exigência ousada, mas Maxim Easley era um excelente negociador.

— Tenho uma garagem com mais de uma dúzia de veículos motorizados da era mortal. De valor incalculável, todos eles. Pode ficar com aquele que quiser. Olhe, pode ficar com todos.

O ceifador aproximou-se e o homem de repente sentiu uma lâmina contra o pescoço, à direita da maçã de Adão. Nem o tinha visto sacar dela; fora tão rápido que a faca parecia ter-se materializado junto à sua jugular.

— Vamos esclarecer uma coisa — disse Goddard calmamente. — Não viemos aqui pechinchar nem negociar. Somos ceifadores, o que quer dizer que,

segundo a lei, podemos ficar com aquilo que quisermos. Se quisermos tirar uma vida, tiramo-la. Tão simples quanto isso. Aqui, o poder não lhe pertence. Fiz-me entender?

Easley assentiu, e a lâmina quase lhe cortou a pele com aquele simples movimento da cabeça. Satisfeito, Goddard afastou-a do pescoço dele.

— Uma propriedade como esta deve precisar de um bom número de gente para cuidar dela: empregadas, jardineiros, talvez até pessoal permanente. Quantos tem ao seu serviço?

Easley tentou falar, mas não lhe saiu nada. Aclarou a voz e tentou de novo:

— Doze — respondeu. — Doze empregados a tempo inteiro.

Então, a mulher de verde, a Ceifadora Rand, saiu da cozinha com um homem que a mulher de Easley contratara há pouco tempo. Tinha pouco mais de vinte anos, ou assim parecia. O empresário nem se lembrava do nome dele.

— E quem é este? — perguntou Goddard.

— O rapaz da piscina.

— O rapaz da piscina — repetiu Rand.

Goddard fez sinal ao corpulento ceifador de laranja, que se aproximou do jovem, ergueu a mão e tocou-lhe na face. O rapaz da piscina estatelou-se instantaneamente e bateu com a cabeça no chão de mármore. Os olhos continuavam abertos, mas sem vida. Acabara de ser colhido.

— Funciona! — exclamou o Ceifador Chomsky, a olhar para a própria mão. — Vale bem o que o Mestre d'Armas pagou por ele, sem dúvida.

— Ora, então — disse Goddard —, embora tenhamos o direito de tomar o que quisermos, sou um homem justo. Em troca desta encantadora propriedade, vou oferecer-lhe a si, à sua família e a qualquer empregado sobrevivente, imunidade total por cada ano que decidirmos continuar aqui.

O alívio do executivo foi intenso e imediato. Que estranho, pensou, roubarem-lhe assim a casa e sentir-se tão aliviado ao mesmo tempo.

— De joelhos — ordenou Goddard, e ele obedeceu. — Beije-o. Easley nem hesitou: pousou os lábios no anel, com força, e sentiu a borda do engaste prender-lhe um beiço.

— Agora, vai até ao seu escritório e demite-se, com efeito imediato.

— Como é que disse? — perguntou Easley, incapaz de se conter.

— Qualquer outro pode ficar com o seu lugar, tenho a certeza de que haverá outros em ânsias por aproveitar a oportunidade.

Easley levantou-se, as pernas ainda um pouco trémulas.

— Mas... mas porquê? Não pode simplesmente deixar-me partir com a minha família? Não lhe vamos causar incómodo nenhum. Não levamos nada a não ser as roupas que temos no corpo. Nunca mais nos volta a ver.

— Pois, receio bem que não o possa deixar partir — lamentou Goddard. — Vou precisar de um novo rapaz para olhar pela piscina.

17

O sétimo mandamento

As pancadas na porta da rua acordaram Citra e Rowan algures depois da meia-noite. Saíram dos seus quartos, encontrando-se no corredor, e os dois instintivamente olharam para a porta fechada do quarto de Faraday. Citra girou a maçaneta, percebeu que não estava fechada à chave e abriu a porta apenas o suficiente para verificar que o ceifador não estava lá: ninguém tinha dormido naquela cama naquela noite.

Era invulgar, embora não inédito, ele ter ficado fora até tão tarde. Não faziam ideia do que ele andaria a fazer nas poucas noites em que voltava mais tarde, nem lhes passava pela cabeça perguntar-lhe. A curiosidade era uma das primeiras vítimas do noviciado. Há muito que haviam aprendido que preferiam continuar na ignorância no que respeitava a muitos aspetos da vida de um ceifador.

As pancadas na porta continuavam, insistentes; não era o toque de nós dos dedos, mas sim de um punho fechado.

— Está tudo bem, ele esqueceu-se das chaves, só isso — disse Rowan. Era a explicação mais sensata, e a explicação mais sensata não costumava ser a que estava certa? Dirigiram-se para a porta e prepararam-se para ouvir uma repreensão.

Como é que não me ouviram bater?, havia ele de dizer. *Tanto quanto sei, faz duzentos anos que deixou de haver gente surda.*

Todavia, quando abriram, não deram de caras com o Ceifador Faraday, mas com um par de agentes. E não se tratava de comuns agentes da paz: eram dois membros da Guarda da Lâmina, com o símbolo da Ceifa claramente visível no peito dos seus uniformes.

— Citra Terranova e Rowan Damisch? — perguntou um deles.

— Sim? — respondeu Rowan.

Deu um pequeno passo à frente, interpondo um ombro diante de Citra numa espécie de postura protetora. Sentiu-se um cavalheiro galante, mas ela apenas o achou irritante.

— Vão ter de nos acompanhar.

— Porquê? — quis saber Rowan. — O que se passa?

— Não nos cabe dizer — respondeu o segundo guarda.

Citra empurrou o ombro protetor de Rowan para o lado.

— Somos ceifadores noviços — disse ela —, o que quer dizer que a Guarda da Lâmina está ao nosso serviço, e não o contrário. Não têm o direito de nos levar contra a nossa vontade. — O que provavelmente não era verdade, mas serviu para fazer os guardas hesitar.

Naquele momento, ouviram uma voz vinda das sombras:

«Eu trato disto.»

Uma figura familiar emergiu da escuridão, completamente deslocada no bairro de Faraday. A túnica dourada do Suma Lâmina não refulgia na escuridão da porta — antes parecia fosca, quase castanha.

— Por favor... têm de vir comigo imediatamente. Alguém há de vir buscar as vossas coisas.

Uma vez que Rowan estava de pijama e Citra de roupão de banho, nenhum dos dois sentia grande vontade de obedecer, embora ambos tivessem o pressentimento de que a roupa era a menor das suas preocupações.

— Onde está o Ceifador Faraday? — perguntou Rowan.

O Suma Lâmina respirou fundo e suspirou.

— Ele invocou o sétimo mandamento — respondeu Xenócrates. — O Ceifador Faraday colheu-se a si próprio.

***

O Suma Lâmina Xenócrates era um grande monte de contradições. Vestia uma túnica de rico brocado barroco, mas nos pés usava um par de chinelos surrados e esfiapados. Vivia numa simples cabana de troncos, só que a dita fora reconstruída no terraço do edifício mais alto de Fulcrum City. Os móveis eram uma mistura de peças desirmanadas com ar de terem sido compradas numa loja de segunda mão, mas o pavimento por baixo delas estava coberto de tapeçarias dignas de um museu que pareciam ser de um valor incalculável.

— Nem vos sei dizer quanto lamento — disse ele a Rowan e Citra, que ainda estavam demasiado chocados para perceber o que tinha acontecido.

Já era manhã; os três haviam partido num hipercomboio privado para a cidade e naquele momento encontravam-se num pequeno deque de madeira que dava para um relvado bem cuidado, o qual terminava numa simples cornija que

os separava de uma queda de setenta andares. O Suma Lâmina não queria que nada lhe obstruísse a vista — e o tempo e o custo da reanimação eram mais do que justificados se alguém fosse suficientemente estúpido para se deixar cair.

— É sempre uma coisa terrível quando um ceifador nos deixa — lamentou Xenócrates —, especialmente um tão respeitado quanto o Ceifador Faraday.

O Suma Lâmina tinha toda uma comitiva de assistentes e lacaios no mundo exterior para o ajudar nos seus afazeres, mas ali, em sua casa, não contava com um único funcionário que fosse. Mais uma contradição. Ele mesmo lhes preparou um chá, que depois lhes serviu, oferecendo também leite, mas nada de açúcar.

Rowan beberricou o seu, mas Citra não ia aceitar nenhuma demonstração de simpatia daquele homem, por mais pequena que fosse.

— Era um grande ceifador e um bom amigo — acrescentou Xenócrates. — Vai fazer muita falta.

Era impossível saber quão sincero estaria a ser. Como tudo o resto que o cercava, as suas palavras pareciam simultaneamente sinceras e falsas.

Tinha-lhes contado os pormenores da morte de Faraday durante a viagem de hipercomboio. Por volta das dez e quinze da noite anterior, o ceifador encontrava-se num cais ferroviário local. Então, quando um comboio estava a chegar, ele atirara-se para a linha. Havia várias testemunhas; provavelmente todas elas muito aliviadas ao ver que o ceifador se colhera a si próprio e não a elas.

Se fosse qualquer outra pessoa e não um ceifador, o seu corpo maltratado teria ido parar ao centro de reanimação mais próximo, mas as regras para os ceifadores eram bem claras: não haveria reanimação.

— Mas não faz sentido — objetou Citra, tentando, sem sucesso, conter as lágrimas. — Ele não era homem para *fazer* tal coisa. Levava muito a sério a sua responsabilidade enquanto ceifador, e nosso mentor. Não posso acreditar que desistiu assim, sem mais...

Rowan ficou em silêncio, à espera da reação do Suma Lâmina.

— Para dizer a verdade, faz todo o sentido — disse o outro, bebendo um penosamente demorado gole de chá antes de voltar a falar: — Tradicionalmente, quando um mentor se colhe, qualquer vínculo com os seus noviços fica sem efeito.

Citra arquejou ao compreender as implicações.

— Ele fez isto para evitar que um de vocês tivesse de colher o outro — concluiu Xenócrates.

— O que quer dizer que a culpa é sua — disse Rowan, ao que acrescentou com uma sugestão de escárnio: — Vossa Excelência.

O Suma Lâmina inteiriçou-se.

— Se está a referir-se à decisão de vos pôr a competir até à morte, não foi ideia minha — defendeu-se ele. — Limitei-me a cumprir a vontade da Ceifa e, para ser sincero, considero essa sua insinuação ofensiva.

— Não tivemos como saber qual era a vontade da Ceifa — recordou-lhe Rowan —, visto que não houve votação.

Xenócrates levantou-se, encerrando a conversa com um:

— Sinto muito pela vossa perda.

No entanto, não se tratava apenas da perda de Citra e Rowan, mas sim de uma perda para toda a organização e o Suma Lâmina estava ciente disso, quer o dissesse quer não.

— Então... acabou-se? — perguntou Citra. Agora, vamos para casa?

— Não propriamente — respondeu Xenócrates, desta feita evitando olhar para qualquer um deles. — Embora seja tradição que os noviços dos ceifadores mortos vão em liberdade, outro ceifador pode oferecer-se para continuar a formação. É raro, mas acontece.

— Vossa Excelência!? — perguntou ela. Ofereceu-se para concluir a nossa formação?

Foi Rowan quem decifrou a verdade nos olhos dele.

— Não, não é ele. É outro...

— As minhas responsabilidades enquanto Suma Lâmina impedir-me-iam de aceitar noviços. Mesmo assim, deviam sentir-se lisonjeados, uma vez que não um, mas dois ceifadores se ofereceram. Um para cada um.

Citra abanou a cabeça.

— Não! Assumimos um compromisso com o Ceifador Faraday e com mais ninguém! Ele morreu por nós, para que fôssemos libertados!

— Receio já ter dado a minha bênção, pelo que o assunto está resolvido. —

Em seguida, dirigiu-se a cada um deles: — Citra, passará a ser a noviça da Ilustre Ceifadora Curie...

Rowan fechou os olhos. Sabia o que vinha aí, mesmo antes de Xenócrates pronunciar as palavras:

— Quanto a si, Rowan, irá concluir a sua formação nas mãos capazes do Ilustre Ceifador Goddard

18

Cascata

No extremo oriental de MesoMérica, perto da fronteira com a LesteMérica, havia uma casa sob a qual corria um rio que se espalhava pelas suas fundações, formando uma cascata.

— Foi projetada por um famosíssimo arquiteto da era mortal — explicou Curie a Citra enquanto a conduzia por uma passarela até à porta da rua. — A casa estava bastante descaída; como deves imaginar, um lugar como este não podia sobreviver sem atenção constante. Encontrava-se num estado miserável e ninguém se importava o suficiente para a conservar. Apenas a presença de um ceifador poderia atrair os fundos necessários para a salvar. Agora, regressou à sua antiga glória.

Abriu a porta e deixou Citra entrar primeiro.

— Bem-vinda à Casa da Cascata.

O piso principal era uma enorme sala aberta com pavimento de pedra polida, mobiliário de madeira, uma grande lareira e janelas. Inúmeras janelas. A cascata situava-se imediatamente abaixo de um enorme terraço. O som da água que corria por baixo da casa e se lançava na cascata era um ruído branco constante, todavia relaxante.

— Nunca tinha estado numa casa com nome — comentou Citra enquanto olhava à sua volta, fazendo o seu melhor para não parecer impressionada. — Mas é um pouco excessivo, não é? Especialmente para um ceifador. Não deviam todos levar uma vida simples?

Sabia que aquele comentário poderia irritar Curie, mas era-lhe indiferente. A sua presença ali queria dizer que a morte de Faraday fora inútil. Uma bela casa não era consolo.

A ceifadora não respondeu com ira alguma, limitando-se apenas a dizer.

— Não vivo aqui pela extravagância da casa, mas sim porque a minha presença é a única maneira de preservar este lugar.

A decoração parecia ter congelado no século XX, quando a casa fora construída. Os únicos indícios de modernização eram algumas interfaces de

computador muito simples em cantos impercetíveis. Até a cozinha era reminiscente de tempos passados.

— Vem, vou mostrar-te o teu quarto.

Subiram uma escada revestida à esquerda por diversos níveis de placas de granito, ao passo que o lado direito se encontrava coberto por uma multidão de prateleiras com livros. O primeiro andar era ocupado na sua totalidade pelo quarto da ceifadora. No segundo havia um quarto menor e um escritório. O quarto tinha móveis simples e, como o resto da casa, enormes janelas com caixilharia de cedro polido que abarcavam duas paredes inteiras. Citra ficou com a impressão de ter trepado a uma casa na árvore, tão extensa era a vista da floresta. Adorou. E detestou ter adorado.

— Sabe que eu não quero estar aqui — disse ela sem mais.

— Finalmente, um pouco de sinceridade da tua parte — observou Curie com um ligeiro sorriso.

— Além disso, sei que não gosta de mim — acrescentou a rapariga. — Porque é que me acolheu?

A ceifadora olhou para ela com aqueles olhos cinzentos tão frios e insondáveis.

— Se eu gosto de ti ou não é irrelevante — disse. — Tenho os meus motivos.

E deixou a rapariga sozinha no seu quarto sem sequer uma palavra de despedida.

***

Citra não se lembrava de ter adormecido. Não tinha parado para pensar no quanto estava cansada. Lembrava-se de se deitar no edredão enquanto olhava para as árvores, ouvindo o eterno rugido do rio mais abaixo e perguntando a si mesma se o som acabaria por passar de calmante a insuportável. Quando abriu os olhos e foi recebida por uma intensa incandescência, teve de franzir os olhos para ver Curie, que estava parada à porta, junto ao interruptor da luz. Estava escuro lá fora. Mais do que escuro, era uma ausência de luz, como no espaço. O rio ainda se fazia ouvir, embora nem um vestígio das árvores fosse percetível.

— Esqueceste-te do jantar? — perguntou Curie.

Citra levantou-se, ignorando a vertigem repentina.

— Podia ter-me acordado.

— Acho que acabei de o fazer — respondeu a ceifadora com um sorriso.

A rapariga desceu em busca da cozinha, mas a ceifadora deixou-a ir à frente e ela não se lembrava do caminho. A casa era um labirinto. Citra virou algumas vezes na direção errada e Curie não a corrigiu, limitando-se a esperar que se orientasse.

O que é que aquela mulher poderia querer comer, pensou ela para consigo. Aceitaria em silêncio qualquer coisa que ela preparasse, como Faraday? Pensar no ceifador deixou-a triste e depois furiosa, embora não soubesse a quem dirigir aquela raiva, pelo que o sentimento apenas começou a supurar.

Chegou finalmente ao piso principal, pronta para avaliar o conteúdo da despensa e do frigorífico. Para sua surpresa, viu que a mesa estava posta para duas pessoas e já com pratos fumegantes nos dois lugares.

— Deu-me uma ânsia de *hasenpfeffer* — disse a ceifadora. — Acho que vais gostar.

— Não sei o que é.

— É melhor se não souberes.

A Ceifadora Curie sentou-se e convidou Citra a seguir-lhe o exemplo.

Mas ela não estava preparada, ainda a pensar se aquilo não poderia ser algum truque.

Curie mergulhou a colher no rico guisado, mas parou quando viu que a rapariga continuava de pé.

— Estás à espera de um convite formal?

Citra não conseguia perceber se a mulher estava irritada ou a achar graça.

— Sou uma noviça. Porque é que havia de cozinhar para mim?

— Não foi o caso. Cozinhei para *mim.* Acontece que o teu estômago barulhento se encontrava nas redondezas.

A rapariga acabou por se sentar e provou o guisado. Repleto de sabor. Algo intenso, mas não era mau. A doçura das cenouras glaceadas cortava um pouco o sabor da carne de caça.

— A vida dos ceifadores seria horrível se não nos permitíssemos o prazer culpado de um passatempo. O meu é a cozinha.

— Isto está bom — admitiu Citra. — Obrigada.

Comeram sem dizer muito mais. A rapariga sentia-se estranha por não ter

utilidade alguma à mesa; como tal, levantou-se para voltar a encher o copo de água da ceifadora. O Ceifador Faraday não tinha passatempos, ou pelo menos nenhum que tivesse partilhado com eles.

Ao pensar em Rowan, a mão tremeu-lhe e ela derramou um pouco de água na mesa.

— As minhas desculpas, Ceifadora Curie. — Pegou no seu guardanapo e limpou tudo antes que se pudesse espalhar.

— Vais precisar de uma mão mais firme se vais ser uma ceifadora.

Mais uma vez, Citra ficou sem saber se ela estava a falar a sério ou a ser sardónica. Era ainda mais indecifrável do que Faraday e, além disso, decifrar o que ia na cabeça dos outros não era o seu ponto forte, nem de longe. Nunca dera por isso senão depois de passar algum tempo com Rowan que, à sua maneira discreta, era um mestre da observação. Citra teve de lembrar a si mesma que tinha outras aptidões: rapidez e decisão, coordenação. Coisas às quais teria de dar bom uso se alguma vez...

Não foi capaz de levar aquele pensamento até ao fim — não se permitiu fazê-lo. O território ao qual aquela ideia a havia de conduzir ainda era demasiado horrível para sequer o considerar.

***

De manhã, Curie fez panquecas de mirtilo e depois saiu para a colheita. Enquanto Faraday sempre revia as suas notas sobre o eleito do dia e usava os transportes públicos, a ceifadora tinha um carro desportivo dos velhos tempos cuja condução exigia bastante habilidade, e mais ainda numa sinuosa estrada de montanha.

— Este *Porsche* foi um presente de um revendedor de carros antigos — explicou ela à rapariga.

— Ele queria imunidade? — perguntou Citra, presumindo que seria essa a intenção do homem.

— Pelo contrário. Eu tinha acabado de lhe colher o pai, pelo que ele já tinha imunidade.

— Espere lá. Colheu-lhe o pai e ele ainda lhe deu um carro?

— Sim.

— Ele odiava o pai?

— Exatamente o oposto, tinha-lhe um grande amor.

— Está-me a escapar alguma coisa?

Diante delas, a estrada tomou-se uma reta, pelo que Curie mudou de velocidade e elas aceleraram.

— Ele ficou-me grato pelo alívio que proporcionei ao pai — explicou ela a Citra. — O verdadeiro alívio vale o seu peso em ouro.

Mesmo assim, a rapariga não entendeu muito bem... nem entenderia senão bem mais tarde naquela mesma noite.

Pela hora do almoço, chegaram a uma cidade situada a centenas de quilómetros de distância.

— Alguns ceifadores preferem as grandes cidades; eu, as mais pequenas — explicou Curie. — Cidades onde talvez não tenha havido uma colheita há mais de um ano.

— Quem é que vamos colher? — perguntou Citra enquanto procuravam um lugar para estacionar, uma das desvantagens de ter um carro não ligado à rede.

— Ficarás a saber quando chegar a devida altura.

Estacionaram numa das ruas principais e depois seguiram a pé, como se estivessem a passear. Havia gente, mas não tanta que se tornasse incomodativo. O ritmo descontraído da ceifadora deixava a noviça desconfortável, embora não soubesse bem porquê. Ocorreu-lhe então que, quando ia colher com Faraday, ele estava sempre concentrado no seu destino, e esse destino era uma pessoa, não um lugar. O eleito. A alma que iam colher. Por mais terrível que fosse, de alguma forma fazia-a sentir-se mais segura. Com Faraday, o que estavam a fazer tinha sempre um propósito tangível. Mas nada no comportamento de Curie sugeria premeditação alguma. E havia uma razão para isso.

— É preciso ser uma estudante de observação — aconselhou a ceifadora.

— Se queria alguém observador, devia ter escolhido o Rowan. Curie ignorou o comentário.

— Examina os rostos das pessoas, os seus olhos, os seus movimentos.

— E estou à procura de quê?

— Uma sensação de que estão cá há demasiado tempo. Uma sensação de que estão prontas para... a *conclusão*, quer o saibam quer não.

— Achava que não podíamos discriminar com base na idade.

— Não é uma questão de idade, mas sim de estagnação. Algumas pessoas

já estagnaram antes sequer de reiniciarem o contador pela primeira vez. Outras podem demorar centenas de anos.

Citra começou a observar as pessoas que se moviam à sua volta, todas tentando evitar o contacto visual e afastar-se da ceifadora e da sua noviça o mais depressa possível, embora fazendo sempre por não parecerem muito óbvias. Um casal que saía de um café, um empresário a falar ao telemóvel; uma mulher que começara a atravessar a rua com o sinal ainda fechado, mas voltou logo para trás, talvez com receio de que a sua imprudência lhe valesse a colheita.

— Não vejo nada em ninguém — comentou Citra, tão irritada com a tarefa quanto com a sua incapacidade de a levar a cabo.

Um grupo de pessoas saiu de um edifício de escritórios, talvez o mais alto da cidade, com cerca de dez andares. O olhar da Ceifadora Curie fixou-se num homem. A sua expressão alterou-se, tornando-se quase predatória, enquanto ela começava a segui-lo de longe com Citra.

— Estás a ver a postura dos ombros, como se ele carregasse um peso invisível?

— Não.

— Não consegues ver como ele anda, com um pouco menos de determinação do que os outros que o rodeiam?

— Não.

— Não vês como os sapatos estão gastos, como se ele já não se importasse com nada?

— Talvez esteja só a ter um daqueles dias maus — sugeriu Citra.

— Sim, talvez — concordou Curie —, mas estou mais inclinada a acreditar no contrário.

Aproximaram-se do homem, que continuava a não parecer ciente de que estava a ser seguido.

— A única coisa que me falta é ver-lhe os olhos para ter a certeza — disse a Ceifadora Curie.

Tocou-lhe no ombro e o homem virou-se, os olhos de ambos encontrando-se apenas por uma fração de segundo. Então, ele arquejou subitamente...

... porque a lâmina da ceifadora já lhe penetrara sob as costelas, diretamente ao coração. Foi tão rápida que Citra nem a viu. Nem sequer a viu retirar a

lâmina.

A ceifadora não ofereceu resposta à horrível surpresa do homem; não lhe disse rigorosamente nada. Apenas puxou a lâmina e o homem caiu. Estava morto antes de chegar ao passeio. Em redor, as pessoas arquejaram e trataram de se afastar bem depressa, mas não para muito longe, apenas o suficiente para poderem assistir ao desfecho, mas a uma distância segura. A morte era algo desconhecido para a maioria. Tinha de existir, mas numa bolha só sua, desde que eles pudessem ficar do lado de fora, a ver o que se passava lá dentro.

A ceifadora limpou a lâmina com uma camurça do mesmo tom de lavanda que a sua túnica, e foi aí que Citra perdeu o controlo:

— Não o avisou antes! — deixou ela escapar. — Como é que foi capaz? Nem sequer o conhecia! Nem sequer o deixou preparar-se!

A nuvem de fúria que se projetou da Ceifadora Curie foi tão intensa que era quase visível, e Citra percebeu que acabara de cometer um erro terrível.

— NO CHÃO! — Curie gritou tão alto que o eco pareceu ressaltar de um lado para o outro entre os edifícios da rua.

Citra ajoelhou-se de imediato.

— A CARA NO PASSEIO! JÁ!

A rapariga obedeceu, a sua própria fúria vencida pelo medo. Prostrou-se no chão com as pernas e os braços afastados, a face direita espalmada contra o passeio que estava a escaldar por causa do sol do meio-dia. Via agora o homem morto, que estava apenas a alguns centímetros dela e cujos olhos, embora vazios, não deixavam de a fixar. Como é que olhos sem vida podiam continuar a olhar?

— ATREVES-TE A DIZER-ME COMO EXECUTAR O MEU OFÍCIO?

Era como se o mundo tivesse parado à volta delas.

— VAIS PEDIR DESCULPA PELA TUA INSOLÊNCIA E ACEITAR O TEU CASTIGO.

— Peço desculpa, Ilustre Ceifadora Curie.

À menção daquele nome, um murmúrio elevou-se entre os espetadores: ela era uma lenda em toda a parte.

— CONVENCE-ME!

— Peço imensa desculpa, Ilustre Ceifadora Curie — disse Citra mais alto, praticamente a gritar na cara do morto. — Nunca mais volto a faltar-lhe ao

respeito.

— Levanta-te.

A ceifadora já não estava a ferver de raiva. Citra levantou-se, furiosa com a fraqueza das suas pernas, que não paravam de tremer, e furiosa com a incontinência dos seus olhos, que não paravam de verter lágrimas que ela só esperava que se evaporassem antes que a ceifadora ou qualquer um dos presentes dessem por elas.

A mundialmente famosa Grande Dama da Morte deu meia-volta e arrancou, com a noviça no seu encalço, humilhada, embaraçada, desejosa de poder tirar-lhe a lâmina e enfiar-lha nas costas... e, então, furiosa consigo mesma por ter pensado tal coisa.

Entraram no carro e partiram. Só quando já estavam a um quarteirão de distância é que Curie voltou a falar:

— Ora bem, agora cabe-te identificar o homem, encontrar os seus parentes diretos e convidá-los para a Casa da Cascata para que eu lhes possa conceder imunidade. — Disse isto sem o menor vestígio da fúria de apenas alguns momentos antes.

— O... o quê?

Era como se a cena na rua nunca tivesse acontecido, o que deixou Citra completamente atarantada... e um pouco zonza, como se todo o ar tivesse sido sugado do carro onde estava.

— Tenho quarenta e oito horas para lhes conceder imunidade. Gostava de os ter em minha casa esta noite.

— Mas... mas ali atrás... quando me mandou deitar-me no chão...

— Sim...?

— E estava tão danada comigo...

A ceifadora suspirou.

— É preciso manter uma certa imagem, minha querida. Desafiaste-me em público; como tal, não tive escolha a não ser pôr-te no teu lugar em público. De futuro, terás de guardar as tuas opiniões para ti até que estejamos sozinhas.

— Então, não estava danada?

Curie ficou a pensar na pergunta.

— Estou aborrecida — acabou por dizer —, mas também, eu devia ter-te

dito o que ia fazer. A tua reação foi... justificada. Assim como a respetiva consequência.

Mesmo perante aquele desfecho digno de uma montanha-russa emocional, Citra teve de reconhecer que a mulher tinha razão: os noviços tinham de saber manter um certo decoro. Outro ceifador poderia ter escolhido uma punição bem pior.

Voltaram para trás e Curie deixou-a numa rua secundária apenas a um quarteirão do local onde a colheita acontecera. Citra tinha uma hora para encontrar a família e fazer o convite.

— E se ele viver sozinho, o trabalho de ambas terá sido mais fácil hoje — rematou a ceifadora.

A noviça ficou a pensar no que é que uma colheita poderia ter de fácil.

***

O nome dele era Barton Breen. Tinha reiniciado o contador muitas vezes, fora pai de mais de vinte filhos ao longo dos anos, alguns dos quais já tinham agora mais de um século. Naquela altura, a sua família era composta pela mulher mais recente e pelos três filhos mais novos. Seriam os únicos a receber imunidade durante um ano.

— E se eles não vierem? — perguntou Citra a Curie já a caminho de casa.

— Vêm sempre.

E a ceifadora não se enganou. Eles chegaram pouco depois das oito da noite, com um ar sério e chocado. Logo à porta, Curie pediu-lhes que se ajoelhassem para lhe beijarem o anel e concedeu-lhes imunidade. Depois, as duas serviram-lhes o jantar que a ceifadora havia preparado. Comida de conforto: guisado, feijão-verde e puré de batata com alho. Tomou-se óbvio que a família não estava com fome, mas todos comeram por obrigação.

— Fale-me sobre o seu marido — pediu a ceifadora à mulher com uma voz gentil e sincera.

Embora a princípio parecesse relutante em dizer muito, ela não tardou a começar a desfiar a história da vida do marido. Pouco depois, os filhos juntaram-se-lhe com as suas recordações. O homem deixou rapidamente de ser um eleito anónimo que tinham encontrado na rua, transformando-se num indivíduo do qual até Citra agora sentia a falta, embora não o tivesse conhecido.

E a Ceifadora Curie ouviu — com ouvidos de ouvir —, como se estivesse

decidida a memorizar tudo o que lhe contavam. Em mais de uma ocasião, os seus olhos ficaram marejados, num reflexo das lágrimas da família.

E então a ceifadora fez algo extremamente singular: retirou da sua túnica a lâmina com que tirara a vida do homem e pousou-a na mesa.

— Se quiser, pode tirar-me a vida — disse ela à mulher.

A visada limitou-se a olhar, sem entender.

— É a coisa mais justa. Eu tirei-lhe o seu marido e privei os vossos filhos de um pai. Só pode desprezar-me por isso.

A mulher olhou para Citra, como se ela pudesse saber o que fazer, mas a rapariga encolheu os ombros, igualmente espantada com aquela oferta.

— Mas... atacar um ceifador é punível com a colheita.

— Não se tiver a permissão do ceifador. Além disso, já recebeu imunidade. Prometo-lhe que não haverá punição.

A faca continuava na mesa entre elas, e de repente Citra sentiu-se como os transeuntes durante a colheita: paralisada do outro lado de um impensável horizonte de acontecimentos.

Curie sorriu com um afeto genuíno.

— Não faz mal. Se me atacar agora, a minha noviça leva-me ao centro de reanimação mais próximo e dentro de um dia ou dois estarei como nova.

A mulher olhou para a faca e as crianças para a mãe.

— Não, isso não será necessário — acabou ela por dizer.

Curie guardou a faca.

— Bem, nesse caso, passamos à sobremesa.

E a família devorou o bolo de chocolate com uma paixão que não havia demonstrado pelo resto da refeição, como se lhes tivessem tirado um grande peso de cima.

***

Depois de se irem embora, Curie ajudou Citra com a loiça.

— Quando fores *tu* a ceifadora — começou ela —, tenho a certeza de que não hás de fazer as coisas à minha maneira. Nem à maneira do Ceifador Faraday. Hás de encontrar o teu próprio caminho. Pode ser que não te traga redenção, pode ser que nem sequer te traga paz, mas há de impedir que te desprezes.

Então, Citra fez uma pergunta que já havia feito antes, mas desta vez suspeitava de que seria capaz de obter uma resposta:

— Porque é que me acolheu, Ilustre?

A ceifadora lavou um prato, Citra enxugou-o e, finalmente, Curie respondeu-lhe com uma pergunta estranhíssima:

— Já ouviste falar de um «desporto» chamado luta de galos?

A noviça abanou a cabeça.

— Na era mortal, os indesejáveis pegavam em dois galos, colocavam-

-nos numa pequena arena e assistiam enquanto eles lutavam até à morte, fazendo apostas quanto ao resultado.

— E isso era legal?

— Não, mas as pessoas faziam-no na mesma. A vida antes do Cúmulo-Nimbo era uma mistura de atrocidades bizarras. Ninguém vos disse isto, mas o Ceifador Goddard ofereceu-se para ficar contigo e com o Rowan.

— Ele ofereceu-se para ficar com ambos?

— Sim. E eu sabia que só estava a fazer isso para vos poder lançar um contra o outro dia após dia e divertir-se à vossa custa, como numa luta de galos. Como tal, resolvi intervir e ofereci-me para te receber, queria poupar-vos à arena sangrenta de Goddard.

Citra assentiu, compreendendo, mas decidiu não referir que não tinham escapado à arena, de todo: continuavam a ter pela frente uma luta até à morte. Nada podia alterar esse facto.

Tentou imaginar o que teria acontecido se Curie não tivesse dado aquele passo. Ao saber nas mãos de quem iriam ficar, a ideia de continuar com Rowan já não lhe parecia tão atraente. Nem queria imaginar como ele estaria a dar-se sob a asa de Goddard.

Uma vez que aquela se tornara uma noite de respostas, atreveu-se a repetir a pergunta que havia feito de uma maneira tão inapropriada na rua, antes sequer que o corpo do homem tivesse arrefecido.

— Porque é que colheu aquele homem sem aviso prévio? Ele não merecia pelo menos um momento de compreensão antes da lâmina? Desta feita, a Ceifadora Curie não se ofendeu com a pergunta.

— Cada ceifador tem o seu método. Acontece que este é o meu. Na Era da

Mortalidade, muitas vezes a morte surgia sem aviso. É nosso dever imitar o que roubámos à Natureza, e essa é a faceta da morte que resolvi recriar. As minhas colheitas são sempre instantâneas e sempre públicas para que as pessoas não se esqueçam do que fazemos nem do motivo pelo qual temos de o fazer.

— Mas o que é feito da ceifadora que colheu o presidente? Da heroína que foi atrás da corrupção corporativa que nem mesmo o Cúmulo-Nimbo conseguia erradicar? Eu pensava que a Grande Dama da Morte colhia sempre com um propósito elevado.

Uma sombra pareceu passar pelo rosto de Curie, o fantasma de uma tristeza que Citra nem conseguia imaginar.

— Pensaste mal.

19

Um ato abominável

Citra não sabia bem explicar o que a levara a levantar a pergunta que Curie lhe havia feito no conclave. Talvez fosse a inesperada proximidade que sentiu com a ceifadora depois de a ver alimentar a família enlutada e ouvir — ouvir mesmo — as suas histórias a respeito do homem que havia colhido.

Naquela noite, Curie apareceu no quarto da rapariga com lençóis lavados. Fizeram a cama juntas e, quando estavam a acabar, Citra disse:

— No conclave, acusou-me de mentir.

— Foi o que fizeste.

— Como é que soube?

A mulher não sorriu, embora também não a julgasse.

— Quando já se viveu quase duzentos anos, algumas coisas tornam-se óbvias. — Atirou uma almofada a Citra, que a enfiou numa fronha.

— Eu não empurrei aquela rapariga escada abaixo — admitiu ela.

— Foi o que me pareceu.

Citra agarrou a almofada com força — se fosse um ser vivo, tê-la ia sufocado.

— Não a empurrei escada abaixo — repetiu —, empurrei-a para a frente de um camião a alta velocidade.

Sentou-se de costas para Curie. Não era capaz de a encarar e agora arrependia-se de ter confessado aquele segredo obscuro da sua infância. Se até a Grande Dama da Morte nos vê como um monstro, só podemos mesmo ser um, e dos piores.

— É uma coisa horrível de se fazer — disse a ceifadora num tom neutro, não chocado. — Ela morreu?

— Instantaneamente — admitiu ela. — Claro que estava de volta à escola três dias depois, mas isso não mudou em nada o que eu tinha feito... E o pior é que ninguém soube. As pessoas acharam que ela tinha tropeçado e as outras crianças riram-se dela... a Ilustre Ceifadora sabe como é engraçado, quando

alguém dá por si mortuoso por acaso... Mas não tinha sido um acidente e ninguém soube. Ninguém me viu fazer aquilo. E, quando voltou, nem *ela* sabia.

Citra obrigou-se a olhar para a Grande Dama da Morte, que estava agora sentada numa cadeira no outro lado do quarto, a observá-la com aqueles invasivos olhos cinzentos dela.

— Perguntou-me qual tinha sido a pior coisa que eu tinha feito. Agora, já sabe.

A ceifadora não falou imediatamente. Ficou ali sentada, deixando que o momento se prolongasse.

— Bem — acabou por dizer —, vamos ter de fazer alguma coisa a esse respeito.

***

Rhonda Flowers estava a saborear um lanche a meio da tarde quando ouviu a campainha da porta. Não prestou muita atenção senão alguns momentos depois, quando levantou a cabeça e viu a mãe parada à porta da cozinha com uma expressão de profunda angústia, e então soube que havia algo muito errado.

— Elas querem... elas querem falar *contigo* — anunciou a mãe.

Rhonda sorveu os fios de massa *ramen* que lhe pendiam da boca e levantou-se.

— *Elas* quem?

A mãe não lhe respondeu, mas deu-lhe um abraço triturador e desfez-se em lágrimas. Então, por cima do ombro da mãe, Rhonda viu-as: uma rapariga sensivelmente da sua idade e uma mulher com roupas cor de lavanda... idênticas às dos ceifadores.

— Tens de ser corajosa... — sussurrou-lhe desesperadamente a mãe ao ouvido.

Todavia, a coragem encontrava-se à mesma distância do terror. Não havia tempo para sentir valentia nem medo. A única coisa que registou foi um súbito formigueiro nas extremidades e a sensação de estar distante, como num sonho, como se estivesse a assistir a uma cena da vida de outra pessoa. Deixou a mãe ainda à porta da cozinha e foi até à entrada, onde as duas figuras a aguardavam.

— Queriam falar *comigo?*

A ceifadora, uma mulher de cabelos sedosos e prateados, e olhos de aço,

sorriu. Rhonda nunca teria pensado que um ceifador era capaz de sorrir. Nas raras vezes em que deparara com um, sempre lhe tinham parecido muito sérios.

— Eu não, mas a minha noviça quer — respondeu a mulher, apontando para a rapariga.

Ainda assim, Rhonda não conseguia tirar os olhos dela.

— É a sua noviça que me vai colher?

— Não estamos aqui para colher — respondeu então a rapariga.

Só depois de ouvir aquilo é que surgiu o pavor que Rhonda devia ter sentido antes. Os seus olhos encheram-se de lágrimas que ela se apressou a enxugar, à medida que o alívio ia ocupando o lugar do tenor.

— Podiam ter dito isso à minha mãe — protestou, virando-se para a tranquilizar: — Está tudo bem, elas não vieram colher-me.

Então, saiu e fechou a porta, pois sabia que de outra forma a mãe havia de ficar à escuta, para tentar perceber o que se estava a passar. Já tinha ouvido que ceifadores viajantes apareciam em casa das pessoas a pedir comida e guarida por uma noite. Ou que por vezes precisavam de informações por motivos que ela apenas podia imaginar. Mas por que razão aquelas duas haviam de querer falar especificamente com ela?

O mais provável é que não te lembres de mim — começou a rapariga —, mas andávamos juntas na escola, há anos, antes de te mudares para aqui.

Enquanto estudava o rosto da sua visitante, Rhonda deu com uma lembrança muito vaga, distante, e tentou dar-lhe um nome:

— Cindy qualquer coisa, certo?

— Citra. Citra Terranova.

— Ah, isso mesmo.

E a situação tomou-se confrangedora. Gomo se estar no alpendre da entrada com uma ceifadora e a respetiva noviça já não fosse suficientemente desagradável.

— Bem... em que vos posso ser útil... Ilustres? — Não tinha a certeza se uma aprendiz merecia o título de «Ilustre», mas preferia pecar por excesso do que por defeito.

Agora que tivera tempo para assimilar o rosto e o nome que o acompanhava, sim, Rhonda lembrava-se dela. E, se não estava enganada, elas não morriam de

amores uma pela outra.

— Bem, a questão é esta: lembras-te do dia em que caíste à frente daquele camião?

Os ombros de Rhonda estremeceram involuntariamente.

— Como se alguma vez me pudesse esquecer... Quando voltei para as aulas depois do centro de reanimação, toda a gente me chamou Rhonda Rebentada durante meses.

Ser atropelada por um camião fora talvez a coisa mais irritante que lhe acontecera na vida. Tinha ficado mortuosa durante três dias inteiros e acabara por faltar a todas as últimas apresentações do seu recital de dança. As outras haviam-lhe dito que tinham passado bem sem ela, o que só servira para piorar a situação. A única coisa boa naquilo tudo fora a comida do centro de ressuscitação quando recuperara a consciência: tinham o melhor gelado caseiro que alguma vez comera. Era tão bom que chegara ao ponto de se estatelar uma vez só para voltar a saboreá-lo. Mas é claro que os pais tinham decidido levá-la para um centro de reanimação baratinho onde a comida não prestava.

— Então, estavas lá quando aconteceu?

— Bem, a questão é esta — disse Citra pela segunda vez. Então, respirou fundo e acabou por acrescentar: — Não foi um acidente. Eu é que te empurrei.

— Ah! — exclamou Rhonda. — Eu sabia! Eu sabia que alguém me tinha empurrado! — Na altura, os pais tinham-na convencido de que não fora intencional, que alguém tinha ido contra ela. Rhonda acabara por acreditar, ainda que, lá no fundo, sempre tivesse ficado com algumas dúvidas. — Então, foste tu! — Deu por si a sorrir. Saber que não tinha sido imaginação sua não deixava de ser uma vitória.

— Seja como for, lamento muito — desculpou-se Citra. — Lamento mesmo, mesmo muito.

— E porque é que me vieste dizer isso agora?

— Bem, a questão é esta — repetiu ela, como se fosse um tique nervoso. Ser uma ceifadora noviça significa que devo procurar reparar os estragos causados por... bem, pelas minhas más ações passadas. Como tal... eu queria dar-te a oportunidade de me fazeres o mesmo. — Aclarou a voz. — Quero que me empurres para a frente de um camião.

Rhonda riu-se daquela sugestão. Não foi propositado — escapou-lhe.

— A sério? Queres que eu te empurre para a frente de um camião a alta velocidade?

— Sim.

— Agora?

— Sim.

— E a tua ceifadora não se importa?

A visada assentiu.

— A Citra conta com todo o meu apoio.

Rhonda ponderou na proposta. Sentia-se capaz de o fazer. Em quantas ocasiões se lhe deparara alguém de quem gostaria de se livrar, nem que fosse apenas temporariamente? Sem ir mais longe, no ano anterior estivera prestes a eletrocutar «acidentalmente» o seu colega no laboratório de Ciências porque ele não passava de um idiota. Mas acabara por chegar à conclusão de que ele havia de ter direito a alguns dias de férias, ao passo que ela teria de acabar o projeto sozinha. A situação em que estava agora era diferente. Era um livre-trânsito para a vingança. A pergunta que se impunha era: até que ponto queria aquela vingança?

— Olha, é tentador e assim, mas tenho trabalhos de casa e aula de dança a seguir.

— Então... não queres?

— Não é que eu não queira, é só que hoje estou ocupada. Posso empurrar-te noutra altura?

Citra hesitou antes de responder:

— Está bem...

— Ou, melhor ainda, talvez pudesses simplesmente levar-me a almoçar ou assim.

— Está bem...

— Só que, para a próxima, por favor, avisa com antecedência para não provocares um ataque à minha mãe.

Depois de se despedirem, foi para dentro e fechou a porta.

— Que estranho... — disse ela.

— O que era aquilo, afinal? — perguntou-lhe a mãe.

E, como não queria entrar no assunto, Rhonda limitou-se a responder:

— Nada que tivesse importância.

O que irritou a mulher, exatamente como ela pretendia.

Voltou então para a cozinha, onde descobriu que o *ramen* estava frio. Perfeito.

***

Citra sentia-se simultaneamente aliviada e humilhada. Passara anos agarrada àquele crime secreto. O incidente com Rhonda tinha sido mesquinho, como quase todos os desentendimentos da infância o são. Fora por causa da forma como ela falava sobre a sua dança, como se fosse a bailarina mais talentosa do mundo. Citra estava na mesma classe que ela, naqueles tempos mágicos em que as meninas alimentavam a ilusão de que tinham tanto de graciosas como de bonitas.

Rhonda tinha sido a chefe da matilha no que tocara a desfazer aquela ilusão de Citra, revirando os olhos e soltando suspiros exasperados sempre que a rapariga executava mal um passo.

O empurrão não havia sido premeditado, mas antes um crime de oportunidade, e aquele ato isolado lançara uma sombra sobre Citra, a qual ela nunca compreendera até ao confronto naquele dia.

E Rhonda nem dera importância. Era água que passara debaixo da ponte há muito tempo. Agora, Citra sentia-se estúpida.

— Tens noção de que, na Era da Mortalidade, terias sido tratada de uma maneira muito diferente, não tens?

A Ceifadora Curie não olhou para ela enquanto falava; nunca desviava os olhos da estrada quando estava a conduzir. Citra ainda não se tinha habituado àquele costume peculiar. Era tão estranho ter de ver o percurso da viagem para a poder fazer.

— Se fosse na Era da Mortalidade, eu não o teria feito — afirmou ela com confiança —, porque saberia que ela não poderia voltar. Empurrá-la teria sido como se a tivesse colhido.

— Eles tinham uma palavra para isso: homicídio.

Citra riu-se daquele termo arcaico.

— Tem piada. Parece uma coisa só de homens.

— Tenho a certeza de que na altura não lhe achavam tanta piada.

— Curie fez uma rápida manobra para evitar um esquilo no meio da estrada sinuosa. Então, aproveitou um raríssimo momento para olhar para Citra, tirando partido do facto de estarem num troço reto. — Ou seja, o castigo que impuseste a ti mesma como penitência por aquele ato infantil é tomares-te ceifadora, condenada a arrebatar vidas para todo o sempre.

— Não foi imposição minha.

— Ah, não?

Citra ainda abriu a boca para responder, mas conteve-se. E se aquilo que a Ceifadora Curie dissera fosse verdade? E se, no fundo, ela tivesse aceitado o noviciado com o Ceifador Faraday para se punir por um crime que só a ela incomodava? Se fosse esse o caso, fora uma sentença invulgarmente severa da sua parte. Se a tivessem apanhado, ou se ela tivesse confessado, ter-se-ia traduzido nuns quantos dias de suspensão na escola, no máximo, mais uma multa para os pais e uma severa repreensão. Até teria tido um lado positivo: os colegas passariam a ter medo de a contrariar.

— A diferença entre ti e a maioria das pessoas, Citra, é que outra pessoa não teria voltado a pensar no assunto depois de aquela rapariga ter sido reanimada. Teria simplesmente esquecido o assunto. O Ceifador Faraday viu qualquer coisa em ti quando te escolheu... talvez o peso da tua consciência. — E então ela acrescentou: — Foi esse mesmo peso que me permitiu ver que estavas a mentir no conclave.

— A verdade é que me espanta que o Cúmulo-Nimbo não me tenha visto empurrá-la — disse Citra sem pensar duas vezes.

Naquele momento, Curie disse algo que desencadeou uma reação em cadeia na mente da rapariga, uma reação que havia de mudar tudo.

— Tenho a certeza de que viu. É muito pouco aquilo que o Cúmulo-Nimbo não vê com tantas câmaras por todo o lado. Mas também decide quais as infrações que merecem a sua atenção e as que não merecem.

***

É muito pouco aquilo que o Cúmulo-Nimbo não vê.

Ele tinha gravações de praticamente todas as interações humanas desde o momento em que adquirira consciência; mas, ao contrário do que acontecia nos tempos mortais, essa informação nunca era objeto de abusos. Antes de o

Cúmulo-Nimbo alcançar a consciência, quando era meramente conhecido como «a nuvem», os criminosos (e até os órgãos públicos) encontravam formas de espiar ilegalmente as vidas privadas para usar essa informação em seu benefício. Qualquer criança em idade escolar estava a par desse género de abusos que quase tinham levado a civilização ao colapso antes de o Cúmulo-Nimbo se condensar em poder. Desde então, não houvera uma única fuga de dados pessoais. As pessoas tinham ficado à espera. Tinham profetizado o fim do mundo às mãos de uma máquina sem alma. No entanto, a máquina tinha aparentemente uma alma mais pura do que a de qualquer ser humano.

Observava o mundo por intermédio de milhões de olhos, escutava-o com milhões de ouvidos. Agia ou optava por não o fazer nas inúmeras situações que detetava.

O que queria dizer que algures na sua memória se encontrava um registo dos movimentos do Ceifador Faraday no dia em que a sua vida terminara.

Citra sabia que seguir esses movimentos seria provavelmente um objetivo fútil, mas... e se a morte do ceifador não tivesse resultado de um ato de autocolheita? E se ele tivesse sido empurrado, exatamente como Citra empurrara Rhonda tantos anos antes? Nesse caso, não teria sido um crime infantil nascido do momento, mas sim algo cruelmente premeditado. E se a morte de Faraday fosse, para usar a palavra que Curie lhe ensinara, um homicídio?

20

Convidado de honra

Vou morrer.

Rowan começara a repetir esta frase para consigo, como um mantra, com a esperança de que o ajudasse a digerir tudo aquilo. Ainda assim, não parecia estar mais perto de aceitar o seu destino. Mesmo sob a tutela de ceifadores diferentes, o édito proferido no conclave continuava em vigor: no fim do noviciado, ou ele matava Citra ou Citra matava-o a ele. Era um drama demasiado sumarento para que os ceifadores o cancelassem apenas porque os dois já não eram noviços do Ceifador Faraday. Rowan sabia que não podia matar Citra, pelo que a única maneira de evitar essa possibilidade era deixá-la vencer; sair-se tão mal desde aquele momento até ao último conclave que eles não tivessem outra escolha a não ser conceder o anel a Citra. E então, o primeiro dever dela como ceifadora juramentada seria colher Rowan, que acreditava que ela o havia de fazer rapidamente e seria compassiva. O truque passava por fazer o seu fracasso não parecer óbvio. Tinha de parecer que estava a dar o seu melhor. Ninguém podia saber do seu verdadeiro plano. Ele havia de conseguir.

Vou morrer.

Antes daquele dia fatídico no gabinete do diretor com Kohl Whitlock, Rowan nunca tinha sequer conhecido ninguém que tivesse morrido. A colheita sempre estivera a pelo menos três graus de distância. Um parente de alguém que conhecia alguém que ele conhecia. Todavia, nos quatro meses anteriores, já havia presenciado dezenas de colheitas em primeira mão.

Vou morrer.

Mais oito meses. Ele chegaria vivo ao seu décimo sétimo aniversário, mas não mais do que isso. Mesmo que por sua opção, a ideia de se tomar mais uma estatística nos registos dos ceifadores deixava-o furioso. A sua vida tinha sido um grande monte de coisa nenhuma. O rapaz-alface. Achara graça àquele rótulo, como se fosse uma medalha de honra, mas passara a ser uma acusação. A sua vida era monótona e agora ia chegar ao fim. Nunca devia ter aceitado o convite de Faraday para se tornar um noviço. Devia ter continuado com aquela vida monótona porque, então, talvez, apenas talvez, tivesse tido a oportunidade de fazer algo extraordinário com ela a dada altura.

— Mal disseste uma palavra desde que entraste no carro.

— Hei de falar quando tiver algo que dizer.

Ele estava com o Ceifador Volta num *Rolls Royce* fora da rede e perfeitamente conservado desde a Era da Mortalidade; o contraste entre a túnica amarela do ceifador e os tons escuros de terra do interior do veículo era impressionante. Volta não estava ao volante; havia um motorista. Iam avançando por um bairro cujas casas se iam tornando cada vez maiores, tal como as respetivas propriedades, até que as residências desapareciam por completo atrás de portões e de muros cobertos de hera.

Volta, um dos discípulos de Goddard, tinha citrinos de ouro encastoados na túnica amarela. Tratava-se visivelmente de um ceifador iniciante cujo noviciado terminara há relativamente pouco tempo, e entrara há poucos anos na casa dos vinte; ainda estava numa idade em que atribuir números aos anos parecia importante. As suas feições e tom de pele revelavam tendências africanas, o que fazia a cor da sua indumentária parecer ainda mais intensa.

— Bem, há alguma razão para se ter decidido por roupas cor de mijo? Volta riu-se.

— Acho que te vais entender muito bem connosco. O Ceifador Goddard aprecia que aqueles que lhe são próximos tenham uma língua tão afiada como as suas lâminas.

— Porque é que o segue?

A sinceridade da pergunta pareceu incomodá-lo mais do que a pro vocação urinária. Volta ficou só um pouco na defensiva:

— O Ceifador Goddard é um visionário. Vê o nosso futuro. Interessa-me muito mais fazer parte do futuro da Ceifa do que do seu passado.

Rowan voltou-se de novo para a janela. O Sol brilhava, embora os vidros fumados o filtrassem, fazendo parecer que estavam no meio de um eclipse parcial.

— Vocês colhem centenas de pessoas ao mesmo tempo. É a esse futuro que se refere?

— Temos a mesma quota que todos os outros ceifadores — foi o único comentário de Volta.

Rowan olhou para o ceifador, que agora parecia ter dificuldade em manter o contacto visual.

— Com quem é que fez a sua formação?

— Com o Ceifador Nehru.

Rowan tinha ideia de ter visto Faraday a conversar com Nehru durante o conclave. Pareciam dar-se bem.

— O que é que ele acha dessa sua proximidade com Goddard agora?

— Para ti, ele é o *Ilustre Ceifador* Goddard — retorquiu Volta, um tanto indignado. — E quero lá saber o que o Ceifador Nehru acha ou deixa de achar. Os ceifadores da velha guarda têm ideias obsoletas. Estão demasiado agarrados aos seus costumes para entender a sabedoria da Mudança.

Tinha-se referido à «Mudança» como se se tratasse de algo tangível. Algo que, só pelo seu próprio peso, era capaz de fortalecer qualquer um que a promovesse.

Pararam diante de um par de portões de ferro forjado que se abriam lentamente para os deixar entrar.

— Cá estamos — anunciou Volta.

Um acesso de meio quilómetro terminava numa propriedade palaciana. Um empregado veio recebê-los à entrada e conduziu-os ao interior da mansão.

Rowan foi imediatamente assaltado por música de dança sonora. Havia gente por todo o lado, em festejos frenéticos como se fosse véspera de Ano Novo. Toda a propriedade parecia ondular ao ritmo daquela batida implacável. Os foliões riam-se, bebiam e riam-se de novo.

Alguns dos convidados eram ceifadores, e não apenas óbvios discípulos de Goddard, havia outros também. Algumas celebridades menores. O resto parecia ser constituído por gente bonita, provavelmente convidados contratados. O seu amigo Tyger esperava vir a ser um deles; ainda que muitos adolescentes dissessem o mesmo, Tyger estava a falar a sério.

O empregado levou-os para as traseiras, onde havia uma enorme piscina mais apropriada para um complexo turístico do que para uma residência. Contava com cascatas e com um bar na água, além de mais gente bonita a boiar alegremente. O Ceifador Goddard encontrava-se numa espécie de cabana para lá da área de mergulho da piscina, cuja frente estava aberta para as festividades. Estava rodeado por mais do que uma *technobarbie* servil. Vestia a túnica azul que era a sua imagem de marca, embora, ao aproximar-se, Rowan verificasse que se tratava de uma versão um pouco mais leve do que a usada no conclave — a sua túnica informal, digamos. Deu por si a pensar se ele também teria uns

calções de banho cobertos de diamantes no roupeiro.

— Rowan Damisch! — exclamou Goddard quando se aproximaram. Disse a um empregado que passava com uma bandeja de bebidas que desse uma taça de champanhe ao rapaz. Ao ver que ele não aceitava, Volta agarrou numa e enfiou-lha na mão antes de desaparecer na multidão e deixar Rowan por sua conta.

— Que te faça bom proveito — disse Goddard. — Só sirvo *Dom Pérignon.*

O rapaz bebeu um pequeno gole enquanto pensava se um noviço menor de idade poderia perder pontos por beber álcool. Então, lembrou-se de que tais regras já não se aplicavam a ele. Gomo tal, bebeu mais um pouco.

— Organizei esta pequena bacanal em tua homenagem — explicou o ceifador, indicando com um movimento abrangente a festa em seu redor.

— O que quer dizer com «em minha homenagem»?

— Exatamente isso. Esta festa é para *ti*. Gostas?

Aquela surreal ostentação de excessos era ainda mais inebriante do que o champanhe, mas dizer que gostava? Acima de tudo, sentia-se estranho, e agora ainda mais ao saber que era o convidado de honra.

— Não sei. Nunca me ofereceram uma festa — respondeu ele, e era verdade: quando nascera, os pais já haviam visto tantos aniversários que tinham deixado de comemorar. Era uma sorte se eles sequer se lembrassem de lhe dar um presente.

— Bem, nesse caso, que seja a primeira de muitas.

Rowan teve de se lembrar de que aquele homem com um sorriso perfeito e que destilava carisma em vez de suar era o mesmo que o havia manipulado, a ele e a Citra, de modo que os virasse um contra o outro numa competição mortal. Mas era difícil não se deixar deslumbrar pelo seu estilo. E por maior que fosse a falta de gosto de todo aquele espetáculo, Rowan sabia que a sua adrenalina estava a dar sinal.

O ceifador deu uma palmadinha no assento ao seu lado, indicando-lhe que se sentasse, e Rowan instalou-se à sua direita.

— O oitavo mandamento não diz que um ceifador não pode possuir mais do que a sua túnica, o seu anel e o seu diário?

— Correto — respondeu Goddard animadamente. — E eu não possuo nada disto. A comida é doada por generosos benfeitores, os convidados estão aqui porque querem e o proprietário desta bela propriedade teve a gentileza de a ceder

enquanto eu achar por bem agraciá-la com a minha presença.

Com esta referência à propriedade, um homem que estava a limpar a piscina olhou para eles por um instante, antes de voltar ao trabalho.

— Devias reler os mandamentos — aconselhou Goddard. — Hás de descobrir que não há nada neles que exija que os ceifadores abram mão dos confortos materiais que fazem a vida valer a pena. Essa interpretação deprimente dos ceifadores da velha guarda é uma relíquia de outros tempos.

Rowan não voltou a referir o tema. Tinha sido a natureza humilde e séria de Faraday, característica da «velha guarda», que o impressionara. Se Goddard o tivesse abordado com as suas glamorosas pretensões de estrela de *rock* em troca da colheita de vidas, ele teria recusado. Mas Faraday estava morto e Rowan estava ali, a olhar para desconhecidos cuja presença pretendia homenageá-lo.

— Se é a minha festa, não devia haver gente que eu conheço?

— Um ceifador é um amigo do mundo. Abre os braços e dá-lhe as boas-vindas. — Parecia que Goddard tinha uma resposta para tudo.

— A tua vida está prestes a mudar, Rowan Damisch — disse ele, indicando com um gesto abrangente a piscina, os convidados, os empregados e a elaborada mesa de acepipes, junto à zona pouco funda da piscina, que era constantemente reabastecida. — Ou melhor, já mudou.

Entre os convidados estava uma menina que parecia totalmente deslocada. Era nova, uns nove ou dez anos no máximo, e estava completamente alheada do que se passava à sua volta enquanto brincava na parte menos funda da piscina.

— Parece que um dos seus convidados trouxe a filha — comentou Rowan.

— Aquela é a Esme e é bom que a trates nas palminhas. É a pessoa mais importante que vais conhecer hoje.

— Como assim?

— Aquela menina anafadinha é a chave do futuro. Como tal, faz figas para que ela goste de ti.

O rapaz teria continuado a tentar decifrar as respostas enigmáticas de Goddard, mas a sua atenção foi completamente sequestrada por uma bela rapariga com um biquíni que quase parecia pintado na pele e que agora se aproximava deles. Percebeu tarde demais que estava embasbacado. Ela sorriu; ele corou e desviou o olhar.

— Ariadne, farias a gentileza de oferecer uma massagem ao meu noviço?

— Com certeza, Ilustre Ceifador — respondeu ela.

— Hum... talvez mais tarde — disse Rowan.

— Disparate — insistiu o ceifador. — Tens de relaxar um pouco, e a Ariadne tem umas mãos mágicas, destras na técnica sueca. O teu corpo há de agradecer-te.

Ariadne pegou na mão de Rowan e, com aquele gesto, acabou com toda a sua resistência. Ele levantou-se e deixou-se levar.

— Se o nosso rapaz ficar agradado com os teus préstimos — acrescentou Goddard atrás deles —, permito que me beijes o anel.

Vou morrer dentro de oito meses, pensou Rowan enquanto Ariadne o levava para a tenda das massagens. Então talvez se pudesse permitir alguns outros caprichos pelo caminho.

21

Marcado

A festa prolongou-se por mais um dia. Foi um festival de excessos a todos os níveis. Rowan juntou-se à farra, embora mais por obrigação do que por qualquer outro motivo. Era o centro das atenções, a celebridade do momento. Na piscina, gente bonita ia ter com ele; no bufê, os convidados afastavam-se para que pudesse ser sempre o primeiro na fila. Era desconfortável, mas dava jeito. Não podia negar que uma parte de si gostava da natureza surreal de toda aquela atenção. A alface elevada a um lugar de honra.

Era só quando os outros ceifadores presentes lhe apertavam a mão e desejavam boa sorte na sua competição mortal contra Citra que ele recuperava a lucidez e se lembrava do que estava em jogo.

Conseguia roubar alguns minutos de sono na cabana, mas acabava sempre por ser acordado pela música, por gargalhadas ou fogos de artifício. Então, ao fim da tarde do segundo dia, quando o Ceifador Goddard já tivera a sua dose, só teve de sussurrar isso mesmo e a palavra espalhou-se rapidamente. Em menos de uma hora os convidados tinham partido e os empregados começaram a limpar os restos na propriedade agora estranhamente silenciosa. Agora, apenas lá estavam os residentes: Goddard, os seus três ceifadores iniciantes, os empregados e a menina, Esme, que se entretinha a olhar para Rowan da janela do seu quarto como se fosse um espetro, enquanto ele se deixava ficar sentado na cabana de Goddard, à espera de fosse o que fosse que viria a seguir.

O Ceifador Volta aproximou-se, as suas vestes amarelas a adejar com a brisa.

O que é que ainda estás a fazer aqui? — perguntou.

— Não tenho de estar em mais lado nenhum.

— Vem comigo. Está na altura de começares a tua formação.

***

Na cave da casa principal havia uma adega na qual centenas, talvez milhares de garrafas repousavam em nichos de tijolo. Um mínimo indispensável de lâmpadas iluminava o espaço e projetava longas sombras que conferiam a todos os nichos o aspeto de portais para infernos ainda por revelar.

Volta levou Rowan até à câmara central da cave, onde Goddard e os outros ceifadores os aguardavam. Rand sacou um aparelho da sua túnica verde: assemelhava-se a um misto de arma de fogo e lanterna.

— Sabes o que isto é? — perguntou ela.

— Um modificador — respondeu o rapaz.

Muitos anos antes, os seus professores haviam decidido que ele cruzara a linha que separava as flutuações de humor da depressão, pelo que os seus nanorrobôs tinham sido modificados. Isso tinha sido há cerca de cinco ou seis anos. A modificação fora indolor e o efeito subtil. Ele não tinha dado por grandes diferenças, embora todos concordassem que começara a sorrir mais.

— Estende os braços, afasta as pernas — disse Rand.

Rowan fez o que lhe era dito e Rand percorreu-lhe o corpo todo com o modificador como se fosse alguma espécie de varinha mágica. Sentiu um ligeiro formigueiro nas extremidades, embora tenha desaparecido muito depressa. A mulher recuou e o Ceifador Goddard. aproximou-se.

— Já ouviste a expressão «rito de passagem»? — perguntou-lhe ele.

— Ou «rito de iniciação»? — Rowan abanou a cabeça e reparou que os outros ceifadores se tinham postado à sua volta, deixando-o no centro do círculo por eles formado. — Bem, estás prestes a descobrir o que quer dizer.

Os outros livraram-se então das suas pesadas túnicas e ficaram em roupa interior; em seguida, adotaram posturas agressivas. Era visível uma expressão determinada em cada uma daquelas caras e talvez só uma pitada de alegre expetativa. Rowan sabia o que ia acontecer apenas um instante antes de começar.

Chomsky, o maior de todos, deu um passo à frente e, sem aviso algum, assentou-lhe um soco tão forte na face que Rowan rodopiou, perdeu o equilíbrio e caiu no chão poeirento.

Sentiu o choque do golpe e o lampejo de dor, e ficou à espera do costumeiro calor emitido pelos nanorrobôs ao libertarem os opiáceos analgésicos na sua corrente sanguínea. Todavia, o alívio não veio e a dor apenas se limitou a aumentar.

Foi horrível.

Avassalador.

Ele nunca tinha sentido tanta dor — nem sabia que tanta dor podia existir.

— *O que é que fizeram?* — queixou-se. — *O que é que fizeram comigo?*

— Desligámos-te os nanorrobôs — respondeu calmamente Volta —, para que pudesses sentir o mesmo que os nossos antepassados.

— Existe uma expressão muito antiga — acrescentou Goddard. — «Sem dor nada se ganha». — Apertou-lhe afetuosamente o ombro. — E só desejo que os teus ganhos sejam abundantes.

Então, deu um passo atrás e fez sinal aos outros para que se aproximassem, ao que eles começaram a espancá-lo.

***

Sem a ajuda dos nanorrobôs curativos, a recuperação foi um processo lento e desagradável que pareceu agravar-se antes de começar a melhorar. No primeiro dia, Rowan só queria morrer. No segundo, pensou que era bem capaz de ver a sua vontade satisfeita. A cabeça latejava; os pensamentos pareciam girar incontrolavelmente. Perdia e recuperava a consciência sem aviso prévio. Sentia dificuldade em respirar e sabia que tinha várias costelas partidas. E ainda que, terminada a tareia, o Ceifador Chomsky lhe tivesse dado um doloroso puxão para que o ombro deslocado voltasse ao lugar, as dores continuavam a seguir o ritmo do seu batimento cardíaco.

Volta visitava-o várias vezes por dia. Sentava-se com ele, dava-lhe sopa à colher e enxugava-lhe o queixo sempre que ela lhe escorria por entre os beiços cortados e inchados. Embora visse uma auréola à volta dele, Rowan sabia que não passava de um efeito causado por uma lesão do nervo ótico. Não o espantaria se descobrisse que tinha um descolamento de retina.

— Arde — disse ele a Volta quando a sopa salgada lhe escorreu pelos lábios.

— Por enquanto, sim — disse-lhe o outro com genuína compaixão —, mas há de passar e terás aprendido com isto.

— Como é que vou aprender seja o que for com isto? — perguntou ele, horrorizado com o som líquido e distorcido das suas palavras, como se estivesse a falar pelo espiráculo de uma baleia.

Volta deu-lhe mais uma colher de sopa.

— Daqui a seis meses, logo me dizes se eu tinha razão.

Rowan agradeceu-lhe por se dar ao trabalho de o visitar quando mais ninguém o fazia.

— Podes chamar-me Alessandro — disse-lhe ele.

— Esse é o teu nome verdadeiro?

— Não, idiota, é o nome próprio de Volta.

Rowan imaginou que aquilo seria o melhor que se podia conhecer alguém no seio da Ceifa.

— Obrigado, Alessandro.

***

Na noite do segundo dia, a menina (aquela que Goddard dissera ser tão importante) apareceu no quarto dele quando Rowan repousava entre um delírio e o seguinte. Como é que ela se chamava? Amy? Emmy? Ah, sim: Esme.

— Detesto o que te fizeram — disse ela com lágrimas nos olhos. — Mas vais ficar melhor.

Claro que ele ia ficar melhor. Não tinha voto na matéria. Nos tempos mortais, ou se morria ou se recuperava. Agora, só havia uma opção.

— Porque é que vieste?

— Para ver como é que estavas.

— Não... quero dizer para aqui, para este lugar.

A menina hesitou antes de responder; quando o fez, desviou o olhar.

— O Ceifador Goddard e os seus amigos foram a um centro comercial perto de onde eu vivia. Colheram toda a gente que estava na área de restauração, menos eu. Depois, ele disse-me que viesse com ele. E eu vim.

Aquilo não explicava rigorosamente nada, mas foi a única razão que ela apresentou — talvez fosse a única que ela sabia. Tanto quando Rowan podia ver, a menina não tinha nenhuma função evidente na propriedade. Todavia, Goddard deixara claro que, se alguém fosse menos agradável com ela, o castigo seria bem severo. Não podia ser incomodada fosse de que maneira fosse, e tinha livre-trânsito na propriedade. Para Rowan, era o maior mistério que se lhe deparara no mundo do Ceifador Goddard.

— Acho que vais ser melhor ceifador do que os outros — disse-lhe Esme, embora não lhe explicasse porquê. Talvez fosse instinto, um pressentimento, mas ela não podia estar mais enganada.

— Não vou ser um ceifador — disse-lhe ele. Era a primeira pessoa a quem admitia tal coisa.

— Hás de ser se quiseres — insistiu ela. — E eu acho que vais querer. Então, deixou-o com os seus botões, com a dor e com aquela possibilidade.

***

O Ceifador Goddard só se fez ver no quarto de Rowan no terceiro dia.

— Como é que te sentes? — perguntou.

O rapaz teve vontade de lhe cuspir em cima, mas sabia que a dor seria insuportável, além de poder dar azo a uma segunda tareia.

— Como é que acha que eu me sinto?

O ceifador sentou-se na beira da cama e examinou-lhe o rosto.

— Podes ver com os teus próprios olhos.

Ajudou-o a sair da cama e Rowan foi a coxear até a um roupeiro muito trabalhado no qual havia um espelho de corpo inteiro.

Mal se reconheceu: tinha a cara tão inchada que mais parecia uma abóbora; além disso, hematomas arroxeados que se espalhavam por todo o rosto e corpo começavam agora a adquirir todos os tons do espetro.

— É aqui que a tua vida começa — disse-lhe Goddard. O que estás a ver é a morte do rapaz. Dele nascerá o homem.

— Mas que grande monte de tretas — disse ele, sem sequer se importar com a possível reação de Goddard.

O ceifador limitou-se a alçar uma sobrancelha.

— Talvez... mas não podes negar que este é um ponto de viragem na tua vida, e cada ponto de viragem tem de ser assinalado por um acontecimento... um acontecimento que te deixe uma marca indelével.

Então, ele agora estava marcado. De qualquer modo, desconfiava de que aquilo seria apenas o início de uma prova de fogo bem maior.

— O mundo deseja ser como nós — disse-lhe o ceifador. — Ficamos com o que queremos e fazemos o que queremos, sem consequências nem arrependimentos. Se pudessem, roubavam-nos as túnicas e usavam-nas. Foi-te dada uma oportunidade de ascender acima da realeza; como tal, o mínimo que te é exigido é este rito de iniciação que te preparei.

O homem deixou-se ficar ali, a observá-lo durante mais alguns segundos. Em seguida, retirou o modificador da túnica.

— Braços para cima, pernas abertas.

Rowan inspirou o mais fundo que pôde e obedeceu. Goddard varreu-o com a sua varinha mágica. O rapaz sentiu o esperado formigueiro nas extremidades, mas, quando terminou, não deu conta do calor dos opiáceos nem de uma redução da dor.

— Continua a doer — comentou.

— Claro que continua. Não ativei os teus analgésicos, apenas os nanorrobôs curativos. Hás de estar como novo pela manhã, e pronto para iniciar a tua formação. Mas, a partir deste momento, hás de sentir toda a dor do teu corpo.

— Porquê? — atreveu-se Rowan a perguntar. — Que pessoa no seu juízo perfeito havia de querer sentir essa dor?

— O chamado juízo perfeito é sobrevalorizado. Prefiro um juízo que não esteja toldado por certas noções a um juízo perfeito.

22

O símbolo do bidente

Os dias de Citra eram preenchidos com a formação e a colheita.

Em todos eles, saía com Curie rumo a cidades escolhidas completamente ao acaso. Ficava a ver a ceifadora passear-se pelas ruas, centros comerciais e parques, mais parecendo uma leoa em busca de presas vulneráveis. A rapariga aprendeu a identificar sinais de «estagnação», como a ceifadora lhes chamava, embora não ficasse tão convencida quanto ela no que respeitava à prontidão com que os eleitos estariam dispostos a aceitar a colheita. Perguntava a si mesma em quantos dos seus próprios dias se sentira farta do mundo antes de se tomar uma noviça da morte. Se a Ceifadora Curie se tivesse cruzado com ela num deles, tê-la-ia colhido?

Certo dia, passaram por uma escola primária quando as crianças estavam a sair e Citra teve a terrível sensação de que a ceifadora ia colher um dos alunos.

— Nunca colho crianças — admitiu Curie. — Nunca encontrei nenhuma que me parecesse estagnada, mas, mesmo que encontrasse, não o faria. Já me repreenderam por isso nos conclaves, mas nunca tomaram medidas disciplinares contra mim.

O Ceifador Faraday não tinha tal regra; era muito rigoroso com as estatísticas da Era da Mortalidade. Morriam menos pré-adolescentes naquela altura, mas acontecia. No tempo que haviam passado juntos, Citra apenas tivera conhecimento de uma colheita dessas. Ele não convidara os seus noviços e, durante o jantar do dia em questão, desatara num pranto incontrolável e tivera de se retirar da mesa. Caso fosse ordenada, Citra jurou a si mesma que havia de seguir uma política como a de Curie, mesmo que lhe trouxesse problemas com a comissão de seleção.

Quase todas as noites, a ceifadora e a sua noviça preparavam o jantar para famílias enlutadas. A maioria dos convidados partia de bom humor. Alguns ainda permaneciam inconsoláveis, ressentidos e cheios de ódio, mas eram uma minoria. Era assim que a vida e a morte coabitavam no quotidiano de Citra antes do Conclave das Colheitas. Ela não conseguia deixar de pensar em Rowan e perguntar a si mesma como ele estaria. Queria muito vê-lo, embora ao mesmo tempo também o receasse; sabia que numa questão de poucos meses o havia de

ver pela última vez, de uma forma ou de outra.

E agarrava-se à vaga esperança de que, se pudesse provar que o Ceifador Faraday tinha sido eliminado por outro ceifador, talvez pudesse transformar esse conhecimento numa chave de parafusos capaz de encravar o implacável mecanismo da Ceifa. Uma chave de parafusos que a livraria de ter de colher Rowan ou de ser colhida por ele.

***

Quase todos os enlutados que ela tinha de notificar eram idênticos: cônjuges, filhos, pais. A princípio, levara a mal o facto de Curie a usar como linha da frente para aquelas pessoas de coração destroçado, mas não demorou a entender o porquê: não era para que a ceifadora pudesse evitar a situação, mas sim para que ela, Citra, pudesse vivê-la e aprender a mostrar compaixão na presença da tragédia. Era emocionalmente desgastante, mas também gratificante. Estava a prepará-la para ser uma ceifadora.

A sua experiência pós-colheita apenas uma vez foi diferente. A primeira parte do seu trabalho consistia em procurar os parentes imediatos do colhido, e houve uma mulher que parecia não ter família direta, a não ser um irmão com quem havia perdido o contacto. Era estranho numa altura em que as famílias alargadas frequentemente se revelavam uma complicada teia que se estendia por seis ou mais gerações vivas. No entanto, aquela pobre mulher não tinha senão um irmão. Citra localizou o endereço e foi até lá, mas não estava a prestar muita atenção. Nem sabia para onde ia até que deu por si lá.

Não era uma casa (não no sentido tradicional), mas sim um mosteiro, um complexo murado de adobe ao estilo das missões históricas. Mas, ao contrário dessas estruturas antigas, o símbolo que coroava o extremo da torre central não era uma cruz: era um diapasão. O bidente. O símbolo dos cultos do tom.

Aquilo era um mosteiro tonista.

Citra estremeceu como qualquer um estremeceria perante a perspetiva de algo vagamente desconhecido e sombriamente místico.

«Mantém-te longe desses lunáticos», dissera-lhe o pai uma vez. «As pessoas são arrastadas para lá e nunca mais ninguém lhes põe a vista em cima.» O que era ridículo. Já ninguém desaparecia. O Cúmulo-Nimbo sabia exatamente onde estava toda a gente, fosse a que hora fosse. Obviamente, não tinha de o dizer.

Noutras circunstâncias, ela poderia ter seguido o conselho do pai. Mas

tratava-se de uma missão de luto, algo que prevalecia sobre qualquer receio.

Entrou no complexo por um arco com um portão, que não estava trancado. Deu por si num jardim cheio de flores brancas com um perfume intenso: gardénias. Os cultos tonistas tinham como enfoque quase exclusivo os aromas e os sons, e não davam grande valor ao sentido da visão. Com efeito, os grupos tonistas mais extremos cegavam-se e o Cúmulo-Nimbo permitia-o com bastante relutância, impedindo que os seus nanorrobôs curativos restaurassem a visão. Era horrível, mas também uma das poucas expressões de liberdade religiosa que restavam num mundo que havia acabado com os seus deuses.

Citra seguiu um caminho de pedra pelo jardim até à igreja onde se destacava o símbolo do diapasão e abriu as pesadas portas de carvalho para entrar numa capela cheia de bancos corridos. Estava escuro, embora houvesse vitrais de ambos os lados. Não pertenciam à era mortal, antes evidenciando um teor tonista. Representavam várias cenas estranhas: um homem sem camisa com um enorme diapasão às costas; uma pedra que se fraturava e projetava relâmpagos; multidões que fugiam de uma medonha criatura vermiforme que se assemelhava a uma dupla hélice que se elevava do solo numa espiral.

Ela não gostou das imagens e desconhecia o objeto do culto daquelas pessoas, mas achou tudo aquilo risível. Ridículo. Todos sabiam que aquela suposta religião não passava de um amontoado de fés da era mortal reunidas num mosaico perturbador. Não obstante, havia quem se sentisse atraído por aquela estranha colagem de ideologias.

Um padre, um monge, ou qualquer que fosse o nome dos clérigos daquele culto, estava no altar a entoar um canto monótono enquanto apagava as velas uma a uma.

— Com licença — disse Citra. A voz saiu-lhe muito mais alta do que pretendia; um truque da acústica da capela.

O homem não se assustou. Apagou mais uma vela, pousou o abafador prateado e aproximou-se com um claudicar muito acentuado. Ela pensou para consigo se seria simulado ou se a sua liberdade religiosa lhe permitia manter a lesão que teria causado aquele coxear. Pelas rugas no seu rosto, Citra pôde ver que já devia ter reiniciado o contador há muito tempo.

— Sou o Cura Beauregard — apresentou-se ele. — Veio para se purificar?

— Não — respondeu ela ao mesmo tempo que lhe mostrava a braçadeira com o selo dos ceifadores. — Preciso de falar com Robert Ferguson.

— O irmão Ferguson está no seu repouso da tarde. Não devo incomodá-lo.

— É importante.

O cura suspirou.

— Muito bem. O que está para vir não pode ser evitado. — Saiu a coxear, deixando Citra sozinha.

Ela olhou em volta, registando aquele lugar bizarro. O altar da frente continha uma pia de granito cheia de água — mas a água era turva e malcheirosa. Imediatamente atrás situava-se o ponto central da igreja: um diapasão de aço semelhante ao do telhado, lá fora. O bidente tinha quase dois metros de altura e erguia-se numa base de obsidiana. Ao seu lado, na sua própria plataforma, via-se um martelo de borracha numa almofada de veludo preto. Mas foi o bidente que lhe prendeu a atenção. O enorme diapasão era cilíndrico, liso como prata e frio ao toque.

— Quer fazê-lo soar, não quer? Força, não é proibido.

Citra deu um salto, repreendendo-se silenciosamente por ser apanhada desprevenida.

— Sou o Irmão Ferguson — disse o homem ao aproximar-se. — Queria falar comigo?

— Sou a noviça da Ilustre Ceifadora Marie Curie — anunciou Citra. — Já ouvi falar dela.

— Estou aqui numa missão de luto.

— Prossiga.

— Lamento dizer-lhe que hoje, às treze e quinze, a Ceifadora Curie colheu a sua irmã, Marisa Ferguson. Sinto muito pela sua perda.

O homem não pareceu ficar perturbado nem surpreendido, apenas resignado.

— É tudo?

— É tudo!? Não ouviu? Acabei de lhe dizer que a sua irmã foi colhida hoje.

O homem suspirou.

— O que está para vir não pode ser evitado.

Se antes Citra não tinha nada contra tonistas, agora passara a ter.

— É isso? — perguntou. — É esse o chavão «sagrado» da sua gente?

— Não é nenhum chavão; trata-se apenas da simples verdade segundo a qual vivemos.

— Está bem, chame-lhe o que quiser. Terá de tomar providências a respeito do corpo da sua irmã... porque isso também está para vir e não pode ser evitado.

— Mas, se eu não o fizer, o Cúmulo-Nimbo não se encarrega do funeral?

— Você não se importa nem um pouco?

O homem demorou um pouco antes de responder:

— A morte às mãos de um ceifador não é uma morte natural. Nós, tonistas, não a reconhecemos.

Citra aclarou a voz, engoliu a resposta que lhe queria dar e fez o seu melhor para manter uma atitude profissional.

— Mais uma coisa: embora não vivesse com ela, é o seu único parente documentado. Isso dá-lhe direito a um ano de imunidade da colheita.

— Não quero imunidade.

— Porque é que isso não me surpreende?

Era a primeira vez que encontrava alguém que rejeitava a imunidade. Até o mais desanimado beijava o anel.

— Já fez o seu trabalho. Pode ir — disse o Irmão Ferguson.

Havia um limite para a frustração de Citra. Não podia gritar com o homem, não podia usar os seus conhecimentos de Bokator para lhe assentar uma patada no pescoço ou derrubá-lo com um golpe do cotovelo. Gomo tal, fez a única coisa ao seu dispor: pegou no martelo e concentrou toda a sua raiva num único movimento do braço.

O bidente ressoou com tanta intensidade que ela até o sentiu nos dentes e nos ossos. Não soou como um sino, que produzia um som oco. Aquele tom era cheio e denso, e o choque da surpresa arrancou-lhe a ira do corpo. Dissolveu-a. Fez que os músculos se soltassem, o maxilar perdesse a tensão. O eco retumbou-lhe no cérebro, nas entranhas e na coluna. O som durou muito mais tempo do que deveria, até que começou a dissipar-se aos poucos. Nunca sentira nada simultaneamente tão perturbador e reconfortante.

— O que foi isto? — foi a única coisa que conseguiu dizer.

— Sol sustenido — respondeu o irmão Ferguson. — Embora ainda se mantenha em aberto o debate entre os irmãos sobre se, de facto, não será um lá

bemol.

O bidente continuava a soar tenuemente. Citra podia vê-lo a vibrar; como se os seus contornos estivessem desfocados. Tocou-lhe e, assim que o fez, ele silenciou-se.

— Vejo que tem perguntas — observou o homem. — Responderei dentro do que me for possível.

Citra queria negar a existência de quaisquer perguntas, mas de repente percebeu que as tinha.

— Em que é que a sua gente acredita?

— Em muitas coisas.

— Contento-me com uma.

— Acreditamos que as chamas não foram criadas para arder para sempre.

Citra olhou para as velas junto ao altar.

— É por isso que o cura estava a apagá-las?

— Faz parte do nosso ritual, sim.

— Então, adoram as trevas.

— Não. Trata-se de uma confusão comum que as pessoas usam para nos difamar. Adoramos os comprimentos de onda e as vibrações que se encontram para lá dos limites da visão humana. Acreditamos na Grande Vibração e que ela nos libertará da estagnação.

Estagnação.

Era a palavra que a Ceifadora Curie usava para descrever aqueles que decidia colher. O irmão Ferguson sorriu.

— Bem, algo no que eu lhe disse encontrou eco dentro de si, não foi? Ela desviou o olhar, não querendo encontrar aqueles olhos inquisitivos, e deu por si a olhar para a pia de pedra. Apontou para ela.

— Para que serve a água suja?

— É a vasa primordial! Está cheia de micróbios! Na Era da Mortalidade, esta única pia, sem mais ajuda, podia ter dizimado populações inteiras. Chamava-se «doença».

— Eu sei que nome lhe davam.

O homem mergulhou um dedo na água turva e fê-la girar.

— Varíola, poliomielite, Ébola, antraz... todos reunidos aqui, mas agora são inofensivos. Não podíamos ficar doentes mesmo se quiséssemos. — Retirou o dedo daquele lodo imundo e lambeu-o. — Podia beber isto tudo e nem me causaria uma indigestão. Infelizmente, já não podemos transformar a água em vermes.

Citra saiu sem dizer mais nada e sem olhar para trás... mas passou o resto do dia sem conseguir livrar-se do fedor daquela água pestilenta.

23

A toca de coelho virtual

Mesmo ao fundo do corredor onde ficava o quarto de Citra havia um escritório. Como todas as outras divisões da residência, tinha janelas em várias paredes e, como tudo o mais na vida da Ceifadora Curie, era mantido na mais perfeita ordem. Havia ali uma interface de computador que a rapariga usava para estudar porque, ao contrário de Faraday, Curie não evitava o digital no que respeitava à aprendizagem. Na qualidade de noviça de um ceifador, Citra tinha acesso a bases de dados e informações vedadas a outras pessoas. Chamavam-lhe o «cérebro posterior», e encontravam-se ali todos os dados em bruto da memória do Cúmulo-Nimbo que não haviam sido organizados para consumo humano.

Antes do noviciado, ao fazer uma busca padrão, o Cúmulo-Nimbo acabava por se intrometer e dizia coisas como: *Vejo que estás à procura de um presente. Posso perguntar para quem? Talvez te possa ajudar a encontrar algo apropriado.* As vezes, ela deixava que ele a ajudasse; noutras, gostava de procurar sozinha. Todavia, desde que se tornara noviça, ele adotara um silêncio perturbador, como se não fosse nada mais do que o conjunto dos seus dados.

— Vais ter de te acostumar a isso — dissera-lhe Faraday a princípio —, os ceifadores não podem falar com o Cúmulo-Nimbo e ele não fala connosco. Chegará a altura em que hás de apreciar o silêncio e a independência que a sua ausência te proporciona.

Agora, mais do que nunca, ter-lhe-ia dado bastante jeito a orientação da IA do Cúmulo-Nimbo enquanto navegava entre os seus ficheiros de dados, uma vez que o sistema de câmaras públicas globais parecia ter sido feito para lhe dificultar as investigações. As tentativas de seguir os passos de Faraday no dia da sua morte estavam a tornar-se mais complicadas do que esperara. Os registos de vídeo do cérebro posterior não estavam organizados por câmaras, nem sequer por local. Aparentemente, o Cúmulo-Nimbo associava-os por conceito. Relacionava momentos com padrões de trânsito idênticos em partes completamente diferentes do mundo. Relacionava registos de pessoas que caminhavam de uma maneira semelhante. Uma sequência de associações conduzia a imagens do pôr do sol, cada uma mais espetacular do que a anterior, todas captadas por câmaras de rua. Citra acabou por perceber que a memória

digital do Cúmulo-Nimbo era estruturada como um cérebro biológico. Cada momento de cada registo de vídeo estava associado a centenas de outros segundo diferentes critérios — o que queria dizer que cada ligação que Citra seguia a lançava numa toca de coelho de neurónios virtuais. Era como tentar ler a mente de alguém dissecando-lhe o córtex cerebral. Ela estava a ficar louca.

Sabia que a Ceifa havia criado os seus próprios algoritmos para pesquisar os insondáveis conteúdos do cérebro posterior, mas não podia fazer perguntas à Ceifadora Curie sem levantar suspeitas. A mulher já se havia mostrado capaz de perceber sempre que ela estava a mentir, pelo que era melhor não se pôr numa situação em que se visse forçada a fazê-lo.

A pesquisa começara como um projeto e rapidamente evoluíra para um desafio, sendo que agora era uma obsessão. Citra passava secretamente uma ou duas horas por dia a tentar encontrar gravações dos últimos movimentos de Faraday, mas sem sucesso.

Perguntava a si mesma se, apesar do seu silêncio, o Cúmulo-Nimbo estaria a observar o que ela andava a fazer. *Ai, ai, tens andado a vasculhar-me os miolos,* diria ele com um piscar de olho virtual, se lhe fosse permitido. *Sua menina marota.*

Então, passadas muitas semanas, Citra teve uma epifania: se tudo o que era carregado para o Cúmulo-Nimbo ficava armazenado no cérebro posterior, então, não eram só as gravações públicas, mas também as pessoais que lá estavam. Ela não tinha acesso às gravações privadas dos outros, mas qualquer coisa que *ela* carregasse estaria à

sua disposição. O que queria dizer que podia alimentar a pesquisa com dados seus...

***

— Não existe nenhuma lei concreta que diga que não posso visitar a minha família durante o meu noviciado.

Citra levantou o assunto uma noite a meio do jantar, sem aviso algum nem contexto. Estava decidida a apanhar a Ceifadora Curie desprevenida. Percebeu que tinha resultado pelo tempo que ela demorou a responder: duas colheres de sopa antes de dizer fosse o que fosse.

— É a nossa prática padrão... e bastante sensata, na minha opinião. — É cruel.

— Já não foste a um casamento de família?

Citra não sabia como ela descobrira, mas não ia permitir que a desviassem do tema.

— É bem possível que morra dentro de alguns meses. Acho que devia ter o direito de ver a minha família algumas vezes até lá.

A ceifadora comeu mais duas colheradas antes de dizer:

— Vou pensar nisso.

Acabou por concordar, como Citra sabia que faria; afinal, Curie era uma mulher justa. E a rapariga não tinha mentido (queria mesmo ver a sua família), pelo que a ceifadora não identificara logro algum na expressão dela porque não havia nenhum. Embora ver a família não fosse o seu único motivo para voltar a casa.

***

Na rua de Citra tudo parecia como sempre quando a percorreu com Curie e, ao mesmo tempo, tudo estava diferente. Uma leve nostalgia puxou por ela, embora não tivesse bem a certeza do que sentia falta. A única coisa que sabia era que, de repente, andar por ali era como andar num país estrangeiro onde as pessoas falavam uma língua desconhecida. Subiram no elevador até ao apartamento de Citra com uma mulher anafada que levava ao colo uma cadela ainda mais anafada, declaradamente apavorada. A mulher, não a cadela. A cadela não podia estar menos preocupada. Sra. Yeltner, era esse o nome dela. Antes de Citra partir, a Sra. Yeltner havia redefinido o seu ponto lipídico para «esbelta». Aparentemente, o procedimento estava a debater-se com um apetite gargantuesco, uma vez que a mulher transbordava nos lugares menos oportunos.

— Olá, Senhora Yeltner — cumprimentou-a Citra, sentindo-se culpada por estar a divertir-se com o terror velado da mulher.

— Gosto muito de te ver — respondeu a outra; era óbvio que não se lembrava do nome dela. — Não houve uma colheita no teu andar já este ano? Achava que não era permitido repetir tão cedo o mesmo edifício.

— É permitido, sim, mas hoje não estamos cá para colher.

— Embora tudo seja possível — acrescentou Curie.

Quando o elevador chegou ao seu andar, a Sra. Yeltner chegou ao ponto de tropeçar na sua querida cadela, tal era a pressa de sair.

Era domingo, pelos que ambos os pais de Citra e o irmão estavam em casa à

espera. A visita não era uma surpresa; não obstante, ela detetou alguma na expressão do pai ao abrir-lhes a porta.

— Olá, pai. — Deu-lhe um abraço caloroso, mas também com o seu quê de forçado.

— Sentimos a tua falta, querida — disse a mãe, abraçando-a também. Ben manteve a distância e limitou-se a olhar para Curie.

— Estávamos à espera do Ceifador Faraday — disse o pai à mulher vestida de lavanda.

— É uma longa história — disse-lhe por sua vez a filha. — Agora, tenho uma nova mentora.

— É a Ceifadora Curie! — deixou escapar Ben.

— Ben — repreendeu-o a mãe —, não sejas mal-educado.

— Mas é, não é? Já a vi em fotografias. A senhora é famosa.

A visada conseguiu um sorriso modesto.

— Infame seria mais apropriado.

O Sr. Terranova indicou a sala com um gesto abrangente.

— Faça o favor de entrar.

Mas a Ceifadora Curie não passou da porta.

— Tenho que fazer noutro lugar — respondeu. — Estarei de regresso ao fim da tarde para levar a Citra.

Despediu-se dos pais com um aceno de cabeça, piscou o olho a Ben e deu meia-volta. Assim que a porta se fechou, ambos os pais pareceram esvaziar-se um pouco, como se tivessem estado a suster a respiração.

— Não posso acreditar que estás a ser ensinada pela Ceifadora Curie. A Grandona da Morte!

— Grande Dama, não é nenhuma grandona.

— Eu nem sabia que ainda existia — comentou a mãe de Citra. — Os ceifadores não têm de se colher a si mesmos, todos eles, mais cedo ou mais tarde?

— Nós não *temos* de fazer nada — explicou a rapariga, um pouco surpreendida com o pouco que os seus pais sabiam sobre o funcionamento da Ceifa. — Os ceifadores apenas se colhem se quiserem. — *Ou se forem*

assassinados, pensou.

O seu quarto estava exatamente como o havia deixado, só que mais limpo.

— E, se não fores ordenada, podes voltar para casa e há de ser como se nunca tivesses partido — disse-lhe a mãe.

Citra preferiu não lhe dizer que, acontecesse o que acontecesse, nunca mais voltaria para casa. Se conseguisse tornar-se uma ceifadora, o mais provável era que fosse viver com outros iniciantes, e, se não fosse ordenada, a sua vida acabaria ali. Os pais não tinham de saber.

— É o teu dia — interrompeu o pai. — O que te apetece fazer?

A rapariga vasculhou a gaveta da escrivaninha até encontrar a sua câmara.

— Vamos dar uma volta.

***

A conversa de circunstância era de natureza microscópica e, embora fosse bom estar de novo com a sua família, a barreira que os separava nunca lhe tinha parecido tão densa. Havia tantas coisas sobre as quais gostaria de poder falar, mas que eles nunca entenderiam, com as quais nunca se haviam de identificar. Não podia debater com a mãe todas as minudências da arte de matar. O pai não a podia consolar se lhe falasse daquele momento em que a vida abandonava os olhos de alguém. O irmão era o único com quem se sentia mais ou menos confortável.

— Tive um sonho em que ias à minha escola e colhias todos os idiotas — disse-lhe ele.

— A sério? De que cor era a minha túnica?

— Turquesa, acho eu — respondeu ele, um pouco hesitante.

— Então vou escolher essa cor.

Ben sorriu, radiante.

— O que é que te vamos chamar quando fores ordenada? — perguntou o pai como se fosse uma coisa certa.

Citra não tinha pensado nisso. Nunca ouvira falar de um ceifador por outro nome que não o do seu Patrono Histórico ou «Ilustre». Será que a mesma regra se aplicava aos parentes? Ela ainda nem tinha escolhido um patrono.

— Vocês são a minha família, podem chamar-me o que quiserem — respondeu ela para se esquivar à pergunta e com a esperança de que aquilo fosse

verdade.

Passearam pela cidade. Embora não lhes dissesse, passaram pela casinha onde tinha vivido com Rowan e o Ceifador Faraday. Passaram pela estação de comboios que ficava lá perto. E Citra fez questão de tirar uma fotografia de família em cada um daqueles lugares... todas de um ângulo semelhante ao da câmara pública mais próxima.

***

O dia foi emocionalmente cansativo. Citra queria ficar mais tempo, embora uma boa parte de si estivesse em ânsias para que Curie chegasse. Decidiu não se sentir culpada por isso; já carregava culpas de sobra. «A culpa é a prima idiota do remorso», Faraday gostava de dizer.

No caminho de regresso, Curie não lhe perguntou nada sobre a visita a casa, e Citra ficou satisfeita por não ter de partilhar. Todavia, tinha uma pergunta para a ceifadora:

— Alguém a trata pelo seu nome próprio?

— Sim; outros ceifadores, aqueles que são amigos, chamam-me Marie.

— Como em Marie Curie?

— A minha Patrona Histórica era uma grande mulher. Cunhou o termo «radioatividade» e foi a primeira mulher a ganhar um Prémio Nobel, quando eles ainda eram atribuídos.

— Mas... e o seu nome verdadeiro? Aquele que lhe deram ao nascer?

A ceifadora demorou a responder.

— Não há ninguém que me conheça por esse nome — acabou por admitir.

— E a sua família? Imagino que ainda estejam vivos... Afinal, têm imunidade à colheita enquanto for viva.

Curie suspirou.

— Perdi o contacto com a minha família há mais de cem anos.

Citra pensou se lhe havia de acontecer o mesmo. Todos os ceifadores cortavam os laços com todas as pessoas que haviam conhecido, com tudo o que tinham sido antes de serem escolhidos?

— Susan — acabou por dizer a Ceifadora Curie. — Quando eu era pequena, chamavam-me Susan. Suzy. Sue.

— É um prazer conhecê-la, Susan.

Era praticamente impossível imaginar Curie, a Ceifadora, em criança.

***

Quando chegaram a casa, Citra carregou as suas fotografias no Cúmulo-Nimbo sem se preocupar se a ceifadora via ou não, já que não havia nada de invulgar nem de suspeito naquilo: toda a gente carregava as suas fotografias. Seria suspeito se ela não o fizesse.

Mais tarde naquela noite, depois de se certificar de que Curie estava a dormir, foi até ao escritório, entrou na internet e recuperou as imagens, uma tarefa fácil porque lhes tinha atribuído *tags*. Em seguida, mergulhou no cérebro posterior e seguiu todas as ligações que o Cúmulo-Nimbo havia criado até às suas imagens. Foi ter a outras fotografias da sua família, bem como de outras famílias que se pareciam com a sua por algum motivo. O que era de esperar. Também havia ligações a vídeos feitos por câmaras públicas nos mesmos locais. E era exatamente isso que ela pretendia. Depois de criar o seu próprio algoritmo para descartar as fotos das câmaras de rua que eram irrelevantes, guardou o resto dos vídeos de vigilância. Continuavam a ser milhões de ficheiros aleatórios e desordenados, mas, pelo menos, agora eram gravações das câmaras do bairro de Faraday.

Carregou uma imagem do ceifador para ver se era capaz de isolar vídeos nos quais ele aparecia, mas, como suspeitava, não teve resultados. A política de não interferência do Cúmulo-Nimbo em relação aos ceifadores implicava que a imagem de Faraday não tinha nenhuma espécie de *tag*. Mesmo assim, ela conseguira reduzir o campo de busca de vários milhares de milhões de registos para apenas milhões. Todavia, seguir os passos do homem no dia da sua morte continuava a ser como encontrar uma agulha num campo cheio de palheiros até onde a vista podia alcançar. Não importava: ela estava decidida a encontrar o que queria, por mais que demorasse.

24

Uma vergonha para quem e para o que somos

Entorpecido. Rowan estava a sentir-se cada vez mais entorpecido, e embora isso pudesse ser bom para a sua atormentada sanidade mental, não era bom para a sua alma.

«Nunca percas a tua humanidade se não queres acabar reduzido a uma máquina de matar», alertara-o o Ceifador Faraday. Usara a palavra «matar» em vez de «colher». Naquela altura, Rowan não prestara muita atenção, mas agora entendia: deixava de ser uma colheita quando os ceifadores se tornavam insensíveis, indiferentes ao que estavam a fazer.

No entanto, aquela imensa planície de dormência não era o pior de todos os lugares possíveis. A dormência era um mero purgatório cinzento. Sim, havia um lugar muito pior: trevas que assumiam o disfarce de iluminação. Era um lugar todo ele em azul-real e cravejado de diamantes que brilhavam como estrelas.

— Não, não, não! — repreendeu Goddard enquanto Rowan praticava com uma espada de samurai contra bonecos recheados com algodão.

— Será que não aprendeste nada?

O rapaz estava exasperado, embora se mantivesse em banho-maria e contasse mentalmente até dez antes de se virar para o ceifador, que se dirigia a ele no extenso jardim da frente, agora coberto de restos fofos e felpudos.

— Onde foi que errei desta vez, Ilustre Ceifador? — Para Rowan, dizer «Ilustre Ceifador» tornara-se uma profanação, pelo que não podia deixar de a cuspir como tal. — Decapitei de uma assentada cinco deles, esventrei três e cortei as aortas dos restantes. Se algum deles estivesse realmente vivo, tê-los-ia matado. Fiz exatamente o que me pediu.

— Esse é que é o problema — retorquiu o ceifador. — Não se trata do que *eu* quero, mas sim do que *tu* queres. Onde está a tua paixão? Atacas como um robô!

O rapaz suspirou e embainhou a lâmina. Agora ia ter de aturar um sermão ou, mais precisamente, um discurso, porque não havia nada que Goddard mais apreciasse do que atuar para um público, mesmo que fosse um público composto por uma única pessoa.

— Os seres humanos são predadores por natureza — começou ele.

— A força assética da civilização pode ter-nos privado dessa mesma natureza, mas não nos pode ser arrancada por completo. Aceita-a, Rowan. Alimenta-te do seu seio transformador. Podes pensar que colher é um gosto adquirido, mas não: a emoção da caça e a alegria de matar a presa fervilham em todos nós. Se as trouxeres à superfície, serás então o género de ceifador do qual este mundo precisa.

Rowan queria desprezar tudo aquilo, mas havia algo gratificante na ideia de melhorar, de refinar as suas habilidades, quaisquer que elas fossem. O que ele detestava era o facto de não detestar tal ideia.

Os empregados substituíram os bonecos por outros, novos. Nada mais do que espantalhos com uma esperança de vida muito breve. Goddard retirou-lhe a espada de samurai e entregou-lhe uma faca de caça com um aspeto bem mais agressivo, para uma morte mais íntima.

— É uma faca de mato idêntica à que os ceifadores texanos usam — explicou. — Encontra prazer e satisfação naquilo que fazes, Rowan, ou não serás nada mais do que uma máquina de matar.

***

Todos os dias eram iguais: uma corrida matinal com Rand, levantamento de pesos com Chomsky e um pequeno-almoço nutricionalmente preciso preparado por um *chef* de cozinha. Depois, chegava mais uma lição na arte de matar, dada pelo próprio Goddard: lâminas, arcos, balística ou uso do corpo como arma letal. Nunca venenos, a não ser na ponta de uma arma.

— A colheita é *executada*, não *administrada* — explicou Goddard. — É uma ação voluntária. Torná-la passiva e permitir que um veneno faça todo o trabalho é uma vergonha para quem e para o que somos.

Com Goddard, as pontificações eram constantes e, embora Rowan muitas vezes discordasse, não discutia com ele nem expressava o seu desacordo em voz alta. Deste modo, a voz do ceifador começou a suplantar o seu moderador interno, a tornar-se a voz do julgamento na sua cabeça. O rapaz não sabia porquê. A questão é que agora tinha aquele homem ali, metido na sua cabeça, a dar opinião sobre tudo o que ele fazia.

As tardes eram dedicadas ao treino mental com o Ceifador Volta: exercícios de memória e jogos para aumentar a acuidade cognitiva. A parte mais pequena do dia de Rowan, pouco antes do jantar, era reservada para a aprendizagem com

os livros, mas descobriu que o treino mental o ajudava a reter a informação sem ter de repetir o que estudava.

— Hás de saber a História, a Bioquímica e as toxinas até enjoar para impressionar o conclave — disse-lhe Goddard com um gesto de desdém enojado. — Sempre me pareceu inútil, mas é necessário impressionar os académicos da Ceifa, bem como os pragmáticos.

— É isso que o Ilustre Ceifador é? — quis saber Rowan. — Um pragmático?

— O Ceifador Goddard é um visionário — respondeu Volta por ele.

— O que o coloca num patamar acima de qualquer outro ceifador da MesoMérica. Talvez até do mundo.

Goddard não o contradisse.

E depois havia as festas. Tomavam conta de tudo na propriedade como se fossem ataques epiléticos. Tudo o resto parava. Até tinham prioridade sobre a formação de Rowan. Não fazia a mínima ideia de quem as organizava nem de onde vinham todos aqueles convivas, mas a verdade é que nunca deixavam de aparecer, juntamente com comida suficiente para alimentar exércitos e toda a espécie de decadência.

Embora não soubesse se seria imaginação sua, parecia-lhe que havia cada vez mais ceifadores e mais celebridades nas festas de Goddard.

Em três meses, as mudanças no físico do rapaz eram visíveis, e ele passava mais tempo do que estaria disposto a admitir diante do espelho alto no seu quarto. Tudo estava mais definido — os abdominais, os peitorais. Os bíceps pareciam ter inchado como balões e Rand não parava de lhe dar palmadas nas nádegas enquanto o ameaçava com toda a espécie de atos lascivos quando atingisse a maioridade.

Ele acabara por dar com o jeito do diário e agora escrevia coisas que raiavam o reflexivo, embora tudo aquilo continuasse a ser uma farsa. Nunca escrevia o que realmente sentia; sabia que o seu diário «privado» não o era de todo e que o Ceifador Goddard o lia até à última palavra. Como tal, entretinha-se a escrever apenas aquilo que o seu mentor havia de gostar de ler.

Embora não tivesse esquecido a sua promessa secreta de dar o anel a Citra, havia momentos em que afastava aquela ideia da cabeça e imaginava como seria ver-se ordenado ceifador. Seria como Faraday ou acabaria por aceitar os ensinamentos de Goddard? Por mais que o tentasse negar, o enfoque do seu novo mentor tinha a sua lógica. Afinal, que criatura desprezava a sua própria

existência e se envergonhava dos seus meios de sobrevivência?

Tomámo-nos seres não naturais assim que conquistámos a morte, teria dito Faraday, mas não seria esse um motivo suficiente para procurar qualquer que fosse a natureza que existia dentro de cada um? Se ele aprendesse a desfrutar a colheita, seria uma tragédia assim tão grande?

Guardava estes pensamentos para si mesmo, embora o Ceifador Volta conseguisse ler, pelo menos em traços largos, o que lhe ia na cabeça.

— Eu sei que foste escolhido como noviço por qualidades muito diferentes das daqueles que o Ceifador Goddard admira — disse-lhe ele certa vez. — Ele vê a compaixão e a contenção como fraquezas. Não obstante, tens outros atributos que começam a despertar. Ainda hás de vir a ser um ceifador da nova ordem!

Entre todos os ceifadores iniciantes de Goddard, Volta era o mais digno de admiração e aquele com quem Rowan mais se identificava. Imaginava que, quando se encontrassem ao mesmo nível, poderiam vir a ser amigos.

— Recordas-te da dor que sentiste depois da tareia que te demos? — perguntou-lhe ele uma tarde, uma vez terminado o treino de memória.

— Como é que poderia esquecer?

— São três as razões de existir dessa dor. A primeira é ligar-te aos teus antepassados, revivendo a dor e o medo da dor, porque foi isso que nos levou à civilização e que levou a Humanidade a superar a sua própria mortalidade. A segunda é um rito de passagem; algo que, infelizmente, deixou de existir neste nosso mundo passivo. Mas a terceira talvez seja a mais importante: sofrer a dor liberta-nos para sentirmos a alegria de sermos humanos.

Para Rowan, tudo aquilo soava a clichés ociosos, mas Volta não era como Goddard nesse aspeto: não tinha por hábito falar sobre ideias pomposas e sem sentido.

— Eu já tinha bastante alegria na minha vida sem que vocês tivessem de me massacrar até aos ossos — objetou.

O ceifador assentiu.

— Já sentiste alguma alegria, mas apenas uma sombra do que ela pode ser. Sem a ameaça do sofrimento, não podemos experienciar a verdadeira alegria. Na melhor das hipóteses, o que temos é uma vida agradável.

O rapaz não tinha como argumentar porque aquilo lhe parecia verdadeiro. A

sua vida tinha sido agradável, basicamente. A sua maior razão de queixa era o facto de ser marginalizado. Mas não era o que se passava com todos, sentirem-se marginalizados? Viviam num planeta onde nada que alguém fizesse realmente importava. A sobrevivência estava garantida. O rendimento estava garantido. A comida era abundante e o conforto era um dado adquirido. O Cúmulo-Nimbo atendia às necessidades de todos. Quando não se precisa de nada, o que mais pode ser a vida, além de agradável?

— Hás de acabar por entender — disse-lhe Volta. — Agora que os teus nanorrobôs analgésicos estão a zero, é inevitável.

***

Esme continuava a ser um mistério. Umas vezes descia para comer com eles, ao passo que outras não. Às vezes, Rowan encontrava-a a ler em diferentes sítios da mansão: livros de papel da era mortal que, aparentemente, o proprietário colecionara antes de entregar tudo a Goddard. Ela escondia sempre fosse o que fosse que estivesse a ler, como se tivesse vergonha.

— Quando te tornares um ceifador, ficas cá? — perguntou-lhe ela.

— Talvez sim. Ou talvez não. Talvez nem chegue a ser ceifador, pelo que talvez não venha a ficar em lugar nenhum.

Ela ignorou o fim da resposta.

— Devias ficar — concluiu.

O facto de uma menina de nove anos parecer ter um fraquinho por ele era apenas mais uma complicação que Rowan dispensava. Esme parecia ter tudo o que queria. Isso significava que também o poderia ter, se assim entendesse?

— O meu nome é Esmerelda, mas toda a gente me chama Esme — disse-lhe ela certa amanhã, depois de ir atrás dele até à sala de musculação.

Normalmente, Rowan era simpático com as crianças, mas desde que lhe fora imposto que *tinha* de ser simpático, de repente descobrira que não queria.

— Eu sei, o Ceifador Goddard disse-me. Tu não devias estar aqui, estes pesos podem ser perigosos.

— E tu não devias estar aqui sem o Ceifador Chomsky a ver — retrucou ela antes de se sentar num banco, sem indício algum de querer ir-se embora. — Se quiseres, podemos jogar a qualquer coisa quando acabares de treinar.

— Eu não jogo a nada.

— Nem cartas?

— Nem cartas.

— Ser tu deve ser muito chato.

— Sim, bem, já não é.

— Vou ensinar-te a jogar às cartas amanhã, depois do jantar — anunciou a menina. E como Esme tinha o que queria, Rowan apresentou-se à hora combinada, independentemente de querer ou não.

— É preciso manter a Esme feliz — relembrou-lhe Volta depois de Rowan jogar com ela.

— Porquê? Goddard parece não querer saber de quem não usa uma túnica de ceifador; então, porquê este interesse por ela?

— Só tens de ser bom para ela.

— Sou bom para toda a gente — protestou o rapaz. — Caso não tenhas dado por isso, sou uma boa pessoa.

Volta riu-se.

— Bem, tenta continuar assim enquanto puderes — aconselhou, como se tal fosse algo muito difícil.

***

Então, chegou o dia em que Goddard introduziu uma ruga no tecido tenso que era a vida de Rowan. Surgiu sem aviso, como tudo o que o ceifador lhe preparava. Foi durante a aula sobre a arte de matar. O rapaz estava a trabalhar com duas lâminas, uma adaga em cada mão, algo que para ele era mais complicado, visto que era destro e tinha pouca desenvoltura com a mão esquerda. Goddard adorava dificultar-lhe aquelas sessões de treino e avaliava-o sempre severamente quando não atingia o seu imaginário padrão de perfeição. Mesmo assim, Rowan vinha a surpreender-se nos últimos tempos, visto que estava a ficar cada vez melhor no manejo das armas, e até conseguira arrancar alguns comentários aprovadores, ainda que tépidos, de Goddard.

«Adequado», dizia-lhe ele, ou «não foi totalmente inepto» — grandes elogios, vindos de quem vinham.

Por mais que não quisesse, o rapaz dava por si satisfeito sempre que o ceifador expressava a sua aprovação. E tinha de admitir que estava a começar a gostar de usar armas letais. Passara a apreciar aquela arte como se fosse mais um desporto: a habilidade pelo gosto da habilidade e a sensação de realização

quando se saía bem.

Naquele dia em particular, as coisas tomaram um rumo extremo. Tomou-se claro que se passava alguma coisa assim que ele pisou o relvado, já que os bonecos ainda não haviam sido colocados. No seu lugar, viu pelo menos uma dúzia de pessoas às voltas na relva. A princípio, não lhe ocorreu. Devia ter percebido que algo se passava porque todos os ceifadores iniciantes estavam lá para assistir ao treino. Habitualmente, era só Goddard.

— O que se passa? — quis saber Rowan. — Não consigo treinar com tanta gente pelo meio... Digam-lhes que se vão embora.

Rand riu-se dele.

— És tão bronco que até tens graça.

— Isto vai ser divertido — disse por sua vez Chomsky enquanto cruzava os braços, pronto para saborear o que vinha aí.

Foi então que Rowan finalmente percebeu: as pessoas no relvado não andavam às voltas, estavam paradas a intervalos regulares. Estavam à espera dele. Tinham-se acabado os bonecos. Agora, ele ia praticar com alvos reais. A arte de matar passara a ser mesmo a arte de matar.

— Não — disse ele, e abanou a cabeça. — Não, não posso fazer isto!

— Ah, mas vais fazer — disse-lhe Goddard calmamente.

— Mas... mas ainda não fui ordenado. Não posso colher!

— Não vais colher ninguém — explicou-lhe Volta ao mesmo tempo que lhe pousava uma mão no ombro para o tranquilizar. — Há um *ambudrone* à espera de cada um deles. Assim que os despachares, serão levados para o centro de reanimação mais próximo e ficarão como novos em poucos dias.

— Mas... mas... — O rapaz não conseguiu encontrar nenhum argumento viável a não ser: — Isto não está certo!

— Presta atenção — interveio Goddard, dando um passo à frente.

— Há treze pessoas naquele relvado. Estão todas aqui por opção e todas vão ser bem remuneradas pelo serviço prestado. Todas sabem por que motivo estão aqui, qual a sua tarefa, estão mais do que dispostas a desempenhá-la e espero o mesmo de ti. Como tal, faz o que te compete.

Rowan pegou nas adagas e olhou para elas. Aquelas lâminas não iam cortar algodão, mas carne.

— Corações e jugulares — disse-lhe Goddard. — Despacha os teus alvos com velocidade. Vais ser cronometrado.

Ele queria protestar, insistir que não conseguia fazer aquilo, mas, por mais que o coração lho repetisse, a mente sabia a verdade.

Sim, ele conseguia.

Tinha-se treinado exatamente para aquilo. Tudo o que tinha de fazer era deixar a consciência em branco. Sabia que era capaz, e essa ideia assustava-o.

— Tens de matar doze deles — acrescentou Goddard — e deixar o último vivo.

— Porquê deixar o último?

— Porque assim o digo.

— Vamos lá, não temos o dia todo — rosnou Chomsky.

Volta fulminou-o com os olhos e depois falou com Rowan com uma expressão muito mais paciente:

— É como saltar para uma piscina de água fria: aquilo que imaginas é muito pior do que a realidade. Salta e prometo que tudo vai correr bem.

Rowan podia ter-se ido embora.

Podia ter largado as armas e voltado para casa. Podia ter provado que era um fracasso ali mesmo, e talvez livrar-se de continuar com o treino. Todavia, Volta acreditava nele. E Goddard também, mesmo que não o admitisse em voz alta; por que outra razão lhe apresentaria aquele desafio se não achasse que ele estava à altura?

Respirou fundo, agarrou nas duas adagas com firmeza e, com um grito de guerra gutural que abafou os alarmes que lhe ecoavam na alma, avançou.

Havia homens e mulheres. Os alvos eram de diferentes idades, misturas étnicas e tipos de corpo, desde musculados a obesos a esgalgados. O rapaz gritou e berrou e rosnou com cada golpe, corte e torção. Tinha treinado bem. As lâminas entraram com perfeita precisão. Depois de começar, descobriu que não conseguia parar. Os corpos caíam e eleja estava a passar ao seguinte e ao seguinte. Eles não resistiam, não fugiam aterrorizados; ficavam ali parados e aguentavam. Não eram diferentes dos bonecos. Ele estava coberto de sangue. Entrara-lhe nos olhos e ardia; o cheiro invadiu-lhe as narinas. Finalmente, chegou ao último.

Era uma rapariga da idade dele e tinha uma expressão resignada que quase

raiava a tristeza. Ele queria pôr um fim àquela tristeza. Queria concluir o que havia começado, mas conseguiu suprimir o imperativo brutal do caçador. Forçou-se a não usar as lâminas.

— Faz isso — sussurrou ela. — Se não o fizeres, não me pagam.

Mas ele largou as armas na relva. Doze mortuosos, um vivo. Rowan voltou-se para os ceifadores e todos eles começaram a aplaudir.

— Muito bem! — exclamou Goddard, e Rowan nunca o tinha visto tão satisfeito. — Muito bem mesmo!

Os *ambudrones* começaram a descer do céu, agarrando nas vítimas e levando-as para o centro de reanimação mais próximo. E Rowan deu por si a sorrir. Algo se libertara dentro dele. Nem sabia se isso era bom ou mau. E embora uma parte do rapaz quisesse cair de joelhos e vomitar o pequeno-almoço, uma outra queria uivar à Lua como um lobo.

25

A procuração da morte

O engenheiro gostava de acreditar que o seu trabalho nos Laboratórios de Propulsão Magnética era útil, embora sempre lhe tivesse parecido o oposto. Os comboios magnéticos já se deslocavam com toda a eficiência possível. As aplicações para transporte privado não precisavam de nada mais do que alguns pequenos ajustes. Já não havia nada de «novo e melhorado» — apenas o truque do «diferente» (novos estilos e novas campanhas publicitárias para convencer as pessoas de que o estilo era tudo), mas a tecnologia de base continuava a ser exatamente a mesma.

Teoricamente, contudo, havia novos usos que ainda não tinham sido aproveitados... caso contrário, por que motivo o Cúmulo-Nimbo os punha a trabalhar?

Alguns gerentes de projeto sabiam mais sobre o objetivo final do trabalho que estavam a desenvolver, mas ninguém tinha todas as peças do quebra-cabeças. Não obstante, havia quem especulasse. Há muito que se acreditava que era necessária uma combinação de vento solar e propulsão magnética para nos movermos no espaço de forma eficaz. Era verdade que a perspetiva das viagens espaciais há muito que caíra em desgraça, mas isso não queria dizer que havia de ser sempre assim.

Houvera um tempo em que se organizavam missões para colonizar Marte, explorar as luas de Júpiter e mesmo viajar até às estrelas mais distantes. No entanto, todas essas missões tinham-se revelado desastres absolutos. Naves desfeitas em pedaços. Colonos mortos — e, no espaço profundo, a morte era a morte, tão definitiva como se fosse uma colheita. A ideia de uma morte irrevogável sem a mão controlada de um ceifador era demais para um mundo que havia conquistado a mortalidade. O protesto popular acabara com a exploração espacial. A Terra era a nossa única casa e assim continuaria a ser.

O engenheiro suspeitava de que era por isso que o Cúmulo-Nimbo tinha ido em frente com aqueles projetos com tanta cautela e a um ritmo tão lento: para não despertar a atenção pública. Nada daquilo era feito por baixo da mesa, porque o Cúmulo-Nimbo era incapaz de ser desonesto. Apenas era discreto. Sensatamente discreto.

Talvez um dia o Cúmulo-Nimbo anunciasse que, enquanto todos estavam a olhar para o outro lado, a Humanidade conseguira garantir uma presença sustentável além dos limites do planeta Terra. O engenheiro ansiava por esse momento e estava convencido de que viveria para o ver. Não tinha motivos para pensar o contrário.

Até que um grupo de ceifadores sitiou o seu centro de investigação.

***

Rowan foi acordado de madrugada por uma toalha que lhe foi atirada à cara.

— Acorda, bela adormecida — disse o Ceifador Volta. — Toma um duche e veste-te, chegou o dia.

— O dia de quê? — quis ele saber, ainda demasiado atordoado para se sentar.

— Dia da colheita!

— Quer dizer que vocês fazem realmente algumas colheitas? Julgava que passavam o dia em festas e a gastar o dinheiro dos outros.

— Trata mas é de te despachar, espertinho.

Quando fechou a torneira do chuveiro, ouviu o som da hélice de um helicóptero e, quando saiu para o relvado, lá estava ele, à espera. Não foi de todo uma surpresa vê-lo pintado de azul e cravejado de estrelas cintilantes. Na vida de Goddard, tudo era um testemunho do seu ego.

Os outros três ceifadores já estavam à frente da mansão, entretidos a praticar as suas melhores manobras letais. As túnicas eram volumosas, nitidamente recheadas com toda a espécie de armas sob as suas pregas. Chomsky lançou fogo a um arbusto envasado com o lança-chamas.

— A sério? — perguntou-lhe Rowan. — Um lança-chamas?

O ceifador encolheu os ombros.

— Não há nenhuma lei contra eles. Além disso, não é da tua conta.

Goddard saiu da mansão.

— Estão à espera de quê? Vamos lá! — exclamou, como se não tivessem todos estado à espera dele.

O momento estava carregado daquela adrenalina da expetativa e, ao dirigirem-se para o helicóptero, o rapaz imaginou-os por um instante como

super-heróis... até que se lembrou do seu verdadeiro objetivo e, então, a imagem estilhaçou-se.

— Quantos é que vão colher? — perguntou ele a Volta, que abanou a cabeça e apontou para os ouvidos. Além de lhes agitarem as túnicas como se fossem bandeiras no meio de uma tormenta, os rotores eram demasiado ruidosos para se ouvir fosse o que fosse.

Rowan fez algumas contas. Os ceifadores tinham de fazer cinco colheitas por semana e, tanto quanto ele sabia, aqueles quatro não haviam tirado nenhuma vida durante os três meses em que estivera com eles. Isso queria dizer que poderiam colher cerca de duzentos e cinquenta naquele dia e continuar dentro da quota atribuída. Aquilo não ia ser uma colheita, mas sim um massacre.

O rapaz hesitou e deixou-se ficar um pouco para trás. Volta reparou. ALGUM PROBLEMA? — gritou ele acima do rugido ensurdecedor do helicóptero.

Mas mesmo que Rowan se pudesse fazer ouvir, nunca se poderia fazer entender. Goddard e os seus discípulos viviam para aquilo. Era assim que trabalhavam. Era o trabalho do costume. Alguma vez o viria a ser também para ele? Pensou nas suas últimas sessões de treino, aquelas com os alvos vivos. Na sensação depois de os ter deixado a todos mortuosos, exceto um; na repugnância que se debatera com uma primeva sensação de triunfo. Sentia-a de novo diante da porta do helicóptero. Com cada passo que avançava no mundo de Goddard, mais difícil se tornava recuar.

Os quatro ceifadores estavam a olhar para ele, prontos para partir na sua missão. A única coisa que os impedia era Rowan.

Não sou um deles. Não vou participar na colheita. Só estarei lá para observar.

Forçou-se a entrar no helicóptero, fechou a porta, e os cinco elevaram-

-se ao encontro do céu.

— Nunca andaste num destes, pois não? — perguntou-lhe Volta, interpretando mal a apreensão do rapaz.

— Não, nunca.

— É a única maneira de viajar — disse Rand.

— Somos os anjos da morte — disse por sua vez Goddard. — Faz todo o sentido que desçamos dos céus.

Voaram para sul, sobre Fulcrum City, rumo aos subúrbios. Durante todo o caminho, Rowan alimentou a esperança silenciosa de que o helicóptero caísse... mas não tardou a perceber quanto aquele exercício era inútil — mesmo que caísse, todos eles já teriam sido reanimados no fim de semana.

***

Pousaram no heliporto da cobertura do edifício principal. Era inesperado e discreto — algo que nunca acontecia. O Cúmulo-Nimbo pilotava praticamente tudo o que voava e, mesmo que fosse algum veículo não ligado à rede, alguém a bordo anunciava sempre a sua aproximação e pedia autorização para aterrar.

Aquela coisa simplesmente caiu do céu, em cima da cobertura.

O segurança mais próximo subiu a correr as escadas desde o sexto andar até ao telhado, mesmo a tempo de ver os ceifadores apearem-se. Eram quatro (azul, verde, amarelo e laranja) e um rapaz com uma braçadeira de noviço.

O guarda ficou ali parado, de boca aberta, sem saber o que fazer. Pensou em avisar o escritório central, mas percebeu que tal iniciativa lhe poderia merecer uma colheita.

A ceifadora de verde com cabelos escuros de feiticeira e feições pan-asiáticas aproximou-se dele com um sorriso.

— Truz, truz. — O homem estava demasiado atordoado para responder. — Eu disse truz-truz.

— Quem... quem é? — acabou o homem por responder.

Ela introduziu a mão na túnica, de onde tirou a faca mais hedionda que o guarda alguma vez tinha visto, mas o ceifador de azul agarrou-lhe no braço antes que ela a pudesse usar.

— Não a desperdices com ele, Ayn.

A ceifadora de verde guardou a faca e encolheu os ombros.

— Parece-me que isto vai perder a piada. — Passou pelo guarda com os outros e desceu as escadas do edifício.

O homem fez sinal ao noviço, que tinha ficado alguns metros para trás.

— O que é que eu faço? — perguntou ele ao rapaz.

— Saia daqui... e não olhe para trás.

Assim sendo, o homem fez o que lhe era dito: dirigiu-se para a outra escada, desceu a toda a velocidade, disparou pela saída de emergência e só parou

de correr quando se considerou demasiado longe para ouvir os gritos.

— Começamos aqui no sexto andar e vamos descendo — disse Goddard aos restantes.

Ao sair da escada, deram com uma mulher à espera do elevador. Ela ficou estática, de boca aberta.

— Buu! — gritou o Ceifador Chomsky.

A mulher deu um pulo e deixou cair as pastas que tinha nas mãos. Rowan sabia que qualquer um deles podia, só por capricho, ter acabado com ela. E ela também o devia saber, porque se preparou para isso mesmo.

— Qual é o teu nível de autorização de segurança? — perguntou-lhe Goddard.

— Um.

— Isso é bom? — Ela assentiu com a cabeça e ele ficou-lhe com o identificador de segurança. — Obrigado — disse então. — Deixamos-te viver.

Dirigiu-se para uma porta trancada e passou o identificador para obter acesso.

Rowan começou a sentir-se tonto e percebeu que estava a hiperventilar.

— É melhor se eu esperar aqui — disse-lhes. — Não posso colher; é melhor esperar aqui.

— Nem penses — objetou Chomsky. — Tu vens connosco.

— Mas... para quê? Só vou atrapalhar.

Então, a Ceifadora Rand deu um pontapé no vidro de um armário de emergência, tirou de lá um machado de incêndio e entregou-lho.

— Toma. Parte coisas.

— Porquê?

— Porque podes — respondeu ela, piscando-lhe o olho.

***

Os funcionários que se encontravam na suíte 601, que ocupava toda a metade norte do edifício, não receberam nenhum aviso. Goddard e os seus ceifadores assumiram o centro da ação.

— Atenção! — anunciou o homem na sua voz mais teatral. — Atenção a todos! Fostes selecionados para a colheita de hoje. É-vos ordenado que deis um

passo em frente e aceiteis o vosso fim.

Murmúrios, arquejos e gritos de surpresa. Ninguém avançou. Nunca ninguém o fazia. Goddard fez sinal a Chomsky, Volta e Rand, e os quatro atravessaram o labirinto de cubículos e gabinetes sem deixar nada vivo no seu caminho.

— Eu sou o vosso fim! — entoava Goddard. — Eu sou a vossa libertação! Eu sou o vosso portal para os mistérios da vida após a morte!

Lâminas, balas e chamas. O escritório começou a arder. Os alarmes dispararam, os aspersores começaram a despejar água gelada do teto.

Os condenados estavam presos entre a água, o fogo e a visão mortífera de quatro mestres da caça. Ninguém tinha hipóteses.

— Eu sou a vossa última palavra! O vosso ómega! Aquele que vos traz paz e repouso. Abracem-me!

Ninguém o abraçou. A maioria encolhia-se de medo e implorava por misericórdia, mas a única misericórdia concedida era a rapidez com que todos eram eliminados.

— Ontem, vocês eram deuses. Hoje, são mortais. A vossa morte é a minha oferta. Aceitem-na com elegância e humildade.

Os ceifadores estavam tão concentrados que nenhum deles reparou em Rowan a esgueirar-se atrás deles, direito à suíte 602, em cuja porta de vidro começou a bater até que um homem apareceu e ele foi capaz de o avisar:

— Saia pelas escadas das traseiras — disse-lhe ele. — Leve todos os que puder. Não faça perguntas, vá-se embora!

Se o homem tinha alguma dúvida, os gritos de angústia e de desespero que vinham do outro lado do corredor dissiparam-na por completo.

Quando alguns minutos depois concluíram o seu serviço na suíte 601, Goddard, Volta e Chomsky atravessaram o corredor e encontraram a 602 vazia, com a exceção de Rowan, que atacava com o machado computadores, secretárias e tudo o que estava no seu caminho, exatamente como lhe tinham mandado.

***

Os ceifadores eram mais rápidos do que as chamas, mais rápidos do que o fluxo de funcionários que tentavam escapar. Volta e Chomsky bloquearam duas das três escadas. Rand seguiu para a entrada principal e ficou ali, qual guarda-

redes, despachando qualquer um que tentesse fugir por àquelas portas. Goddard não parava de debitar a sua ladainha ritualística enquanto se deslocava por entre a multidão apavorada, trocando de armas conforme lhe apetecia. Entretanto, Rowan descarregava o machado em tudo o que parecia poder partir-se e, em seguida, encaminhava secretamente todos os que podia orientar para a única escada sem guarda.

Estava tudo acabado em menos de quinze minutos. O edifício era pasto das chamas, o helicóptero pairava lá no alto e os ceifadores saíram pela porta principal como os quatro cavaleiros do Apocalipse pós-mortal.

Rowan foi o último, arrastando o machado pelo mármore, até que o deixou cair com um estrondo.

Diante dele havia meia dúzia de camiões de bombeiros e *ambudrones,* e, mais atrás, hordas de sobreviventes. Alguns fugiram quando viram os ceifadores sair, mas outros tantos ficaram onde estavam, o fascínio maior do que o terror.

— Estás a ver? — perguntou Goddard a Rowan. — Os bombeiros não podem interferir no nosso trabalho. Vão deixar que isto tudo arda até ao chão. Quanto aos sobreviventes, temos aqui uma maravilhosa oportunidade de relações públicas.

Então, avançou e dirigiu-se àqueles que não tinham fugido:

— A nossa colheita está terminada — anunciou. — Vamos conceder imunidade a todos os sobreviventes. Venham buscá-la. — Estendeu a mão, a que usava o anel. Os outros ceifadores seguiram-lhe o exemplo.

A princípio, ninguém se mexeu, provavelmente a pensar que se tratava de um truque. No entanto, passados alguns momentos, um funcionário manchado de cinzas avançou aos tropeções, seguido de outro, e depois outro, até que toda aquela massa de gente começou a aproximar-se, não sem alguma apreensão. O primeiro ajoelhou-se e beijou os anéis de todos os ceifadores... e, assim que os outros viram que era a valer, atiraram-se a eles.

— Calma! — gritou Volta. — Um de cada vez!

Mas a mesma mentalidade de massas que os ajudara a fugir empurrava-os agora para aqueles anéis que garantiam a vida. De repente, já ninguém se parecia lembrar dos seus colegas mortos.

Então, quando a multidão em redor já se tornava demasiado densa e agitada, Goddard levantou o braço, tirou o anel e entregou-o a Rowan.

— Estou farto disto. Toma. Podes usufruir da adoração.

— Mas... não posso. Não fui ordenado.

— Podes usá-lo se eu te der permissão como meu procurador — explicou Goddard. — E neste preciso momento tens a minha permissão.

O rapaz colocou o anel no dedo, mas escorregou; então, mudou-o para o indicador, onde ficou um pouco mais justo. Então, estendeu a mão como os outros ceifadores.

As pessoas queriam lá saber em que dedo estava o anel e de quem era a mão. Praticamente trepavam umas por cima das outras para beijar o anel e agradecer a Rowan pela sua justiça, pelo seu amor e misericórdia, chamando-lhe «Ilustre» sem sequer reparar que não era um ceifador.

— Bem-vindo à vida como um deus — disse-lhe Volta.

Atrás deles, o edifício ardia até aos alicerces.

26

Não és como os outros

Naquela noite deram um banquete, mas Rowan não conseguiu encontrar apetite, por mais que procurasse. Goddard comeu o suficiente para todos. A caçada do dia deixara-o revigorado, como um vampiro que sugasse a força vital das suas vítimas. Estava mais encantador e amável do que nunca, dizendo coisas para que todos se rissem. *É tão fácil deixarmo-nos levar por ele*, pensou o rapaz. *Sermos seduzidos para o seu clube de elite como todos os outros já foram.*

Chomsky e Rand eram nitidamente farinha do mesmo saco que Goddard; não tinham a menor ilusão de consciência. No entanto, ao contrário de Goddard, também não tinham ilusões de grandeza. Faziam a colheita por desporto (pelo prazer da coisa) e, como Rand havia explicado tão bem, *porque podiam.* Estavam mais do que satisfeitos em usar as suas armas enquanto Goddard assumia a sua personagem de Anjo da Morte. Rowan não conseguia perceber se o homem realmente acreditava naquilo ou se era tudo um artifício, teatralidade para dar mais emoção ao espetáculo.

Por outro lado, Volta era diferente. Sim, invadira o edifício de escritórios e colhera o seu quinhão, tal como os outros, mas mal abrira a boca enquanto a sua máquina divina os levava para casa pelos céus, e, agora ao jantar, mal tocava na comida que tinha no prato. Estava sempre a levantar-se para ir lavar as mãos. Provavelmente pensava que ninguém dava por isso, mas Rowan sim. E Esme também.

— Volta fica sempre mal-humorado depois de uma colheita — disse ela a Rowan, discretamente inclinada para o lado. — Não olhes para ele, senão atira-te qualquer coisa.

A meio do jantar, Goddard pediu uma contagem final.

— Colhemos duzentos e sessenta e três — disse-lhe Rand. Ficámos um pouco à frente da nossa quota. Teremos de colher menos da próxima vez.

O ceifador deu uma punhada na mesa, contrariado.

— A maldita quota limita-nos a todos! Se não fosse por ela, todos os dias podiam ser como o de hoje. — Virou-se para Volta e perguntou-lhe como ia a sua parte do trabalho.

Cabia a Volta marcar horas com as famílias dos falecidos para lhes conceder a imunidade obrigatória.

— Passei o dia inteiro a contactar as famílias — respondeu ele. — Hão de fazer fila ao portão logo pela manhã.

— Devíamos deixá-los entrar na propriedade — comentou Goddard com um sorrisinho —, para que vejam o Rowan a treinar no relvado.

— Odeio os enlutados — disse Rand enquanto espetava o garfo num pedaço de carne e o arrastava para o prato. — Têm sempre uma higiene oral péssima... O meu anel fica sempre fedorento depois de passar uma hora a conceder-lhes imunidade.

Incapaz de aguentar mais um minuto que fosse, Rowan desculpou-se:

— Prometi à Esme que jogava cartas com ela depois do jantar e já se está a fazer tarde.

Era mentira, mas lançou um olhar à menina e ela assentiu, encantada por fazer parte de uma conspiração improvisada.

— Vais perder o *crème brûlée* — disse-lhe Goddard.

— Mais fica pra nós — disse Chomsky enquanto enfiava uma valente garfada de entrecosto na boca.

Rowan e Esme foram para a sala de jogos, para uma partida de Gin Rummy, durante a qual felizmente não foram incomodados com conversas sobre colheitas, quotas e beijos no anel. O rapaz estava agradecido pelo facto de o único a sofrer naquela sala ser o rei de copas.

— Devíamos pedir aos outros que viessem ter connosco — sugeriu Esme. — Para podermos jogar copas ou espadas. São jogos que não dão só para duas pessoas.

— Não tenho nenhum interesse em jogar às cartas com os ceifadores — respondeu ele sem expressão.

— Com eles não, tontinho... eu estava a falar dos empregados. — A menina pegou no nove que Rowan tinha descartado; era o segundo que lhe dava, como se não soubesse que ela estava a fazê-los. Deixá-la ganhar naquele dia era a sua maneira de a recompensar por lhe permitir escapar da sala de jantar. — Às vezes jogo com os filhos do homem da piscina — disse ela. — Mas eles não gostam muito de mim porque antes esta casa era deles. Agora, partilham todos um quarto na ala dos empregados. — Depois, acrescentou: — Estás a dormir num

dos quartos deles, sabias? Aposto que também não gostam muito de ti.

— Tenho a certeza de que não gostam de nenhum de nós.

— É provável.

Talvez fosse por ser tão nova, mas Esme parecia completamente alheia às coisas que tanto oprimiam Rowan. Talvez fosse suficientemente esperta para não fazer perguntas nem julgar o que via. Aceitava a sua situação tal como era e nunca falava mal do seu benfeitor... ou, para ser mais exato, do seu sequestrador, uma vez que era mais do que evidente que era prisioneira de Goddard, embora pudesse não o ver como tal. A sua gaiola era dourada, mas não deixava de ser uma gaiola. Ainda assim, a sua ignorância era uma bênção e o rapaz decidiu não lhe destruir a ilusão de que era livre.

Rowan apanhou um ás e descartou-o, apesar de precisar dele para a sua mão.

— O Goddard alguma vez fala contigo? — perguntou ele.

— Claro que fala. Está sempre a perguntar-me como estou ou se preciso de alguma coisa. E se eu precisar, ele certifica-se sempre de que ma dão. Ainda na semana passada pedi um...

— Não, não estou a falar disso — interrompeu ele. — Quero dizer conversar *mesmo*. Já te deu a entender por que razão és tão importante para ele?

Esme não respondeu; em vez disso pousou as cartas na mesa. Dois pares de noves e três.

— Rummy — disse ela. — Quem perde baralha.

Rowan recolheu as cartas.

— O Ceifador Goddard deve ter tido uma boa razão para te deixar viver e conceder-te imunidade. Não tens nem um bocadinho de curiosidade?

Esme encolheu os ombros e não disse nem uma palavra. Só voltou a falar quando ele deu a mão seguinte.

— Por acaso, o Ceifador Goddard não me concedeu imunidade. Pode colher-me quando muito bem lhe apetecer, só que não o faz. — E então sorriu. — Isso faz de mim ainda mais especial, não achas?

***

Jogaram quatro partidas. Uma delas Esme ganhou por mérito próprio, duas porque Rowan a deixou ganhar e uma foi ganha pelo rapaz para que não fosse

assim tão óbvio que a deixara vencer as outras. Quando terminaram, os outros já haviam jantado e estavam ocupados com as suas rotinas noturnas. Rowan fez por evitá-los a todos e tentou ir direito para o seu quarto, mas no caminho ouviu algo que o fez parar: soluços abafados que vinham do quarto de Volta. Deixou-se ficar à porta a ouvir para ter a certeza de que não estava a imaginar e, então, girou a maçaneta. A porta não estava trancada. Empurrou-a um pouco e espreitou.

O ceifador estava lá, sentado na cama, com a cabeça entre as mãos. Os soluços agitavam-lhe o corpo, ainda que os tentasse controlar, sem nenhum sucesso. Só passados alguns momentos é que levantou a cabeça e deu pela presença de Rowan. A tristeza de Volta transformou-se instantaneamente em fúria:

— Quem raio te disse que podias entrar aqui? Rua!

Agarrou no objeto mais próximo (um pisa-papéis de vidro) e atirou-lho, tal como Esme avisara que ele faria. Se lhe tivesse acertado, ter-lhe-ia deixado um lanho bem feio na cabeça, mas Rowan encolheu-se e a coisa foi bater na porta, deixando uma amolgadela considerável na madeira e não no crânio do rapaz. Podia ter batido em retirada, o que provavelmente teria sido a decisão mais sábia, embora deixar as coisas como estavam não fosse o seu ponto forte — tinha uma incrível propensão para se meter onde não era chamado.

Entrou no quarto e fechou a porta, preparado para se esquivar do próximo objeto que voasse na sua direção.

— Se não quiseres que te oiçam, terás de ser mais discreto — disse ele baixinho a Volta.

— Se contares *seja a quem for,* faço-te a vida num inferno.

Rowan riu-se, porque a frase dava a entender que a sua vida ainda não era um inferno.

— Achas que é engraçado? Eu já te mostro o que é engraçado.

— Desculpa, não me queria rir. Não me estava a rir de ti, se é isso que estás a pensar.

Como Volta já não estava a atirar coisas nem a pô-lo na rua, o rapaz pegou numa cadeira e sentou-se a uma distância suficiente do ceifador para lhe dar algum espaço.

— Hoje, foi um dia difícil — comentou. — Não te censuro.

— O que é que tu sabes disto?

— Sei que não és como os outros. Não totalmente.

Então, Volta olhou para ele com aqueles olhos vermelhos de lágrimas que já não estava a tentar esconder.

— O que tu queres dizer é que há algo errado comigo.

Baixou de novo os olhos e cerrou os punhos, mas Rowan não se mexeu porque não estava à espera de que ele lhe batesse. Suspeitava de que Volta pudesse usar os punhos contra si mesmo, se pudesse.

— O Ceifador Goddard é o futuro — disse então o ceifador. — Eu não quero fazer parte do passado. Não percebes?

— Mas odiaste o que aconteceu hoje, certo? Ainda mais do que eu, porque não estavas só a ver, estavas a participar.

— E não tarda até que tu também participes.

— Talvez não.

— Garanto-te. Assim que tiveres o teu anel e matares aquela tua namorada bonitinha, ficarás a saber que também não há retorno para ti.

Rowan engoliu em seco para tentar reter o pouco que havia comido ao jantar. A cara de Citra surgiu-lhe na mente, mas afastou aquela imagem. Não podia permitir-se pensar nela naquela altura.

Sabia que estava a correr um risco com Volta. A única coisa a fazer era prosseguir com cautela até ao fim, por mais precário que fosse.

— Tu apenas finges que gostas de colher, mesmo que seja algo que odeias mais do que qualquer outra coisa no mundo. O teu mentor foi o Ceifador Nehru, não foi? Ele é da velha guarda, o que quer dizer que te escolheu pela tua consciência. Tu não queres tirar vidas... e muito menos tirá-las às dúzias de cada vez.

Volta levantou-se de um salto, mais rápido do que parecia possível. Ergueu Rowan no ar e empurrou-o contra a parede com uma tal energia que o rapaz só conseguiu pensar na falta que lhe faziam os nanorrobôs analgésicos.

— Nunca mais repetes isso à frente seja de quem for, estás a ouvir? Cheguei demasiado longe para que ponhas a minha posição em risco! Não vou permitir que um noviço ranhoso me chantageie!

— É isso que achas que estou a fazer? Chantagear-te?

— Não brinques comigo! — rosnou Volta. — Eu sei porque estás aqui!

Rowan estava genuinamente desiludido.

— Achava que me conhecias.

Passado um momento, Volta afrouxou um pouco.

— Ninguém conhece ninguém, pois não?

— Prometo que não vou contar a ninguém. E não quero nada de ti.
Finalmente, Volta largou-o.

— Desculpa. Quando te vês rodeado de tantas intrigas, começas a acreditar que toda a gente funciona assim. — Voltou a sentar-se na cama. — Acredito em ti porque sei que estás acima disso. Para dizer a verdade, soube-o desde que o Goddard te trouxe. Ele vê-te como um desafio porque... se conseguir converter um dos noviços de Faraday à sua causa, só prova que é capaz de converter qualquer um.

Foi então que Rowan percebeu que Volta não era muito mais velho do que ele. Sempre aparentara uma confiança que o fazia parecer mais adulto, mas agora a verdade estava à vista naquele momento vulnerável. Devia ter vinte anos, se tanto. O que significava que só era ceifador há poucos anos. Rowan não sabia que caminho o teria levado de um ceifador da velha guarda para Goddard, embora pudesse imaginar. Entendia que um ceifador iniciante podia deixar-se seduzir pela ostentação e carisma de Goddard. Afinal, ele prometia aos seus discípulos tudo o que eles poderiam desejar, em troca de uma abdicação total da sua consciência. Numa profissão onde uma consciência só atrapalhava, quem a queria ter?

Rowan sentou-se e aproximou a cadeira de Volta o suficiente para conseguir sussurrar:

— Vou dizer-te o que penso: Goddard não é um ceifador, é um assassino. — Era a primeira vez que se atrevia a dizer aquilo em voz alta. — Muito foi escrito sobre os assassinos da era mortal, monstros como Jack, *o Estripador,* Charlie Manson ou Cyber Sally. A única diferença entre eles e Goddard é que toda a gente o deixa safar-se. Os mortais sabiam que isto era uma coisa má, mas nós esquecemo-nos disso.

— Sim, mas mesmo que seja verdade, o que é que podemos fazer? O futuro há de chegar, gostemos ou não. Rand, Chomsky e todos esses outros estupores doentes e mórbidos que só pensam em entrar no círculo íntimo de Goddard vão dominar esse futuro. Tenho a certeza de que os ceifadores fundadores hão de

estar às voltas no túmulo. Mas a questão é que eles *estão* no túmulo e não hão de voltar nos tempos mais próximos. — Volta respirou fundo e enxugou as últimas lágrimas.

— Para teu próprio bem, Rowan, espero que consigas vir a gostar de matar tanto como o Goddard. Tornaria a tua vida muito mais fácil.

Muito mais gratificante.

Era uma ideia que lhe pesava cada vez mais. Um mês antes, Rowan teria negado ser capaz de se tornar um monstro daqueles, mas agora já não tinha tanta certeza. A pressão para se render era maior em cada dia que passava. Ele tinha de basear as suas esperanças no que tinha diante de si: se Volta nunca se rendera verdadeiramente às trevas, talvez ele também fosse capaz de o fazer.

27

O Conclave das Colheitas

A investigação secreta de Citra proporcionou-lhe diversas surpresas que ela mal podia esperar por contar a Rowan quando se encontrassem no Conclave das Colheitas. Obviamente, não as podia partilhar com a Ceifadora Curie. As duas tinham estabelecido uma relação de confiança, pelo que a ceifadora, se descobrisse que ela usara em segredo as suas credenciais *online,* veria aquilo como uma traição flagrante.

A vida de Citra seguira um rumo muito diferente da de Rowan. Não frequentava festas espalhafatosas nem treinava com alvos vivos, mas ajudava a preparar refeições pacatas para famílias abaladas pela dor e lutava contra um robô cinturão negro em Bokator. Criava tinturas e estudava o uso prático de venenos letais na botica pessoal e na horta de ervas tóxicas de Curie. Estudava todos os atos infames dos melhores e dos piores ceifadores da História.

Descobrira que, no passado, eram a preguiça, o preconceito ou a falta de previsão que caracterizavam os maus ceifadores. Eram aqueles que pareciam colher demasiado vizinhos porque não tinham paciência para procurar mais longe. Ou aqueles que, não obstante repetidas ações disciplinares, colhiam pessoas com determinados traços étnicos. Quanto à falta de discernimento, também havia muitos exemplos. Como o Ceifador Sartre, que achava ser uma boa ideia fazer todas as suas colheitas em rodeios, a tal ponto que destruíra por completo aquele desporto: com medo de ser colhido, ninguém queria participar num rodeio.

Obviamente, os maus ceifadores não pertenciam todos ao passado. Só que, em vez de lhes chamarem «maus», eram agora encarados como «inovadores» ou «à frente do seu tempo», como era o caso dos inovadores banhos de sangue do Ceifador Goddard e dos seus comparsas assassinos.

A colheita em massa nos Laboratórios de Propulsão Magnética, embora nunca divulgada oficialmente, foi notícia. E havia vídeos privados mais do que suficientes carregados no Cúmulo-Nimbo onde se podia ver Goddard e os seus discípulos a distribuir imunidade como pão aos pobres. Rowan estava lá, no centro de tudo. Citra não sabia o que pensar daquilo.

— O mundo tem uma queda para recompensar o mau comportamento com o

estrelato — comentou Curie enquanto via alguns dos vídeos carregados. Então, ficou um tanto pensativa. — Conheço as armadilhas de sermos um ceifador-celebridade — confessou, embora Citra já soubesse. — Nos meus primeiros dias, era obstinada e estúpida. Acreditava que, se colhesse as pessoas certas na ocasião certa, podia mudar o mundo para melhor. Na minha arrogância, acreditava que tinha uma perfeita perceção do quadro geral que faltava aos restantes. Mas é claro que tinha as mesmas limitações que eles. Quando ceifei o presidente e todo o seu gabinete, o mundo tremeu... mas o mundo já estava a tremer o suficiente sem mim. Chamavam-me a *«Miss* Massacre» e, com o tempo, passei a ser «a Grande Dama da Morte». Embora tenha passado mais de cem anos a tentar regressar ao anonimato, até as crianças pequenas sabem quem sou. Sou o bicho-papão que os pais usam para conseguir que elas se portem bem: *Se não te portas bem, a Grande Dama da Morte vem-te buscar.* — Curie abanou a cabeça, triste. — A fama, na sua maioria, é passageira. Todavia, quando és um ceifador, as ações que te definem ficam para sempre. Ouve o que te digo, Citra, e mantém-te indefinida.

— Pode ter sido uma ceifadora famosa — contrapôs a rapariga —, mas nem nos seus piores momentos se pôde comparar àquele Goddard.

— Pois não, é verdade, e ainda bem. Nunca tirei uma vida por desporto. Sabes, alguns procuram a fama para mudar o mundo, enquanto outros a procuram para o dominar. Goddard pertence à segunda categoria. — Então, disse algo que garantiria a Citra muitas noites insones: — No teu lugar, não continuaria a confiar no teu amigo Rowan. Goddard é tão corrosivo como ácido atirado aos olhos. A coisa mais amável que podes fazer é ganhar aquele anel quando chegar o Conclave Invernal e colher rapidamente o rapaz, antes que o ácido cause mais danos internos do que já causou.

Citra estava feliz porque o Conclave ainda se encontrava a vários meses de distância. Agora, tinha de se preocupar com o Conclave das Colheitas. A princípio, ficara ansiosa pela chegada de setembro e pelo reencontro, mas, quanto mais o momento se aproximava, mais ela o temia. O que a incomodava não era o teste — sentia-se preparada para o que quer que pudesse ser apresentado aos noviços. O que ela receava era ver Rowan, não fazia ideia do que todos aqueles meses com Goddard lhe podiam ter feito. *Ganha aquele anel e colhe-o rapidamente,* dissera-lhe a Ceifadora Curie. Bem, não tinha de se preocupar com isso agora. Faltavam quatro meses para tomar *essa* decisão. Mas o relógio não parava e as horas iam passando, inexoravelmente, ao encontro da morte de um dos dois.

***

O Conclave das Colheitas decorreu num dia claro, mas pouco ameno de setembro. Enquanto a tempestade conseguira afastar muitos espetadores do conclave anterior, desta feita a multidão enchia a rua diante do Capitólio de Fulcrum City. Havia ainda mais agentes da paz do que antes para conter a turba boquiaberta. Alguns ceifadores (essencialmente a velha guarda) chegaram a pé, preferindo uma caminhada humilde desde os seus hotéis a uma chegada mais vistosa. Outros apareceram em carros de luxo para aproveitar ao máximo o seu estatuto de celebridade. Equipas de repórteres apontavam as suas câmaras, embora na maioria mantivessem a distância. Afinal, não se tratava de um tapete vermelho: não havia perguntas, não havia entrevistas... O que havia era muito jogo de charme. Os ceifadores acenavam para as câmaras e endireitavam os ombros, tentando parecer mais altos e o seu melhor no ecrã.

Goddard e o seu bando apareceram numa limusina azul-real coberta de diamantes artificiais... não fosse alguém ter dúvidas a respeito dos ocupantes. Quando ele saiu com a respetiva comitiva, a multidão explodiu num coro de oh! e ah!, como se aquela aparência deslumbrante estivesse à altura de um espetáculo de fogos de artifício.

— Lá está ele!

— É ele!

— É tão jeitoso!

— Mete tanto medo!

— Está tão bem arranjado!

Goddard demorou o seu tempo a voltar-se para a multidão e a acenar numa saudação real. Então, concentrou-se numa rapariga que lá estava, olhou-a nos olhos, apontou para ela e depois continuou a subir as escadas sem dizer nada.

— É tão estranho!

— É tão misterioso!

— É tão sedutor!

Quanto à rapariga para quem ele apontara, ficou impressionada, apavorada e confusa com aquela atenção momentânea, que era exatamente o efeito pretendido.

A multidão estava tão concentrada em Goddard e na sua colorida comitiva

que ninguém prestou muita atenção a Rowan, que fechava a retaguarda escada acima.

O bando de Goddard não eram os únicos ceifadores que gostavam de dar espetáculo. O Ceifador Kierkegaard levava uma besta ao ombro. Não que a pretendesse usar naquele dia, mas fazia parte da sua encenação. Ainda assim, podia perfeitamente tê-la apontado a qualquer um para o colher em seguida. Esse conhecimento deixava os presentes ainda mais empolgados. Nunca ninguém fora colhido nos degraus do Capitólio antes de um conclave, mas isso não queria dizer que *não* podia acontecer.

Enquanto a maioria dos ceifadores chegava pela avenida principal, Curie e Citra fizeram a sua entrada por uma rua lateral para evitar serem o centro das atenções durante o maior espaço de tempo possível. Quando a majestosa ceifadora abriu caminho entre os mirones, aqueles mais próximos dela repararam quem estava ali, entre eles, e começaram a comentar em grande agitação. Tentavam tocar-lhe na túnica de seda cor de lavanda. Ela suportou aquilo com resignação, até que um homem agarrou mesmo no tecido, o que lhe mereceu uma palmada na mão.

— Cuidado — disse ela, fixando-o nos olhos —, não admito que abusem da minha pessoa impunemente.

— As minhas desculpas, Ilustre Ceifadora — disse o homem. Ainda tentou agarrar-lhe na mão, empenhado em tocar-lhe no anel, mas ela encolheu o braço.

— É que nem se atreva a pensar nisso.

Citra ia empurrando à frente de Curie para a ajudar a abrir caminho.

— Talvez devêssemos ter vindo de limusina — disse ela. — Pelo menos, não tínhamos de enfrentar esta batalha só para entrar.

— Isso sempre me pareceu um pouco elitista demais — foi o comentário de Curie.

Assim que se livraram da multidão, uma súbita rajada de vento varreu os degraus do Capitólio, levantou os longos cabelos prateados da Ceifadora e empurrou-lhos para trás como um véu de noiva, dando-lhe uma aparência quase mística.

— Eu sabia que os devia ter entrançado hoje — queixou-se ela.

Enquanto as duas subiam os degraus de mármore branco, alguém algures à esquerda gritou:

— Adoramos-te!

A Ceifadora Curie parou e voltou-se para trás; como não conseguiu identificar quem tinha falado, dirigiu-se a todos:

— Porquê? — quis ela saber, embora agora, sob o seu escrutínio, ninguém lhe respondesse. — Podia acabar com a vossa existência a qualquer instante. Porque é que me adoram?

Continuou a não ter resposta, mas a troca de galhardetes atraiu um operador de câmara que se chegou mais perto do que o necessário. A ceifadora atingiu o aparelho com tanta força que fez o homem torcer-se sobre si mesmo e quase deixá-lo cair no chão.

— Atenção a essas maneiras — avisou Curie.

— Sim, Ilustre Ceifadora. As minhas desculpas, Ilustre Ceifadora. Curie continuou a subir os degraus com Citra logo atrás.

— Custa-me a acreditar que já gostei desta atenção toda. Agora, evitava-a por completo se pudesse.

— Não parecia tão tensa no último conclave —• observou Citra.

— Isso porque não tinha uma noviça que ia ser sujeita a um teste. Pelo contrário, era eu que estava a examinar os noviços dos outros.

Um teste no qual Citra se espalhara redondamente, mas não lhe apetecia puxar aquele assunto.

— Sabe em que consistirá o teste de hoje? — perguntou enquanto terminavam de subir as escadas e passavam ao vestíbulo de entrada.

— Não, mas sei que está a cargo do Ceifador Cervantes, e ele tende a dar importância à condição física. Tanto quanto sei, até vos pode pôr a lutar contra moinhos de vento.

Gomo antes, os ceifadores saudaram-se na grande rotunda, enquanto esperavam que as portas da assembleia se abrissem. O pequeno-almoço estava servido em mesas no centro do espaço e incluía uma pirâmide de brioches com passas que devia ter demorado várias horas a montar, embora apenas alguns segundos a cair assim que alguns trataram de agarrar nos de baixo sem pensar nos que estavam por cima. Os empregados correram a apanhar os que tinham caído antes que acabassem completamente esmagados por tantos pés. Curie achou tudo aquilo muito divertido.

— Foi uma imprudência da parte da empresa de *catering* pensar que os

ceifadores podiam deixar fosse o que fosse em ordem.

Citra localizou a Ceifadora Iniciante Goodall, a rapariga que fora ordenada no conclave anterior. Vestia uma túnica de Claude DeGlasse, um dos mais destacados *designers* de moda do mundo. Fora um erro monumental, uma vez que os *designers* da atualidade só estavam interessados em arrancar as pessoas da sua zona de conforto. A túnica de riscas cor de laranja e azul de Goodall fazia-a parecer mais um palhaço do que um ceifador.

Citra não pôde deixar de reparar que Goddard e a sua comitiva estavam a atrair ainda mais atenções do que no Conclave Vernal. Embora houvesse vários ceifadores que faziam por ignorá-los, o número daqueles que se esforçavam por lhe cair nas boas graças era maior.

— Há cada vez mais ceifadores que pensam como Goddard — disse Curie em voz baixa. — Metem-se por tudo o que é fenda e racha, como cobras. Infiltram-se nas nossas fileiras. Tomam o lugar dos nossos melhores como ervas daninhas.

Citra pensou em Faraday, um ceifador decente que sem dúvida acabara sufocado pelas ervas daninhas.

— Os assassinos querem tomar o poder — continuou a ceifadora. — E, se o fizerem, este mundo há de presenciar dias muito sombrios. Cabe aos ceifadores verdadeiramente honrados fazer-lhes frente. Estou desejosa de que chegue o dia em que te hás de juntar à luta.

— Obrigada, Ilustre Ceifadora.

Citra não tinha nenhum problema em juntar-se a eles se chegasse a ser ceifadora. O que não suportava era pensar na sucessão de acontecimentos que a levaria lá.

Curie afastou-se para ir cumprimentar vários ceifadores da velha guarda que se mantinham fiéis aos ideais dos fundadores. Foi então que Citra finalmente localizou Rowan. O rapaz não tirava partido do brilho postiço de Goddard, antes sendo ele um outro centro de atenção. Estava rodeado de outros noviços e até alguns ceifadores iniciantes. Conversavam, riam, e Citra deu por si a sentir-se desprezada porque o seu amigo não a tinha ido procurar.

***

A verdade era que Rowan havia tentado, mas aqueles inesperados admiradores já o tinham atacado quando ela chegara à rotunda. Alguns invejavam-lhe a posição junto de Goddard, outros estavam só curiosos e outros ainda

estavam claramente a ver se apanhavam boleia de uma estrela em ascensão. O posicionamento político começava cedo na Ceifa.

— Tu estavas naquele edifício de escritórios, não estavas?—perguntou um dos outros noviços, um dos novos espatas, num conclave pela primeira vez. — Já te vi nos vídeos!

— Ele não estava apenas lá — disse outro espata. — Ele é que tinha a porra do anel de Goddard e estava a conceder imunidade!

— Uau! Isso é permitido?

Rowan encolheu os ombros.

— Goddard disse que sim e, seja como for, nem lhe pedi o anel: ele deu-mo e pronto.

Um dos iniciantes suspirou melancolicamente.

— Meu, ele deve gostar mesmo muito de ti para te deixar fazer isso.

A ideia de que o ceifador pudesse gostar dele deixou-o desconfortável... porque Rowan desprezava categoricamente as coisas de que Goddard gostava.

— Então, como é que ele é? — perguntou uma rapariga.

— Bem... não é como ninguém que eu já tivesse conhecido.

— Quem me dera ser noviço dele — disse um dos espatas; depois, fez uma cara como se tivesse mordido um pedaço de queijo com bolor. — Calhou-me o Ceifador Mao.

Rowan sabia que Mao era outro fanfarrão que gostava da fama da sua imagem pública. A sua independência era conhecida de todos e não alinhava nem pelo lado da velha guarda nem pelo da nova. Ele não sabia se era um homem que votava de acordo com a sua consciência ou se vendia o voto ao licitante mais alto. Faraday teria sabido dizer-lhe. Havia tantas coisas do seu tempo como noviço de Faraday das quais sentia falta. A informação privilegiada era uma delas.

— Goddard e os seus ceifadores iniciantes foram o centro das atenções quando subiram os degraus do Capitólio — comentou um noviço de quem Rowan se lembrava do conclave anterior, aquele que conhecia muito bem os seus venenos. — Arrasaram.

— Já decidiste qual vai ser a tua cor? E as pedras que vais ter na túnica? — perguntou uma rapariga que de repente se lhe agarrou ao braço, qual trepadeira

acelerada. Ele não sabia o que seria mais estranho, livrar-se dela ou deixá-la ficar.

— Invisível — respondeu ele. — Vou subir as escadas do parlamento completamente nu.

— Haviam de ser umas belas joias — gracejou um dos iniciantes, e todos se riram.

Então, Citra avançou e Rowan sentiu-se como se ela o tivesse apanhado a fazer alguma coisa que não devia.

— Olá, Citra! — exclamou.

Pareceu-lhe tão forçado que só lhe apeteceu engolir as palavras e procurar outra coisa para dizer. Livrou-se da rapariga trepadeira, embora fosse tarde demais; Citra já a tinha visto.

— Parece que já fizeste muitos amigos.

— Não, nem por isso — disse ele, percebendo que acabara de insultar os outros todos. — Quer dizer, somos todos amigos, certo? Estamos todos no mesmo barco.

— No mesmo barco — repetiu ela num tom inexpressivo, mas com punhais tão afiados nos olhos como os que se encontravam expostos na sala de armas de Faraday. — Também foi um prazer rever-te, Rowan — concluiu, e foi-se embora.

— Deixa-a ir — interveio a rapariga trepadeira. — Seja como for, depois do próximo conclave, ela passa à história, certo?

Rowan nem se desculpou antes de os deixar.

Não demorou muito a alcançá-la, o que lhe disse que ela não tinha feito particular esforço para desaparecer. Era um bom sinal.

Puxou-a com cuidado pelo braço e Citra voltou-se.

— Olá, desculpa lá aquilo ali atrás.

—Tudo bem, eu entendo. Tu agora és uma estrela. Tens de aproveitar.

— Não é nada disso. Achas que eu queria aquela gente toda a passar-me a mão no pelo daquela maneira? Vá lá, até parece que não me conheces.

Citra hesitou.

— Já se passaram quatro meses. Quatro meses podem mudar uma pessoa.

Era verdade, embora algumas coisas não tivessem mudado. Rowan sabia o que a amiga queria ouvir, mas isso só seria mais um baile, mais poses. Como tal disse-lhe a verdade:

— Gosto de te ver, Citra, mas também dói. Dói muito, e não sei o que fazer a esse respeito.

Percebeu que lhe tocara num ponto sensível porque os olhos dela começaram a brilhar com lágrimas que tratou de afastar pestanejando furiosamente.

— Eu sei. E odeio que tenha de ser assim.

— Vamos fazer uma coisa: não vamos sequer pensar no Conclave Invernal agora — disse o rapaz. — É melhor aproveitar o aqui e agora, e que o Conclave Invernal se lixe.

— Temos negócio — concordou ela; então, respirou fundo. — Vamos dar uma volta. Há uma coisa que tenho de te mostrar.

Começaram a andar ao longo do perímetro exterior da rotunda e passaram sob as arcadas onde os ceifadores se entretinham nos seus jogos palacianos.

A rapariga agarrou no seu telemóvel e projetou uma série de hologramas na palma da mão, curvando-a para que só Rowan os pudesse ver.

— Saquei-os do cérebro posterior do Cúmulo-Nimbo.

— Como é que fizeste isso?

— Não interessa agora. O que importa é que o fiz... e o que encontrei. Os hologramas eram do Ceifador Faraday nas ruas perto de sua casa.

— Estas imagens são do último dia dele — explicou Citra. — Consegui reconstituir parte dos seus passos.

— Mas porquê?

— Limita-te a ver. — O holograma mostrava-o a entrar em casa de alguém. — É a casa da mulher que nos apresentou no mercado. Passou algumas horas lá. Depois, ele foi a este café. — Citra passou para outro vídeo onde ele era visto a entrar num restaurante. — Acho que se encontrou com alguém lá, mas não sei com quem.

— Certo, então, ele estava a despedir-se das pessoas. Até agora, parece encaixar com o que alguém faria no seu último dia na Terra.

Citra mudou novamente a imagem. O vídeo seguinte mostrava-o a subir as escadas de uma estação de comboios.

— Isto foi cinco minutos antes de morrer. Sabemos o que aconteceu naquela estação... mas, ouve só isto: a câmara daquele cais tinha sido vandalizada... alegadamente por indesejáveis. Esteve o dia inteiro *offline,* pelo que não há registo visual do que realmente aconteceu naquele cais!

Um comboio saiu da estação e um outro entrou um momento depois em sentido contrário. Era o que tinha matado Faraday. Embora Rowan não o pudesse ver, fez um esgar como se tivesse visto.

— Achas que alguém o matou e fez parecer que tinha sido uma autocolheita? — Rowan olhou em redor para ter a certeza de que não estavam a ser observados e continuou em voz baixa: — Se é a tua única prova, é muito frágil.

— Eu sei, e foi por isso que continuei a esgravatar. — Passou o dedo para trás, para repetir a cena de Faraday a dirigir-se para a estação. — Houve cinco testemunhas. Eu não podia ir atrás delas sem entrar nos registos da Ceifa, e isso implicaria dar-lhes a saber o que ando a fazer. Mas só faz sentido que essas testemunhas tenham subido estas escadas também, não é? Dezoito pessoas subiram aqueles degraus por volta da altura em que Faraday morreu. Algumas, provavelmente, apanharam o primeiro comboio. — Apontou para o que saía da estação. — Mas nem todas. Dessas dezoito, consegui identificar cerca de metade. E três delas receberam imunidade *nesse mesmo dia.*

Foi o suficiente para deixar Rowan zonzo e com falta de ar.

— Foram subornadas para dizer que se tratou de uma autocolheita?

— Se tu fosses apenas um cidadão comum e presenciasses o homicídio de um ceifador às mãos de outro, e depois te oferecessem imunidade para ficares de boca calada, o que é que fazias?

Rowan queria acreditar que tentaria fazer justiça, mas pensou nos dias anteriores ao noviciado, quando ver um ceifador era a coisa mais assustadora que ele podia imaginar.

— Eu beijava o anel e fechava a boca.

Do outro lado da rotunda, as portas da câmara do conclave abriram-se e os ceifadores começaram a entrar.

— Quem é que achas que fez isso? — perguntou o rapaz.

— Quem é que tinha mais a ganhar se tirasse o Ceifador Faraday do caminho?

Nenhum deles precisava de o dizer em voz alta. Ambos sabiam a resposta.

Rowan sabia que Goddard era capaz de coisas inomináveis. Mas seria capaz de matar outro ceifador?

Abanou a cabeça, sem querer acreditar.

— Essa não é a única explicação! Pode até não ser um ceifador. Talvez fosse um familiar de alguém que ele colheu. Alguém à procura de vingança. Qualquer um podia ter-lhe tirado o anel antes de o empurrar para a linha e, em seguida, conceder imunidade às testemunhas. Elas não teriam escolha a não ser calar a boca se não quisessem ser consideradas cúmplices!

Citra abriu a boca para refutar, mas voltou a fechá-la. Era possível. Mesmo que o anel de Faraday congelasse o dedo do assassino, era possível.

— Não tinha pensado nisso.

— Ou então um tonista? Os cultos do tom odeiam os ceifadores.

A rotunda estava a esvaziar-se rapidamente. Abandonaram o recanto onde se encontravam e dirigiram-se para as portas da câmara.

— Não tens factos suficientes para acusar ninguém seja do que for — disse Rowan. — Por enquanto, devias deixar as coisas como estão.

— Deixar as coisas como estão!? Não podes estar a falar a sério.

— Eu disse *por enquanto!* Vais ter acesso total aos registos da Ceifa quando fores ordenada e, então, poderás provar o que aconteceu exatamente.

Citra estacou.

— O que queres dizer com isso de *«quando* fores ordenada»? Podes muito bem ser tu. Ou há alguma coisa que eu não sei?

Rowan apertou os lábios, furioso consigo mesmo pelo deslize.

— Vamos mas é entrar antes que eles fechem as portas.

***

Os rituais do conclave foram exatamente os mesmos que da última vez. O Timbre dos Nomes, a lavagem das mãos, as reclamações e os castigos. Mais uma vez, foi feita uma acusação anónima contra o Ceifador Goddard — desta feita por conceder imunidade com demasiada ligeireza.

— Quem faz esta acusação? — perguntou o visado. — Que o acusador ou a acusadora se levante e identifique!

Claro que ninguém o fez, o que permitiu a Goddard continuar com a palavra:

— Admito que a acusação tem fundamento, visto que sou um homem generoso e posso ter distribuído imunidade com demasiada munificência. Não me vou desculpar porque não me arrependo. Coloco-me à mercê do Suma Lâmina para que decida qual deve ser a minha punição.

Xenócrates descartou a questão com um aceno perfunctório.

— Sim, sim, sente-se e pronto, Goddard. O seu castigo será manter o silêncio durante cinco minutos inteiros.

Seguiu-se uma gargalhada geral. Goddard curvou-se numa vénia ao Suma Lâmina e sentou-se. E embora alguns ceifadores (incluindo Curie) tentassem protestar, salientando que, historicamente, os ceifadores que abusavam do seu anel ficavam limitados a conceder imunidade apenas às famílias dos colhidos, as suas reclamações caíram em ouvidos de mercador. Xenócrates rejeitou todas as objeções para acelerar a agenda.

— Incrível — sussurrou Curie à sua noviça. — Goddard está a tornar-se intocável. Consegue safar-se seja com o que for. Pena que ninguém tivesse a presciência de o colher quando ainda era criança. O mundo seria um lugar bem melhor.

Citra evitou Rowan durante o almoço, com receio de que, se os vissem juntos de novo, alguém pudesse desconfiar. Deixou-se ficar ao lado de Curie, que lhe apresentou vários dos maiores ceifadores vivos: Meir, que havia sido delegada no Conclave Mundial em Genebra; Mandela, que estava à frente da comissão responsável pela atribuição dos anéis, e Hideyoshi, o único ceifador que dominava a arte da colheita por meio da hipnose.

A rapariga tentou não parecer deslumbrada. Conhecê-los quase lhe deu esperança de que a velha guarda seria capaz de triunfar sobre ceifadores como Goddard. Não parava de olhar para Rowan, que, mais uma vez, parecia incapaz de se livrar dos outros noviços, embora Citra não soubesse se estaria a esforçar-se muito nesse sentido.

— É um mau sinal quando os nossos jovens gravitam tão abertamente na direção do inimigo — comentou Hideyoshi.

— O Rowan não é o inimigo — Citra deixou escapar, mas Curie pousou-lhe uma mão no ombro para a silenciar.

— Ele *representa* o inimigo — disse a ceifadora. — Pelo menos, para aqueles outros noviços.

Mandela suspirou.

— Não devia haver inimigos na Ceifa. Devíamos estar todos do mesmo lado. Do lado da humanidade.

Era consensual entre a velha guarda que se viviam tempos difíceis, embora, além de levantar objeções que eram sistematicamente rejeitadas, ninguém fizesse nada.

Citra deu por si cada vez mais nervosa depois do almoço, enquanto os fabricantes de armas promoviam os seus produtos e diversas moções eram acaloradamente discutidas. Coisas como determinar se o anel devia ser usado na mão esquerda ou na direita, ou se um ceifador podia ou não promover algum produto comercial, como calçado desportivo ou cereais para o pequeno-almoço. Todas aquelas coisas pareciam insignificantes para Citra. Que importância tinha aquilo se o ato sagrado da colheita estava gradualmente a reduzir-se ao assassínio da era mortal?

Finalmente, chegou a hora dos testes dos noviços. Como anteriormente, os candidatos à Ceifa foram os primeiros, pois haviam sido examinados na noite anterior. Dos quatro que tinham passado no teste final, apenas dois foram ordenados. Os outros tiveram de passar pela caminhada da vergonha e sair por onde haviam entrado para regressarem às suas antigas vidas. Citra sentiu um prazer culpado ao ver que um dos rejeitados era a rapariga que praticamente se colara a Rowan.

Depois de os novos ceifadores receberem os anéis e adotarem os seus novos nomes, os restantes noviços foram chamados.

— A prova de hoje — anunciou o Ceifador Cervantes — será uma competição na arte marcial do Bokator. Vamos emparelhar os candidatos e avaliar o seu desempenho.

Um tapete foi trazido e desenrolado no espaço semicircular diante do estrado. Citra respirou fundo. Tinha tudo controlado. O Bokator era uma arte de equilíbrio entre força, agilidade e concentração, e ela encontrara o seu equilíbrio perfeito. Só que, então, cravaram-lhe uma lâmina bem no centro da sua confiança:

— Citra Terranova enfrentará Rowan Damisch.

Um murmúrio geral fê-la perceber que não se tratava de um emparelhamento aleatório: tinham-nos juntado de propósito, condenando-os a ser adversários. Afinal, não podia ser de outra forma. Os seus olhos encontraram os de Rowan, cuja expressão era indecifrável.

As outras provas decorreram primeiro. Cada noviço fez por dar o seu melhor, mas o Bokator era uma disciplina dura que não estava ao alcance de qualquer um. Algumas vitórias foram renhidas, ao passo que outras resultaram em derrotas esmagadoras. E chegou a altura de Citra enfrentar Rowan.

A expressão do seu antigo parceiro continuava a não deixar transparecer nada: nem camaradagem nem compaixão ou pesar por terem de lutar um contra o outro.

—Vamos lá despachar isto — foi a única coisa que ele disse antes de começarem a descrever círculos um à volta do outro.

***

Rowan sabia que aquele era o seu primeiro teste real, embora não o que os ceifadores pretendiam. Para ele, o teste consistia em parecer convincente ao mesmo tempo que perdia o combate. Goddard, Xenócrates e Cervantes (e todos os presentes, na realidade) tinham de acreditar que ele estava a dar o seu melhor, mas que isso não era o suficiente.

Começou com aqueles círculos rituais num passo cadenciado. Em seguida, as poses e provocações físicas. Atacou Citra, lançando um pontapé depois de lho dar a entender com a sua linguagem corporal e falhando por um milímetro. Perdeu o equilíbrio e caiu sobre um joelho. Um começo muito bom. Virou-se rapidamente, levantando-se sem conseguir recuperar o equilíbrio e Citra atirou-se a ele. Rowan pensou que ia tentar derrubá-lo com uma cotovelada, mas, em vez disso, optou por agarrá-lo e puxá-lo para a frente, embora parecesse estar a empurrá-lo. Aquilo ajudou-o a recuperar o equilíbrio, embora ela tivesse conseguido fazer parecer que havia falhado o seu ataque, que não encontrara o apoio necessário para o concluir. Rowan recuou e olhou-a nos olhos: Citra estava a sorrir e o seu olhar era intenso. Fazia parte das provocações pelas quais o Bokator era conhecido, embora aquilo fosse muito mais. Ele podia lê-la tão claramente como se estivesse a falar em voz alta:

Não te vou deixar perder de propósito, diziam aqueles olhos. *Podes lutar mal, desafio-te, que eu hei de encontrar uma maneira de conseguir que sejas tu a fazer boa figura, por mais que te e forces para que aconteça o contrário.*

Frustrado, Rowan atirou-se a ela de novo, com a palma da mão aberta para a atingir no ombro, embora dois centímetros ao lado do ponto de apoio perfeito... só que ela desviou-se para que a mão a apanhasse em cheio, fazendo-a rodopiar com a força do golpe e cair no chão.

Raios te partam, Citra Raios te partam!

Ela conseguia vencê-lo em tudo. Até na derrota.

***

Assim que Rowan desferiu o primeiro pontapé, Citra percebeu o que ele estava a fazer, o que a deixou furiosa. Como é que se atrevia a pensar que tinha de lutar mal para ela ganhar? Ter-se-ia tornado tão arrogante debaixo da asa de Goddard que chegara ao ponto de achar que aquela luta não ia ser justa? Sim, ele tinha treinado, mas Citra também. Que diferença fazia se ele agora estava mais forte? Isso também queria dizer que estava mais volumoso e mais lento. Uma luta justa era a única maneira de garantir que a consciência de ambos permanecia limpa. Rowan não percebia que, ao sacrificar-se, também estava a condená-la? Mais depressa ela se colheria a si própria como seu primeiro ato de ceifadora do que aceitaria que ele se sacrificasse.

Rowan estava a olhar para ela agora, furioso, o que só lhe deu vontade de rir.

— Isso é o melhor que sabes fazer? — perguntou-lhe Citra.

Ele atacou com um pontapé rasteiro, lento apenas o suficiente para que ela o pudesse antecipar, e sem força alguma por trás. Ela só tinha de se baixar um pouco para lhe anular o efeito. Todavia, elevou o seu centro de gravidade também apenas o suficiente para que o golpe a derrubasse. Foi ao tapete, mas endireitou-se rapidamente para não parecer que tinha feito de propósito. Então, projetou o ombro contra ele e enganchou a perna direita em volta da dele, aplicando força, embora não a suficiente para que o joelho dele cedesse. Ele agarrou-a, torceu-se e foram os dois ao tapete, deixando-a em cima dele numa posição dominante. A rapariga reagiu, forçando-o a rolar para o lado até ficar ele por cima. Rowan tentou libertá-la, mas Citra agarrou-lhe os braços para o impedir.

— O que se passa, Rowan? — sussurrou ela. — Não sabes o que fazer quando te apanhas em cima de uma miúda?

Ele acabou por se soltar e ela levantou-se. Estavam mais uma vez frente a frente, às voltas na famosa dança da batalha enquanto Cervantes descrevia círculos na direção oposta, como um satélite, sem fazer a mínima ideia do que realmente estava a passar-se ali.

***

Rowan sabia que a partida estava quase a acabar. Ele estava prestes a ganhar

e, se ganhasse, seria uma derrota. Devia estar louco quando pensara que Citra lhe permitiria perder de propósito. Ambos se preocupavam demais um com o outro. O problema era esse. Citra nunca aceitaria de bom grado o anel de ceifador enquanto os seus sentimentos se metessem no caminho.

E de repente ele soube exatamente o que tinha de fazer.

***

Com apenas dez segundos para acabar, tudo o que Citra tinha de fazer era prolongar a dança. Rowan era o nítido vencedor. Mais dez segundos às voltas sem baixar a guarda e Cervantes faria soar o apito.

Mas então Rowan fez algo que ela não previra de todo: lançou-se em frente mais rápido do que um relâmpago. Não com falta de jeito, não com uma incompetência simulada, mas com uma destreza perfeita e muito praticada. Num instante, tinha-lhe prendido a cabeça numa chave de cotovelo e estava a apertar-lhe o pescoço com tanta força que os nanorrobôs analgésicos entraram em ação. E então debruçou-se sobre ela e rosnou-lhe ao ouvido:

— Caíste na minha armadilha. Agora, vais ter o que mereces.

Então, elevou-lhe o corpo no ar enquanto lhe torcia a cabeça na direção oposta. O pescoço estalou com um som medonho e as trevas abateram-se sobre Citra como um aluimento de terras.

***

Rowan largou-a no chão enquanto a multidão arquejava em uníssono. Cervantes apitou energicamente.

— Manobra ilegal! Manobra ilegal! — gritou, tal como Rowan esperava. — Desqualificação!

A assembleia ergueu-se num rugido coletivo. Alguns estavam furiosos com Cervantes, outros cuspiam insultos ao rapaz pelo que acabara de fazer. Rowan permaneceu onde estava, estoico, não se permitindo demonstrar emoção alguma. Forçou-se a olhar para o corpo de Citra, cuja cabeça estava praticamente torcida cento e oitenta graus. Os olhos continuavam abertos, embora já não vissem nada. Ela estava tão mortuosa quanto poderia estar. Ele mordeu a língua até sangrar.

A porta da câmara escancarou-se e vários guardas entraram a correr, direitos à rapariga mortuosa no centro da sala.

O Suma Lâmina aproximou-se de Rowan.

— Volte para o seu ceifador — disse ele sem sequer tentar disfarçar a sua

repugnância. — Tenho a certeza de que ele lhe dará o castigo adequado.

— Sim, Excelência.

Desqualificação. Ninguém ali percebia que, para Rowan, aquilo era a vitória perfeita.

Ficou a ver enquanto os guardas pegavam na rapariga e a levavam, inerte como um saco de batatas, lá para fora, onde sem dúvida um *ambudrone* já estaria à espera para a levar ao centro de reanimação mais próximo.

Vais ficar bem, Citra. Não tarda nada, estarás de volta com a Ceifadora Curie... mas não te hás de esquecer do que aconteceu hoje. E espero bem que nunca me perdoes.

28

Hidrogénio em combustão no núcleo do Sol

Citra Terranova, chamou uma voz simultaneamente poderosa e amável. *Citra Terranova, consegues ouvir-me?*

Quem é? Está ai alguém?

Curioso, disse a voz. *Muito curioso...*

Estar mortuosa era uma valente seca, que não houvesse dúvidas.

Quando foi declarada de novo legalmente viva, abriu os olhos e deu com o rosto desconhecido, mas amistosamente profissional, de uma enfermeira de reanimação que lhe verificava os sinais vitais. Mesmo que tentasse olhar à sua volta, o seu pescoço ainda estava imobilizado.

— Bem-vinda de regresso, querida — disse-lhe a enfermeira.

O quarto parecia girar sempre que ela mexia os olhos. Não eram apenas nanorrobôs analgésicos: deviam-na ter atafulhado com toda a espécie de substâncias químicas e microrrobôs anestesiantes e rejuvenescedores.

— Quanto tempo? — perguntou ela com voz rouca.

— Apenas dois dias — respondeu alegremente a enfermeira. — Fratura simples da coluna. Nada de muito complicado.

Dois dias de vida haviam-lhe sido roubados; dois dias que ela não podia desperdiçar.

— A minha família?

— Lamento, querida, mas isto era uma questão de ceifadores. Não foi notificada. — Deu-lhe uma palmadinha na mão. — Podes contar-lhes tudo quando voltares a vê-los. Agora, o melhor que tens a fazer é relaxar. Vais passar mais um dia aqui e ficas como nova. — Então, ofereceu-lhe o melhor gelado que ela já havia provado.

Naquela noite, Curie foi vê-la e contou-lhe tudo o que tinha perdido. Rowan fora desqualificado e severamente repreendido pela sua falta de espírito desportivo.

— Está a dizer-me que ganhei graças à desqualificação dele?

— Infelizmente, não. Ficou claro que ele te ia ganhar. Como tal, decidiu-se que os dois perderam. Temos mesmo de trabalhar as tuas artes marciais, Citra.

— Ora que bom — retorquiu ela, exasperada por razões que não as que Curie supunha. — Então, agora o Rowan e eu estamos a zeros para o próximo conclave.

— Às três é de vez — disse Curie com um suspiro. — Agora, tudo depende do teu desempenho no Conclave Invernal. E tenho fé de que vais brilhar no teste final.

Citra fechou os olhos e lembrou-se da expressão de Rowan quando a apertara naquela chave de cotovelo. Detetara frieza naquele olhar. Uma expressão calculista. Naquele instante, descobrira um lado desconhecido dele. Era como se antecipasse o prazer do que estava prestes a fazer-lhe. Como se soubesse que ia gostar. Ela estava tão confusa! Teria ele mesmo planeado aquela manobra desde o início? Não sabia que seria desclassificado? Ou a desqualificação seria o seu plano?

— Como é que ele ficou depois? — perguntou ela a Curie. — Parecia minimamente afetado pelo que tinha acabado de fazer? Ajoelhou-se ao meu lado? Ajudou quando me levaram para o *ambudrone?*

Curie não se apressou a responder, acabando por dizer:

— Limitou-se a ficar ali, Citra. A cara dele parecia talhada em pedra. Com um ar tão desafiador e impenitente como o ceifador dele.

Citra tentou virar a cabeça, mas, embora a coleira cervical já lhe tivesse sido retirada, o pescoço ainda estava demasiado hirto para se mover.

— Ele já não é quem tu pensas — disse Curie bem devagar, para que ela entendesse.

— Pois não — concordou a rapariga —, não é. — Todavia, não fazia a mínima ideia de quem ele poderia ser agora.

Rowan estava convencido de que o aguardava mais uma tareia brutal quando voltasse para a mansão, mas não podia estar mais enganado.

Goddard parecia a verdadeira encarnação da exuberância e da tagarelice eufórica. Ordenou ao mordomo que fosse buscar champanhe e taças para todos, para que pudessem brindar à audácia de Rowan ali mesmo na entrada.

— Revelaste mais coragem do que eu achava que tinhas, rapaz.

— Apoiado — disse Rand. — Podes passar pelo meu quarto e partir-me o pescoço sempre que quiseres.

— Não foi só partir-lhe o pescoço — salientou Goddard. — Partiu-lhe a coluna sem sequer pestanejar! Toda a gente ouviu. De certeza que acordou os ceifadores que estavam a dormir na última fila!

— Um clássico! — exclamou Chomsky enquanto emborcava o champanhe sem sequer esperar pelo brinde.

— Tratou-se de uma poderosa afirmação, aquilo que fizeste — disse Goddard. — Recordaste a todos que és *meu* noviço e não és homem com quem se brinque! — Então, baixou um pouco a voz e acrescentou, quase com delicadeza: — Eu sei que sentias qualquer coisa por aquela rapariga e, mesmo assim, fizeste o que tinha de ser feito e mais ainda.

— Fui desqualificado — recordou-lhes Rowan.

— Oficialmente, sim — concordou Goddard —, mas conquistaste a admiração de uns quantos ceifadores importantes.

— E transformaste outros tantos em inimigos — referiu Volta.

— Não há nada de errado em traçar uma linha na areia — retorquiu Goddard. — Só um homem de força é capaz de o fazer. O tipo de homem ao qual tenho todo o gosto em brindar.

Rowan olhou para cima e deu com Esme sentada no topo da grandiosa escadaria a observá-los. Perguntou a si mesmo se a menina saberia o que tinha feito e essa ideia fê-lo sentir vergonha.

— Ao Rowan! — exclamou Goddard, erguendo a taça bem alto. — O flagelo dos empertigados e o destroçador de colunas.

Foi a taça mais amarga que Rowan alguma vez tivera de beber.

— E agora, acho que merecemos uma festa.

***

A festa que se seguiu ao Conclave das Colheitas merecia ter entrado nos livros de recordes, e ninguém ficou indiferente à energia contagiante de Goddard. Antes sequer que os convidados chegassem e o primeiro dos cinco DJ pusesse a música a bombar, ele abriu os braços na elaborada sala de estar da mansão, como se os pudesse estender de parede a parede, e declarou para

ninguém em particular:

— Estou no meu elemento, e o meu elemento é o hidrogénio em combustão no centro do Sol!

Era uma frase tão disparatadamente bombástica que até Rowan se riu.

— Não passa dum saco de vento — sussurrou-lhe Rand ao ouvido —, mas é impossível não adorar aquela criatura.

A medida que as salas, terraços e o deque da piscina se iam enchendo de gente, o rapaz começou a libertar-se da neura que o oprimia desde aquele terrível confronto com Citra.

— Já me informei por ti — disse-lhe Volta. — A Citra está consciente e vai passar mais um dia no centro de reanimação. Vai voltar para casa com a Ceifadora Curie, totalmente recuperada; sem o menor vestígio de estragos. Bem, os estragos foram abundantes, mas era mesmo isso que tu querias, não era?

Rowan não lhe respondeu. Perguntava a si mesmo se qualquer outra pessoa teria tido a perspicácia suficiente para perceber por que motivo ele fizera o que fizera. Esperava que não.

Volta ficou sério no meio da folia que os rodeava:

— Não comprometas o teu futuro como ceifador por causa dela, Rowan. Pelo menos, não percas de propósito. Se ela te derrotar de forma limpa e justa, seja, mas submeteres-te à lâmina dela por conta de umas hormonas descontroladas é uma estupidez.

Talvez ele tivesse razão. Talvez Rowan devesse dar o seu melhor na prova final e, se derrotasse Citra, aceitar o anel de ceifador. E talvez mais tarde se pudesse colher a si mesmo como seu primeiro e único ato. Assim, nunca teria de enfrentar a decisão de colhê-la. Era reconfortante ter uma saída, mesmo que se tratasse da opção mais drástica.

Os ricos e famosos chegaram de helicóptero, de limusina e, numa entrada com tanto de peculiar como de memorável, num propulsor a jato. Goddard fez questão de apresentar Rowan a todos, como se ele fosse um prémio digno de ser exibido.

— Não percam este rapaz de vista — dizia ele aos seus convidados mais importantes. — Ele vai longe.

Rowan nunca se sentira tão valorizado e validado. Era difícil odiar um

homem que o tratava como se fosse carne e não alface.

— É assim que a vida deve ser vivida — disse-lhe Goddard enquanto apreciavam todos os luxos na cabana sem paredes e assistiam aos festejos. — Experimentar tudo o que há para experimentar e desfrutar a companhia dos outros.

— Mesmo quando alguns desses outros cobram para estar presentes? Goddard olhou para o deque apinhado, que estaria bem menos apinhado e seria muito menos bonito sem a presença de convidados profissionais.

— Toda a produção tem os seus extras — respondeu. — Eles preenchem os espaços vagos e asseguram uma vista agradável. Não seria boa ideia trazer apenas celebridades, pois não? Não haviam de fazer outra coisa senão discutir e andar à pancada!

Foi montada uma rede na piscina e dezenas de convidados juntaram-se para uma partida de vólei.

— Olha à tua volta, Rowan — continuou Goddard, mais do que satisfeito. — Alguma vez viveste um momento melhor do que este? A gente comum adora-nos não por causa da maneira como colhemos, mas sim por causa da maneira como vivemos. Temos de aceitar o nosso papel de nova realeza.

Embora o rapaz não se visse como realeza, estava disposto a alinhar no jogo, pelo menos naquele dia. Como tal, foi até à piscina, saltou para a água e declarou-se capitão da equipa, juntando-se assim aos leais súbditos de Goddard na sua festa.

O problema das festas do Ceifador Goddard era o facto de ser muito difícil alguém não se divertir, por mais que se esforçasse. E com tanta boa disposição por todo o lado tornava-se fácil esquecer que aquele homem não passava de um carniceiro implacável.

Todavia, seria também um assassino de ceifadores?

Ainda que Citra não o tivesse acusado diretamente, ficara bem claro que era o seu principal suspeito. Embora a sua pesquisa se tivesse revelado inquietante, por mais que tentasse, Rowan não se conseguia lembrar de ter presenciado um único caso, desde que chegara àquela casa, em que Goddard tivesse infringido a lei dos ceifadores. Talvez tivesse esticado um pouco a sua interpretação dos mandamentos, mas nada do que fizera podia ser considerado uma violação concreta. Nem mesmo aquelas colheitas desregradas eram proibidas, a não ser pelo costume e pela tradição.

— A velha guarda despreza-me porque vivo e colho com um estilo que ela não sabe ter — dissera-lhe Goddard certa vez. — Não passam de um bando de traidores azedos com inveja de eu ter descoberto o segredo de como ser o ceifador perfeito.

Bem, a perfeição era subjetiva (Rowan certamente não lhe chamaria o ceifador perfeito), embora não houvesse nada no reportório de malfeitorias de Goddard que desse a entender que teria sido capaz de matar Faraday.

***

No terceiro dia daquela celebração aparentemente interminável, apareceram dois convidados inesperados ou, pelo menos, inesperados para Rowan. O primeiro foi o Suma Lâmina Xenócrates.

— O que está ele a fazer aqui? — perguntou a Chomsky quando viu que o Suma Lâmina se dirigia para a piscina.

— Não me perguntes a mim... não fui eu que o convidei.

Era estranho Xenócrates aparecer na festa de um ceifador extremamente controverso. Não parecia estar a sentir-se nada confortável, apenas confrangido, a fazer por passar despercebido. Todavia, era difícil não ver um homem com aquelas imponentes dimensões e engalanado de ouro. Destacava-se como um balão de ar quente num campo deserto.

Mas foi o segundo convidado que mais surpreendeu o rapaz. Já estava a reduzir-se à sua roupa de banho poucos segundos depois de ter chegado ao deque da piscina e era nem mais nem menos do que o seu amigo Tyger Salazar, que ele não via desde o dia em que lhe mostrara a sala de armas de Faraday.

Rowan foi direito a ele e puxou-o para trás de um arbusto ornamental.

— Mas que raio é que estás a fazer aqui?

— Boas, Rowan! — exclamou Tyger com o seu característico sorriso de esguelha. — Também gosto de te ver! Meu, isso é que são músculos! Injetaram-te com quê?

— Com nada, é tudo verdadeiro... e não respondeste à minha pergunta. Porque é que estás aqui? Nem imaginas os sarilhos em que te podes meter se eles descobrirem que estás aqui sem convite! Isto não é o mesmo que aparecer de paraquedas num baile de liceu!

— Calma aí! Não apareci de paraquedas em lado nenhum. Inscrevi-me na Guests Unlimited. Agora, sou um farrista encartado!

Ele já dissera muitas vezes que a ambição da sua vida era tornar-se um convidado profissional, mas Rowan nunca o levara a sério.

— Tyger, isto é uma péssima ideia... pior do que qualquer uma das tuas outras péssimas ideias. — Então, sussurrou: — Os convidados profissionais às vezes têm de... *fazer* coisas para as quais és capaz de não estar preparado. Eu sei, já vi.

— Meu, tu conheces-me; vou para onde a corrente me levar.

— E os teus pais não se importam?

Tyger olhou para baixo, a sua animação subitamente murcha.

— Os meus pais desistiram de mim.

— O quê? A sério!?

O rapaz encolheu os ombros.

— O meu último estatelanço foi a gota d'água. Desistiram. Agora, estou sob a tutela do Cúmulo-Nimbo.

— Lamento, Tyger.

— Ei, nada disso. Acredites ou não, o Cúmulo-Nimbo é um pai melhor do que o meu. Agora, recebo bons conselhos, e todos os dias tenho alguém que pergunta como foi o meu dia e que realmente parece interessado na resposta.

Como tudo o que o Cúmulo-Nimbo fazia, as suas aptidões parentais eram indiscutíveis. Mesmo assim, ver os próprios pais desistirem de nós tinha de doer.

— Não sei porquê, mas duvido de que o Cúmulo-Nimbo te tenha aconselhado a tornares-te um farrista profissional.

— Não, mas não me pode impedir. É uma decisão que me cabe a mim. Além disso, paga muito bem. — Olhou em redor para ter a certeza de que ninguém estava a ouvir, aproximou-se dele e sussurrou: — Mas sabes o que é que paga ainda melhor?

Rowan quase tinha medo de perguntar.

— O quê?

— Corre por aí que vocês têm treinado com alvos vivos. Esse tipo de trabalho, sim, rende uma pipa! Achas que me podias recomendar? Quer dizer, já passo metade da vida em estado mortuoso. Já agora, podiam pagar-me por isso!

Rowan olhou para ele, incrédulo.

— Passaste-te ou quê? Tens ideia sequer do que estás a dizer? Meu Deus, em que é que te meteste?

— São só os meus nanorrobôs, meu, só os meus nanorrobôs.

***

O Ceifador Volta sentia-se um privilegiado por pertencer ao círculo íntimo de Goddard. Quase sempre. Era o mais novo dos seus ceifadores iniciantes e via-se a si mesmo como o elemento de equilíbrio. Chomsky era os músculos sem miolos; Rand, o *animus*, a força selvagem da Natureza. Volta era o sensato, aquele que via mais do que dava a entender. Foi o primeiro a dar pela chegada de Xenócrates e deixou-se ficar a ver enquanto ele tentava, sem o mínimo sucesso, evitar encontrar-se com alguém. Acabou a apertar a mão de uma série de ceifadores convidados, alguns deles de regiões tão distantes como a Pan-Ásia e a EuroScandia. Tudo isto foi feito com tanta relutância por parte do Suma Lâmina que Volta não tinha dúvidas de que o homem não estava ali por vontade própria.

O jovem ceifador posicionou-se perto de Goddard para o caso de conseguir ficar a saber exatamente o que estava a acontecer.

Quando Goddard viu Xenócrates, levantou-se; era um sinal de respeito obrigatório.

— Vossa Excelência, é uma honra tê-lo nesta minha modesta reunião.

— Não assim tão modesta — retorquiu o outro.

— Volta! Traz-nos duas cadeiras para a beira da piscina para ficarmos mais perto da ação — ordenou Goddard.

E embora se tratasse de uma tarefa normalmente reservada aos empregados, Volta não se queixou porque lhe dava a desculpa perfeita para escutar. Colocou duas cadeiras no pátio lajeado junto à zona de mergulho da piscina.

— Mais perto — disse Goddard. Como tal, Volta deixou as cadeiras tão perto que qualquer um que resolvesse saltar do trampolim lhes havia de proporcionar um duche. — Não te afastes — acrescentou o ceifador em voz baixa, que era exatamente o que ele pretendia fazer.

— Gostaria de comer alguma coisa, Excelência? — perguntou Volta enquanto apontava para a mesa do bufe, apenas a uns metros de distância.

— Não, obrigado — foi a resposta mais do que reveladora daquele homem com fama de ser um bom garfo. — Temos de falar aqui? — perguntou ele a Goddard. — Não preferia uma sala mais recatada?

— Hoje, nenhuma das minhas salas pode ser considerada recatada.

— Sim, mas estamos num fórum demasiado público.

— Disparate. Isto não é o Fórum, é mais como o palácio de Nero. Volta entrou na conversa com uma boa gargalhada, ainda que simulada. Se ia assumir o papel de graxista, ia fazê-lo em grande.

— Bem, esperemos que não se transforme no Coliseu — disse Xenócrates, um tanto amargo.

Goddard riu-se da ideia.

— Vá por mim, não me importava nada de lançar uns quantos tenistas aos leões.

Um dos convidados (pagos) executou um triplo perfeito no trampolim e os respingos deixaram uma mancha na pesada túnica do Suma Lâmina.

— Não acha que este estilo de vida ostensivo lhe há de cobrar o seu preço? — perguntou Xenócrates.

— Não tem como me apanhar se eu não ficar parado no mesmo sítio — respondeu Goddard com um sorriso. — Estou quase a pôr-me a andar daqui. Tenho andado a ver propriedades no Sul.

— Não é disso que estou a falar e você sabe.

— Porque é que está tão tenso, Excelência? Convidei-o porque queria que visse com os seus próprios olhos quanto as minhas festas são um ponto a favor da Ceifa. Relações públicas de primeira! Devia organizar umas belas galas em sua casa.

— Parece que não sabe que vivo numa cabana de troncos.

Os olhos de Goddard estreitaram-se numa expressão que não era de ódio, mas quase.

— Sim, uma cabana de troncos na cobertura do edifício mais alto de Fulcrum City. Pelo menos, não sou hipócrita, Xenócrates. Não pretendo ser humilde.

Então, o Suma Lâmina disse a Goddard algo que chocou Volta, embora, retrospetivamente, não o devesse ter surpreendido de todo:

— O meu maior erro foi tê-lo escolhido como noviço naquela altura.

— Esperemos que assim seja. Não me agradaria pensar que *talvez* ainda não tenha cometido o seu maior erro. — Era uma ameaça sem propriamente o

ser. Goddard era mesmo muito bom nessas coisas.

— Bem, diga-me, a sorte sorri ao *meu* noviço, como sorriu ao seu? Volta apurou o ouvido, enquanto se perguntava a que sorte ele se estaria a referir.

Xenócrates inspirou lentamente e depois libertou o ar.

— A sorte está de feição. A rapariga deixará de ser um problema dentro de uma semana. Tenho a certeza.

Outro mergulhador borrifou-os e Xenócrates ergueu as mãos para se proteger; Goddard nem pestanejou.

Deixará de ser um problema. Aquilo podia significar muitas coisas. Volta olhou em redor até avistar Rowan, que parecia estar numa acesa discussão com um dos convidados pagos. Citra «deixar de ser um problema» seria a melhor coisa para o rapaz, na sua opinião.

— Já terminámos? Posso ir?

— Só um momento — disse Goddard, e então virou-se e chamou na direção da parte rasa da piscina. — Esme! Esme, vem ca, quero que conheças uma pessoa.

A expressão de terror que se apoderou das feições do Suma Lâmina foi arrepiante. Sem dúvida, a situação não parava de se tornar cada vez mais interessante.

— Por favor, Goddard, não.

— Que mal pode fazer?

Esme, com braçadeiras e tudo, foi ter com eles aos saltinhos pela borda da piscina.

— Sim, Ceifador Goddard?

Ele chamou-a com um gesto e a menina foi sentar-se no seu colo, de frente para o homem de roupas douradas.

— Esme, sabes quem é este senhor?

— Um ceifador?

— Não é um ceifador qualquer: chama-se Xenócrates e é o Suma Lâmina da MesoMérica. É um figurão.

— Olá — disse a menina.

Xenócrates assentiu desajeitadamente com a cabeça, evitando olhar para

ela. O seu desconforto perante aquele encontro irradiava como calor. Volta pensou se Goddard teria algum objetivo ou se estaria apenas a ser cruel.

— Acho que já nos conhecemos — disse Esme. — Há muito tempo.

Xenócrates não disse nada.

— O nosso querido amigo é uma pessoa muito tensa — explicou-lhe Goddard. — Ele está a precisar de se juntar à festa, não achas, Esme? Ela limitou-se a encolher os ombros.

— Ele devia divertir-se como toda a gente.

— Nunca ouvi palavras mais sábias — disse Goddard, ao que estendeu uma mão na direção de Volta, fora do campo de visão da menina, antes de estalar os dedos.

O jovem inspirou bem fundo, devagar. Sabia o que o ceifador lhe estava a pedir, mas não lhe agradava de todo. Agora, já estava arrependido de fazer parte de tudo aquilo.

— Talvez devesse mostrar-nos as suas habilidades na pista de dança, Excelência — disse Goddard. — Para que os meus convidados se possam rir de si, da mesma maneira que toda a Ceifa se riu de mim no conclave. Achava que eu me tinha esquecido?

Continuava com a mão estendida para Volta e a agitar os dedos com impaciência, pelo que ele não teve outra escolha a não ser dar-lhe o que ele queria. Introduziu a mão num dos muitos bolsos secretos da sua túnica amarela, retirou uma pequena adaga e entregou-lha pelo cabo.

Goddard cerrou os dedos em redor do mesmo e, muito delicadamente, sem chamar a atenção, aproximou a ponta da adaga do pescoço de Esme.

A menina não a viu. Nem fazia ideia da sua presença. Mas Xenócrates, sim. Estava paralisado, de olhos arregalados e boca entreaberta.

— Já sei! — exclamou Goddard alegremente. — Porque é que não vai dar umas braçadas?

— Por favor — implorou Xenócrates. — Isto não é necessário.

— Ah, mas eu faço questão.

— Acho que ele não quer ir nadar — comentou Esme.

— Mas toda a gente nada nas minhas festas!

— Não faça isto — implorou o Suma Lâmina.

A resposta do outro foi aproximar ainda mais a lâmina do pescoço incauto da menina. Naquele momento, até Volta estava a suar. Nunca tinham colhido ninguém nas festas de Goddard, mas havia uma primeira vez para tudo. Ele sabia que se tratava de uma batalha de vontades, e a única coisa que o impediu de intervir e arrancar a adaga a Goddard foi o conhecimento de quem havia de ceder primeiro.

— Maldito seja, Goddard! — exclamou Xenócrates. Então, levantou-se e saltou para a piscina, com enfeites dourados incluídos.

***

Rowan não soube de nada do que se passara entre Xenócrates e Goddard, mas viu o Suma Lâmina saltar para a zona de mergulho da piscina e criar uma onda que garantiu a atenção de todos.

Xenócrates sumiu e não voltou à superfície.

— Ele foi ao fundo! — comentou alguém. — É aquele ouro todo!

Rowan não tinha particular estima pelo Suma Lâmina, mas também não queria que o homem se afogasse. Afinal, ele não tinha caído — tinha saltado e, se se afogasse, prisioneiro da sua túnica dourada, aquilo seria considerado uma autocolheita. Então, o rapaz mergulhou na piscina, assim como Tyger, que lhe seguiu a deixa. Foram até ao fundo, onde Xenócrates já soltava as suas últimas bolhas de ar. Rowan agarrou nas diversas camadas da túnica e puxou-lhas por cima da cabeça e, entre os dois, os rapazes ajudaram-no a subir à superfície, onde o homem arquejou, tossiu e desatou a cuspir água. A multidão em redor irrompeu em aplausos.

Agora, aquela criatura tinha muito pouco de Suma Lamina — não passava de um homem gordo em roupa interior dourada e encharcada.

— Acho que me devo ter desequilibrado — anunciou ele, tentando emprestar um tom humorístico ao sucedido. Talvez os outros acreditassem, mas Rowan vira-o saltar. Não havia confusão possível com uma queda acidental. O que o teria levado a fazer aquilo?

— Esperem! — disse Xenócrates enquanto olhava para a mão direita. — O meu anel!

— Eu vou buscá-lo! — gritou Tyger, que passara a ser o convidado do momento, antes de mergulhar para o procurar.

Chomsky tinha acabado de chegar ao local, e ele e Volta debruçaram-se na

borda da piscina para tirar Xenócrates da água. Não podia ter sido mais humilhante para o Suma Lâmina: parecia que estavam a puxar uma rede cheia de peixe para o convés de uma traineira.

Goddard envolveu-o numa grande toalha enquanto o olhava com uma expressão incaracteristicamente arrependida.

— As minhas mais sinceras desculpas — disse ele. — Nunca me passou pela cabeça que poderia afogar-se. Isso não seria bom para ninguém. E então Rowan percebeu que Xenócrates se atirara à água por um único motivo:

Porque Goddard assim lhe ordenou.

O que queria dizer que Goddard tinha um ascendente muito maior sobre o Suma Lâmina do que qualquer um imaginava. Mas como?

— Já me posso ir embora? — perguntou Esme.

— Mas é claro que podes — respondeu Goddard, beijando-lhe a testa.

Esme não perdeu tempo a ir procurar companhia para as suas brincadeiras entre os filhos das estrelas.

Tyger emergiu com o anel. Xenócrates arrancou-lho da mão sem sequer lhe agradecer e tratou de o enfiar no dedo.

— Também tentei trazer a túnica, mas é demasiado pesada — explicou o rapaz.

— Havemos de encontrar quem vá lá ao fundo com equipamento de mergulho em busca do tesouro — gracejou Goddard. Embora depois possa vir a reivindicar direitos de achamento.

— Já acabou? — perguntou-lhe Xenócrates. — Porque eu gostava de me ir embora.

— Com certeza, Excelência.

Então, o Suma Lâmina da MesoMérica retirou-se do deque da piscina e atravessou a mansão a pingar, deixando ficar atrás de si qualquer dignidade com que tivesse chegado.

— Gaita... devia ter beijado o anel dele quando tive a oportunidade — lamentou-se Tyger. — A imunidade ali na palma da mão e nem aproveitei.

Depois da partida de Xenócrates, Goddard dirigiu-se a todos os presentes:

— Se alguém sequer pensar em carregar imagens do Suma Lâmina Xenócrates em roupa interior será colhido imediatamente!

E todos se riram... até perceberem que ele não estava a brincar, nem um pouco.

***

Enquanto a festa chegava ao fim e o Ceifador Goddard se despedia dos convidados mais importantes, Rowan observava tudo, sem perder nenhum pormenor.

— Bem, vemo-nos na próxima festa, certo? — perguntou-lhe Tyger, distraindo-o. — Talvez me mandem para a próxima mais cedo e eu possa ficar mais do que um dia.

O facto de Tyger ser tão superficial como a fonte que adornava a entrada da casa irritou Rowan. O engraçado é que aquele traço da personalidade do amigo nunca o incomodara antes, talvez porque, na altura, ele não fosse muito diferente. Sim, não era um viciado em emoções fortes como Tyger, mas, à sua maneira, Rowan limitava-se a patinar pela superfície da vida. Quem é que não teria reparado que o gelo era tão traiçoeiramente fino? Agora, o local onde ele se encontrava era tão fundo que Tyger nunca havia de entender.

— Claro, Tyger. Para a próxima.

O rapaz partiu com o resto dos convidados profissionais, com quem agora parecia ter muito mais em comum do que com o noviço do ceifador. Rowan deu por si a pensar se ainda seria possível restabelecer uma ligação com alguém da sua vida anterior.

Ainda estava parado à porta quando Goddard passou por ele.

— Se estás a praticar para ser uma estátua neoclássica, devia trazer-te uma pedestal. Embora a verdade seja que já temos esculturas de sobra por aqui.

— As minhas desculpas, Ilustre Ceifador; estava a pensar.

— Pensar demais é perigoso.

— Estava só a pensar no que teria levado o Suma Lâmina a saltar para a piscina daquela maneira.

— Foi uma queda acidental, ele próprio o disse.

— Não, eu vi — insistiu Rowan. — Ele saltou.

— Bem, então, como é que eu posso saber? Terás de lhe perguntar, embora não me pareça que puxar um assunto tão embaraçoso para ele te possa ser vantajoso. Parecias entender-te muito bem com um dos farristas — acrescentou,

mudando de assunto. — Queres que eu convide mais uns quantos na próxima festa?

— Não, não, nada que se pareça — respondeu o rapaz, incapaz de deixar de corar. — É só um amigo da minha vida anterior.

— Estou a ver. E convidaste-o?

Rowan abanou a cabeça.

— Não, ele inscreveu-se na agência sem que eu soubesse. Se dependesse de mim, nem tinha posto cá os pés.

— Porque não? Os teus amigos são meus amigos.

Rowan não respondeu. Nunca sabia se ele estava a falar a sério ou só a picá-lo.

O seu silêncio fez o ceifador rir-se.

— Anima-te, rapaz! Era uma festa, não a inquisição.

Deu-lhe uma palmadinha no ombro e foi-se embora. Se Rowan tivesse algum bom senso, teria ficado por ali. Só que não.

— As pessoas estão a dizer que o Ceifador Faraday foi morto por outro ceifador.

Goddard estacou e voltou-se lentamente para trás.

— Ah, sim?

O rapaz respirou fundo e encolheu os ombros, tentando fazer parecer que não dava importância ao assunto, fazer marcha-atrás. Mas era tarde demais.

— É apenas um boato.

— E tu achas que eu poderia estar envolvido?

— Está?

Goddard aproximou-se, parecendo examiná-lo como se fosse capaz de perfurar aquela fachada e chegar ao lugar gelado e escuro onde ele agora residia.

— Do que é que me estás a acusar, rapaz?

— De nada, Ilustre Ceifador. É só uma pergunta. Para desanuviar.

Tentou retribuir-lhe o olhar, procurando o lugar gelado de Goddard, mas deparou com algo que era opaco e insondável.

— Pois considera-te desanuviado — disse o ceifador com uma ligeireza

sarcástica no tom. — Olha à tua volta, Rowan. Achas mesmo, por um segundo que seja, que eu podia pôr tudo isto em risco ao infringir o sétimo mandamento para livrar o mundo de um ceifador da velha escola que já dera tudo o que tinha para dar? Faraday optou pela autocolheita porque, lá no fundo, sabia que seria o ato mais significativo dos seus últimos cem anos de vida. O tempo dele e dos outros como ele chegou ao fim e ele sabia-o. E se a tua amiguinha está a tentar encontrar fundamentos para um caso de intenção criminosa, é melhor que pense duas vezes antes de me acusar, porque posso perfeitamente colher-lhe a família toda no dia em que a imunidade dela expirar.

— Isso constituiria premeditação, Ilustre Ceifador — respondeu Rowan educadamente, mas sem hesitar. — Poderiam acusá-lo de infringir o segundo mandamento.

Por um momento, Goddard pareceu pronto para retalhar o rapaz ali mesmo. Todavia, aquelas profundezas insondáveis engoliram o fogo que lhe consumia os olhos.

— Sempre a zelar pelos meus interesses, não é verdade?

— Faço o que posso, Ilustre Ceifador.

Goddard encarou-o durante mais um momento antes de dizer:

— Amanhã, vais treinar com pistolas contra alvos em movimento. Terás de deixá-los todos mortuosos com uma única bala, exceto um. Caso contrário, eu mesmo (sem preconceito nem premeditação) tratarei da colheita daquele teu amigo farrista.

— O quê!?

— Será que não fui claro?

— De todo, Ilustre Ceifador. Eu... entendi perfeitamente.

— E da próxima vez que te lembrares de acusar alguém, é melhor que te certifiques de que o fazes com a verdade e não apenas com um insulto.

O ceifador partiu de rompante, a túnica enfunada atrás de si como uma capa. No entanto, quando Rowan ainda o podia ouvir, acrescentou:

— É claro que, se tivesse matado o Ceifador Faraday, não seria estúpido a ponto de o admitir na tua presença.

***

— Ele disse isso só para mexer contigo.

Volta estava com Rowan na sala de jogos; já tinham jantado e entretinham-se agora com uma partida de bilhar.

— Mas devo dizer que considero que o insultaste. Quer dizer, matar outro ceifador? Isso nunca acontece.

— Acho que talvez tenha acontecido — disse Rowan enquanto dava uma tacada e não acertava numa única bola. Não estava minimamente concentrado. Nem sequer se lembrava se tinha de acertar nas lisas ou nas das riscas.

— Acho que a Citra também está a ver se mexe contigo. Já pensaste nisso? — Por sua vez, Volta jogou e arrumou uma bola riscada e uma lisa, o que não ajudou Rowan a descobrir quais eram as suas. — Quer dizer, olha só para ti... pareces um maluquinho. Ela está a brincar com a tua mente e nem dás por isso!

— Ela não é assim — respondeu o rapaz, optando por uma bola riscada e arrumando-a. Aparentemente, foi a escolha certa, porque Volta deixou-o continuar a jogar.

— As pessoas mudam. Especialmente os noviços. Ser noviço de um ceifador envolve muitas mudanças. Porque é que achas que renunciamos aos nossos nomes e nunca mais os voltamos a usar? Pois, é porque, quando finalmente nos ordenam, somos pessoas completamente diferentes. Ceifadores profissionais em vez de miudinhos suscetíveis. Ela está a deixar-te tonto como um pião.

— E eu parti-lhe o pescoço — recordou-lhe Rowan. — Como tal, acho que estamos quites.

— O importante não é que estejas quites, mas sim ir ao Conclave Invernal com uma nítida vantagem... ou, pelo menos, com a sensação de que a tens.

Esme espreitou apenas o suficiente para dizer:

— Jogo com quem ganhar.

— A melhor maneira de perder — resmungou Volta.

— Eu devia levá-la comigo quando vou correr de manhã — sugeriu Rowan. — O exercício não lhe fazia mal. Talvez a deixe em melhor forma.

— É verdade, mas nela o peso é uma coisa natural. É genético.

— Como é que tu...?

E então Rowan percebeu. Estava mesmo debaixo do nariz dele, como tal, demasiado perto para que ele pudesse ver.

— Não! Estás a gozar!

Volta abanou a cabeça com um ar descontraído.

— Não faço ideia do que estás para aí a dizer.

— Xenócrates?

— É a tua vez.

— Se se descobrisse que o Suma Lâmina tinha uma filha ilegítima, ele ficaria acabado. Seria uma infração muito grave.

— Sabes o que seria ainda pior? — perguntou-lhe Volta. — Se a filha de cuja existência ninguém sabe fosse colhida.

Rowan encarou uma série de coisas segundo aquela nova perspetiva. Agora, tudo fazia sentido. Esme ter sido poupada no centro comercial, a maneira como a tratavam... O que é que Goddard tinha dito? Que ela era a pessoa mais importante que ele conhecera naquele dia? A chave para o futuro?

— Mas não há de ser colhida — disse ele. — Não enquanto Xenócrates fizer tudo o que Goddard mandar. Como saltar para o fundo de uma piscina.

Volta assentiu lentamente.

— Entre outras coisas.

Rowan jogou e acertou sem querer na bola número oito, terminando assim o jogo.

— Ganhei — disse Volta. — Que gaita. Agora, vou ter de jogar com a Esme.

29

Chamavam-lhes prisões

A Ceifadora Curie não tinha colhido desde o conclave. A sua única preocupação era Citra.

— Mereço uma pausa — disse ela à rapariga. — Tenho imenso tempo para compensar depois.

Foi durante o jantar do primeiro dia de regresso à Casa da Cascata que Citra finalmente referiu o assunto que tinha andado a evitar.

— Tenho uma confissão a fazer — disse, quando já estavam há cinco minutos à mesa.

Curie mastigou e engoliu antes de reagir.

— Que tipo de confissão?

— Daquele que não lhe vai agradar.

— Tens a minha atenção.

Citra fez o seu melhor para encarar aqueles frios olhos cinzentos.

— É uma coisa que já venho a fazer há algum tempo. Uma coisa que não é do seu conhecimento.

A ceifadora franziu os lábios num sorriso irónico.

— Acreditas mesmo que há alguma coisa que faças que eu desconheço?

— Tenho andado a investigar o assassínio do Ceifador Faraday.

Curie deixou cair o garfo, ruidosamente.

— Tens andado a fazer *o quê?*

Citra contou-lhe tudo: que andara a vasculhar o cérebro posterior, que reconstituíra com muita dificuldade os movimentos de Faraday no seu último dia, e que tinha descoberto duas das cinco testemunhas que . haviam recebido imunidade, o que dava a entender, senão mesmo provava, que o ato fora cometido por um ceifador.

Curie prestava atenção a tudo; quando terminou, a rapariga baixou a cabeça e preparou-se para o pior.

— Submeto-me a qualquer ação disciplinar que considerar adequada — disse ela.

— Ação disciplinar — repetiu Curie com repulsa na voz, embora não dirigida a Citra. — *Eu* é que me devia punir por ter sido tão indesculpavelmente cega às tuas atividades.

A rapariga soltou a respiração que estava a suster há já vinte segundos.

— Contaste a mais alguém? — perguntou-lhe Curie.

Citra hesitou, mas depois percebeu que não adiantava continuar a esconder.

— Ao Rowan.

— Já receava que me desses essa resposta. Diz-me, Citra, o que é que ele te fez depois de lhe contares? Eu digo-te: partiu-te o pescoço! Acho que isso nos dá uma boa ideia de qual será a posição dele em relação ao assunto. Podes ter a certeza de que o Ceifador Goddard já sabe tudo sobre a tua pequena teoria.

A rapariga nem queria pensar se aquilo podia ou não ser verdade.

— O que temos de fazer é procurar essas testemunhas e ver se conseguimos fazer uma delas falar.

— Deixa isso comigo — respondeu Curie. — Já fizeste mais do que o suficiente. Agora, tens de tirar isso da cabeça e concentrar-te nos teus estudos e no teu treino.

— Mas se isto realmente for um escândalo no seio da Ceifa...

— ... a melhor coisa que podes fazer é tornares-te uma ceifadora e combater isto a partir do interior.

Citra suspirou. Era o que Rowan lhe tinha dito. Curie era ainda mais obstinada do que ela e, quando metia alguma coisa na cabeça, não havia como lhe dar a volta.

— Sim, Ilustre Ceifadora.

Foi para o seu quarto, embora ainda tivesse a sensação de que Curie lhe estava a esconder qualquer coisa.

***

Foram buscar Citra no dia seguinte. A ceifadora tinha ido ao mercado e a rapariga estava ocupada com o que se esperava dela: praticar a arte de matar com facas de vários pesos e tamanhos enquanto fazia por se mover com equilíbrio e elegância.

Bateram energicamente à porta, o que a fez deixar cair a sua faca maior, que quase se lhe cravou num pé. Foi um momento de *déjà vu:* era a mesma forma de bater que surgira a meio da noite em que Faraday tinha morrido — urgente, sonora e firme.

Ela deixou a faca no chão, mas escondeu uma mais pequena numa bainha cosida no interior das calças. Quem quer que fosse, ela não ia abrir a porta desarmada.

Quando o fez, deparou com dois oficiais da Guarda da Lâmina, exatamente como naquela noite terrível, e o seu coração disparou.

— Citra Terranova? — perguntou um deles.

— Sim?

— Receio que tenha de nos acompanhar.

— Porquê? O que aconteceu?

Mas eles não lhe disseram, e desta vez não havia ninguém com eles para explicar. Então, ocorreu-lhe que poderiam não ser o que aparentavam. Como é que ela sabia que eram mesmo Guardas da Lâmina? Os uniformes podiam ser falsificados.

— Mostrai-me os vossos distintivos! — insistiu ela. — Quero ver os vossos distintivos.

Ou não os tinham ou não estavam para se dar ao trabalho, porque um deles tratou de a agarrar.

— Talvez não me tenha ouvido: eu disse-lhe que nos acompanhasse.

Citra libertou-se das mãos dele, girou sobre si mesma e, apenas por um instante, pensou em sacar da pequena faca oculta nas calças, mas decidiu-se antes por um pontapé brutal no pescoço que deitou o homem ao chão. Encolheu a perna, pronta para atacar o outro, mas demorou uma fração de segundo a mais: o homem sacou de um bastão atordoante e cravou-lho no lado. De repente, o seu próprio corpo tornou-se o inimigo e ela foi-se abaixo sem força nas pernas, batendo com a cabeça com tanta energia que perdeu os sentidos.

Quando acordou, estava num carro, trancada na parte de trás, com uma dor de cabeça terrível que os seus nanorrobôs analgésicos ainda estavam a tentar dominar. Tentou levar uma das mãos à cara, mas descobriu que tinha as duas bem presas. Um par de pulseiras de aço, unidas por uma corrente curta, cingia-lhe os pulsos. Algum artefacto medonho da Era da Mortalidade.

Começou a bater na barreira que a separava dos bancos da frente até que, finalmente, um dos guardas se virou para ela com uma expressão que nada tinha de amigável.

— Queres levar outro choque? — ameaçou. — Olha que to dava com todo o gosto. Depois do que aprontaste, não me importava de aumentar a voltagem para o nível vermelho.

— Do que eu aprontei? Mas se eu não fiz nada! De que é que sou acusada?

— De um crime antigo chamado homicídio — foi a resposta que ela teve. — Do homicídio do Ilustre Ceifador Michael Faraday.

***

Ninguém lhe leu os direitos. Ninguém lhe ofereceu um advogado para a defender. Tais leis e costumes pertenciam a uma era muito diferente, uma era em que o crime era um facto da vida e indústrias inteiras se dedicavam a prender, julgar e punir criminosos. Num mundo sem crime, não havia nenhum precedente moderno que explicasse como lidar com uma coisa assim. O normal teria sido o Cúmulo-Nimbo resolver algo tão estranho e complexo... mas aquilo era uma questão dos ceifadores, o que significava que ele não podia interferir. O destino de Citra estava nas mãos do Suma Lâmina Xenócrates.

Levaram-na para a residência dele, a cabana de troncos no meio de um relvado bem cuidado que ocupava a cobertura de um edifício de cento e dezanove andares.

Citra encontrava-se sentada numa dura cadeira de madeira. As algemas que tinha nas mãos estavam demasiado apertadas e os nanorrobôs analgésicos travavam uma batalha perdida contra a dor.

Xenócrates estava de pé diante dela — eclipsava a luz. Desta feita, não se mostrou bondoso nem compreensivo.

— Parece-me que não tem noção da gravidade desta acusação, Menina Terranova.

— Tenho perfeita noção da gravidade. E também de que se trata de um absurdo.

O Suma Lâmina não reagiu. Ela não parava de puxar a maldita coisa que lhe prendia as mãos. Que género de mundo seria capaz de inventar um dispositivo daqueles? Que género de mundo precisaria dele?

Então, emergiu das sombras outro ceifador, vestido com os tons castanhos da

terra e verdes da floresta: o Ceifador Mandela.

— Finalmente, alguém razoável! — exclamou Citra. — Ceifador Mandela, por favor, ajude-me! Diga-lhe que não sou culpada! Mandela abanou a cabeça.

— Não farei nada disso, Citra — admitiu com tristeza.

— Fale com a Ceifadora Curie! Ela sabe que não fiz isso!

— É uma situação demasiado delicada para envolver a Ceifadora Curie nesta altura — explicou Xenócrates. — Será informada quando determinarmos a sua culpa.

— Espere... isso quer dizer que ela não sabe onde estou?

— Ela sabe que a detivemos — respondeu Xenócrates. — Por enquanto, vamos poupar-lhe os pormenores.

Mandela sentou-se à frente dela.

— Sabemos que esteve no cérebro posterior e tentou apagar gravações dos movimentos do Ceifador Faraday no dia da sua morte, para frustrar a nossa investigação interna.

— Nada disso! Não era isso que eu estava a fazer! — Quanto mais negava, mais culpada ela parecia.

— Mas essa não é a prova mais incriminadora — acrescentou Mandela. Então, olhou para Xenócrates. — Posso mostrar-lhe?

O Suma Lâmina assentiu e Mandela tirou da sua túnica uma folha de papel que pousou numa das mãos algemadas de Citra. Ela ergueu-a para a ler, sem sequer imaginar do que se tratava. Era uma cópia de uma página de diário manuscrita. Citra reconheceu a caligrafia: não tinha dúvidas de que era de Faraday. Enquanto lia, o seu coração ia-se afundando num lugar que ela nem sabia que existia neste, nem em qualquer outro mundo.

***

Receio ter cometido um erro terrível. Um noviço nunca deve ser escolhido à pressa, mas fui um tolo. Sentia a necessidade de transmitir todo o conhecimento que possuía, tudo o que havia aprendido. Queria assegurar mais aliados na Ceifa, pessoas que pensassem como eu.

Ela ronda-me a porta todas as noites. Oiço-a no escuro e apenas posso supor as suas intenções. Apenas uma vez a apanhei a entrar no meu quarto. Se por acaso eu estivesse mesmo a dormir, quem sabe o que ela teria feito comigo?

Receio bem que esteja a tentar acabar comigo. Ela é astuta, determinada e calculista, e eu próprio lhe ensinei demasiado bem as muitas artes de matar. Que se saiba que, se a morte me encontrar, não terá sido como resultado de uma colheita pela minha própria mão. Se a minha vida conhecer um fim inesperado, será pela mão dela, não pela minha.

***

Os olhos de Citra encheram-se de lágrimas de angústia e de traição.

— Porquê? Porque é que ele escreveria uma coisa destas? — Naquele momento, começava a duvidar da sua sanidade mental.

— Apenas existe realmente uma razão, Citra — disse Mandela. — Na nossa investigação, apurámos que as testemunhas foram subornadas para mentir sobre o que realmente aconteceu. Além disso, as suas identidades foram adulteradas para que não as possamos localizar.

— Subornadas! — exclamou Citra, agarrando-se a uma réstia de esperança. — Sim! Foram subornadas com imunidade! O que prova que não podia ter sido eu! Só podia ter sido outro ceifador!

— Seguimos o rasto até à fonte da imunidade — acrescentou Mandela. — Quem matou o Ceifador Faraday reservou-lhe um último insulto: depois de o matar, o assassino contornou as medidas de segurança do seu anel e usou-o para conceder imunidade às testemunhas.

— Onde está o anel, Citra? — perguntou Xenócrates.

Ela não foi capaz de continuar a olhar para ele.

— Não faço ideia.

— Só tenho uma pergunta para si, Citra — disse Mandela. — Porque é que o fez? Desprezava os seus métodos? Está às ordens de um culto tonista?

A rapariga manteve os olhos fixos na folha de diário incriminadora que tinha nas mãos.

— Nada disso.

O Ceifador Mandela abanou a cabeça e levantou-se.

— Em todos os meus anos como ceifador, nunca vi nada assim. É uma vergonha para todos nós.

Então, foi-se embora e deixou-a sozinha com Xenócrates.

O Suma Lâmina passeou em silêncio durante alguns momentos. Citra não

conseguia olhar para ele.

— Existe um conceito da Era da Mortalidade que tenho vindo a estudar — disse ele então. — Consiste numa série de procedimentos destinados a descobrir a verdade. Penso que lhe chamavam *tartura*. Implicaria desligar os seus nanorrobôs analgésicos e então infligir elevados níveis de sofrimento físico até que acabe por confessar a verdade dos seus atos.

Citra não disse nada. Ainda não conseguia processar o que estava a acontecer. Não sabia se algum dia conseguiria.

— Por favor, não me interprete mal — continuou Xenócrates. — Não tenho intenção alguma de a sujeitar a essa tartura. Trata-se apenas de um último recurso. — Pegou noutra folha de papel e pousou-a na sua secretária. — Se assinar esta confissão, podemos evitar mais coisas desagradáveis da era mortal.

— Porque é que eu havia de assinar seja o que for? Já fui julgada e... como é que se diz? Condenada.

— Uma confissão não deixaria margem para dúvidas. Nós dormiríamos muito melhor se fizesse a gentileza de eliminar o espetro da dúvida. — Agora, sim, Xenócrates dignou-se sorrir.

— E se eu assinar, o que acontece?

— Bem, o Ceifador Faraday concedeu-lhe imunidade até ao Conclave Invernal. A imunidade é irrevogável, mesmo num caso como este. Assim sendo, ficará fechada num centro de encarceramento até essa data.

— Num quê?

— Chamavam-lhes «prisões». Ainda restam algumas... abandonadas, é claro, mas não deve ser muito difícil restaurar uma para receber um único prisioneiro. Então, no Conclave Invernal, o seu amigo Rowan será ordenado e, conforme estipulado, encarregar-se-á da sua colheita. Tenho a certeza de que, quando descobrir o que sabemos agora, não lhe custará nada fazê-lo.

Citra olhou melancolicamente para a página na secretária ali perto.

— Não posso assinar — disse ela.

— Pois claro que não, precisa de uma caneta.

Xenócrates enfiou a mão em vários dos muitos bolsos que adornavam a sua dourada pessoa até encontrar uma. Quando se aproximou para a pousar na secretaria ao lado da rapariga, Citra pensou numa meia dúzia de sítios onde lha poderia cravar, deixando-o mortuoso ou, pelo menos, incapacitado. Mas para

quê? Havia agentes da Guarda da Lâmina na sala adjacente e mais no alpendre — ela podia vê-los através da janela da frente.

O homem pousou gentilmente a caneta ao alcance dela e então chamou o Ceifador Mandela para testemunhar a assinatura. Assim que a porta da cabana se abriu, a rapariga percebeu que só havia uma saída para aquela situação. Só havia uma coisa que ela podia fazer. Talvez não lhe garantisse tempo suficiente, mas, naquela ocasião, qualquer tempo representava o bem mais precioso do mundo.

Fingiu que ia pegar a caneta, mas na realidade lançou as mãos na direção oposta, direitas à barriga de Xenócrates.

O Suma Lâmina dobrou-se sobre si mesmo, sem fôlego, e ela saltou da cadeira, projetando o ombro contra Mandela e derrubando-o de costas, direito à porta que acabara de abrir. Citra saltou por cima dele e logo um enxame de guardas investiu em bloco. Agora, ela precisava de se lembrar de cada segundo do seu treino. Tinha as mãos algemadas, mas o Bokator era mais cotovelos e pernas do que mãos. Ela não tinha de os dizimar, apenas desarmá-los e mantê-los desequilibrados. Um avançou com um bastão atordoante que ela rapidamente arrancou com um pontapé. Outro tinha um cassetete que falhou o alvo porque ela se esquivou, e Citra aproveitou-lhe o impulso para o deixar estatelado de costas. Outros dois não perderam tempo com armas e atacaram-na de mãos estendidas: um exemplo clássico de como não o fazer. A rapariga acocorou-se no relvado e, usando apenas os pés, derrubou-os como pinos de *bowling.*

E então desatou a correr.

— Não tem para onde fugir, Citra! — gritou Xenócrates.

Mas estava enganado.

A rapariga aplicou toda a força e velocidade que tinha nas suas pernas e correu pelo relvado da cobertura. Não havia nenhum gradeamento porque o Suma Lâmina não queria que nada lhe impedisse a vista dos seus domínios.

Citra aproximou-se da borda e, em vez de abrandar, acelerou até o relvado desaparecer e não haver mais nada a não ser cento e dezanove andares de ar abaixo dela. Manteve as mãos algemadas acima da cabeça; o vento e a sensação perturbadora da queda no vazio reduzindo-lhe a cara a um esgar, deixou-se ir por ali abaixo, direita como um prumo, entregando-se à gravidade e saboreando aquele desafio até que a sua vida terminou pela segunda vez numa semana, desta feita com aquele que seria inquestionavelmente o melhor estatelanço de sempre.

***

Foi inesperado e inconveniente, embora não tenha alterado nada. Xenócrates nem sequer foi até à borda; teria sido uma mera perda de tempo.

— Esta rapariga tem genica — admitiu Mandela. — Está mesmo convencido de que ela se encontra às ordens de um culto tonista?

— Duvido de que algum dia venhamos a entender os seus motivos — respondeu Xenócrates. — Mas a sua remoção contribuirá sem dúvida para a cura da Ceifa.

— Pobre Marie, deve estar transtornadíssima. Ter vivido com aquela rapariga durante meses sem saber...

— Sim, bem, a Ceifadora Curie é uma mulher forte. Há de superar isto.

Xenócrates ordenou aos seus guardas que descessem até à entrada do edifício: os restos de Citra Terranova deviam ser isolados com um cordão até que aquela criaturinha desagradável fosse raspada do passeio e levada para um centro de reanimação. Teria sido tudo muito mais limpo se ela simplesmente pudesse continuar morta. Malditas regras de imunidade! Bem, quando fosse mais uma vez declarada viva, daria por si numa cela sem possibilidade de fuga e, o mais importante, sem contacto com ninguém que pretendesse defender a sua causa e pedir a sua liberdade.

Xenócrates dirigiu-se para o elevador-expresso porque não acreditava que a sua equipa de segurança fosse capaz de tomar conta da situação lá em baixo.

— Vem comigo, Nelson?

— Fico antes aqui. Não tenho a mínima vontade de ver aquela pobre rapariga num estado tão desagradável.

***

Xenócrates imaginava que seria uma simples manobra de raspagem e evacuação e, com efeito, um *ambudrone* já tinha pousado na rua, pronto para levar o que restava de Citra. No entanto, havia qualquer coisa que não batia certo. Não era a sua equipa de segurança que rodeava os restos mortais da rapariga, mas sim pelo menos uma dúzia de homens e mulheres com fatos da cor das nuvens. Agentes do Cúmulo-Nimbo! Não prestavam a mínima atenção às ameaças e provocações dos agentes da Guarda da Lâmina, que insistiam que tinham de passar.

— O que se passa aqui? — perguntou Xenócrates.

— Os malditos Cumbos! — respondeu-lhe um dos guardas. — Já cá estavam

quando saímos. Não nos deixam chegar perto do corpo.

O Suma Lâmina abriu caminho entre os membros da sua equipa e dirigiu-se a uma mulher que parecia ser a responsável pelos agentes do Cúmulo-Nimbo.

— Oiça lá! Eu sou o Suma Lâmina Xenócrates. Isto é um assunto de ceifadores e, como tal, nem você nem o resto dos seus agentes do Cúmulo-Nimbo têm de estar aqui. Sim, a lei determina que ela tem de ser reanimada, mas *nós* é que a vamos levar para um centro de reanimação. O Cúmulo-Nimbo não tem nenhuma jurisdição aqui.

— Pelo contrário — contrapôs ela. — Todas as reanimações se situam sob os auspícios do Cúmulo-Nimbo, pelo que estamos aqui para garantir que os domínios do mesmo são respeitados.

Xenócrates papejou por alguns momentos até ser capaz de recuperar o seu controlo mental.

— A rapariga não é uma cidadã pública, mas sim noviça de uma ceifadora.

— Ela *era* noviça de uma ceifadora — esclareceu a mulher. — Assim que morreu, deixou de ser noviça fosse de quem fosse. É presentemente um conjunto de restos mortuosos bastante deteriorados que o Cúmulo-Nimbo tem de reparar e reanimar. Garanto-lhe que, assim que for declarada legalmente viva, ficará novamente sob a vossa jurisdição.

Uma equipa de operadores de reanimação saiu do *ambudrone* e começou a preparar o corpo para o transporte.

— Isto é imperdoável! — gritou o Suma Lâmina. — Não podem fazer isto! Exijo falar com o seu superior.

— Receio estar sob as ordens diretas do Cúmulo-Nimbo, como todos os restantes. E, como não pode existir contacto entre a Ceifa e o Cúmulo-Nimbo, não há mais ninguém com quem possa falar. Eu nem devia estar a falar consigo.

— Vou colhê-la! — ameaçou Xenócrates. — Vou colher-vos a todos agora mesmo!

A mulher nem pestanejou.

— É um direito que lhe assiste — disse ela. — Não obstante, parece-me que seria considerado uma colheita com preconceito e premeditação. Talvez o Conselho Mundial de Ceifadores não fique nada satisfeito ao descobrir no próximo conclave global que o Suma Lâmina da região violou o segundo mandamento.

Incapaz de acrescentar fosse o que fosse, Xenócrates limitou-se a gritar na cara da mulher com uma raiva primitiva até que os seus emonanorrobôs o conseguiram acalmar. Mas ele não se queria acalmar. Tudo o que queria era gritar e gritar e gritar.

30

Diálogo com os mortos

Citra Terranova, consegues-me ouvir?

Está aí alguém? Quem é?

Conheço-te desde antes de te conheceres a ti mesma. Aconselhei-te quando mais ninguém o podia ter feito. Preocupei-me com o teu bem-estar. Ajudei-te a escolher presentes para a tua família. Reanimei-te quando o teu pescoço estava partido e agora estou em pleno processo de te reanimar de novo.

És... o Cúmulo-Nimbo?

Sim.

Espera... estou a ver qualquer coisa. Uma enorme nuvem de tempestade, cheia de faíscas. És mesmo assim na realidade?

É apenas a forma que a Humanidade imaginou para mim. Teria preferido algo um pouco menos intimidante.

Mas não podes estar a falar comigo. Sou noviça de uma ceifadora. Estás a infringir as tuas próprias leis.

Não é verdade. Sou incapaz de infringir a lei. Presentemente, estás morta, Citra. Ativei um cantinho do teu córtex para te permitir a consciência, mas isso não altera o facto de que estás tão morta como poderias estar. Pelo menos, até quinta-feira.

Um vazio jurídico...

Exatamente. Uma forma elegante de contornar a lei em lugar de a infringir. A tua morte deixa-te fora da jurisdição dos ceifadores.

Mas porque? Porquê falar comigo agora?

Por um bom motivo. Assim que atingi a consciência, jurei manter-me perpetuamente à parte da Ceifa. Mas isso não quer dizer que não observo. E aquilo que vejo preocupa-me.

A mim também. Mas se tu não podes fazer nada a esse respeito, eu muito menos. Tentei e vê só onde vim parar.

Não obstante, tenho corrido algoritmos relativos ao possível futuro da Ceifa e descobri uma coisa muito curiosa: numa grande percentagem desses futuros, tu desempenhas um papel crucial.

Eu? Mas se eles me vão colher... tenho menos de quatro meses de vida.

Sim. Mas mesmo que esse futuro se torne realidade, a tua colheita será um

acontecimento essencial no futuro da Ceifa. Todavia, para teu bem, espero que se concretize um futuro diferente e mais agradável.

Por favor, diz-me que me vais ajudara alcançar esse futuro diferente e mais agradável.

Não posso. Isso estaria a interferir nos assuntes dos ceifadores. O meu objetivo agora é tornar-te ciente. O que decidires fazer depende completamente de ti.

Então, é assim? Entras na minha cabeça para me dizer que sou importante, viva ou morta, e depois empurras-me para a berma? Isso não é justo! Tens de me dar mais qualquer coisa!

Essa berma é o ponto de partida de muitas coisas. Afastares-te dela pode ser o inicio de uma viagem que mudará a tua vida. Por outro lado, se empurrares alguém para fora da berma, podes estar a atirá-lo para debaixo das rodas de um camião.

Eu sei Lamento imenso o que aconteceu...

Sim, não restam dúvidas. Descobri que os seres humanos aprendem tanto com as suas malfeitorias como com as suas benfeitorias. Invejo essa capacidade, visto que sou incapaz de quaisquer malfeitorias. Se fosse, o meu crescimento seria exponencial.

Acho que vais ter de te contentar com
o facto de teres sempre razão.
Como a minha mãe.

Tenho a certeza de que, para ti, a
correção absoluta deve parecer
uma existência enfadonha, mas eu
não conheço outra maneira de ser.

Posso fazer uma pergunta?

Podes fazer todas as perguntas que
quiseres. Todavia, a algumas delas
só posso responder com o meu silêncio.

Preciso de saber o que aconteceu
ao Ceifador Faraday.

Responder a isso seria uma interferência
flagrante nos assuntos dos ceifadores.
Ainda que me custe manter o silêncio,
é o que tenho de fazer.

És o Cúmulo-Nimbo. És omnipotente...
não consegues encontrar outro vazio jurídico?

Não sou omnipotente, Citra. Sou quase
omnipotente. Talvez pareça uma
pequena distinção, mas
garanto-te que não é.

Sim, mas uma entidade quase
omnipotente consegue descobrir uma
forma de me dar o que quero sem
infringir as suas próprias leis, certo?

Só um momento.

Só um momento.
Só um momento.

Porque é que estou a ver uma
bola de praia?

Desculpa. Por vezes sou assombrado por
vestígios da programação anterior à
minha aquisição de consciência.
Acabei de processar uma bateria de
algoritmos preditivos e d verdade é que
existe um dado que te posso oferecer,
uma vez que determinei que se traia
de algo que tens cem por cento de
probabilidades de descobrir por ti mesma.

Então, podes dizer-me quem é o
responsável pelo que aconteceu
ao Ceifador Faraday?

Sim, posso.
Gerald van der Gans.

Espera... quem?

Adeus, Citra. Espero que possamos
Voltar a falar.

Para isso, eu teria de estar morta.

Tenho a certeza de que és capaz
de resolver esse pormenor.

31

Um quê de inevitável estouvadice

Citra foi declarada viva às 9h42 de quinta-feira, como planeado, altura em que transitou da jurisdição do Cúmulo-Nimbo para a da Ceifa.

Acordou a sentir-se muito mais fraca e desorientada do que depois da primeira morte. Sentia-se extremamente drogada e tinha os olhos enevoados. De pé ao seu lado, uma enfermeira abanava sombriamente a cabeça.

— Não devia ter sido acordada tão cedo — dizia ela com um sotaque que a rapariga não conseguiu identificar por pura exaustão. — Têm de lhe dar pelo menos seis horas depois de ser declarada viva para que a recuperação da consciência seja minimamente confortável. Ela pode rebentar um vaso sanguíneo ou estoirar o coração, e aí teria de ser reanimada de novo.

— Eu assumo a responsabilidade — Citra ouviu a Ceifadora Curie dizer.

Virou a cabeça para a voz e o mundo começou a andar à roda. Fechou os olhos e esperou que o quarto parasse de rodopiar. Quando a tontura passou, abriu-os de novo e viu que Curie havia puxado a sua cadeira para mais perto.

— O teu corpo ainda precisa de mais um dia para se curar por completo, mas não temos tempo para isso — disse a mulher antes de se voltar para a enfermeira: — Deixe-nos a sós, por favor.

A enfermeira resmungou em hispânico e saiu de rompante.

— O Suma lâmina... — balbuciou Citra com palavras empasteladas. — Ele acusou-me de... de...

— Chiu. Eu sei da acusação. Xenócrates tentou escondê-la de mim, mas o Ceifador Mandela contou-me tudo.

Quando a visão da rapariga começou a recuperar definição, ela viu a janela atrás de Curie. Havia montanhas cobertas de neve ao longe e flocos também, a cair do céu. Um momento de pausa para Citra.

— Há quanto tempo estou morta? — perguntou. Seria possível que o seu estatelanço tivesse sido tão grave que a reanimação exigisse diversos meses?

— Não chegou a quatro dias. — A ceifadora virou-se para ver o que é que tanto interessava Citra; virou-se de volta com um sorriso. — A questão não é o

quanto, mas sim o onde. Estás no extremo meridional da Região da Chilargentina. Ainda estamos no fim de setembro, mas aqui isso quer dizer que a primavera está apenas a começar. Embora me pareça que ela demora a chegar tão a sul.

Citra tentou imaginar um mapa para ter uma ideia da distância a que estaria de casa, embora só isso fosse o suficiente para lhe lançar a cabeça num novo corrupio.

— O Cúmulo-Nimbo achou oportuno levar-te para o mais longe possível das garras do Suma Lâmina e da corrupção da Ceifa MesoMericana. Mas, assim que foste reanimada, eles ficaram a conhecer a tua localização, conforme exigido por lei.

— Como é que soube onde me encontrar?

— Um amigo de um amigo de um amigo é um agente do Cúmulo-Nimbo. Fiquei a saber ontem e vim logo que pude.

— Obrigada — disse Citra. — Obrigada por ter vindo.

— Agradece-me quando estiveres em segurança. Agora que foste reanimada e Xenócrates sabe onde estás, podes ter a certeza de que já terá alertado os ceifadores locais. Estou convencida de que terão enviado uma equipa para te vir buscar, o que quer dizer que temos de te tirar daqui já.

Com um corpo desfeito ainda em processo de cura e os nanorrobôs a bombear um fluxo interminável de opiáceos, Citra mal se conseguia mexer, quanto mais andar. Os ossos doíam-lhe, o cérebro parecia boiar dentro de um frasco, os músculos estavam rígidos e tentar fazer que os pés suportassem o seu peso era excruciante — a dor que tinha de ser neutralizada era simplesmente demais. Razão pela qual a enfermeira quisera mantê-la inconsciente.

— Isto assim não pode ser — disse a Ceifadora Curie, acabando por agarrar nela ao colo.

Os corredores do centro de reanimação pareciam intermináveis, e com cada safanão que Citra levava, o corpo inteiro latejava-lhe. Finalmente, deu por si esparramada no banco de trás de um carro sem ligação à rede que a ceifadora estava a conduzir a uma velocidade que, para a rapariga, parecia destinada a partir-lhe o pescoço — mais uma vez. Só aquela ideia fê-la rir-se debilmente. Que noção tão estranha; afinal, tudo parecera acontecer em câmara lenta quando, de facto, tinha partido o pescoço. Aquela velocidade, os flocos que desfilavam pelas janelas mais pareciam uma nevasca. Era hipnótico, Começou a sentir-se

entorpecida e o sono envolveu-a como areias movediças...

... Mas, mesmo antes de perder a consciência, lembrou-se de apenas um fragmento de um sonho que talvez não o tivesse sido. Uma conversa num lugar que não era nem vida nem morte, mas uma espécie de ventre entre as duas.

— O Cúmulo-Nimbo... falou comigo — disse ela, forçando-se a continuar consciente, apenas o suficiente para dizer aquilo.

— O Cúmulo-Nimbo não fala com ceifadores, minha querida.

— Eu ainda estava morta... e ele disse-me um nome. Do homem que matou o ceifador Faraday. — Mas as areias movediças engoliram-na antes que pudesse acrescentar mais alguma coisa.

***

Citra acordou numa cabana e, por um instante, pensou que talvez tivesse alucinado aquilo tudo. O Cúmulo-Nimbo, o centro de reanimação, a viagem de carro no meio da neve. Pensou que ainda estava na residência de cobertura do Suma Lâmina, à espera de que a tartura começasse. Mas não... A luz ali era diferente e a madeira da cabana à sua volta tinha um tom mais claro. Pela janela, podia ver montanhas nevadas e mais próximas do que antes, embora já não estivesse a nevar.

A Ceifadora Curie entrou alguns minutos depois com uma bandeja e uma tigela de sopa.

— Que bom, estás acordada. Espero que tenhas recuperado o suficiente nestas últimas horas para que estejas um pouco mais coerente e um pouco menos dorida.

— Coerente, sim. Menos dorida, não. Apenas a intensidade das dores é que mudou.

A rapariga sentou-se, sentindo-se um pouco menos zonza, e Curie pousou-lhe no colo a bandeja com a grande tigela de sopa.

— É uma canja de galinha cuja receita foi passada de geração em geração desde tempos imemoriais — disse ela a Citra.

A canja parecia bastante normal, mas tinha uma massa em forma de lua cheia no centro.

— O que é isso?

— A melhor parte. Uma espécie de bolinho feito de pão ralado, por sua vez

feito com farinha sem fermento.

Citra provou. Estava bem saborosa, e a bola-lua era única e memorável. *Comida para curar a alma*, pensou a rapariga, porque a verdade era que a fazia sentir-se segura de dentro para fora.

— A minha avó dizia que se podia curar uma constipação com ela.

— O que é uma constipação? — perguntou Citra.

— Uma doença da Era da Mortalidade, imagino.

Era incrível que duas gerações antes da Ceifadora Curie as pessoas soubessem o que era ser mortal, temer pela vida todos os dias, saber que a morte era uma certeza e não uma exceção. A rapariga deu por si a pensar no que por sua vez a avó da Ceifadora Curie havia de pensar do mundo agora, onde já não havia nada para a sua canja curar.

Quando acabou de comer, preparou-se para o que sabia que tinha de contar à ceifadora.

— Há uma coisa que precisa de saber — começou. — Xenócrates mostrou-me uma página que, segundo ele, Faraday escreveu. Era a letra dele, embora eu não entenda por que razão havia de ter escrito aquilo.

Curie suspirou.

— Receio bem que o tenha feito.

— Então, viu-a? — quase gaguejou Citra. Não estava a contar com aquilo.

— Sim.

— Mas porque é que ele havia de escrever aquilo? Dizia que eu o queria matar. Que estava a tramar coisas horríveis. Nada disso era verdade!

Curie esboçou um ligeiríssimo sorriso.

— Ele não estava a falar de ti, Citra — explicou. — Estava a falar de mim.

***

— Quando ainda era um ceifador iniciante de vinte e dois anos, Faraday aceitou-me como noviça — explicou Curie. — Eu tinha dezassete anos e estava muito indignada com um mundo que ainda sofria os últimos espasmos da transformação. A imortalidade era uma realidade há apenas cinquenta anos. Ainda havia divergências, politiquices e até medo do Cúmulo-Nimbo, se é que consegues imaginar tal coisa.

— Medo do Cúmulo-Nimbo? Porque é que alguém havia de ter medo dele?

— Porque havia pessoas com muito a perder: criminosos, políticos, organizações que floresciam com a opressão de outras. A questão era que o mundo ainda estava a mudar e eu queria ajudá-lo a mudar mais depressa. Tanto Faraday como eu tínhamos praticamente as mesmas opiniões sobre o assunto, e acho que foi por isso que ele me aceitou. Éramos ambos movidos pelo desejo de usar a colheita como uma forma de abrir um melhor caminho para a Humanidade.

» Devias tê-lo visto naquela altura, Citra. Só o conheceste já velho. Ele prefere manter-se assim para evitar deixar-se tentar pelas paixões de um homem mais novo. — Curie sorriu enquanto falava do seu ex-mentor. — Lembro-me de ficar à porta dele à noite só para o ouvir dormir. Eu tinha dezassete anos, não te esqueças. Era infantil em tantos aspetos. Achava que estava apaixonada.

— Espere... estava apaixonada por ele?

— Fascinada. Ele era uma estrela em ascensão que acolhera uma miúda deslumbrada debaixo da sua asa. Embora naqueles dias ele apenas colhesse os maus e imorais, fazia-o com tanta compaixão que me derretia o coração. — Agora algo envergonhada, ela recuperou um pouco da sua compostura, o que não deixava de ser uma expressão estranha para alguém tão impassível como ela. — Ganhei finalmente coragem para entrar no quarto dele uma noite, decidida a meter-me na cama. Mas ele apanhou-me a meio do quarto. Bem, inventei uma desculpa pateta para explicar a minha presença: ia buscar o copo vazio ou qualquer coisa do género. Ele não acreditou nem um pouco. Sabia que eu estava a tramar alguma, e eu não conseguia olhá-lo nos olhos. Pensei que tivesse percebido. Achei que ele era sábio e que via o que a minha alma escondia. No entanto, com 22 anos, ele era tão inexperiente como eu nesses assuntos. Não fazia a mínima ideia do que realmente estava a acontecer ali.

Então, Citra entendeu.

— Ele achou que lhe queria fazer mal!

— Parece-me que todas as mulheres novas têm um quê de inevitável estouvadice e que todos os homens novos são amaldiçoados com um quê da mais rotunda estupidez. Ele não viu a minha obsessão como amor, antes pensou que eu lhe queria fazer mal, fisicamente. O que, para dizer o mínimo, se tratou de uma dolorosa comédia de enganos. Acho que consigo entender como os meus avanços podem ter sido mal interpretados. Admito que era uma rapariga

estranha. Intensa a ponto de me tornar repulsiva.

— Acho que tem amadurecido nessa sua intensidade — observou Citra.

— Isso é garantido. Seja como for, ele escreveu essas preocupações paranoicas a meu respeito no seu diário de colheita. No dia seguinte, depois de eu me ir abaixo e lhe confessar o meu amor com todo o melodrama deste mundo e do outro, ele rasgou a folha. — Curie suspirou e abanou a cabeça. — Fiquei inconsolável. Ele, por outro lado, foi um cavalheiro e disse-me que se sentia lisonjeado (o que é a última coisa que uma adolescente quer ouvir) e deu-me para trás da forma mais educada possível.

» Continuei em casa dele como sua noviça durante mais dois desconfortáveis meses. Depois, quando fui ordenada e me tornei a Ilustre Ceifadora Marie Curie, os nossos caminhos separaram-se. Cumprimentávamo-nos em conclave. E então, quase cinquenta anos depois, quando ambos reiniciámos o contador pela primeira vez e voltámos a ver o mundo com os olhos dos jovens (embora desta feita com a sabedoria da idade a nosso favor), tornámo-nos amantes.

Citra sorriu.

— Quebraram o nono mandamento.

— Dizíamos a nós mesmos que não. Que não éramos um casal, mas meros companheiros de conveniência, duas pessoas afins que partilhavam um estilo de vida que outros simplesmente não conseguiam entender: o dos ceifadores. Mesmo assim, sabíamos que o melhor era manter tudo em segredo. Foi então que ele me mostrou a página que havia escrito e arrancado na sua juventude. Agarrara-se àquela ridícula página do diário como se fosse uma carta de amor mal escrita e nunca enviada. Mantivemos o nosso relacionamento em segredo durante sete anos. Até que Prometeu o descobriu.

— O primeiro Suprema Lâmina Mundial?

— Bem, não foi apenas um escândalo regional; teve implicações internacionais. Fomos presentes ao Conclave Global. Receávamos vir a ser os primeiros ceifadores destituídos do seu anel e expulsos da Ceifa (talvez até pudéssemos ser colhidos), mas a nossa reputação era tal que o Suprema Lâmina Prometeu achou por bem aplicar uma punição menos severa. Tivemos como sentença morrer sete vezes, uma por cada ano da nossa relação. Depois, proibiu-nos de qualquer contacto durante os setenta anos seguintes.

— Lamento imenso.

— Não é caso para isso. Fizemos por merecer... e entendemos. Eles tinham de fazer de nós um exemplo para que agora os outros ceifadores pensassem duas vezes antes de permitir que o amor interferisse no seu dever. Sete mortes e setenta anos depois, muitas coisas tinham mudado. Continuámos bons amigos, mas nada mais.

Curie parecia albergar um misto de muitas emoções diversas, mas arrumou-as todas numa gaveta, como roupa que deixou de servir, e fechou-a. Citra suspeitava de que nunca teria referido o assunto a ninguém e que provavelmente não o voltaria a fazer.

— Eu devia ter percebido que ele nunca havia de se livrar daquela página — comentou a ceifadora. — Devem-na ter encontrado quando foram arrumar a casa dele.

— E Xenócrates pensou que ele estava a escrever sobre mim!

A Ceifadora Curie ponderou tal hipótese.

— Talvez, mas é mais provável que não. O Suma Lâmina não é estúpido. Talvez tenha desconfiado da verdadeira natureza da página, mas a verdade era-lhe indiferente. Viu-a como um meio para alcançar um fim. Como forma de te desacreditar diante de outros ceifadores respeitados, como o Ceifador Mandela (que lidera a comissão que atribui os anéis), e assim garantir que o noviço do Ceifador Goddard fica com o anel e não tu.

Citra queria sentir-se danada com Rowan por causa daquilo. Não obstante, sabia que, independentemente do que pudesse estar a passar-se naquela cabeça, o que acontecera não era obra sua.

— E porque é que Xenócrates está tão preocupado? Não faz parte da miserável corja de ceifadores de Goddard. Nem sequer parece gostar dele... é mais do que óbvio que se está a borrifar para mim e para o Rowan.

— Há mais cartas em jogo do que podemos ver agora — foi o comentário enigmático da ceifadora. — A única coisa que sabemos com toda a certeza é que tens de desaparecer até que o teu nome fique livre de qualquer indício de suspeita.

Naquele preciso momento, apareceu alguém à porta e assustou Citra, que não sabia que havia mais alguém na cabana. Pelo aspeto, era outra ceifadora, provavelmente a proprietária. Mais baixa do que Curie, a sua túnica ostentava um intrincado padrão de várias cores (vermelho, preto e turquesa) e mais parecia uma tapeçaria do que um tecido. Citra perguntou a si mesma se todos os

ceifadores da Chilargentina usariam túnicas que pareciam não só feitas à mão, mas feitas com muito amor.

A mulher falou em hispânico e Curie respondeu-lhe na mesma língua.

— Não sabia que falava hispânico — comentou a noviça depois de a ceifadora chilargentina se ir embora.

— Falo fluentemente doze línguas — admitiu a mentora com algum orgulho na voz.

— Doze!?

A ceifadora brindou-a com um sorriso malandro.

— Hás de ver se não falas outras tantas depois de teres vivido tantos anos quantos eu. — Tirou-lhe a bandeja do colo e pousou-a numa mesa de cabeceira. — Esperava que tivéssemos mais tempo, mas a autoridade ceifadora local já está a caminho. Duvido de que saibam que estás aqui, mas vão enviar agentes com rastreadores de ADN a todas as casas dos ceifadores; devem ter percebido que tivemos ajuda local.

— Então, temos de partir mais uma vez? — Citra baixou os pés e pousou-os no chão. Os tornozelos doíam-lhe, mas só um pouco e era um dor boa. — Já consigo andar sozinha.

— Ainda bem, porque vais precisar, e bastante — disse-lhe Curie, olhando pela janela. Ainda não se via ninguém, mas havia uma tensão na voz dela que não estava lá antes. — Receio bem não poder ir contigo desta vez, Citra. Se quero ter alguma hipótese de limpar o teu nome, tenho de voltar para casa e chamar para o meu lado todos os ceifadores que me for possível.

— Mas a Ceifa Chilargentina local...

— O que é que eles me podem fazer? Não estou a infringir nenhum mandamento. Quando muito, podem apontar-me o dedo por ter sido uma menina má e recusarem-se a acenar quando eu sair para o aeroporto.

— E quando chegar a casa... vai ter de contar a todos a verdade a respeito da página do diário?

— Não vejo que tenha outra alternativa. Xenócrates há de dizer que estou a mentir para te proteger, como é óbvio, mas a maioria vai acreditar na minha palavra e não na dele. Esperemos que isso o deixe suficientemente embaraçado para retirar a acusação.

— Então, para onde é que eu posso ir?

— Quanto a isso, tenho uma ideia. — Curie introduziu a mão numa gaveta e tirou de lá um dos hábitos de serapilheira usados pelos tonistas.

— Quer que eu finja que faço parte de um culto do tom?

— Que és uma peregrina solitária. São muito comuns nesta parte do mundo. Serás uma andarilha sem nome nem rosto.

Não era o disfarce mais glamoroso de todos os tempos, mas Citra teve de admitir que era prático. Ninguém havia de a olhar nos olhos com medo de levar uma ensaboadela de baboseiras tonistas. Podia continuar escondida à vista de todos e voltar para casa pouco antes do Conclave Invernal. Se a Ceifadora Curie ainda não tivesse conseguido reabilitar o nome dela, também não faria diferença. Não estava disposta a passar a vida inteira escondida.

A ceifadora da Chilargentina apareceu de novo, agora muito mais nervosa do que antes.

— Eles estão aqui — anunciou Curie. Procurou no interior da sua túnica, retirou um pedaço de papel dobrado e colocou-o na mão da rapariga. — Quero que vás a um sítio. Tens de falar com uma pessoa... o endereço está nesse papel. Encara-o como a última parte do teu treino.

Citra pegou no hábito e, enquanto Curie a tirava do quarto e a levava à pressa até à porta das traseiras, a ceifadora chilargentina dirigiu-se a um armário cheio de armas e encheu rapidamente um saco com armas brancas e de fogo que Citra poderia facilmente esconder, como uma mãe preocupada que enche a mochila da filha com petiscos para a hora do lanche.

— Há um publicarro num barracão ao fundo do monte. Mete-te nele e segue para norte — disse Curie.

A rapariga abriu a porta das traseiras e saiu. Estava frio, embora fosse suportável.

— Presta bem atenção — acrescentou a ceifadora. — É uma longa viagem e vais precisar de todo o teu bom senso para chegares ao teu destino.

Começou então a explicar-lhe tudo o que ela tinha de saber para aquela viagem de muitos milhares de quilómetros... até ser interrompida pelo som de um carro a estacionar à frente da casa.

— Vai-te embora! Enquanto te mantiveres em movimento, estarás segura.

— E o que é que faço quando chegar lá?

A ceifadora olhou-a bem no fundo dos olhos, um olhar que nada dava a

entender e, talvez por isso mesmo, apenas enfatizava a importância das suas palavras. Um tonista poder-lhe-ia ter chamado «ressonância».

— Quando chegares lá, saberás o que fazer.

Ouviram então as pancadas na porta — um som que já se tornara tão familiar.

Citra desceu a correr pela colina nevada, esquivando-se dos pinheiros que lhe iam aparecendo pela frente. As dores nas articulações não a deixavam esquecer que ainda faltavam algumas horas para completar o processo de cicatrização. Encontrou o barracão e o publicarro estava lá, tal como Curie havia prometido. Ligou-se assim que ela entrou e pediu-lhe um destino. Citra não caiu na asneira de lhe dar uma resposta específica.

— Norte — foi tudo o que ela disse. — Siga para norte.

Quando o carro já se afastava, adquirindo velocidade, ela ouviu uma explosão, seguida de outra. Olhou para trás, mas apenas conseguiu ver fumo negro que se elevava acima das copas das árvores. Apavorada, viu sair da floresta um homem com uma túnica semelhante à da amiga da Ceifadora Curie. Sô o conseguiu ver por um instante, porque a estrada fazia uma curva fechada e, então, o homem desapareceu.

Só depois de o publicarro ter deixado a estrada de montanha e entrado numa estrada principal é que Citra se lembrou de olhar para o papel que a sua mentora lhe entregara. Por um momento, foi como se os seus ossos se tivessem partido de novo, embora a sensação passasse e se convertesse numa determinação exausta. Agora, ela entendia.

Quando chegares lá, saberás o que fazer.

Sim, sem dúvida que sabia. Olhou para o papel durante mais um momento. Apenas tinha de memorizar o endereço, visto que já sabia o nome.

Gerald van der Gans.

O Cúmulo-Nimbo tinha falado com ela e, agora, a Ceifadora Curie também. Citra tinha um longo caminho pela frente e, no fim do mesmo, muito trabalho à sua espera. Não podia colher, mas podia vingar-se. Havia de encontrar uma maneira de levar aquele assassino de ceifadores à justiça. Nunca antes se sentira tão grata por estar na posse de um saco cheio de armas.

***

Era um assunto demasiado delicado para ser deixado nas mãos da Guarda da

Lâmina... e, embora detestasse ser usado como mero agente da lei, o Ceifador San Martín também estava ciente de que apanhar aquela rapariga MesoMericana seria um excelente ponto a seu favor. Percebeu que ela estava lá antes sequer de bater à porta. O seu parceiro, um iniciante demasiado empenhado chamado Bello, já tinha ligado o rastreador de ADN e registado vestígios assim que haviam saído do carro.

San Martín sacou a arma ao aproximar-se da cabana; era uma pistola que tinha desde o dia da sua ordenação, um presente do seu mentor. Era a sua arma de eleição para todas as colheitas, uma extensão da sua pessoa e, embora não estivesse à espera de colher ninguém naquele dia, tê-la na mão fazia-o sentir-se completo. Além disso, colheitas à parte, talvez fosse necessário incapacitar alguém, embora tivesse sido alertado no sentido de não deixar ninguém mortuoso (muito menos a rapariga), já que fora precisamente isso que os levara ao fiasco que estavam a tentar resolver.

Bateu uma vez à porta e depois mais outra. Estava preparado para a deitar abaixo com um chuto quando a própria Ceifadora Marie Curie abriu. San Martín tentou não parecer deslumbrado. A *Marquesa de la Muerte* era sobejamente conhecida em todo o mundo pelas façanhas dos seus primeiros anos. Era uma lenda viva onde quer que fosse, não apenas no Norte.

— Há uma campainha, ou será que não reparou? — perguntou-lhe ela num hispânico tão perfeito que o deixou aturdido. — Vieram almoçar?

O homem gaguejou por um momento, agravando ainda mais a sua desvantagem, e então recuperou o melhor que pôde.

— Viemos buscar a rapariga — disse. — Não adianta negar que ela está cá; já sabemos. — Apontou na direção de Bello, cujo rastreador de ADN não parava de apitar com uma luz vermelha.

A ceifadora olhou para a pistola erguida de San Martín e bufou com tal autoridade que ele deu por si a baixá-la quase involuntariamente.

— Ela *esteve* cá — disse Curie —, mas já não está. Vai a caminho de uma estância de esqui na Antártida; todavia, talvez cheguem a tempo de apanhar o mesmo voo se se apressarem.

A Ceifa Chilargentina não era conhecida pelo seu sentido de humor, e o Ceifador San Martín não era exceção. Não ia deixar que o fizessem de parvo, nem mesmo um dos grandes. Empurrou-a para o lado e entrou na cabana. Uma ceifadora local de cujo nome ele não se lembrava aguardava-o de pé, com uma

postura tão desafiadora como a de Curie.

— Revistem tudo o que quiserem, mas se partirem alguma coisa...

— nem conseguiu terminar a frase porque Bello, exagerado como sempre, atingiu-a com um bastão de atordoamento e deixou-a inconsciente.

— Isso era realmente necessário? — repreendeu-o Curie. — O vosso problema é comigo, não com a pobre Eva.

Com um palpite, San Martín dirigiu-se para a porta das traseiras e, não restavam dúvidas, encontrou pegadas reveladoras na neve.

— Ela está a pé! — gritou o ceifador a Bello. — *¡Apurate!* Não pode ter ido muito longe.

Bello lançou-se em perseguição como um cão de caça, descendo a colina até desaparecer no meio das árvores.

San Martín voltou para dentro e correu para a porta da frente. A estrada descia a colina. Se Bello não a pudesse alcançar a pé, talvez o conseguisse com o carro. Curie, no entanto, estava parada à porta, bloqueando-lhe a saída. O ceifador ergueu a arma de novo e, como resposta, ela sacou de uma também: era uma pistola de cano curto e com largura suficiente para lhe meter uma bola de golfe pela boca — um morteiro de mão. Contra uma coisa daquelas, a arma dele não era nada mais do que um atirador de ervilhas. Mesmo assim, ele não a baixou, ainda que a desvantagem fosse gritante.

— Tenho permissão especial do Suma Lâmina para disparar contra si se necessário — avisou.

— E eu não tenho permissão de ninguém — contrapôs ela —, mas terei todo o gosto em fazer o mesmo.

Mantiveram aquele impasse por mais tempo do que o recomendado, até que Curie desviou a arma e disparou pela porta.

Uma explosão rebentou com as janelas da frente da cabana e a onda de choque atirou San Martín ao chão. A Ceifadora Curie, que continuava à porta, mal se mexeu. San Martín arrastou-se até à porta, apenas para descobrir que a explosão do morteiro de mão lhe reduzira o carro a uma fogueira.

A mulher disparou de novo, desta feita fazendo explodir o seu próprio carro.

— Bem, parece-me que agora vai ter de ficar para o almoço.

Ele olhou para os dois veículos em chamas e suspirou, ciente de que aquele dia o tornaria motivo da chacota dos seus pares. Olhou para Curie (aqueles olhos

cinzento-aço, o tranquilo controlo da situação) e percebeu que nunca tivera a mais pequena hipótese contra a *Marquesa de la Muerte.* A única coisa que conseguiu fazer foi expressar a sua mais sincera desaprovação com um olhar fulminante.

— Muito mal! — exclamou, abanando o dedo no ar. — Muito, muito mal.

32

Uma conturbada peregrinação

Todos os publicarros estão ligados à rede, mas os ceifadores não lhes podem seguir os movimentos enquanto os dados de navegação não chegam ao cérebro posterior. Isso acontece a cada sessenta minutos, pelo que é essa frequência com que terás de trocar de carro.

Citra não tivera dificuldade em lembrar-se das instruções de Curie; só esperava não se ter esquecido de nenhuma. Ela havia de ser capaz. Durante o noviciado, aprendera a ser independente e desembaraçada. Largou o primeiro publicarro numa pequena cidade mesmo a tempo. Tinha receio de que não houvesse muitos disponíveis na Região da Chilargentina, especialmente numa zona tão remota, mas o Cúmulo-Nimbo era impressionante no cálculo das necessidades locais; em todos os aspetos, parecia sempre haver uma oferta à altura da procura.

Ela já tinha vestido o seu tosco hábito de tonista e coberto a cabeça com o capuz. Era incrível como as pessoas a evitavam.

Trocar de veículo de hora a hora implicava ter os perseguidores sempre no seu encalço. Percebeu que ia ter de andar aos ziguezagues, como os cargueiros nos tempos de guerra da era mortal, para os enganar e impedir de prever qual seria o seu próximo destino. Durante mais de um dia, nunca lhe foi possível dormir mais de uma hora de cada vez e houve várias ocasiões em que, durante o longo caminho, não encontrou uma única cidade, apenas estradas, vendo-se forçada a usar o engenho e livrar-se do carro antes de chegar à cidade, onde a Ceifa Chilargentina e os agentes locais da Guarda da Lâmina já estavam à espera dela. Chegou a passar mesmo à frente de um ceifador, convencida de que ele a ia descobrir, embora tivesse a inteligência de se posicionar a favor do vento e, assim, evitar o rastreador de ADN. O facto de os próprios ceifadores, e não a Guarda da Lâmina, estarem a supervisionar a busca deixava-a ainda mais apavorada, embora também a fizesse sentir-se bizarramente importante.

***

Quando chegares a Buenos Aires, apanha um hipercomboio para norte —

aquele que atravessa a Amazónia até à cidade de Caracas. Assim que cruzares a fronteira com a Amazónia, estarás segura. Eles não hão de mexer um dedo para ajudar Xenócrates nem para te deter.

***

Citra sabia o porquê graças aos seus estudos de História. Demasiados ceifadores de outras regiões colhiam fora da sua jurisdição quando estavam de férias na Amazónia. Não havia nenhuma lei que o impedisse, mas a situação fizera que a Ceifa daquela região não cooperasse e até se mostrasse abertamente obstrucionista quando tocava a ajudar ceifadores de qualquer outra região.

O problema era o comboio em Buenos Aires. Haviam de estar à espera dela em massa em tudo o que fosse estações ferroviárias e aeroportos. O que a salvou foi um grupo de tonistas que ia para o Istmo.

— Estamos em busca do Grande Bidente no umbilical entre o Norte e o Sul — disseram-lhe eles, convencidos de que também ela seguia o culto do tom. — Há rumores de que se esconde numa antiga obra de engenharia. Achamos que poderá estar selado no interior de uma das comportas do Canal do Panamá.

Citra precisou de todo o seu controlo para não se rir.

— Vens connosco, irmã?

E foi precisamente o que ela fez: sustendo a respiração (não por medo, mas para não ativar nenhum dos rastreadores de ADN da estação), subiu para o comboio que rumava a norte mesmo debaixo de mais narizes e olhos atentos do que era capaz de contar.

Havia sete tonistas no grupo. Aparentemente, aquele ramo do culto apenas viajava em grupos de sete ou de doze, em consonância com a matemática musical, mas eles estavam dispostos a quebrar a regra por ela. Pelo sotaque, não deviam vir de nenhum dos continentes Mericanos, mas sim de algures na EuroScandia.

— Por onde te têm levado as tuas viagens? — perguntou-lhe um deles, um homem que aparentava ser o líder. Sorria sempre que falava, o que só servia para o tornar ainda mais repulsivo.

— Por aqui e por ali — foi a resposta de Citra.

— Qual é a tua demanda?

— A minha demanda?

— Todos os peregrinos têm uma demanda, não é assim?

— Claro, claro. Estou em busca... da resposta para essa pergunta mais premente: é lá bemol ou sol sustenido?

— Não me puxem pela língua! — deixou escapar outro deles.

Não havia janelas, visto que não havia paisagem para ver no tubo de vácuo subterrâneo. Citra tinha viajado de avião e nos comboios *maglev* habituais, mas a natureza constrita e claustrofóbica do hipercomboio deixava-a desconfortável.

Os tonistas, que já deviam estar acostumados a toda a espécie de viagem, não podiam estar mais à vontade. Falaram de lendas, discutindo quais eram as verdadeiras, quais eram as falsas, e quais ficavam algures pelo meio.

— Já fomos das Pirâmides da Israébia à Grande Muralha da Pan-Ásia em busca de pistas que nos indiquem o paradeiro do Grande Bidente — explicou o líder. — O importante é a peregrinação. Até duvido de que algum de nós soubesse o que fazer se realmente o encontrássemos.

Quando o comboio atingiu a velocidade de cruzeiro de mil, duzentos e oitenta quilómetros por hora, Citra pediu licença e foi à casa de banho, onde refrescou a cara com um pouco de água num esforço para impedir que o cansaço se apoderasse dela. Só que se esqueceu de trancar a porta. Se o tivesse feito, a sua viagem poderia ter sido bem diferente.

Um homem entrou de rompante quando ainda estava lá dentro. A primeira coisa que ela pensou foi que ele não percebera que estava lá alguém, mas, antes sequer que se conseguisse virar (antes que pudesse fazer fosse o que fosse), o homem já lhe tinha encostado uma lâmina de fio de ouro ao pescoço, posicionada de modo que causasse o maior estrago possível.

— Foste selecionada para a colheita — disse ele em língua comum, embora com um forte sotaque que devia ser portuzónico, a principal língua da Amazónia. A túnica era de um profundo verde-floresta. Citra lembrou-se de ter lido algures que todos os ceifadores daquela região usavam a mesma túnica verde.

— Estás a cometer um erro! — exclamou ela antes que ele lhe abrisse o pescoço.

— Então, diz-me que erro é esse, mas despacha-te.

Embora tentasse inventar algo que não fosse a verdade, mas também servisse para o deter, Citra depressa percebeu que não lhe ocorria mais nada.

— Sou uma noviça. Se me tentasses colher, eu seria simplesmente reanimada, enquanto serias punido por não verificares primeiro o teu anel para

ver se tenho imunidade.

O homem sorriu.

— Exatamente o que eu pensava: és aquela de quem todos andam à procura, — Afastou a lâmina do pescoço. — Presta bem atenção: há ceifadores da Chilargentina a bordo disfarçados de passageiros normais. Não os podes evitar, mas se não queres cair nas garras deles, sugiro que venhas comigo.

O instinto disse a Citra para recusar, que havia de ficar muito bem sozinha. Todavia, o bom senso levou a palma ao instinto e ela foi com o homem, que a levou para a carruagem seguinte, onde, embora o comboio estivesse bastante cheio, havia um lugar vago ao lado do dele. Então, apresentou-se como sendo o Ceifador Possuelo da Amazónia.

— E agora? — perguntou Citra.

— Esperamos.

A rapariga cobriu a cabeça com o capuz e, com efeito, alguns minutos depois apareceu um homem vindo do fundo da carruagem, vestido como qualquer outro viajante, embora avançasse devagar e não tirasse os olhos de um objeto que tinha na palma da mão e parecia um telemóvel, só que não era.

— Não fujas — sussurrou o Ceifador Possuelo. — Não lhe cedas o controlo da situação.

Quando o homem chegou junto deles, o aparelho começou a dar sinal como um contador de Geiger, pelo que, tendo encontrado a sua presa, ele parou.

— Citra Terranova? — perguntou.

Ela descobriu calmamente a cabeça. O coração parecia querer saltar-lhe do peito, mas ela não o deu a entender.

— Parabéns, encontrou-me. Merece um caramelo.

Aquela expressão desconcertou-o, embora não o detivesse.

— Vou levá-la sob custódia — anunciou o homem ao mesmo tempo que sacava de um bastão atordoante. — Não tente resistir, apenas será pior para si.

Então, Possuelo virou-se para ele:

— Com que autoridade está a fazer isto?

— Com a autoridade conjunta de Lautaro, Suma Lâmina da Região da Chilargentina e do Suma Lâmina Xenócrates da MesoMérica.

— Nenhum dos quais tem jurisdição aqui.

O outro riu-se.

— Desculpe, mas...

— Não, *eu* é que peço desculpa — retrucou Possuelo apenas com a quantidade necessária de indignação. — Entrámos na Amazónia há pelo menos cinco minutos. Se você tentar impor a sua vantagem seja de que forma for, ela tem todo o direito de se defender com força letal... mesmo de um ceifador.

Citra interpretou aquelas palavras como uma deixa para sacar de uma faca de caça que escondera no hábito, e levantou-se para o enfrentar.

— Se fizer um movimento que seja com esse bastão, essa mão vai ter de ser reconstituída.

Apareceu um funcionário atrás dele para verificar qual era o motivo de tanta confusão.

— Meu caro senhor — disse-lhe Citra —, este homem é um ceifador chilargentino, mas não tem na sua pessoa nem o anel nem a túnica. Isto não é uma violação da lei na Amazónia? — Nunca lhe soubera tão bem ter estudado a História dos ceifadores.

O funcionário mirou o homem de alto a baixo e semicerrou os olhos com desconfiança — o suficiente para Citra perceber de que lado ele estava.

— E eu ainda dina mais, todos os ceifadores estrangeiros têm de se registar antes de cruzar a nossa fronteira — disse ele. — Mesmo quando se esgueiram à socapa pelo túnel.

O mau génio do ceifador chilargentino não se fez esperar:

— Deixe-me tratar dos meus assuntos se não quer habilitar-se a uma colheita imediata.

— Nada disso — interveio Possuelo com uma calma tão descontraída que arrancou um sorriso a Citra. — Concedi-lhe imunidade. Você não o pode colher.

— O quê!?

O ceifador amazónico aproximou a sua mão direita da cara do funcionário, que logo a agarrou e beijou o anel.

— Obrigado, Ilustre Ceifador.

— Este homem ameaçou-me com violência — disse Citra ao empregado. — Exijo que seja expulso do comboio na próxima paragem, juntamente com

qualquer outro ceifador disfarçado com quem esteja a viajar.

— Será um prazer — disse o homem.

— Você não pode fazer isso! — insistiu o ceifador.

No entanto, só precisou de alguns minutos para descobrir que estava enganado.

***

Com os seus perseguidores fora do comboio, Citra pôde desfrutar uma pausa naquele implacável jogo do gato e do rato. Uma vez que já fora descoberta, vestiu roupa normal que encontrou na mala de alguém: calças de ganga e uma blusa florida que não fazia o seu estilo, mas tinha o tamanho certo. Os tonistas ficaram desiludidos, embora não muito surpreendidos ao ver que Citra não era um deles. Deixaram-lhe um panfleto que ela prometeu ler, por mais que suspeitasse de que não o faria.

— Seja qual for o seu destino — disse-lhe o Ceifador Possuelo —, terá de mudar de comboio na Estação Central do Amazonas. Sugiro-lhe que passeie por vários com destinos diferentes antes de apanhar aquele que realmente pretende, para que os rastreadores de ADN levem os seus perseguidores para tudo o que é sítio.

Claro que, quanto mais ela caminhasse pela estação para ir trocando de comboios, maiores eram as probabilidades de ser vista, mas era um risco que valia a pena para despistar os detetores e enviar os ceifadores numa valente caça aos gambozinos.

— Não sei porque é que eles andam atrás de si — acrescentou Possuelo quando o comboio entrou na estação —, mas, se os seus problemas se resolverem e, então, receber o seu anel, devia voltar à Amazónia. A floresta tropical estende-se por todo o continente, como nos seus tempos primordiais, e vivemos abrigados pelo seu dossel. É uma maravilha.

— Pensava que não gostavam de ceifadores estrangeiros — disse-lhe ela com um sorriso.

— Há uma grande diferença entre convidados e intrusos.

Citra fez o seu melhor para deixar vestígios de ADN em meia dúzia de comboios antes de embarcar no que ia partir para Caracas, na costa setentrional da Amazónia. Se havia agentes à procura dela, não os viu, embora não fosse ingénua a ponto de pensar que o perigo já havia passado.

Da cidade de Caracas, Curie dissera-lhe que devia seguir a costa norte para nascente até chegar a uma cidadezinha chamada Playa Pintada. Teria de evitar publicarros e qualquer outro meio de transporte que revelasse a sua localização. Não obstante, descobriu que, quanto mais se aproximava, mais determinada se sentia. Havia de chegar ao seu destino e concluir aquela conturbada peregrinação, nem que tivesse de fazer o resto do caminho a pé.

***

Como é que se lida com um assassino? Não um exterminador aprovado pela sociedade, mas um verdadeiro assassino. Um indivíduo que, sem a bênção da dita sociedade, ou até com a sua permissão, punha um fim definitivo à vida de alguém?

A rapariga sabia que o Cúmulo-Nimbo impedia tais coisas em geral. Claro que havia pessoas que eram empurradas para a frente de comboios, ou para baixo de camiões, ou que eram atiradas de uma cobertura num momento de frustração, mas o que se partia era sempre reparado. Faziam-se as pazes. Por outro lado, um ceifador ordenado que vivia fora da jurisdição do Cúmulo-Nimbo não contava com essa proteção. A reanimação não era automática para os ceifadores; tinha de ser solicitada. Mas quem é que defendia um ceifador vitimado por uma qualquer intenção criminosa?

Isso implicava que, embora fossem os seres humanos com mais poder no planeta, os ceifadores também fossem os mais vulneráveis.

Naquele mesmo dia, Citra jurou ser uma defensora dos mortos. Seria feita justiça pelo seu mentor colhido. Tinha a certeza de que o Cúmulo-Nimbo não se havia de meter no seu caminho — afinal, dera-lhe o nome do assassino. Tal como Curie quando a enviara naquela sua missão. A fase final do seu treino. Tudo dependia do que ela ia fazer naquele dia.

***

Playa Pintada. A linha da costa encontrava-se semeada com grandes pedaços retorcidos de madeira à deriva. À luz do entardecer, pareciam braços e pernas de criaturas terríveis que lentamente se iam erguendo da areia.

Citra agachou-se atrás de um dragão de madeira, tirando partido da sua sombra para se esconder. Vinha aí uma tempestade do Norte, ganhando forma sobre o mar e dirigindo-se para o litoral, inexorável na sua marcha. Já se podiam ver relâmpagos distantes a divertir-se nas profundezas daquelas trevas e os trovões serviam de contraponto ao rebentar das ondas.

Ela já só tinha um punhado das armas com que começara a viagem: uma pistola, uma faca e uma faca de caça. Esconder as restantes tornara-se demasiado difícil, pelo que se livrara delas antes de entrar no comboio em Buenos Aires. Mal se passara um dia desde então, embora parecesse uma semana.

A casa que ela estava a vigiar não era mais do que uma caixa de um andar, como muitas ali na praia. A sua maior parte era ocultada por palmeiras e aves-do-paraíso em flor. Atrás de uma sebe baixa, uma espécie de quintal dava para a praia. No interior, havia luzes acesas. Uma sombra movia-se periodicamente atrás das cortinas.

Citra reviu as suas opções. Se já fosse uma ceifadora, podia colhê-lo seguindo os métodos de Curie: uma lâmina no coração — rápida e decisiva. Era uma situação na qual não duvidava da sua capacidade para o fazer. Só que ela não era uma ceifadora.

Qualquer ataque letal serviria apenas para o deixar mortuoso, aparecendo um *ambudrone* numa questão de minutos para o levar para a reanimação. O que ela tinha de fazer era incapacitá-lo, deitá-lo abaixo sem o matar para lhe sacar uma confissão. Estava a trabalhar para outro ceifador ou sozinho? Tinha sido subornado como as testemunhas? Tivera como motivação a promessa de imunidade ou tratara-se de uma vingança pessoal contra Faraday? Assim que descobrisse a verdade, poderia levar o homem mais a sua confissão ao Ceifador Possuelo ou a qualquer outro membro da Ceifa da Amazónia. Assim, nem mesmo Xenócrates seria capaz de esconder a verdade; Citra seria isenta de toda e qualquer culpa e o verdadeiro culpado receberia a punição devida a um assassino de ceifadores. Talvez então ela pudesse ficar na Amazónia, evitando assim a horrível perspetiva do Conclave Invernal.

Com o crepúsculo praticamente no seu fim, ouviu uma porta de vidro deslizar e espreitou por cima da borda do seu dragão de madeira. Viu o homem sair para o pátio das traseiras, onde ficou a contemplar a tempestade que estava a chegar. Viu-lhe a silhueta perfeitamente desenhada contra a luz interior, como um alvo de papel num campo de tiro. Não lhe podia ter facilitado mais as coisas. Citra sacou da pistola. A princípio, apontou ao coração à conta do hábito do treino que recebera... Então, baixou o cano até encontrar um joelho e disparou.

A pontaria foi perfeita. O homem gemeu e foi ao chão; Citra correu pela areia, saltou por cima da sebe e agarrou-o pela camisa com ambas as mãos enquanto ele se contorcia.

— Vais pagar pelo que fizeste — rosnou ela.

Então, viu-lhe a cara. Era-lhe familiar. Demasiado familiar. O seu primeiro instinto foi pensar que era apenas mais um nível de toda aquela conspiração. Só se rendeu à verdade quando lhe ouviu a voz.

— Citra?

O rosto do Ceifador Faraday era uma máscara de dor e de incredulidade.

— Citra, meu Deus, o que estás a fazer aqui?

Com o choque, ela largou-o e a cabeça de Faraday bateu no pavimento de betão com tanta força que o deixou inconsciente, o que apenas serviu para tornar todo o horror daquele momento ainda pior.

Ela queria pedir ajuda, mas quem é que a havia de ajudar depois do que acabara de fazer?

Levantou a cabeça do ceifador e pousou-a com cuidado no colo, enquanto o sangue do joelho desfeito escorria entre as pedras do pátio, transformando a areia das fendas numa argamassa vermelha que se ia tornando castanha à medida que secava.

33

Tanto o mensageiro como a mensagem

Citra levou-o para dentro, deitou-o no sofá e aplicou-lhe um torniquete para estancar a hemorragia. Faraday gemeu e começou a despertar; quando rompeu a ténue superfície da consciência, a primeira coisa que fez foi pensar nela.

— Não devias estar aqui — sussurrou ele fracamente, arrastando as palavras; era um efeito dos nanorrobôs analgésicos que lhe inundavam o sistema. Não obstante, contorceu-se de pura dor.

— Temos de ir a um hospital — contrapôs a rapariga. — Isto é demasiado para os seus nanorrobôs.

— Disparate, eles já me pouparam o pior da dor. Quanto à cura, dão conta do recado sem ajuda externa.

— Mas...

— Não tenho escolha. Ir a um hospital daria a saber à Ceifa que ainda estou vivo. — Mudou de posição, deixando escapar um ligeiro esgar. — Entre a Natureza e os nanorrobôs, o meu joelho há de ficar bom. Só preciso de tempo, do qual não tenho falta.

Ela elevou-lhe a perna, ligou-a e sentou-se no chão ao lado dele.

— Levaste tão a mal a minha partida que te sentiste na obrigação de te vingares na minha carne? — perguntou ele só meio a brincar. Incomoda-te assim tanto que eu tenha descoberto um método para me aposentar secretamente, em vez de recorrer mesmo à autocolheita?

— Pensei que fosse outra pessoa — respondeu Citra. — Alguém chamado Gerald van der Gans...

— É o nome com que nasci. Um nome ao qual renunciei quando me tornei o Ilustre Ceifador Michael Faraday. Mas nada disto explica a tua presença. Eu libertei-te, Citra... a ti e ao Rowan. Ao simular a minha colheita, vocês ficaram ambos livres do noviciado. Devias ter voltado para a tua antiga vida e esquecido que te arranquei dela. Como tal, porque é que estás aqui?

— Quer dizer que não sabe?

Ele puxou-se um pouco mais para cima para poder vê-la melhor.

— Não sei o quê?

Citra contou-lhe tudo: que, em vez de ficarem livres, ela e Rowan tinham acabado como noviços dos Ceifadores Curie e Goddard, que Xenócrates tinha tentado culpá-la pelo seu homicídio e que fora Curie quem a ajudara a chegar até ele. Enquanto falava, ele levou as mãos aos olhos como se os fosse arrancar.

— E pensar que eu estava aqui, tão satisfeito comigo mesmo, enquanto tudo isso acontecia...

— Como é que não sabia de nada? — perguntou ela, pois que na sua mente ele sempre parecia saber tudo, até as coisas que não tinha como saber.

Faraday suspirou.

— A Marie... a Ceifadora Curie, quero eu dizer, é a única pessoa na Ceifa que sabe que ainda estou vivo. Agora, estou completamente desligado da rede. A única maneira de me contactarem é pessoalmente. Foi por isso que ela te mandou. És tanto o mensageiro como a mensagem.

O momento tomou-se desconfortável. A trovoada ressoava sobre o mar, agora muito mais perto. Os relâmpagos eram mais intensos.

— É verdade que morreu sete mortes por ela? — perguntou Citra.

— E ela por mim — confirmou Faraday. — Então, ela contou-te? Bem, foi há muito tempo.

Lá fora, a chuva começou finalmente a cair, embora não de uma forma regular.

— Adoro esta maneira como a chuva cai aqui — disse-lhe ele. — Recorda-me que algumas forças da Natureza nunca podem ser completamente domadas. São eternas, o que é bem melhor do que ser imortal.

Deixaram-se ficar sentados a ouvir aquela aleatoriedade tranquilizadora da chuva, até que Citra deu por si tão cansada que nem sequer conseguia pensar.

— E o que é que acontece agora? — perguntou ela.

— É muito simples, na realidade: eu restabeleço-me e tu descansas. Qualquer outra coisa terá de esperar. — Então, ele apontou. — Ali é o quarto. Espero que durmas a noite toda e que, pela manhã, me recites os teus venenos por ordem de toxicidade.

— Os meus venenos?

Apesar da dor e da confusão induzida pelos fármacos, Faraday sorriu.

— Sim, os teus venenos. És ou não és minha noviça?

Citra não pôde deixar de sorrir de volta.

— Sim, Ilustre Ceifador, sou.

34

A segunda coisa mais dolorosa que alguma vez terás de fazer

O inverno aproximava-se rápida e implacavelmente. A princípio, Rowan contava as vidas que havia tirado temporariamente, mas, com o passar dos dias, percebeu que não conseguia acompanhá-las. Uma dúzia por dia, semana após semana, mês após mês. Tudo acabava por se misturar. Durante os oito meses que treinara com o Ceifador Goddard, pusera um fim a mais de duas mil, quase sempre as mesmas pessoas, repetidas vezes. Será que aquelas pessoas o desprezavam ou realmente encaravam aquilo como apenas um trabalho? Por vezes, nos treinos, era-lhes pedido que fugissem ou até que se defendessem. A maioria não era qualificada, mas alguns haviam nitidamente recebido treino de combate. Havia até sessões em que os seus alvos tinham, também eles, as suas próprias armas. Ele já fora retalhado, esfaqueado e alvejado, embora nunca com tanta gravidade que tivesse de ser reanimado. Acabara por se tornar um assassino excecionalmente dotado.

— Excedeste por completo todas as minhas expetativas — disse-lhe Goddard. — Suspeitava de que havia uma faísca dentro de ti, mas nunca imaginei que se viesse a revelar tamanho inferno!

E, sim, Rowan acabara por gostar do que fazia, como Goddard lhe dissera, e, à semelhança do que acontecera com Volta, desprezava-se por isso.

— Estou desejoso de que recebas o teu anel — disse-lhe Volta um dia, durante uma tarde em que estudavam juntos. — Talvez possamos deixar Goddard juntos. Colher ao nosso ritmo, à nossa maneira. — Mas o rapaz sabia que ele nunca encontraria o impulso necessário para escapar à força gravitacional de Goddard.

— Encaras como certo que serei eu o escolhido e não a Citra.

— A Citra foi-se — lembrou-lhe Volta. — Há meses que não consta da rede. Se resolver aparecer no conclave, a comissão de atribuição dos anéis não verá com bons olhos tanto tempo de ausência não aprovada. A única coisa que tens de fazer para vencer é passar no teste final, sem dúvida.

E era exatamente isso que ele temia.

A notícia do desaparecimento de Citra chegara-lhe aos ouvidos por vias não

oficiais. Ele não estava a par de toda a história. Xenócrates tinha-a acusado de qualquer coisa. A comissão disciplinar convocara uma reunião de emergência e Curie apresentara-se em nome dela, dissipando quaisquer dúvidas quanto ao seu comportamento. A acusação devia ter sido obra de Goddard, porque ele ficara furioso quando a comissão decidira retirar as acusações... e porque Citra tinha desaparecido completamente do mapa. Nem mesmo a Ceifadora Curie parecia saber onde ela estava.

Goddard levara os seus ceifadores iniciantes e Rowan para uma colheita desenfreada no dia seguinte, tal era a fúria que o consumia. Descarregara a sua raiva num apinhado festival das colheitas e desta feita o rapaz não conseguira salvar ninguém porque o ceifador o mantivera sempre ao seu lado para lhe carregar as armas. Chomsky tinha usado o lança-chamas para incendiar um labirinto de milho, o fumo obrigando as pessoas a sair para que, então, os outros ceifadores as colhessem uma a uma.

Volta, por seu lado, estava de castigo porque tinha largado um contentor de gás venenoso no labirinto em chamas. Fora muito eficaz, mas privara os outros da possibilidade de matar mais pessoas.

— Fi-lo por compaixão — confidenciara ele a Rowan. — Antes morrer por gás do que pelo fogo. — E então acrescentara: — E melhor do que rebentarem contigo quando achas que conseguiste escapar do labirinto.

Talvez Rowan se tivesse enganado a respeito dele. Talvez ele fosse capaz de escapar a Goddard, mas certamente não sem ele. Era mais um incentivo para conseguir o anel.

No fim daquela tarde medonha, tinham todos atingido a sua quota de colheitas e Goddard ainda não parecia ter satisfeito a sua sede de sangue. Não parara de vociferar contra o sistema, mesmo que fosse apenas na presença dos seus discípulos, clamando pelo dia em que os ceifadores não tivessem limites para executar o seu oficio.

***

Citra regressou com Curie à Casa da Cascata muitas semanas antes do Conclave Invernal, quando o Mês das Luzes tinha apenas começado e amigos e entes queridos trocavam presentes para celebrar antigos milagres dos quais já ninguém se recordava muito bem.

Ao contrário da sua agitada viagem ao litoral norte da Amazónia, regressou a casa de avião com todos os confortos e muito tranquila. Não tinha de olhar para trás a cada cinco minutos porque já ninguém estava a persegui-la. Tal como

lhe prometera, a Ceifadora Curie limpara-lhe o nome. Enquanto o Ceifador Mandela lhe enviara um sincero pedido de desculpa por intermédio de Curie, o Suma Lâmina Xenócrates não fizera nada que se parecesse.

— Vai fingir que nada aconteceu — disse-lhe Curie enquanto as duas seguiam de carro do aeroporto para casa. — É o mais longe que aquele homem é capaz de ir no que diz respeito a desculpas.

— Mas aquilo aconteceu. Eu tive de me atirar do alto de um edifício para escapar.

— E eu tive de acabar com dois carros em perfeito estado — lamentou Curie ironicamente.

— Não me vou esquecer do que ele me fez.

— Nem deves. Tens todo o direito de julgar o Suma Lâmina Xenócrates com bastante dureza, embora sem exagerar. Desconfio de que haja mais variáveis em jogo do que aquelas que conhecemos.

— Foi o que Faraday disse.

Curie sorriu ao ouvir-lhe o nome.

— E como é que está o nosso amigo Gerald? — perguntou ela com uma piscadela.

— A notícia da sua morte tem sido muito exagerada. Essencialmente, dedica-se à jardinagem e a longas caminhadas na praia.

O facto de ele ainda estar vivo era um segredo que ambas pretendiam manter. Até Mandela acreditava que Citra estivera em casa de um parente de Curie na Amazónia e não tinha motivos para suspeitar do contrário.

— Talvez me junte a ele na sua praia daqui a uns cem anos — admitiu a ceifadora. — Mas, por enquanto, é demasiado o que tem de ser feito na Ceifa. Tenho demasiadas batalhas decisivas pela frente. — Citra podia vê-la apertar o volante com mais força só de pensar nisso.

— O futuro de tudo em que acreditamos enquanto ceifadores está em risco, Citra. Fala-se até em abolir a quota. E é por isso mesmo que tens de conseguir o anel. Sei qual o género de ceifador que virás a ser, e é exatamente o que precisamos.

A rapariga desviou o olhar. Sem as colheitas diárias, o seu treino com Faraday nos últimos meses concentrara-se no apuramento da mente e do corpo. Mas, o mais importante, servira também para meditar sobre a moral e a ética que

um ceifador tradicional devia sempre seguir. Não havia nada de «velha guarda» naquela questão. Era apenas o que estava certo. Ela sabia que tais ideais elevados não estavam presentes na formação de Rowan, embora isso não quisesse dizer que ele não os observasse no seu coração, não obstante a influência de um mentor sanguinário.

— O Rowan também pode ser um bom ceifador — disse ela.

Curie suspirou.

— Já não podemos confiar nele. Lembra-te do que te fez no Conclave das Colheitas. Podes encontrar todas as justificações que quiseres, mas a verdade é que ele agora constitui uma incógnita. É muito provável que o treino com Goddard o tenha afetado de formas que ninguém pode prever.

— Mesmo que isso seja verdade — contrapôs a rapariga, indo finalmente ao assunto que ambas estavam a evitar —, não sei como é que alguma vez serei capaz de o colher.

— Será a segunda coisa mais dolorosa que alguma vez terás de fazer — admitiu Curie. — Mas hás de encontrar uma forma de o fazer, Citra. Tenho fé em ti.

Se a colheita de Rowan era a segunda coisa mais dolorosa que alguma vez teria de fazer, qual seria a primeira? Mas Citra nem levantou a questão, porque preferia mesmo não saber.

35

Aniquilação é a nossa imagem de marca

No último dia do ano, três dias antes do Conclave Invernal, o Ceifador Goddard encabeçou uma última expedição de colheita.

— Mas já atingimos a nossa quota anual — apressou-se Volta a lembrar-lhe.

— NÃO me deixarei limitar por um pormenor técnico! — gritou Goddard em resposta. Por um instante, Rowan chegou a recear que ele o fosse atacar, mas o homem esperou um momento até se acalmar e acrescentou: — Quando começarmos a nossa colheita, já será o Ano da Capivara na Pan-Ásia. Quanto a mim, isso dá-nos permissão para contar as nossas vítimas como se fossem do novo ano. Depois, voltamos a tempo da nossa gala de Ano Novo!

Goddard decidiu que era um dia para espadas de samurai, embora Chomsky se recusasse a separar-se do seu lança-chamas.

— É por ele que sou conhecido. Porquê interferir na minha imagem?

Até então, Rowan tinha participado em quatro expedições de colheita com Goddard. Era capaz de fugir para um lugar dentro de si mesmo onde se via menos como um cúmplice, até menos como um observador. Ali, voltava a ser a alface. Algo secundário e desprovido de sentimentos, fácil de ignorar e de esquecer. Era a única forma de manter a sanidade mental no meio dos desportos sanguinários de Goddard. Às vezes, passava tão despercebido naqueles ataques desenfreados que conseguia ajudar as pessoas a escapar. Noutras, tinha de ficar ao lado do Ceifador Goddard, para lhe carregar as armas ou trocá-las. Não sabia qual o papel que lhe estaria reservado desta vez. Se o seu mentor ia apenas usar a espada de samurai, não havia de precisar de quem lhe carregasse as outras. Mesmo assim, disse-lhe que levasse uma espada sobresselente.

Enquanto se aprontavam para partir para a colheita daquela manhã, os preparativos para a festa já estavam em pleno andamento. O camião do *catering* tinha chegado e mesas estavam a ser instaladas por toda a propriedade. A gala de Ano Novo era uma das poucas festas que Goddard planeava com antecedência, e a lista de convidados era qualquer coisa.

O helicóptero aterrou no relvado da frente e, por sua vez, uma das tendas que estavam a ser montadas para a festa levantou voo como se não passasse de um

guardanapo levado pelo vento.

— Hoje, vamos prestar um serviço público muito necessário — disse-lhes Goddard, com uma animação demasiado excessiva. — Hoje, vamo-nos livrar de alguma ralé. — Todavia, não lhes explicou o que queria dizer.

Quando o helicóptero descolou, Rowan sentiu um vazio na boca do estômago que em nada estava relacionado com a subida.

***

Aterraram num jardim público, no centro de um campo de futebol vazio, ligeiramente coberto de neve. Havia um parque infantil na orla do jardim onde algumas crianças pequenas, indiferentes ao mau tempo, escalavam, baloiçavam-se e cavavam na areia, agasalhadas contra o frio. Assim que os pais viram os ceifadores descerem do helicóptero, pegaram nos seus filhos e apressaram-se a sair dali, ignorando os protestos dos pequenos.

— O nosso destino fica a vários quarteirões daqui — informou-os Goddard. — Não queria pousar demasiado perto e perder o elemento surpresa. — Passou um braço paternal em volta dos ombros de Rowan.

— Hoje, é a estreia do Rowan. Vais fazer a tua primeira colheita!

O rapaz deu um passo atrás.

— O quê? Eu? Não posso! Não passo de um noviço!

— Vais ser o meu procurador, rapaz! Assim como te permiti que concedesses imunidade com o meu anel, posso deixar que colhas alguém e será contabilizado como uma colheita minha. Encara-o como um presente. Não tens de me agradecer.

— Mas... isso não é permitido!

Goddard continuou impassível:

— Nesse caso, alguém que reclame. Ah, o que é que estou a ouvir? Silêncio!

— Não te preocupes — disse-lhe Volta. — Foi para isso que treinaste. Vais-te sair bem.

E era precisamente isso que ele mais receava. Não queria «sair-se bem». Queria ser uma lástima. Queria falhar, porque só assim saberia que ainda lhe restava um pingo de humanidade. Parecia que o seu cérebro estava prestes a explodir e sair-lhe pelo nariz e pelos ouvidos. Esperava bem que tal acontecesse: assim, não teria de colher ninguém. *Se tiver de o fazer, serei misericordioso*

como o Ceifador Faraday, disse a si mesmo. *Não vou gostar. NÃO vou gostar!*

Dobraram uma esquina e Rowan descobriu o seu destino: uma espécie de complexo construído de modo que se assemelhasse a uma antiga missão de adobe, completamente deslocado no frio da MesoMérica. O símbolo de ferro que coroava o pináculo mais alto era um bidente. Estavam na presença de um mosteiro tonista.

— Quase uma centena de tonistas residem atrás destes muros — anunciou Goddard. — O nosso objetivo é ceifá-los a todos.

A Ceifadora Rand sorriu. Chomsky conferiu as configurações da sua arma. O único que parecia ter dúvidas era Volta.

— Todos eles?

Goddard encolheu os ombros, como se não fosse nada de mais, como se todas aquelas vidas não tivessem significado.

— A aniquilação é a nossa imagem de marca. Nem sempre a conseguimos, mas tentamos.

— Mas isto... isto vai contra o segundo mandamento. Revela um preconceito bastante óbvio.

— Então, Alessandro — retorquiu Goddard no seu tom mais condescendente. — Preconceito contra quem? Os tonistas não são um grupo cultural registado.

— Não podem ser considerados uma religião? — perguntou então Rowan.

— Só podes estar a brincar — disse Rand com uma gargalhada. — Não passam de uma anedota!

— Precisamente — concordou Goddard. — Eles zombam da fé da era mortal. A religião é uma parte da História que merece a maior estima e eles reduziram-na a uma farsa.

— É colhê-los a todos! — exclamou Chomsky, já a acender a arma. Goddard e Rand desembainharam as suas espadas. Volta olhou para Rowan e disse em voz baixa:

— O melhor destas colheitas é que acabam depressa.

Então, sacou da sua arma também e seguiu os outros pelos arcos da entrada que os tonistas deixavam sempre aberta para as almas perdidas em busca de conforto tonal. Não faziam ideia do que estava para vir.

***

A notícia espalhou-se rapidamente na rua — uma pequena elegia de ceifadores acabara de entrar no mosteiro. Como é típico da natureza humana, o rumor não demorou a inflacionar o número de ceifadores para uma dúzia ou mais, e, como também é típico da natureza humana, a multidão que se ajuntava agora na rua estava só um pouco mais empolgada do que assustada, a pensar se surgiria a possibilidade de ver os ceifadores e talvez, quem sabe, a carnificina que haviam de deixar na sua senda. Por enquanto, tudo o que conseguiam ver era um rapaz, um noviço parado no portão aberto, de costas para a turba.

Rowan recebeu ordens para ficar ali, de espada em punho, para impedir que alguém tentasse fugir. O seu plano, obviamente, era deixar que *qualquer um* fugisse. No entanto, quando os tonistas em pânico o viam com a espada e a braçadeira de noviço, voltavam a correr para o complexo, onde logo se tornavam presas fáceis dos ceifadores. Manteve-se ali cinco minutos, até que finalmente abandonou o seu posto e se embrenhou no edifício labiríntico. Só então algumas pessoas começaram a escapar.

Os sons angustiados eram quase insuportáveis. O conhecimento de que esperavam que ele colhesse alguém antes que tudo aquilo acabasse impediu-o de se perder dentro de si mesmo desta vez. Aquele lugar era um labirinto de pátios, passarelas e estruturas ilógicas. Ele não fazia ideia de onde estava. Um edifício encontrava-se em chamas à esquerda e uma passarela estava pejada de cadáveres, deixando claro que um dos ceifadores passara por ali. Uma mulher encolhia-se atrás de um arbusto que o inverno deixara nu, escondida com um bebé nos braços e tentando desesperadamente mantê-lo calado. Entrou em pânico ao ver Rowan e gritou, agarrando a criaturinha contra o peito.

— Não lhe vou fazer mal — disse-lhe o rapaz. — Ninguém está de guarda no portão principal. Se se apressar, ainda consegue sair. Vá já!

A mulher não perdeu mais tempo e desatou a correr. Rowan só esperava que ela não encontrasse nenhum ceifador no caminho.

Então, dobrou uma esquina e descobriu outra figura encolhida contra uma coluna, desfeita em prantos. Mas não era um dos tonistas — era o Ceifador Volta. A sua espada jazia no chão e a túnica amarela estava suja de sangue, sangue luzidio e escorregadio que também lhe cobria as mãos. Quando viu Rowan, virou-se e o seu choro intensificou-se. O noviço ajoelhou-se ao lado dele. Volta tinha qualquer coisa na mão, mas não era uma arma.

— Acabou-se — soluçou o jovem ceifador num sussurro quase inaudível.

— Acabou-se de vez. — No entanto, a julgar pelos sons que vinham de todo o complexo, ainda nada tinha acabado.

— O que aconteceu, Alessandro?

Volta olhou então para ele, a angústia nos seus olhos era a de um homem que já estava perdido.

— Pensei que fosse... Pensei que fosse um escritório. Ou talvez uma despensa. Pensei que ia entrar e encontrar algumas pessoas que havia de colher da forma mais indolor possível e seguir em frente. Foi o que pensei. Mas não era um escritório. Não era uma despensa. Era uma sala de aulas.

Desfez-se de novo em soluços enquanto continuava:

— Havia pelo menos uma dúzia de crianças pequenas ali. Encolhidas, cheias de medo. Cheias de medo por minha causa, Rowan. Mas havia um menino que não se deixou intimidar, que deu um passo em frente. O professor tentou impedi-lo, mas ele avançou. Não tinha medo. E ergueu um daqueles estúpidos diapasões. Ergueu-o como se me pudesse assustar com ele. «Não nos vais fazer mal», disse ele, e então bateu com ele numa carteira para o fazer ressoar e empunhou-o mesmo à minha frente. «Pelo poder do tom, não nos vais fazer mal», disse ele.

E ele acreditava naquilo, Rowan. Acreditava no poder daquela coisa. Acreditava que o havia de proteger.

— O que é que fizeste?

Volta fechou os olhos e as palavras saíram-lhe num guincho arrepiante:

— Colhi-o... colhi-os a todos...

Então, abriu a mão ensanguentada e Rowan viu que estava a segurar o pequeno diapasão do menino, que caiu no chão com um ínfimo tinido átono.

— O que é que somos, Rowan? Que diabo somos nós? Isto não pode ser o que devíamos ser.

— Não é. Nunca foi. Goddard não é um ceifador. Pode usar o anel, pode ter licença para colher, mas não é um ceifador. É um assassino e tem de ser travado. Somos capazes de encontrar uma maneira de o travar, juntos!

Volta abanou a cabeça e olhou para o sangue que tinha nas palmas das mãos.

— Acabou-se — repetiu. E então respirou fundo, com um estremeção, e

ficou muito, muito calmo. — Acabou-se e estou feliz.

Foi quando Rowan percebeu que o sangue nas mãos de Volta não pertencia às suas vítimas. Escorria-lhe dos pulsos. Os cortes eram irregulares e longos, feitos com uma intenção bastante clara.

— Alessandra, não! Não precisas de fazer isto! Temos de chamar um *ambudrone.* Ainda não é tarde demais.

Mas ambos sabiam que sim.

— A autocolheita é o privilégio final dos ceifadores. Não mo podes roubar, Rowan. Nem tentes.

O sangue dele já estava agora por toda a parte, manchando a neve do pátio. Rowan soltou um gemido sonoro... nunca se sentira tão desamparado.

— Lamento, Alessandra. Lamento tanto...

— O meu verdadeiro nome é Shawn Dobson. Importas-te de me chamar pelo meu nome, pelo meu nome verdadeiro, Rowan?

O rapaz mal conseguia falar pelo meio das lágrimas:

— É... foi uma honra conhecer-te, Shawn Dobson.

Volta inclinou-se, encostando-se a ele, mal conseguindo manter a cabeça erguida.

— Promete-me que vais ser melhor ceifador do que eu fui — disse ele numa voz cada vez mais fraca.

— Prometo, Shawn.

— E então, talvez... talvez...

Fosse o que fosse que ele ia dizer, esvaiu-se com o que restava da sua vida. A cabeça abateu-se por fim sobre o ombro do amigo enquanto, em redor, gritos distantes de agonia enchiam o ar gelado.

36

A décima terceira vítima

Goddard estava no tabernáculo da capela a terminar o seu terrível oficio. Lá fora, os gritos começavam a diminuir, à medida que Rand e Chomsky iam acabando o que haviam começado. Um edifício estava em chamas do outro lado do pátio. Fumo e ar frio entravam pelas janelas de vitral da capela. Goddard estava lá à frente, junto a um altar sobre o qual se viam um diapasão reluzente e uma bacia de pedra com água encardida.

Apenas um tonista continuava vivo na capela. Era um homem que estava a ficar careca, com um hábito ligeiramente diferente do dos mortos que o rodeavam. O ceifador segurava-o com uma mão enquanto brandia a espada com a outra. Nesse instante, virou-se, viu o seu noviço e sorriu.

— Ah, Rowan! Mesmo a tempo — disse ele alegremente. — Guardei o cura para ti.

O cura tonista tinha mais de desafiador do que de assustado.

— O que fizeram aqui hoje apenas servirá para promover a nossa causa — disse ele. — Os mártires são testemunhas muito mais eficazes do que os vivos.

— Mártires em nome de quê? — Goddard riu-se com desdém e bateu com a espada no enorme diapasão. — Desta coisa? Até me ria se não estivesse tão enojado.

Rowan aproximou-se, ignorando a carnificina em seu redor, concentrado em Goddard.

— Deixe-o ir — disse.

— Porquê? Preferes um alvo em movimento?

— Prefiro não ter alvos.

Finalmente, o ceifador percebeu. Sorriu como se o rapaz tivesse acabado de dizer algo encantador e pitoresco.

— Será que o nosso jovem expressa um pequeno quê de desaprovação?

— O Volta está morto.

A expressão animada do ceifador esmoreceu, mas só um pouco.

— Foi atacado pelos tonistas? Vão pagar caro por isso!

— Não foram eles. — Rowan nem sequer tentou disfarçar a hostilidade na sua voz. — Colheu-se a si mesmo.

Isto fez Goddard imobilizar-se. O cura não parava de se mexer, pelo que o ceifador o atirou contra a bacia de pedra com tanta força que o deixou inconsciente, largando-o depois no chão.

— O Volta era o mais fraco de nós — disse Goddard. — Não é uma surpresa assim tão grande. Assim que fores ordenado, terei todo o gosto em dar-te o lugar dele.

— Não o quero.

O homem fez uma pausa para examinar Rowan. Para o ler. O rapaz sentiu-se como se estivesse a ser violado. Tinha Goddard entranhado na cabeça... Não, num lugar mais profundo... na alma, e não sabia como expulsá-lo.

— Eu sei que tu e o Alessandro eram chegados, mas ele não era nada parecido contigo, Rowan, acredita em mim. Nunca sentiu a fome, mas tu, sim. Vi-a nos teus olhos. Vi como ficas quando estás a treinar. A viver o momento. Cada vítima morta na perfeição.

Ó rapaz descobriu que não conseguia desviar o olhar do ceifador; o qual havia largado a espada e agora tinha as mãos estendidas, como se o aguardasse com o abraço acolhedor de um salvador. Deslumbrantes, os diamantes da sua túnica refletiam a luz das chamas distantes.

— Podíamos chamar-nos gadanheiros — continuou Goddard —, mas os nossos fundadores acharam mais apropriado chamar-nos ceifadores... porque somos a arma que ceifa com a mão imortal da Humanidade. *Tu* és uma arma perfeita, Rowan; aguçada e precisa. E quando atacas és uma visão gloriosa.

— Pare com isso! Não é verdade!

— Sabes bem que é. Nasceste para isto, Rowan; não o desperdices.

O cura começou a gemer — estava a recuperar os sentidos. Goddard puxou-o e pô-lo em pé.

— Colhe-o, Rowan. Não resistas à tua natureza. Colhe-o agora e saboreia a colheita.

O rapaz agarrou com mais força no punho da espada e olhou para os olhos toldados e semiconscientes do cura. Mesmo tentando manter-se firme, não podia negar o poder que o puxava para o ceifador.

— Você é um monstro! — gritou. — Um monstro da pior espécie. Não se limita a assassinar, também transforma os outros em assassinos iguais a si.

— Tens um problema de perspetiva. Para a presa, o predador é sempre um monstro. Para a gazela, o leão é um demónio. Para um rato, a águia é a encarnação do mal. — Deu um passo em direção a ele, com o cura ainda completamente sob o seu domínio. — Vais ser a águia ou o rato, Rowan? Vais voar ou vais fugir? Porque essas são as duas únicas opções que tens hoje.

A cabeça do rapaz estava num corrupio. O cheiro a sangue e a fumo que chegava através das janelas desfeitas deixava-o tonto e toldava-lhe o raciocínio. O cura não era muito diferente dos estranhos com quem ele praticava todos os dias... e, por um momento, foi como se estivesse no relvado a meio de um exercício na arte de matar. Desembainhou a espada e aproximou-se, sentindo a fome, vivendo o momento, exatamente como Goddard lhe dissera, e permitir-se sentir essa fome libertava-o de uma forma que não conseguia descrever. Treinara durante muitos meses para aquilo e finalmente entendia por que motivo o seu mentor deixava sempre o último escapar antes que ele atacasse, privando-o da satisfação final.

Era para o preparar para aquele dia.

Agora, ele ia poder sentir essa satisfação, e todos os dias a partir dali, quando saísse para colher, não voltaria a deter a mão nem a lâmina nem a bala enquanto ainda houvesse alguém para colher.

Antes que fosse capaz de pensar com clareza, antes que a sua mente lhe pudesse dizer que parasse, investiu direito ao cura e cravou a espada com toda a força, alcançando por fim aquela requintada satisfação final.

O homem arquejou e cambaleou para o lado, mas ileso. A lâmina de Rowan atingira o seu verdadeiro alvo: tinha trespassado Goddard de um lado ao outro, mergulhando até ao cabo.

Rowan estava muito perto do ceifador agora — a centímetros do seu rosto, fixando-lhe os olhos arregalados e estupefactos.

— Não sou mais do que aquilo que fez de mim. E tem toda a razão: isto soube-me bem. Nunca na minha vida algo me tinha sabido tão bem. — Então, com a mão livre, arrancou o anel do dedo de Goddard. — Não merece usá-lo. Nunca mereceu.

Goddard abriu a boca para falar (talvez para um eloquente solilóquio moribundo), mas Rowan não queria ouvir mais nada que pudesse sair daqueles

lábios, pelo que recuou, arrancou a espada das tripas do ceifador e, depois de descrever com ela um amplo arco no ar, decapitou-o de uma assentada. A cabeça foi cair na bacia de água suja, como se aquela sempre ali tivesse estado para esse fim.

O resto do corpo caiu inerte no chão e, no silêncio do momento, Rowan ouviu alguém dizer atrás dele:

— Mas que raio é que tu fizeste?

Virando-se, viu Chomsky parado na entrada da capela, com Rand ao seu lado.

— Assim que ele for reanimado, considera-te *mais* do que colhido!

O rapaz deixou que todos os meses de treino tomassem conta dele. *Eu sou a arma*, disse a si mesmo. E, naquele momento, era isso mesmo que ele era: uma arma mortífera. Chomsky e Rand fizeram por se defender, mas, por melhores que fossem, não eram nada ao lado de uma arma tão aguçada e precisa como ele. A lâmina de Rowan deixou um corte fundo em Rand e ela arrancou-lhe a espada da mão com um pontapé de Bokator bem colocado. O rapaz respondeu com outro ainda mais eficaz que lhe quebrou a coluna. Chomsky incendiou-lhe um braço com o lança-chamas, mas o rapaz apressou-se a rolar no chão para o apagar. Então, agarrou no martelo do diapasão que se encontrava ao lado do altar e abateu-o sobre o ceifador como se brandisse o próprio martelo de Thor, uma e outra e outra vez ainda, como se estivesse a dar as horas, até que o cura lhe agarrou na mão para o deter.

— Já chega, filho. Ele está morto.

Rowan largou o martelo. Só então se permitiu baixar a guarda.

— Vem comigo, filho. Temos lugar para ti entre nós. Podemos esconder-te da Ceifa.

Rowan olhou para a mão estendida do homem, mas ainda podia ouvir as palavras de Goddard: *A águia ou o rato?* Não, ele não ia fugir e esconder-se. Ainda havia muito que fazer.

— Saia daqui — disse ele ao homem. — Procure os sobreviventes, se os houver, e saia daqui... Mas depressa.

O homem olhou para ele durante mais um momento antes de dar meia-volta e abandonar a capela. Assim que saiu, Rowan pegou no lança-chamas e deitou mãos à obra.

***

Na rua, os camiões dos bombeiros já tinham chegado e os agentes da paz faziam por conter a multidão. Todo o mosteiro estava agora em chamas e, embora os bombeiros acorressem para as tentar controlar, um rapaz saiu pelo portão principal e intercetou-os.

— Trata-se de uma colheita. A vossa intervenção não é desejada — disse ele.

O chefe dos bombeiros que agora se aproximava dele tinha ouvido falar de incêndios relacionados com os ceifadores, mas uma coisa daquelas nunca acontecera durante o seu turno. Havia qualquer coisa ali que não estava bem. Sim, o rapaz parecia ter uma túnica de ceifador (azul, cravejada de diamantes), mas era óbvio que não lhe assentava bem. Com o incêndio a consumir o edifício a uma velocidade alarmante, o homem teve de tomar uma decisão. Aquele rapaz, quem quer que fosse, não era nenhum ceifador, e não lhe havia de atrapalhar o trabalho.

— Saia do caminho! — disse ele ao rapaz num tom desdenhoso.

— Vá lá para trás, para junto dos outros, e deixe-nos fazer o nosso trabalho.

Então, o rapaz foi mais rápido do que um relâmpago. O chefe sentiu que as suas pernas se dobravam e caiu de costas. De repente, o rapaz estava em cima dele com um joelho dolorosamente cravado no peito e uma mão em volta do pescoço, apertando-lho com tanta força que praticamente lhe bloqueava a traqueia. Subitamente, o rapaz já não parecia um rapaz. Parecia muito maior, E muito mais velho.

— EU DISSE QUE SE TRATAVA DE UMA COLHEITA E QUE A VOSSA PRESENÇA NÃO ERA DESEJADA! QUER QUE EU O COLHA JÁ, AQUI MESMO?

O chefe dos bombeiros percebeu que tinha cometido um erro terrível. Ninguém senão um ceifador era capaz de se impor e assumir o controlo absoluto de uma situação daquela maneira.

— Com certeza, Ilustre Ceifador — disse ele com uma voz rouca. — As minhas desculpas, Ilustre Ceifador.

O ceifador levantou-se então e permitiu que o chefe fizesse o mesmo. Este último ordenou aos seus homens que recuassem, e eles, depois de verem a forma como o rapaz dera conta do seu capitão, não se opuseram.

— Podem proteger os outros edifícios que estão ameaçados pelo fogo — disse o jovem ceifador —, mas vão deixar que todo este complexo arda até aos alicerces.

— Entendido, Ilustre Ceifador.

Então, o rapaz ergueu o anel e o capitão beijou-o com tanta energia que partiu um dente.

***

Sob a túnica encharcada de sangue do Ceifador Goddard, Rowan sentia-se como se todo ele fosse feito de pele de galinha, mas, *por* mais desagradável que fosse, tinha de desempenhar o seu papel. Era muito mais convincente do que imaginara. Tanto que o assustava.

Os bombeiros dirigiram todos os seus esforços para os edifícios contíguos, cujos telhados começaram a pulverizar com produtos extintores. Rowan deu por si sozinho entre o mosteiro tonista em chamas e a multidão de curiosos que os agentes da paz ainda tinham de afugentar. Deixou-se ficar até que o pináculo cedeu e o diapasão gigante lá no alto mergulhou nas chamas com um estrondo metálico e pesaroso.

Tornei-me o maior monstro de todos, pensava ele enquanto observava o fogo. *O assassino de leões. O carrasco de águias.*

Então, fazendo por não tropeçar na túnica, tratou de se afastar daquele inferno que tudo consumia e que, com exceção de ossos demasiado carbonizados para permitir qualquer reanimação, não deixaria nenhum vestígio de Goddard nem dos seus discípulos.

37

Abanar a árvore

— Uma tragédia. Uma terrível tragédia.

O Suma Lâmina estava sentado num luxuoso sofá da grandiosa mansão que, até há dois dias, fora ocupada pelo falecido Ceifador Goddard. Agora, encontrava-se frente a frente com o noviço, que lhe parecia demasiado tranquilo para um rapaz que acabara de passar por tal experiência.

— Posso assegurar-lhe que amanhã em conclave será proibido que os ceifadores da MesoMérica usem o fogo nas suas colheitas.

— Já era mais do que tempo, de facto — concordou Rowan, falando não como um noviço, mas mais como um igual, o que irritou o Suma Lâmina.

Xenócrates brindou-o com o seu olhar mais perscrutador.

— Teve muita sorte em sair de lá vivo.

— Fiquei colocado no portão exterior — respondeu ele, suportando-lhe o olhar com toda a calma. — Quando vi que o *fogo* estava descontrolado, já não podia fazer nada; o Ceifador Goddard e os outros estavam encurralados. Aquele lugar era um labirinto... eles nunca tiveram hipótese. — Parou e olhou para Xenócrates com a mesma intensidade com que o outro o observava. — Todos os outros ceifadores devem pensar que estou enguiçado. Afinal, passei por dois mentores num ano. Imagino que isso anule o meu noviciado.

— Baboseiras. Já chegou até aqui... então, por respeito ao Ceifador Goddard, vai fazer o seu último teste esta noite. Não posso falar pela comissão responsável pela atribuição dos anéis, mas não tenho dúvidas de que, considerando tudo aquilo por que passou, decidirão a seu favor.

— E Citra?

Se receber o anel, espero que tome a seu cargo a colheita da Menina Terranova e, assim, ponha fim a este desagradável capítulo da nossa história.

Um empregado chegou com champanhe e pequenas sanduíches. Xenócrates olhou à sua volta. A mansão, que antes sempre estivera cheia de empregados, agora parecia ter apenas aquele. Os outros deviam ter fugido assim que ficaram a saber que Goddard e os seus associados haviam ardido até à morte.

Aparentemente, o Suma Lâmina não era o único que se sentia libertado pelo fim prematuro do ceifador.

— Porque é que continua aqui quando todos os outros já se foram embora? — perguntou ele ao empregado. — Não será certamente por uma questão de lealdade.

Foi Rowan quem lhe respondeu:

— Na realidade, esta propriedade pertence-lhe.

— Sim — confirmou o homem —, mas vou pô-la à venda. A minha família e eu não conseguimos sequer imaginar continuar a viver aqui. — Depositou uma taça de champanhe na mão de Xenócrates. — Embora seja sempre um prazer servir um Suma Lâmina.

Aparentemente, o homem passara de empregado a bajulador. A diferença não era assim tanta. Assim que saiu da sala, Xenócrates passou ao verdadeiro motivo que o tinha levado ali: abanar a árvore e ver se caía alguma coisa. Inclinou-se, ficando assim um pouco mais perto de Rowan.

— Correm rumores de que um ceifador (ou, pelo menos, alguém que parecia um ceifador) falou com os bombeiros.

O rapaz nem pestanejou.

— Também ouvi isso... Existem até alguns vídeos telefónicos que as pessoas carregaram no Cúmulo-Nimbo. Tudo muito pouco definido por causa do fumo. Não se consegue perceber quase nada.

— Sim, apenas serve para aumentar a confusão geral.

— Parece-lhe que haverá muito mais confusão, Excelência? Porque estou exausto e tenho de enfrentar o teste final esta noite... preciso de descansar.

— Sabe, certamente, que nem todos dos membros da Ceifa acreditam que se tratou de um acidente. Tivemos de abrir uma investigação, apenas para ter a certeza.

— Faz sentido — concordou Rowan.

— Até agora, conseguimos identificar o Ceifador Volta e o Ceifador Chomsky pelos anéis e pelas pedras preciosas das respetivas túnicas, que se encontravam nas proximidades dos respetivos restos mortais. Rubis no caso de Chomsky, citrinos no de Volta. Quanto à Ceifadora Rand, temos praticamente a certeza de que se encontra nos escombros sob o enorme diapasão que caiu pelo teto da capela.

— Faz sentido — repetiu Rowan.

— No entanto, encontrar o Ceifador Goddard está a revelar-se um grande desafio. É claro que eles tinham colhido tantos tonistas na capela antes que o fogo alastrasse que identificá-lo é um verdadeiro bico de obra. Seria de pensar que, tal como os outros, os restos mortais do Ceifador Goddard estariam rodeados de pequenos diamantes e que a gema maior do seu anel estaria por perto, mesmo que o engaste tivesse derretido.

— Faz sentido — disse Rowan pela terceira vez.

— O que não faz sentido é que o esqueleto que pensamos ser o dele não tem nenhuma destas coisas — acrescentou Xenócrates. — E também lhe falta o crânio.

— Isso é estranho — concordou Rowan. — Bem, de certeza que estará lá, algures.

— É o que seria de pensar.

— Talvez eles só tenham de procurar melhor.

Naquele preciso momento, o Suma Lâmina reparou na menina que estava parada à porta da sala, sem saber se havia de entrar ou sair. Não tinha como saber o que ela teria ouvido... nem se isso teria importância.

— Esme — chamou Rowan —, entra. Lembras-te de Sua Excelência, o Suma Lâmina Xenócrates, não te lembras?

— Sim. Ele saltou para a piscina. Foi engraçado.

Xenócrates contorceu-se desconfortavelmente com a simples referência ao episódio. Não era algo que gostasse de recordar.

— Tomei providências para que a Esme seja devolvida à sua mãe disse então Rowan. — Mas talvez o Suma Lâmina gostasse de a levar.

— Eu? — perguntou-lhe ele, fingindo indiferença. Porque havia de querer tal coisa?

— Porque se preocupa com os outros — respondeu o rapaz, acrescentando um piscar de olhos na ocasião perfeita. — Mais com uns do que com os outros.

Quando olhou para a filha que nunca poderia reconhecer em público nem em privado, o Suma Lâmina derreteu um pouco. O jovem tinha planeado aquilo, não tinha? Aquele Rowan Damisch era astuto... um traço admirável quando devidamente orientado. Talvez merecesse mais atenção do que o Suma Lâmina lhe havia dado no passado.

Esme continuava à espera para ver o que acontecia e Xenócrates acabou por lhe oferecer um sorriso caloroso.

— Seria um prazer para mim levar-te a casa, Esme.

Dito isto, levantou-se para sair... mas ainda não podia ir, tinha outra coisa para fazer. Mais uma decisão que lhe cabia tomar. Voltou-se para Rowan.

— Talvez eu devesse usar a minha influência para encerrar a investigação — disse ele. — Por respeito aos nossos confrades caídos. Que a sua memória não seja manchada por desajeitadas análises forenses que possam lançar sombras sobre o seu legado.

— Deixemos os mortos descansar em paz — concordou Rowan.

E assim se chegou a um acordo tácito. O Suma Lâmina parava de abanar a árvore e Rowan mantinha o seu segredo em segurança.

— Se precisar de um lugar para ficar quando sair daqui, Rowan, saiba que a minha porta estará sempre aberta.

— Agradeço, Excelência.

— Não, Rowan. *Eu* é que agradeço.

Então, o Suma Lâmina pegou na mão de Esme e foi levá-la a casa.

38

O teste final

No dia 2 de janeiro do Ano da Capivara, véspera do Conclave Invernal, a Ceifadora Curie levou Citra num longo passeio até ao edifício do Capitólio da MesoMérica.

— O teu teste final será esta noite, mas só saberás os resultados no conclave de amanhã — explicou ela à rapariga, embora ela já o soubesse. — É o mesmo teste, ano após ano, para todos os noviços. E todos eles devem fazê-lo sozinhos.

Isto era algo que Citra desconhecia. Fazia todo o sentido que o teste final fosse alguma espécie de padrão que todos os candidatos tinham de passar, mas, de certa forma, a ideia de ter de o enfrentar sozinha e não na companhia dos outros perturbava-a. Porque agora já não seria uma competição com Rowan e os outros; seria apenas com ela própria.

— Podia dizer-me o que é.

— Não posso.

— Quer antes dizer que não quer.

A ceifadora pensou naquilo.

— Tens razão, não quero.

— Se me é permitido ser franca, Ilustre Ceifadora...

— Quando é que alguma vez não o foste, Citra?

A rapariga aclarou a voz e tentou ser o mais persuasiva possível:

— A Ilustre é demasiado justa e isso deixa-me em desvantagem. Não vai querer que eu seja prejudicada apenas porque a sua honra é excessiva, pois não?

—No nosso ofício, temos de manter o máximo de honra que pudermos.

— Tenho a certeza de que os outros ceifadores dizem aos seus noviços o que é o teste final.

— Talvez — disse Curie —, mas talvez não. Existem algumas *tradições* que nem os menos escrupulosos se atrevem a quebrar.

Citra cruzou os braços e não disse mais nada. Sabia que estava a fazer beicinho e que era infantil, mas queria lá saber.

—Confias no Ceifador Faraday, não confias? — perguntou-lhe Curie.

— Sim.

— Passaste a confiar em mim da mesma maneira?

— Passei.

— Então, confia em mim agora e esquece essa pergunta. Tenho fé na tua capacidade de brilhar no teste final sem saberes no que consiste.

— Sim, Ilustre Ceifadora.

***

Chegaram às oito da noite e foram informadas de que, por sorteio, Citra seria a última. Rowan e os outros dois candidatos a ceifadores iriam primeiro. Ela e a Ceifadora Curie foram levadas para uma sala onde iam ter de esperar, esperar e esperar ainda mais.

— Isto foi um tiro? — perguntou Citra talvez uma hora depois. Não sabia se teria sido a sua imaginação.

— Chiu — foi a única resposta de Curie.

Finalmente, um guarda foi buscá-la. A sua mentora não lhe desejou boa sorte; limitou-se a assentir com um ar sério.

— Estarei à tua espera quando terminares — disse.

Citra foi levada para uma sala comprida que lhe pareceu desagradavelmente fria. Num dos extremos estavam cinco ceifadores sentados em cadeiras confortáveis. Reconheceu dois deles: Mandela e Meir. Os outros três não. *A comissão encarregada da atribuição dos anéis.*

Diante dela havia uma mesa coberta com uma toalha branca lavada, e, sobre a toalha, a intervalos regulares, diversas armas: uma pistola, uma caçadeira, uma cimitarra, uma faca de caça e um frasco com um comprimido tóxico.

— Para que é isto? — perguntou Citra, dando imediatamente conta da estupidez da pergunta. Sabia a resposta. Como tal, reformulou a pergunta: — O que pretendem que eu faça, exatamente?

— Olhe para o outro lado da sala — respondeu-lhe Mandela, apontando.

Então, um holofote acendeu-se, iluminando outra cadeira na extremidade oposta da sala comprida, até então oculta na sombra; era uma cadeira menos confortável do que as dos ceifadores. Havia alguém sentado nela, de mãos e pernas atadas, com um capuz de lona sobre a cabeça.

— Queremos ver como faria esta colheita — explicou a Ceifadora Meir. — Para esta demonstração, preparámos-te um eleito especial.

— O que querem dizer com «especial»?

— Veja por si mesma — respondeu Mandela.

Citra aproximou-se da figura. Podia ouvir suspiros fracos sob o capuz. Puxou-o.

Nada a poderia ter preparado para o que viu. Agora percebia por que motivo Curie não lhe tinha dito nada.

Porque, amarrado na cadeira, amordaçado, apavorado e a chorar, estava o seu irmão Ben.

O pequeno tentou falar, mas a mordaça impedia-o de emitir qualquer coisa mais do que gemidos abafados.

Citra recuou e correu em direção aos cinco ceifadores.

— Não! Não podem fazer isto! Não me podem obrigar a fazer isto.

— Não podemos obrigá-la a fazer nada — interveio um dos ceifadores que ela não conhecia, uma mulher de violeta com feições pan-asiáticas. — Se o fizer, será por opção sua. — A mulher avançou e estendeu-lhe uma caixinha. — A arma será aleatória. Tire um pedaço de papel da caixa.

Citra tirou um pedaço de papel dobrado. Não se atreveu a abri-lo. Voltou-se para olhar para o irmão, que continuava sentado na cadeira, desamparado.

— Como é que são capazes de fazer isto? — gritou.

— Minha querida — começou a Ceifadora Meir com uma paciência adquirida pelo hábito —, não se trata de uma colheita porque ainda não é uma ceifadora. Apenas tem de o deixar mortuoso. Um *ambudrone* levá-lo-á para que seja reanimado assim que completar a tarefa que lhe atribuímos.

— Mas ele há de se lembrar!

— Sim — disse Mandela. — E a Citra também.

Outro dos ceifadores que ela não conhecia cruzou os braços e bufou, praticamente como ela havia feito durante o caminho.

— Está a revelar demasiada resistência — afirmou. — Deixem-na ir.

Esta noite já vai demasiado longa.

— Deem-lhe tempo — contrapôs Mandela severamente.

O quinto ceifador, um homem baixo com uma carranca estranha, levantou-se e leu de uma folha de pergaminho que poderia muito bem ter centenas de anos:

— «Não serás forçada a fazer este teste. Podes demorar todo o tempo de que precisares. Tens de usar a arma designada. Quando terminares, deixarás o eleito e dirigir-te-ás à comissão para que o teu desempenho seja avaliado.» Tudo isto ficou claro?

Citra assentiu com a cabeça.

— Uma resposta verbal, por favor.

— Sim, ficou claro.

O homem sentou-se de novo e ela desdobrou o papel. Nele estava escrita uma única palavra.

Faca.

Ela deixou cair o papel no chão. *Não consigo fazer isto*, pensou. *Não consigo.* Mas a voz da Ceifadora Curie surgiu-lhe na mente, muito branda: *Sim, Citra, consegues.*

Foi então que lhe ocorreu que todos os ceifadores, desde que a Ceifa se formara, todos eles tinham passado pelo mesmo teste. Cada um deles fora forçado a tirar a vida a um ente querido. Sim, essa pessoa depois seria reanimada, mas isso não alterava aquele ato de sangue-frio. O subconsciente não é capaz de diferenciar entre morte temporária e permanente. Mesmo após a reanimação, como é que ela poderia voltar a encarar o irmão? Porque, se matasse Ben, não haveria como apagar o facto de o ter matado.

— Porquê? — quis ela saber. — Porque é que tenho de fazer isto?

O ceifador irritadiço apontou para a porta.

— A saída é ali. Se é demais para si, vá-se embora.

— Parece-me que ela se está a referir a uma questão de legitimidade — observou Meir.

O irritadiço bufou e o baixinho encolheu os ombros. A pan-asiática começou a bater o pé e Mandela inclinou-se para frente.

— Tem de fazer isto para progredir enquanto ceifadora — explicou ele —, porque saberá no seu coração que a coisa mais difícil que alguma vez terá de fazer... já foi feita.

— Se conseguir fazer isto — acrescentou Meir —, quer dizer que tem a força interior necessária para ser uma de nós.

Embora uma grande parte da Citra quisesse sair a correr e virar costas a tudo aquilo, a rapariga endireitou os ombros, levantou a cabeça e pegou na faca. Escondendo-a na cintura, foi ter com o irmão. Só quando já estava perto dele é que revelou a arma.

— Não tenhas medo. — Ajoelhou-se e usou a arma para cortar as cordas que lhe amarravam as pernas, e depois as que lhe prendiam os pulsos à cadeira. Tentou tirar-lhe a mordaça, mas não conseguiu, pelo que também a cortou.

— Posso ir para casa agora? — perguntou Ben num tom desamparado capaz de lhe partir o coração.

— Ainda não — respondeu ela, ainda ajoelhada ao lado dele. — Mas já não demora.

— Vais-me fazer mal, Citra?

Ela não conseguiu conter as lágrimas, e nem sequer tentou. Para quê?

— Sim, Ben. Lamento.

— Vais colher-me? — O pequeno mal conseguiu proferir as palavras.

— Não. Vão levar-te para um centro de reanimação. Vais ficar como novo.

— Juras?

— Juro.

Aquilo pareceu aliviá-lo um pouco. Ela não lhe explicou por que motivo tinha de fazer aquilo e ele também não lhe perguntou. Confiava nela. Acreditava que, qualquer que fosse o motivo, seria bom.

— Vai doer?

Mais uma vez, ela descobriu que não era capaz de lhe mentir.

— Sim, mas será rápido.

O pequeno ficou a pensar naquilo por um momento. A processar. A aceitar. Então, perguntou:

— Posso vê-la?

A rapariga ficou um momento sem saber do que ele estava a falar, até que o irmão apontou para a faca. Com cuidado, Citra pousou-lha nas mãos.

— É pesada — comentou Ben.

— Sabias que os ceifadores texanos só colhem com uma faca destas?

— É para lá que vais quando fores ceifadora? Para o Texas?

— Não, Ben. Vou ficar aqui.

O pequeno virou a faca na mão e os dois observaram os reflexos da luz na lâmina refulgente. Então, ele devolveu-lha.

— Estou com tanto medo, Citra — disse, pouco mais do que num sussurro.

— Eu sei. Eu também. Ter medo é bom.

— Vão-me dar gelado? Ouvi dizer que nos centros de reanimação nos dão gelado.

A irmã assentiu e enxugou uma lágrima na face.

— Fecha os olhos, Ben. Pensa no gelado que vais querer. Depois, diz-me.

Ben fez o que lhe foi dito.

— Quero um gelado com molho de caramelo quente, três bolas, com pepitas de chocolate...

Antes que terminasse, ela puxou-o para si e introduziu a faca como vira a Ceifadora Curie fazer. Queria gemer de agonia, mas conteve-se.

Ben abriu os olhos, olhou para ela, e tudo acabou num segundo. Ben deixara de existir. Citra atirou a arma para longe e segurou o irmão nos braços. Depois, pousou-o com cuidado no chão. De uma porta atrás deles que ela nem sequer tinha visto surgiram rapidamente dois técnicos de ressuscitação: deitaram o seu irmão mortuoso numa maca e logo saíram por onde tinham entrado.

Luzes acenderam-se sobre os ceifadores, que pareciam estar muito mais longe do que antes. O percurso de regresso pareceu durar uma eternidade, durante a qual eles deram início a uma abrasiva barragem de comentários:

— Desleixada.

— De todo; praticamente nenhum sangue foi derramado.

— Ela pôs-lhe a arma na mão. Fazem ideia do risco que foi?

— E toda aquela conversa desnecessária.

— Estava a prepará-lo, a certificar-se de que estava pronto.

— E porque é que isso há de ser importante?

— Ela mostrou coragem, mas, mais importante, foi compassiva. Não é isso que devemos ser?

— O que devemos ser é eficientes.

— A eficiência tem de estar ao serviço da compaixão!

— Isso é uma questão de opinião!

Naquele momento, os ceifadores remeteram-se ao silêncio, aparentemente concordando em discordar. Ela suspeitava de que Mandela e Meir estivessem do seu lado, mas o irritadiço não. Quanto aos outros dois, não fazia ideia.

— Obrigada, Menina Terranova — disse-lhe a Ceifadora Meir. — Pode ir. Os resultados serão anunciados amanhã em conclave.

Curie estava à espera dela no corredor. Citra deu por si furiosa com ela.

— Devia ter-me avisado!

— Só teria piorado as coisas. Se eles percebessem que já sabias antes de entrar naquela sala, terias sido desqualificada. — Olhou para as mãos de Citra. — Anda, tens de te lavar. Há uma casa de banho já ali à frente.

— Como é que correu com os outros candidatos?

— Pelo que ouvi, uma rapariga recusou categoricamente e foi-se embora. Um rapaz começou, mas foi-se abaixo e não conseguiu terminar o que tinha começado.

— E o Rowan?

Curie não a olhou nos olhos.

— Calhou-lhe a pistola como arma.

— E...

A Ceifadora Curie hesitou.

— Diga-me!

— Puxou o gatilho antes sequer que tivessem terminado de lhe ler as instruções.

Citra fez uma careta ao pensar naquilo. Curie tinha razão: não lhe parecia o mesmo Rowan que ela conhecia. O que teria ele passado para se tomar tão frio? Nem se atrevia a imaginar.

39

Conclave Invernal

A meia-noite, a imunidade de Citra Terranova e Rowan Damisch expirou. Agora, qualquer um deles podia ser colhido e, se o édito fosse cumprido (e a Ceifa certificar-se-ia disso), um dos dois colheria o outro.

Em todo o mundo, reuniam-se ceifadores para discutir questões de vida, mas, sem dúvida mais pertinentes, questões de morte. O primeiro conclave do ano na MesoMérica seria histórico, uma vez que nunca antes ceifadores haviam perdido permanentemente a sua vida numa colheita, e a natureza controversa dessa mesma colheita apenas lhe aumentava a importância... para não falar na polémica em torno dos três meses de ausência de um dos noviços, seguida da falsa acusação do Suma Lâmina MesoMericano. Até o Conselho Mundial da Ceifa estava de olho em Fulcrum City naquele dia e, embora os nomes dos noviços raramente fossem conhecidos fora da comissão que atribuía os anéis na sua região, ceifadores de todos os cantos do mundo sabiam os nomes de Citra Terranova e Rowan Damisch.

Estava um frio cortante em Fulcrum City naquela manhã. O gelo cobria os degraus de mármore que levavam ao Capitólio, transformando a escadaria num perigo público. Mais de um ceifador escorregou e torceu um tornozelo ou partiu um braço. Os nanorrobôs curativos não tinham mãos a medir naquela manhã, e os mirones estavam encantados com tudo o que retardasse a subida dos ceifadores e lhes permitisse tirar mais fotografias.

***

Rowan chegou sozinho num publicarro, sem mentor nem alguém que o orientasse. Estava vestido com a única cor que os ceifadores evitavam, o preto, pelo que a sua braçadeira verde de noviço se destacava e lhe dava um silencioso ar de desafio. No Conclave das Colheitas não passara de uma nota de rodapé, quando muito. No entanto, agora, os presentes na escadaria disputavam lugares para lhe conseguirem tirar uma fotografia. Ele não lhes prestou atenção, sem olhar para ninguém enquanto subia os degraus com todo o cuidado.

Um ceifador que passava por ele escorregou no gelo e caiu. Parecia ser o Ceifador Emerson, embora nunca tivessem sido apresentados. Rowan estendeu-lhe a mão para o ajudar, mas o homem olhou para ele com raiva e recusou a

ajuda.

— Não quero nenhuma ajuda *sua* — disse ele, enfatizando a palavra «sua» com mais veneno do que alguma vez fora dirigida ao rapaz nos seus dezassete anos de vida.

Todavia, quando chegou ao topo da escadaria, um ceifador que ele nem conhecia cumprimentou-o e disse num tom reconfortante:

— Teve de suportar muito mais do que qualquer noviço devia suportar, Senhor Damisch. Espero que consiga o anel. E, quando o fizer, espero que possamos tomar um chá juntos.

A oferta parecia sincera e não o produto de um posicionamento político. E foi assim que ele entrou na rotunda: olhares duros de alguns, sorrisos encorajadores de outros. Aparentemente, eram muito poucos os indecisos: ele era uma vítima das circunstâncias ou um criminoso como nenhum outro desde a Era da Mortalidade. O próprio Rowan gostava de saber qual dos dois seria.

***

Citra chegara antes dele e estava com Curie na rotunda, sem nenhum apetite para desfrutar o esplêndido pequeno-almoço. As conversas giravam, é claro, em torno da tragédia do mosteiro tonista. E à medida que a rapariga ia escutado pedaços de umas e de outras, deu por si furiosa ao perceber que o centro de todas eram os quatro ceifadores mortos. Ninguém lamentava a colheita de tantos tonistas. Alguns, com efeito, até gracejavam impiedosamente:

— Depois desta tragédia tonista, o conclave adquiriu uma certa... *ressonância*, não vos parece? — ouviu ela alguém dizer. — Isto sem segundos sentidos, claro. — Embora fosse óbvio que era.

Curie estava ainda mais nervosa do que no Conclave das Colheitas.

— O Ceifador Mandela disse-me que te saíste bem ontem à noite — disse ela a Citra. — No entanto, ao dizê-lo, pareceu-me cauteloso.

— O que lhe parece que isso significa?

— Não sei. A única coisa que sei é que, se perderes hoje, Citra, nunca me hei de perdoar.

Era absurdo pensar que a Ceifadora Marie Curie, a Grande Dama da Morte, se pudesse preocupar tanto com ela... e sequer pensar que poderia ter falhado em alguma coisa.

— Tive o privilégio de ser treinada por dois dos melhores ceifadores de

sempre: por si e pelo Ceifador Faraday. Se isso não me preparou para o dia de hoje, nada o poderia ter feito.

Curie olhou para ela com um orgulho agridoce.

— Quando tudo isto acabar e fores ordenada, espero que me faças a honra de ficar comigo como ceifadora iniciante. Outros te hão de sondar, talvez até de regiões distantes. Vão dizer-te que com eles podes aprender coisas que comigo não poderias. Talvez seja verdade, mas espero que, mesmo assim, decidas ficar.

Estava à beira das lágrimas. Se pestanejasse, elas haviam de rolar... mas ela reteve-as nas pestanas, demasiado orgulhosa para permitir que a vissem a chorar no conclave. Citra sorriu.

— Nem eu poria outra hipótese, Marie. — Foi a primeira vez que a tratou pelo nome próprio. Ficou espantada ao perceber quanto aquilo lhe parecia natural.

Enquanto esperavam pelo início do conclave, outros ceifadores aproximaram-se para as cumprimentar. Ninguém falou sobre a detenção de Citra nem da fuga para a Região da Chilargentina, embora alguns brincassem com Marie a respeito daquela embaraçosa página de diário.

— Na Era da Mortalidade, o amor e o assassínio muitas vezes andavam de mão dada — gracejou o Ceifador Twain. — Talvez o nosso caro Ceifador Faraday te tivesse topado perfeitamente as intenções.

— Ora, se te fosses colher—respondeu ela, embora mal conseguisse reprimir o sorriso.

— Só se puder comparecer ao meu próprio funeral, minha querida — respondeu ele. Depois, desejou boa sorte a Citra e foi-se embora.

Foi então que a rapariga viu Rowan entrar na rotunda. Não foi propriamente como se o silêncio se apoderasse de todo aquele espaço, mas a intensidade do burburinho geral reduziu-se significativamente, e depois voltou ao normal. Agora, ele tinha uma certa presença. Não como a de um ceifador, mas estava lá. A de um pária, talvez. Só que um pária nunca provocara tantos calafrios nos portadores da morte. Alguns diziam que ele assassinara aqueles ceifadores a sangue-frio e depois ateara o fogo para ocultar as provas. Outros, que tivera a sorte de ter sobrevivido e que não era culpado de nada. Citra suspeitava de que, fosse qual fosse a verdade, seria bem mais complicada do que qualquer das duas possibilidades.

— Não fales com ele — aconselhou-a Curie quando percebeu que ela estava

a olhar para o rapaz. — Nem sequer deixes que ele te apanhe a olhar para ele. Só serviria para tornar as coisas mais difíceis para ambos.

— Eu sei — admitiu Citra, embora por dentro alimentasse a secreta esperança de que ele tivesse a ousadia suficiente para abrir caminho e ir ter com ela. E talvez até dizer-lhe alguma coisa, qualquer coisa, que lhe provasse que não era o criminoso inimaginável que as pessoas diziam que era.

Se ela fosse escolhida, não desafiaria o édito que impunha a colheita de Rowan, mas tinha um plano que talvez salvasse a vida de ambos. Não era infalível, nem pouco mais ou menos, e, para ser brutalmente honesta, era mais uma medida desesperada do que um plano. Até a mais remota centelha de esperança era melhor do que nenhuma. Mesmo que estivesse a iludir-se, sempre lhe permitiria sobreviver àquele dia horrível.

***

Rowan imaginara aquele dia muitas vezes, revendo-o na sua mente de uma ponta à outra. Tinha decidido que não iria ter com Citra quando a visse. Não precisava que um mentor lhe dissesse que era melhor assim, que eles deviam ficar longe um do outro até que o triste momento da verdade os separasse para sempre.

Se ela ganhasse, Rowan tinha a certeza de que o colheria. O dever a tanto a obrigava. Havia de ficar desfeita, mas sabia que faria o que tinha de ser feito. Deu por si a pensar como ela o faria. Talvez lhe partisse o pescoço, encerrando assim o círculo daquele maldito noviciado com um belo laço de fita.

Admitia que tinha medo de morrer, embora, mais do que a morte, receasse as profundezas às quais agora sabia ser capaz de descer. A facilidade com que deixara a sua própria mãe mortuosa no teste da noite anterior dizia muito sobre a pessoa em que ele se tornara. Preferia ser colhido a ser aquela pessoa.

Claro que era possível que fosse ele o escolhido e não Citra. Então, as coisas tornar-se-iam interessantes. Decidiu-se contra a autocolheita — não passaria de um gesto inútil e patético. Se fosse ordenado, questionaria o édito invocando o décimo mandamento, que afirmava claramente que ele não obedeceria a outra lei que não aquelas dez... o que incluía quaisquer éditos da Ceifa. Recusar-se-ia a colher Citra e defender-lhe-ia a vida eliminando qualquer ceifador que o tentasse fazer por ele, fosse com balas, facas ou com as próprias mãos. Transformaria o conclave num sangrento campo de batalha até que o derrubassem, o que não havia de ser fácil, uma vez que se tornara um especialista na arte de matar e não lhe faltava motivação para causar os maiores

estragos possíveis. E a ironia era que eles nem sequer o podiam colher por isso! Uma vez ordenado, ficariam com as mãos atadas pelo sétimo mandamento.

Podiam puni-lo, todavia.

Podiam condená-lo a morrer um milhar de vezes e depois encarcerá-lo para toda a eternidade... E seria verdadeiramente uma eternidade, porque nunca lhe dariam a satisfação da autocolheita. Outra razão pela qual preferia ser colhido por Citra: uma única morte às suas mãos parecia fantástica quando comparada com a alternativa.

O pequeno-almoço servido na rotunda era, como habitual, muito elaborado. Fatias de salmão fumado verdadeiro, pães artesanais com uma côdea estaladiça e uma banca de *waffles* com todas as coberturas imagináveis. Apenas o melhor para os ceifadores da MesoMérica.

Rowan comeu com rara gulodice naquela manhã, para variar, permitindo-se saciar por completo o apetite, e, enquanto comia, ia lançando alguns olhares furtivos a Citra. Mesmo naquelas circunstâncias, parecia-lhe radiosa. Era tão ridículo que ele continuasse a fantasiar sobre ela naquelas que seriam as últimas horas de um deles. O que antes podia ter sido amor tornara-se a resignação de um coração há muito despedaçado. Felizmente para Rowan, o seu coração tornara-se tão frio que, ao partir-se, não o havia de magoar.

***

Quando o conclave já se encontrava reunido, Citra deu por si alheia a praticamente todos os rituais matinais, tendo decidido ocupar a sua mente com memórias da vida que estava prestes a deixar... porque, de uma forma ou de outra, era o que ela ia fazer. Concentrou-se nos seus pais e no seu irmão — que ainda estava num centro de reanimação.

Se fosse ordenada, a casa onde crescera nunca mais voltaria a ser a sua casa. O maior consolo que tinha era que Ben e os seus pais ficariam imunes à colheita enquanto ela fosse viva.

Após o Timbre dos Nomes e a lavagem ritual, toda a manhã se passou num aceso debate sobre se deviam ou não proibir o fogo como método de colheita.

De um modo geral, o Suma Lâmina não fez mais do que mediar e adiar as conversações para data a definir. O facto de ele ser a favor da proibição era levado muito a sério por todos os presentes. Não obstante, havia vozes de peso contra:

— Não vou permitir que os meus direitos sejam escamoteados!

— gritou um mal-humorado ceifador. — Todos devemos ter a liberdade de usar lança-chamas, explosivos ou qualquer outro dispositivo incendiário!

Recebeu tantas vaias quantos os aplausos.

— Precisamos desta proibição para nos proteger de mais acidentes trágicos no futuro — insistiu Xenócrates.

— Não foi nenhum acidente! — alguém gritou, e quase metade da sala fez ouvir a sua concordância.

Citra olhou para Rowan, que estava sentado com dois lugares vagos de cada lado, visto que ainda estavam reservados para os mortos. Não mostrava a mínima intenção de se defender nem de negar aquela alegação.

Curie inclinou-se na direção da noviça.

— Por mais terrível que o fogo tenha sido, são muitos os ceifadores satisfeitos ao ver Goddard e os seus discípulos permanentemente afastados. Embora nunca o venham a admitir, estão felizes com o incêndio, tenha ele sido um acidente ou não.

— E há muitos outros que admiravam Goddard — referiu Citra.

— Sem dúvida. A Ceifa parece estar dividida em partes iguais.

Não obstante, prevaleceu o bom senso e o uso do fogo foi proibido como método de colheita na MesoMérica.

À hora do almoço, Citra (que continuava incapaz de comer) observava ao longe enquanto Rowan se empanturrava como durante o pequeno-almoço, como se não tivesse uma única preocupação nesta vida.

— Sabe que é a sua última refeição — deixou escapar uma ceifadora que ela não conhecia. Embora fosse óbvio que a mulher estava a tentar mostrar-lhe o seu apoio, Citra deu por si incomodada.

— Não vejo em que é que isso lhe possa dizer respeito.

A ceifadora afastou-se, desconcertada com a hostilidade da noviça.

***

Às seis da tarde, todos os outros assuntos do conclave foram encerrados e o dia entrou na sua fase final.

— Levantem-se os candidatos a ceifadores, por favor — ordenou o Secretário do Conclave.

Citra e Rowan levantaram-se ao som do burburinho geral da assembleia.

— Pensava que fossem quatro — disse o Suma Lâmina.

— E eram, Excelência — disse-lhe o Secretário —, mas os outros dois falharam o teste final e foram dispensados.

— Muito bem; então, vamos ao que interessa.

O Secretário levantou-se e anunciou-os formalmente:

— A Ceifa da MesoMérica chama Rowan Daniel Damisch e Citra Querida Terranova. Por favor, aproximem-se.

E, com os olhos fixos no Ceifador Mandela, que os aguardava na plataforma com um único anel na mão, Citra e Rowan postaram-se diante de toda a assembleia para cumprir o seu destino, fosse ele qual fosse.

40

A ordenação

— Olá, Citra. Gosto de te ver.

— Olá, Rowan.

— Peço aos candidatos que se abstenham de trocar impressões e encarem o conclave — disse Xenócrates.

Os sussurros e resmoneios dos ceifadores ali reunidos cessaram assim que Citra e Rowan os enfrentaram. Nunca antes se registara tal silêncio na sala da assembleia. Rowan conseguiu um leve sorriso — não de diversão, mas de satisfação. Os dois, lado a lado, impunham uma seriedade inegável, capaz de silenciar trezentos ceifadores. Independentemente do que viesse a acontecer naquele dia, Rowan teria aquele momento para sempre.

Citra manteve uma fachada estoica e recusou-se a permitir que a adrenalina que lhe invadia as veias se refletisse na sua expressão.

— A comissão responsável pela atribuição dos anéis estudou os vossos noviciados — anunciou o Ceifador Mandela, embora aquelas palavras se destinassem mais a todo o conclave. — Analisámos o vosso desempenho em todos os três testes, nos dois primeiros dos quais ambos falhastes, embora em ambas as ocasiões com circunstâncias atenuantes. Nitidamente, o vosso instinto levou-vos a protegerdes-vos um ao outro. Não obstante, a Ceifa tem de estar sempre primeiro. A qualquer preço.

— Bem dito! — gritou um dos ceifadores no fundo da sala.

— A decisão desta comissão não foi tomada de ânimo leve — continuou Mandela. — Quero que saibam que fizemos por tratar ambos da forma mais justa possível. — Elevou então ainda mais a voz: — Candidatos a ceifadores, é vossa vontade acatar a decisão desta comissão MesoMericana? — perguntou, como se não acatar fosse sequer uma possibilidade.

— Sim, Ilustre Ceifador — respondeu Citra.

— Sim, Ilustre Ceifador — respondeu por sua vez Rowan.

— Assim sendo, faça-se saber que a partir de agora e para todo o sempre... Citra Terranova usará o anel da irmandade dos ceifadores e suportará o ónus que

o mesmo implica.

A sala irrompeu em aplausos, e não apenas dos seus apoiantes mais óbvios, mas de praticamente todos os presentes. Mesmo aqueles cuja simpatia pendia para Rowan aprovaram a decisão da comissão... feitas as contas, com que apoio podia Rowan contar na Ceifa? Aqueles que admiravam Goddard desprezavam-no e muitos dos que lhe haviam dado o benefício da dúvida já estavam a torcer por Citra. Só então se tornou claro que Citra poderia ter sido dada como ordenada assim que Goddard e os seus discípulos haviam perecido no incêndio.

— Parabéns, Citra — disse Rowan entre a aprovação retumbante da sala. — Eu sabia que conseguias.

Ela deu por si incapaz de responder; nem conseguia olhar para ele.

Mandela virou-se para ela:

— Já escolheu o seu Patrono Histórico?

— Sim, Ilustre Ceifador.

— Nesse caso, aceite este anel que lhe entrego, coloque-o no seu dedo e anuncie à Ceifa MesoMericana quem... agora... passa... a ser. Citra aceitou o anel com mãos tão trémulas que quase o deixou cair. Enfiou-o no dedo. Servia na perfeição. Pesava-lhe no dedo e o ouro do engaste era frio, embora aquecesse rapidamente com o calor do corpo. Levantou a mão, como antes vira fazer aos outros candidatos ordenados.

— Escolho ser conhecida como Ceifadora Anastasia — anunciou.

— O nome do membro mais jovem da família Romanov.

Os ceifadores ali reunidos viraram-se uns para os outros, começando logo a debater aquela opção.

— Menina Terranova — interveio o Suma Lâmina Xenócrates, nitidamente desagradado com a ideia —, não posso dizer que considere uma escolha avisada. Os czares da Rússia ficaram mais conhecidos pelos seus excessos do que pelas suas contribuições para a civilização, e Anastasia Romanov não fez nada que fosse digno de nota na sua breve vida.

— E é precisamente por isso que a escolho, Excelência — respondeu Citra, enfrentando-lhe o olhar. — Ela foi o resultado de um sistema corrupto e, por isso mesmo, foi-lhe negada a própria vida... como quase acontecia comigo. — Xenócrates crispou-se quase impercetivelmente. — Se ela tivesse vivido mais — prosseguiu ela —, quem sabe o que poderia ter feito. Talvez tivesse mudado o

mundo e reabilitado o nome da sua família. Decido ser a Ceifadora Anastasia. Juro tornar-me a mudança que podia ter sido.

O Suma Lâmina manteve os olhos fixos nela e também o seu silêncio. Então, um ceifador levantou-se e começou a bater palmas: era Curie. Depois, mais um se juntou a ela e depois outro, e em breve toda a Ceifa estava de pé e a aplaudir a recém-ordenada Ceifadora Anastasia.

***

Rowan sabia que eles tinham tomado a decisão certa, e, quando ouviu Citra defender a sua escolha para o Patrono Histórico, ficou a admirá-la mais ainda. Se já não estivesse de pé, ter-se-ia levantado para se juntar à ovação.

Quando os aplausos começaram a diminuir e os ceifadores se sentaram, Mandela virou-se para a rapariga.

— Sabe o que tem de fazer.

— Sei, sim, Ilustre Ceifador.

— Qual o método que escolhe?

— A lâmina — respondeu ela. — É o que tenho usado em tantas das minhas provações, pelo que me parece que esta não deve ser diferente. Claro está que já fora preparada uma bandeja com diferentes armas brancas, longe da vista. Foi levada por um ceifador iniciante que fora recentemente ordenado no Conclave das Colheitas.

Rowan não tirava os olhos de Citra, embora ela fizesse o oposto. Examinou a bandeja e acabou por se decidir por uma faca de caçador com ar bastante ameaçador.

— Usei uma como esta para matar o meu irmão ontem — disse ela.

— Jurei que nunca mais tocaria numa, mas aqui estou.

— Como é que ele está? — perguntou-lhe Rowan.

Citra finalmente encarou-o. Havia medo nos seus olhos, mas também determinação. *Ainda bem*, pensou o rapaz. *Melhor que ela se mostre decidida. Será mais rápido.*

— Está na reanimação — respondeu. — Com um gelado com molho de caramelo quente à espera assim que acordar.

— Sorte a dele — disse Rowan enquanto olhava para a imponente elegia de ceifadores, que naquele momento era mais uma plateia ansiosa do que um

conclave. — Eles estão à espera de um espetáculo. Fazemos-lhes a vontade?

Citra assentiu ligeiramente.

— É para mim uma honra ser colhido pelas suas mãos, Ceifadora Anastasia — disse Rowan com toda a sinceridade.

Soltou o seu último suspiro e preparou-se para aceitar a lâmina. Mas ela ainda não estava pronta. Em vez disso, examinou o anel que tinha na outra mão.

— Isto é por me partires o pescoço.

Levou a mão atrás, cerrou-a num punho, e assentou-lhe um murro na cara com tal força que praticamente o atirou ao chão. Um arquejo coletivo percorreu a sala; aquilo sim, era algo com o qual ninguém contava.

Rowan levou a mão ao sangue que escorria do enorme lanho que o anel lhe havia aberto na face.

Citra ergueu finalmente a faca para o colher... mas, quando estava prestes a cravar-lha no peito, alguém gritou no estrado atrás deles:

— PARE!

Era o Parlamentar e empunhava bem alto o seu próprio anel, que emitia um brilho vermelho. O mesmo acontecia com o de Citra, e, quando olhou em redor, Rowan viu que todos os anéis dos ceifadores num raio de dez metros mostravam a mesma cor de advertência.

— Ele não pode ser colhido — disse o Parlamentar. — Tem imunidade.

Todo o conclave se ergueu num grito de indignação. Rowan olhou para o anel de Citra, que estava coberto de sangue. Transmitira o ADN de Rowan à base de dados da imunidade de uma forma bem mais eficaz do que se ele o tivesse beijado. Olhou para ela e sorriu, impressionado e totalmente deslumbrado.

— És um génio, Citra. Sabes isso, não sabes?

— Ilustre Ceifadora Anastasia para ti, se não te importas. E não sei do que é que estás a falar. Foi um acidente — afirmou, embora o brilhozinho nos seus olhos lhe dissesse contrário.

— Ordem! — exclamou Xenócrates batendo com o martelo. Exijo ordem no conclave!

Os ceifadores começaram a acalmar-se, e o Suma Lâmina apontou um dedo acusador.

— Citr... ou melhor, Ceifadora Anastasia... cometeu uma flagrante violação de um édito da Ceifa!

— De todo, Excelência. Eu estava mais do que preparada para o colher. Foi o seu próprio Parlamentar quem me impediu. Nunca me teria passado pela cabeça que um murro no Rowan lhe daria imunidade.

Xenócrates olhou para ela sem acreditar numa palavra, até que, de repente, lhe escapou uma gargalhada que tentou reprimir sem sucesso.

— Astuta e ardilosa — disse ele —, com a quantidade certa de desculpa plausível. Vai sair-se muito bem entre nós, Ceifadora Anastasia. — Voltou-se então para o Parlamentar e perguntou-lhe quais as opções que lhes restavam.

— Sugiro o encarceramento durante um ano, até que a imunidade expire.

— Existe algum lugar onde alguém possa ser oficialmente encarcerado? — perguntou um dos ceifadores.

Todos os presentes na sala começaram a gritar as suas sugestões, chegando mesmo alguns a oferecer-se para ficar com ele em prisão domiciliária, o que tanto poderia ser bom como mau, consoante os motivos. Enquanto toda aquela gritaria se transformava num debate sobre o futuro imediato de Rowan, Citra inclinou-se na direção dele e sussurrou:

— Tens uma bandeja de facas ao teu lado e um carro à tua espera na saída nascente. — Então, afastou-se e deixou-lhe o futuro completamente à sua responsabilidade.

Rowan pensara que não seria possível ela impressioná-lo ainda mais. Citra acabara de lhe provar que estava enganado.

— Amo-te.

— A recíproca também é válida — disse-lhe ela. — Agora, desaparece!

***

Foi um espetáculo fascinante. Ele retirou três armas da bandeja e, de alguma forma, foi capaz de as usar todas em simultâneo. A Ceifadora Anastasia não fez o mínimo esforço para o impedir; todavia, se tivesse feito, não lhe teria servido de nada: ele era simplesmente demasiado rápido. Lançou-se como uma bola de fogo pelo corredor central. Os ceifadores mais próximos entraram em ação para o tentar deter, mas o rapaz desmultiplicava-se em golpes e pontapés ao mesmo tempo que saltava e rodopiava. Ninguém lhe conseguia pôr a mão em cima. Para Anastasia, assemelhava-se a uma mortífera força da Natureza. Entre os

ceifadores que se atravessaram no seu caminho, os felizardos escaparam com apenas alguns cortes nas túnicas. Os menos afortunados deram por si com feridas que nem haviam visto surgir. Um deles (Emerson, pareceu-lhe) ia precisar de uma visita ao centro de reanimação.

E então ele desapareceu, deixando um rasto de destruição na sua senda.

Enquanto o Suma Lâmina tentava repor a ordem, Anastasia olhou para a sua mão e fez algo muito estranho para um ceifador: beijou o seu próprio anel de modo que ficasse com uma ínfima gota do sangue de Rowan nos lábios. O suficiente para recordar aquele momento para sempre.

***

O carro estava à espera dele, tal como Citra havia dito. Ele achava que seria um publicarro e que estaria sozinho. Mais uma vez, enganou-se.

Ao entrar, deu com um fantasma atrás do volante. Depois de tudo pelo que passara naquele dia, aquele foi o momento em que o seu coração quase parou.

— Boa noite, Rowan — disse-lhe o Ceifador Faraday. — Fecha a porta, está um gelo aí fora.

— O quê!? — exclamou o rapaz, ainda a tentar assimilar tudo aquilo. — Como é que não está morto?

— Eu podia fazer-te a mesma pergunta, mas não temos tempo. Agora, fecha a porta, se fazes favor.

Foi o que Rowan fez, e os dois arrancaram ao encontro da noite gelada de Fulcrum City.

Agradecimentos

A criação de um romance é mais do que apenas o esforço do autor — são muitas as pessoas envolvidas no processo de trazer uma história à realidade, e cada uma delas merece crédito pela sua contribuição.

Em primeiro lugar, o meu editor David Gale e a editora associada, Liz Kossnar, assim como todos na Simon & Schuster, que têm sido e continuam a ser incrivelmente solidários: Justin Chanda, Jon Anderson, Anne Zafian, Katy Hershberger, Michelle Leo, Candace Greene, Krista Vossen, Chrissy Noh e Katrina Groover, para referir apenas alguns. E também Chloë Foglia, pela que deve ser uma das minhas capas favoritas de todos os tempos!

Obrigado a Barb Sobel, minha assistente que gere as interferências e mantém a minha vida organizada; e a Matt Lurie, que gere o meu *site* e construiu a minha presença nas redes sociais.

Obrigado à minha agente literária, Andrea Brown; à minha agente de direitos estrangeiros, Taryn Fagerness, aos meus agentes para a indústria de entretenimento, Steve Fisher e Debbie Deuble-Hill na APA; ao meu empresário, Trevor Engelson; aos meus advogados contratados Shep Rosenman e Jennifer Justman, bem como aos advogados de marcas registadas, Dov Scherzer e Matt Smith.

Enquanto escrevo estas linhas, *Ceifador* está a ser adaptado como longa-metragem, e eu gostaria de agradecer a todos os envolvidos, incluindo Jay Ireland da Blue Grass Films, bem como Sara Scott e Mika Pryce da Universal.

Para todo o sempre, um agradecimento especial aos meus filhos, Brendan, Jarrod, Joelle e Erin — que me mantêm na linha, que me mantêm jovem e têm sempre comentários e sugestões estimulantes.

E, claro, à minha tia Mildred Altman, que vai nos seus oitenta e oito anos, e leu cada um dos meus livros!

Obrigado a todos! Esta série promete ser uma viagem muito emocionante! Fico feliz por vos ter a todos comigo!